

# -WEIRD TALES-

Published in U. S. A.

THE UNIQUE MAGAZINE

MARCH, 1923

25 Cents

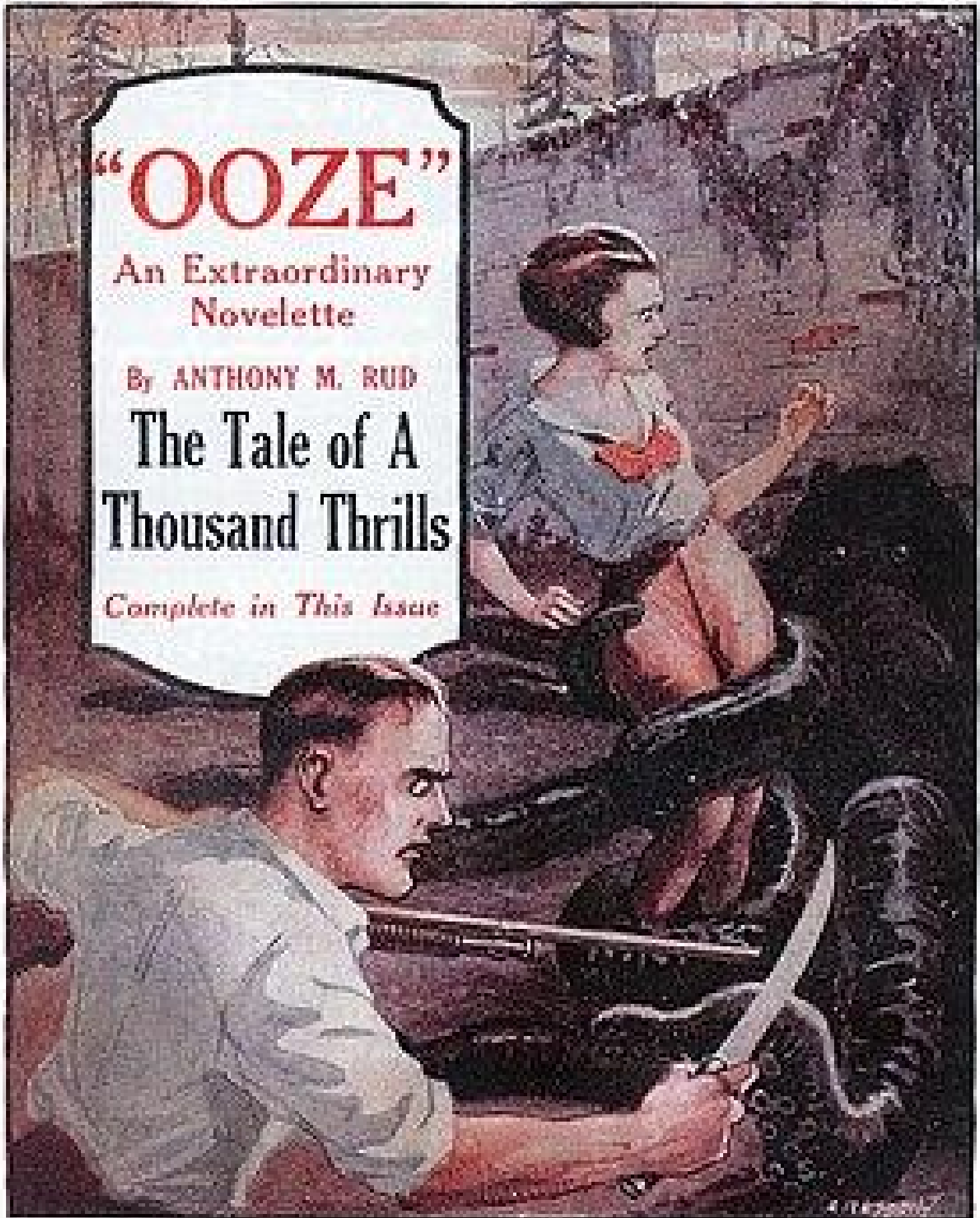
## “OOZE”

An Extraordinary  
Novelette

By ANTHONY M. RUD

### The Tale of A Thousand Thrills

*Complete in This Issue*



47850017



# Weird Tales

Vol.1 No 1

Março, 1923

A REVISTA ÚNICA

EDWIN BAIRD, Editor

Publicada mensalmente pela Rural Publishing Corporation, 934 North Clark Street, Chicago, Ill. Pedido de entrada na agência dos correios de Chicago, Ill., como correspondência de segunda classe. Preço de capa: 25 centavos; assinatura: \$3 por ano nos Estados Unidos, \$3,50 no Canadá. Os editores não se responsabilizam pela perda de manuscritos não solicitados durante o transporte, por incêndio ou de outra forma, embora todas as precauções sejam tomadas com tal material. Todos os manuscritos devem ser digitados e devem ser acompanhados de envelopes endereçados e selados. O conteúdo desta revista está totalmente protegido por direitos autorais, e os editores são advertidos contra o uso do mesmo, seja no todo ou em parte.

Copyright, 1923, pela Rural Publishing Corporation

“*Weird Tales*, vol.1 nº1”, marcou o início de uma das publicações mais icônicas da ficção pulp americana. Lançada em Março de 1923, *Weird Tales* ficou conhecida por seu foco em histórias de terror, fantasia e ficção científica, ajudando a definir e popularizar o gênero do horror estranho e sobrenatural. A primeira edição foi editada por Edwin Baird e publicada por J.C. Henneberger, com a proposta de trazer histórias incomuns, bizarras e fantásticas.

Título original: *Weird Tales* Vol.1 No1

Tradução: Yan Viana

Publicado em: [atomicvintage.com.br](http://atomicvintage.com.br)

Email: [atomicvintage10@gmail.com](mailto:atomicvintage10@gmail.com)

Capa retirada do site <https://en.wikisource.org>

<b>Histórias “Arrepiantes”</b> .....	<b>5</b>
<b>UMA REVISTA ÚNICA</b> .....	<b>5</b>
<b>O Conto do Homem Morto</b> .....	<b>6</b>
I.....	6
II.....	7
III.....	9
IV.....	11
V.....	13
VI.....	15
VII.....	17
VIII.....	18
IX.....	21
<b>Gosma</b> .....	<b>25</b>
I.....	25
II.....	28
III.....	30
IV.....	31
V.....	34
VI.....	36
VII.....	38
VIII.....	41
IX.....	44
<b>A Coisa de Mil Formas</b> .....	<b>46</b>
I.....	46
II.....	53
<b>O Mistério de Black Jean</b> .....	<b>60</b>
<b>A Tumba</b> .....	<b>69</b>
<b>Ouçã! O chocalho!</b> .....	<b>78</b>
I.....	78
II.....	80
III.....	81
IV.....	82
V.....	86
<b>O Guarda Fantasma</b> .....	<b>88</b>
<b>O Carniçal e o Cadáver</b> .....	<b>103</b>
<b>Medo</b> .....	<b>114</b>
<b>A Corrente</b> .....	<b>120</b>
I.....	120
II.....	124

III.....	127
IV.....	129
V.....	132
VI.....	135
<b>O Lugar da Loucura.....</b>	<b>138</b>
<b>A Mão Fechada.....</b>	<b>151</b>
<b>A Fera Desconhecida.....</b>	<b>154</b>
<b>A Cesta.....</b>	<b>162</b>
<b>A Voz Acusadora.....</b>	<b>167</b>
I.....	167
II.....	169
III.....	172
IV.....	175
<b>A Sequência.....</b>	<b>179</b>
<b>As Sombras Tecidas.....</b>	<b>183</b>
<b>Nimba, a Garota das Cavernas.....</b>	<b>195</b>
<b>O Jovem Que Queria Morrer.....</b>	<b>200</b>
PRIMEIRO EPISÓDIO.....	200
SEGUNDO EPISÓDIO.....	202
TERCEIRO EPISÓDIO.....	202
QUARTO EPISÓDIO.....	203
ÚLTIMO EPISÓDIO.....	205
<b>A Noite Escarlate.....</b>	<b>207</b>
<b>A Extraordinária Experiência do Dr. Calgroni.....</b>	<b>211</b>
I.....	211
II.....	214
III.....	217
<b>O Retorno de Paul Slavsky.....</b>	<b>220</b>
<b>A Casa Da Morte.....</b>	<b>229</b>
<b>A Forca.....</b>	<b>237</b>
<b>O Crânio.....</b>	<b>242</b>
I.....	242
II.....	244
III.....	247
IV.....	247
<b>O Homem-Macaco.....</b>	<b>249</b>
I.....	249
II.....	251
III.....	255
IV.....	257
V.....	260
VI.....	263
<b>O Ninho.....</b>	<b>267</b>
<b>Também uma série de fatos e histórias estranhas.....</b>	<b>270</b>

## Histórias “Arrepiantes”

Contos de horror — ou “histórias arrepiantes” — são comumente evitados por editores de revistas. Poucos, se é que há, considerarão tal história, não importa o quão interessante ela possa ser. Eles acreditam que o público não quer esse tipo de ficção. Nós, no entanto, acreditamos que é diferente. Acreditamos que há dezenas de milhares — talvez centenas de milhares — de leitores inteligentes que realmente apreciam histórias de “Arrepiar”. Portanto — **Weird Tales**.

## UMA REVISTA ÚNICA

**WEIRD TALES** oferece uma ficção que você não encontrará em nenhuma outra revista — histórias fantásticas, histórias extraordinárias, histórias grotescas, histórias de aventuras estranhas e bizarras — o tipo de histórias, em resumo, que vão surpreender e impressionar você. Cada história neste número de **WEIRD TALES** é um voo estranho e notável da imaginação humana. Algumas são “assustadoras”, outras lidam de forma magistral com temas “proibidos”, como a insanidade, algumas tratam do sobrenatural e outras com coisas materiais de horror — todas são fora do comum, surpreendentemente novas e incomuns. Uma saída sensacional do caminho já trilhado — essa é a razão de

**Weird Tales**.

# O Conto do Homem Morto

Willard E. Hawkins

## I

Chamavam-me — quando eu caminhava sobre a Terra em um corpo de matéria densa — Richard Devaney. Embora minha história tenha pouco a ver com a guerra, fui morto na segunda Batalha do Marne, em 24 de julho de 1918.

Muitas vezes, como costumavam fazer os homens que sentiam a iminência diária e constante da morte nas trincheiras, eu imaginava esse evento em minha mente e me perguntava como seria. Em grande parte, eu tendia a acreditar na extinção total. A ideia de que, quando o corpo vigoroso e cheio de vida que eu possuía perdesse suas faculdades, eu, como uma entidade separada dele, continuaria existindo, estava além da crença. Eu raciocinava que o fluxo da vida através da máquina humana era como o fluxo de gasolina no motor de um automóvel. Se esse fluxo fosse cortado, o motor se tornaria inerte, morto, enquanto o fluido que lhe dava poder não era nada por si só.

E assim, confesso, foi uma surpresa descobrir que eu estava morto e ainda assim não estava.

Não percebi isso imediatamente. Houve uma explosão cegante, um momento de escuridão, uma sensação de queda — queda — em um profundo abismo. Um tempo indefinido depois, encontrei-me de pé, atordoado, na encosta da colina, em direção ao cume que estávamos avançando contra o inimigo. Pensei que talvez tivesse perdido a consciência por um momento. Mas agora eu me sentia estranhamente livre de desconforto físico.

O que eu estava fazendo quando aquele momento de escuridão apagou tudo? Eu estava dominado por um propósito, um desejo ardente——

Como um flash, a lembrança surgiu e, com ela, uma explosão de ódio — não contra os artilheiros alemães, entrincheirados na floresta acima, mas contra o inimigo particular que eu estava prestes a matar.

Tinha sido a oportunidade pela qual eu havia esperado por intermináveis dias e noites. Na formação aberta, ele se mantinha alguns passos à minha frente. Enquanto avançávamos correndo alternadamente, deitávamos de bruços e atirávamos. Eu havia observado minha chance. Ninguém suspeitaria, com as dezenas de soldados caindo a cada momento sob o fogo impiedoso vindo das árvores além, que a bala que encerraria a carreira de Louis Winston viria do rifle de um companheiro.

Duas vezes mirei, mas segurei o tiro — não por indecisão, mas com receio de que, no calor da minha vingança, eu não acertasse um ponto vital. Quando ergui meu rifle pela terceira vez, ele ofereceu um alvo perfeito.

Deus, como eu o odiava. Com os dedos ansiosos para disparar o aço em direção ao seu coração, forcei-me a manter a calma — a segurar o fogo por aquele fragmento de segundo que garantiria uma mira cuidadosa.

Então, quando a pressão do meu dedo se intensificou contra o gatilho, veio o flash cegante — o momento de escuridão.

## II

Eu evidentemente havia permanecido inconsciente por mais tempo do que percebi.

Exceto por algumas figuras que jaziam imóveis ou contorcendo-se em agonia no campo, o regimento havia avançado, desaparecendo nas árvores no cume da colina. Com uma pontada de decepção, percebi que Louis estaria entre eles.

Involuntariamente, comecei a seguir adiante, ainda impulsionado por aquele ódio ardente, quando ouvi meu nome ser chamado.

Virei-me surpreso e vi uma figura com capacete agachada ao lado de algo encolhido na grama alta. Não precisei olhar duas vezes para saber que o algo encolhido era o corpo de um soldado. Meus olhos focaram apenas no homem que estava inclinado sobre ele. O destino tinha sido generoso comigo. Era Louis.

Aparentemente, ele não havia notado minha presença em sua concentração. Calmamente, levantei meu rifle e atirei.

O resultado foi chocante. Louis não tombou nem olhou para cima ao som do disparo. Vagamente, questionei se realmente houve um som.

Frustrado, senti o desejo de matar crescer dentro de mim com uma fúria redobrada. Com o rifle levantado, corri em sua direção. Com um golpe violento, esmaguei a coronha contra sua cabeça.

Ela passou direto! Louis permaneceu imóvel.

Incompreensível, rosnando, lancei a arma inútil de lado e me joguei sobre ele com as mãos nuas — com dedos que se esforçavam para rasgar, dilacerar e estrangular.

Em vez de encontrar carne e osso sólidos, minhas mãos também passaram por ele.

Seria uma miragem? Um sonho? Eu teria enlouquecido? Sóbrio — por um momento esquecido de minha fúria — afastei-me e tentei racionalizar o ocorrido. Louis era apenas um produto da imaginação — um fantasma?

Meu olhar caiu sobre a figura ao lado da qual ele soluçava palavras incoerentes de súplica. Dei um sobressalto, depois olhei mais de perto.

O homem morto — pois não havia dúvida sobre sua condição, com um ferimento de estilhaço ensanguentado na lateral da cabeça — era eu!

Gradualmente, o significado disso penetrou minha consciência. Então percebi que foi Louis quem chamou meu nome — e que ele ainda estava chorando e repetindo-o sem parar.

A ironia da situação me atingiu no momento da percepção. Eu estava morto — eu era o fantasma — que pretendia matar Louis!

Olhei para minhas mãos, meu uniforme — Toquei meu corpo. Aparentemente, eu era tão substancial quanto antes do estilhaço se alojar em minha cabeça. No entanto, quando tentei agarrar Louis, minha mão parecia envolver apenas o vazio.

Louis vivia, e eu estava morto!

A descoberta, por um tempo, adormeceu meus sentimentos em relação a ele. Com curiosidade impessoal, observei enquanto ele fechava os olhos do homem morto — o homem que, de alguma forma, tinha sido eu. Vi-o vasculhar os bolsos e retirar uma carta que eu havia escrito naquela manhã, endereçada a——

Com um súbito pavor, avancei para arrancá-la de suas mãos. Ele não deveria ler aquela carta!

Mais uma vez fui lembrado de minha intangibilidade.

Mas Louis não abriu o envelope, embora estivesse sem lacre. Ele leu o destinatário, beijou-o enquanto soluços estremeciam seu corpo, e enfiou a carta dentro de sua jaqueta cáqui.

“Dick! Companheiro!” — ele gritou, quebrado. — “Melhor amigo que um homem poderia ter — como eu vou dar essa notícia a ela!”

Meus lábios se curvaram em desprezo. Para Louis, eu era seu amigo, seu companheiro. Nem uma suspeita do ódio que eu nutria por ele — que carregava desde que descobri nele um rival por Velma Roth.

Ah, como fui astuto! Era nossa “amizade altruísta” que nos aproximava aos olhos dela. Um sinal de ciúme, de mau temperamento, e eu teria perdido o paraíso de sua consideração que aparentemente eu compartilhava com Louis.

Nunca me senti seguro em meu lugar nesse paraíso. É verdade, eu sempre conseguia despertar uma resposta nela, mas precisava me esforçar para isso. Ele, ao contrário, conquistava seu interesse sem fazer esforço. Eles eram felizes juntos um com o outro.



Nossas relações poderiam ser expressas comparando-a à água de uma piscina tranquila, Louis à bacia que a continha, e eu ao vento que soprava sobre ela. Ao me esforçar, conseguia agitar a superfície de sua natureza em ondas de prazer — chegava até a provocar uma tempestade em suas emoções. Ela respondia ao estímulo do meu humor, mas, na minha ausência, voltava-se confortavelmente ao afeto constante de Louis.

Eu sentia vagamente então — e agora, com uma perspectiva mais ampla das realidades, tenho certeza — que Velma intuitivamente reconhecia Louis como seu par, mas temia se entregar a ele devido ao meu domínio sobre suas emoções.

Quando a Grande Guerra começou, todos nós, estou convencido, sentimos que ela absolveria Velma da tarefa de escolher entre nós.

Se o sofrimento que emanava das profundezas violeta de seus olhos ao nos despedirmos era mais por Louis ou por mim, eu não sabia. Duvido que ela mesma soubesse. Mas em minha mente havia a determinação de que apenas um de nós voltaria, e — Louis não seria esse.

Eu sentia repulsa ao pensar em assassinar o homem que estava no meu caminho? Muito pouca. Eu era um selvagem no coração — um selvagem em quem o desejo pesava mais do que qualquer coisa que pudesse se interpor em seu caminho. Do meu ponto de vista, eu seria um tolo se deixasse passar a oportunidade.

Por que eu o odiava tanto — apenas um obstáculo no meu caminho — eu não sei. Talvez fosse uma premonição da barreira intangível que seu sangue sempre levantaria entre Velma e eu — ou um sentido adormecido de remorso.

Mas, especulações à parte, aqui estava eu, em um estado que o mundo chama de morte, enquanto Louis vivia — estava livre para voltar para casa — para reivindicar Velma — para ostentar sua posse de tudo o que eu considerava precioso.

Era enlouquecedor! Eu teria que ficar parado, impotente para impedir isso?

### III

Eu me perguntei, desde então, como pude permanecer tanto tempo em contato com o mundo objetivo — por que não me vi logo, ou muito em breve, desligado das visões e sons da Terra, assim como aqueles em forma física estão desligados das coisas além.

A questão parece ter sido determinada pela minha vontade. Como pesos de chumbo, a inveja de Louis e o desejo apaixonado por Velma mantinham meus pés presos à esfera da matéria densa.

Vingativo, desesperado, observei ao lado de Louis. Quando ele finalmente se afastou do meu corpo e, com lágrimas escorrendo pelo rosto, começou a arrastar uma perna inútil em direção às trincheiras que havíamos deixado, percebi por que ele não havia seguido com os outros até o topo da colina. Ele também era uma vítima da artilharia alemã.

Caminhei ao lado dos socorristas quando o pegaram e o levaram para o hospital da base. Durante as semanas que se seguiram, permaneci próximo ao seu leito, observando os médicos enquanto enfaixavam os tendões lacerados de sua coxa e cuidavam da sua batalha contra a febre.

Por cima do ombro dele, li a primeira carta que ele escreveu para Velma, na qual relatava, com atraso, minha morte, destacando a glória do meu sacrifício.

“Sempre pensei que vocês dois foram feitos um para o outro [ele escreveu] e que, se não fosse por medo de me machucar, você já teria sido esposa dele há muito tempo. Ele foi o melhor amigo que um homem poderia ter. Se ao menos eu pudesse ter sido quem morreu!”

Se eu soubesse, poderia ter seguido essa carta através dos mares — poderia, na verdade, tê-la superado e, com um esforço de vontade, ter estado ao lado de Velma num piscar de olhos. Mas minha ignorância das leis do novo plano era total. Todos os meus pensamentos estavam centrados em um problema de caráter totalmente diferente.

Nunca um apego a um tesouro terreno foi mais relutantemente abandonado do que a minha esperança de possuir Velma. Certamente, a morte não poderia erguer uma barreira tão absoluta. Deve haver um jeito — algum canal de comunicação — alguma chance para um homem desencarnado competir com seu rival corpóreo pelo amor de uma mulher.

Lentamente, muito lentamente, a luz de um plano começou a surgir. Tão fraco era o brilho que mal teria confortado alguém em circunstâncias menos desesperadoras, mas para mim parecia oferecer uma esperança possível. Comecei, metodicamente, com infinita paciência, a desenvolver o plano em algo tangível, mesmo tendo apenas a mais vaga ideia de qual seria o resultado.

A primeira sugestão veio quando Louis já havia se recuperado tanto que pouco restava da febre. Uma tarde, enquanto ele dormia, o distribuidor de correspondência entregou uma carta à enfermeira que estava ao lado do seu leito. Ela deu uma olhada na carta e a colocou sob o travesseiro dele.

A carta era de Velma, e eu estava ansioso por seu conteúdo. Na época, eu não sabia que poderia lê-la facilmente, mesmo lacrada. Em um frenesi de impaciência, exclamei:

“Acorda, droga, e lê sua carta!”

Com um sobressalto, ele abriu os olhos. Olhou ao redor com uma expressão confusa.

“Debaixo do travesseiro!” eu bufava. “Olha debaixo do travesseiro!”

Meio atordoado, ele colocou a mão debaixo do travesseiro e tirou a carta.

Algumas horas depois, ouvi ele comentando a experiência com a enfermeira.

“Algo parecia ter me acordado,” ele disse, “e tive um impulso estranho de sentir debaixo do travesseiro. Foi como se eu soubesse que encontraria a carta lá.”

As circunstâncias pareceram tão notáveis para mim quanto para ele. Podia ser coincidência, mas decidi fazer mais um teste.

Uma série de experimentos me convenceu de que eu podia, em um grau muito pequeno, influenciar os pensamentos e a vontade de Louis, especialmente quando ele estava cansado ou no limiar do sono. Ocasionalmente, eu conseguia direcionar os pensamentos dele enquanto escrevia para Velma.

Certa vez, ele estava descrevendo para ela uma engraçada senhora francesa que visitava o hospital com uma cesta sempre cheia de cigarros e doces.

“Da última vez” [ele escreveu], “ela trouxe um garoto que ela chamava...”

Ele parou, com o lápis suspenso, tentando lembrar o nome.

Um momento depois, ele olhou para a página e ficou boquiaberto. As palavras “Ela o chamava de Maurice” tinham sido acrescentadas abaixo da linha incompleta.

“Devo estar ficando louco,” ele murmurou. “Juro que não escrevi isso.”

Atrás dele, eu esfregava as mãos de triunfo. Foi o meu primeiro esforço bem-sucedido em guiar o lápis enquanto os pensamentos dele se distraíam.

Outra vez, ele escreveu para Velma:

“Ultimamente, tenho uma estranha sensação de que o querido velho Dick está por perto. Às vezes, quando acordo, parece que me lembro vagamente de tê-lo visto em meus sonhos. É como se suas feições estivessem desaparecendo da minha vista.”

Ele fez uma pausa tão longa que aproveitei para tentar mais uma vez tirar vantagem da sua distração.

Com um esforço de vontade difícil de explicar, guiei a mão dele na formação das palavras:

“Com um montão de beijos para Winkie, como sempre dela...”

Nesse instante, Louis olhou para baixo.

“Meu Deus!” exclamou, como se tivesse visto um fantasma.

#### IV

“Winkie” era um apelido que eu havia dado a Velma quando éramos crianças.

Louis sempre dizia que aquilo não fazia sentido e se recusava a usá-lo, embora eu frequentemente a chamasse assim nos anos seguintes. Por conta própria, Louis jamais teria mencionado algo como “um montão de beijos”.

Assim, durante os meses exaustivos antes de ele ser mandado de volta para casa, eu continuei trabalhando. Quando Louis deixou a França no ponto de embarque, ainda andava de muletas, mas com a promessa de recuperar o uso da perna sem assistência em breve. Durante toda a viagem, fiquei ao lado dele, compartilhando sua impaciência e saudade da pessoa que ambos mais amávamos.

Não vou me alongar sobre a dor intensa do reencontro — em que eu estava presente, mas ao mesmo tempo ausente. Mais bela do que nunca, com suas cores vivas e profundas, Velma em carne e osso era uma visão que reacendia meu desejo em uma chama intensa.

Louis desceu mancando pela rampa do navio. Quando se encontraram, ela encostou a cabeça silenciosamente em seu ombro por um momento e, com os olhos cheios de lágrimas, o ajudou com a ternura de uma mãe até o carro que ela havia trazido.

Dois meses depois, eles se casaram. Isso me afetou menos do que teria se não fosse parte essencial do meu plano.

Qualquer esperança vaga que eu pudesse ter de desfrutar indiretamente das delícias do amor foi frustrada. Eu não conseguia explicar o porquê — apenas sabia que algo me impedia de invadir as intimidades sagradas da vida deles, como se uma barreira defensiva estivesse interposta. Era desconcertante, mas uma realidade presente, contra a qual eu não conseguia lutar. Desde então, entendi o motivo — mas isso não importa.

Isso não interferia no meu propósito, que dependia da habilidade que eu estava adquirindo de influenciar os pensamentos e ações de Louis — de assumir controle parcial de suas faculdades.

A ocupação na qual ele se envolveu, limitada pela perna rígida, me ajudou consideravelmente. Muitas vezes, depois de um turno interminável no banco, ele voltava para casa à noite com a mente tão fraca e entorpecida que se tornava simples impor minha vontade sobre ele. Cada tentativa bem-sucedida tornava a próxima ainda mais fácil.

O resultado inevitável foi que, com o tempo, Velma começou a notar as estranhezas dele e a demonstrar preocupação.

“Por que você me disse ontem à noite, quando chegou em casa, ‘Tem um bode azul na escada — bem que podiam tirar ele de lá?’” ela perguntou certa manhã.

Ele olhou envergonhado para a toalha da mesa.

“Não sei por que disse isso. Parecia que eu queria falar aquilo, e era a única forma de tirar isso da minha cabeça. Achei que você levaria na brincadeira.” Ele mexeu os ombros, como se tentasse se livrar de um fardo desagradável.

“E foi isso que te fez usar uma gravata para dormir?” ela perguntou, ironicamente.

Ele assentiu. “Eu sabia que era idiota — mas a ideia não saía da minha mente. Parecia que a única forma de dormir era cedendo a isso. Só tenho esses surtos quando estou muito cansado.”

Ela não disse mais nada naquele momento, mas naquela noite sugeriu que ele buscasse uma ocupação menos sedentária — assunto que ela passou a mencionar constantemente.

Então, surgiu uma situação que me surpreendeu e empolgou com suas possibilidades.

Exausto, drenado até a última gota de sua energia, Louis voltava tarde da noite do banco, após a rotina de horas extras do fim do mês. Enquanto ele caminhava desde o ponto do bonde, eu pairava sobre ele, subjugando sua personalidade, forçando-a a ceder ao controle, com o esforço de vontade que eu havia gradualmente aprendido a direcionar sobre ele. O processo só pode ser explicado de forma rudimentar: era como se eu disputasse com ele, às vezes com sucesso, pelo controle do volante do carro humano que ele dirigia.

Velma estava esperando quando chegamos. Assim que os passos de Louis soaram na soleira do apartamento, ela abriu a porta, segurou suas mãos e o puxou para dentro.

Com esse gesto, senti uma emoção inexplicável. Era como se uma mudança extraordinária tivesse ocorrido em mim. E então, ao encontrar o olhar dela, entendi o que havia mudado.

Eu estava segurando as mãos dela com o contato real de carne e osso. Eu estava olhando para ela com os olhos de Louis!

## V

O choque disso me custou o que eu havia conquistado. Abalado, senti a personalidade que eu havia subjugado recuperar seu controle.

No momento seguinte, Louis estava olhando para Velma, perplexo. Seus olhos estavam cheios de alarme.

“Você... você me assustou!” ela exclamou, retirando as mãos, que eu quase havia esmagado. “Louis, querido... nunca mais me olhe assim!”

Posso imaginar a intensidade devoradora do olhar que brilhou naquele breve momento em que o controle do corpo foi meu.

A partir daí, meus planos rapidamente tomaram forma. Duas opções de ação se apresentaram. A primeira e mais sedutora, no entanto, fui forçado a abandonar. Era nada menos que o sonho insano de adquirir posse exclusiva do corpo de Louis — de forçá-lo a se submeter, a sair e ocupar o lugar secundário que eu havia ocupado.

Apesar do progresso que fiz, isso se mostrou indescritivelmente difícil. Para começar, parecia haver uma afinidade entre o corpo de Louis e sua personalidade, que me expulsava sempre que ele estava moderadamente descansado. Esse vínculo, eu poderia ter enfraquecido, mas havia outros fatores.

Um deles era a crescente convicção por parte de Louis de que algo estava radicalmente errado. Com uma habilidade que descobri de me colocar em sintonia com ele e ler seus pensamentos, soube que, às vezes, ele temia que estivesse enlouquecendo.

Certa vez, acompanhei-o a um psiquiatra e, como a proverbial mosca na parede, ouvi nomes científicos aplicados aos meus esforços. O psiquiatra falou de “personalidade dupla”, “amnésia” e “mente subconsciente”, enquanto eu ria na minha (devo dizer) manga fantasmagórica.

Mas o médico aconselhou Louis a buscar um descanso completo e, se possível, ir para o campo para se recuperar fisicamente — exatamente o que eu mais queria evitar.

Eu não poderia ser o Sr. Hyde para seu Dr. Jekyll se Louis mantivesse sua virilidade normal.

Os medos de Velma também estavam se tornando mais agudos. Da maneira mais insistente que podia, sem demonstrar abertamente seu alarme, ela o pressionava para deixar o emprego no banco e buscar trabalho ao ar livre — algo que fosse menos debilitante para uma pessoa de sua constituição peculiar.

Um dos resultados do desgaste pelo excesso de trabalho é, aparentemente, que priva a vítima de sua iniciativa — torna-o receoso de largar o pouco que tem, temendo não conseguir agarrar outra oportunidade. Louis estava endividado, ganhando mal o suficiente para cobrir suas despesas de vida, orgulhoso demais para permitir que Velma ajudasse como ela tanto desejava, e sua perna manca o colocava em desvantagem no mercado de trabalho. Na verdade, ele estava exatamente na situação que eu desejava, mas sabia que, com o tempo, os desejos de Velma prevaleceriam.

As circunstâncias, no entanto, que me privaram de toda esperança de usurpar completamente o lugar dele foram estas: eu não podia, por muito tempo, encarar o olhar de Velma. A personificação da verdade, a pureza que habitava em seus olhos, parecia dissolver

meu poder, forçando-me de volta à posição secundária que eu havia assumido em relação a Louis.

Ele às vezes era tentado a dizer: “Você é o meu único vínculo com a sanidade.”

Eu testemunhei o pânico dele ao pensar em perdê-la, ao imaginar que um dia ela poderia desistir dele, enojada por suas aberrações, e abandoná-lo à “coisa” informe que o assombrava.

Curioso — estar no mundo e, ao mesmo tempo, não fazer parte dele — desfrutar de uma perspectiva que revela o lado oculto dos efeitos, que parecem tão misteriosos do lado material do véu. Mas eu daria de bom grado todas as vantagens do meu estado incorpóreo por uma hora de companhia de carne e osso com Velma.

Meu plano alternativo era este.

Se eu não podia entrar no mundo dela, o que me impediria de trazer Velma para o meu?

## VI

Arriscado? Com certeza.

Inexperiente como eu era nas leis que regem esse mistério de passar do físico para outro estado de existência, só podia esperar que o plano funcionasse. Talvez funcionasse — e isso era o suficiente para mim. Arrisquei tudo, jogando com a sorte. Ao arriscar tudo, poderia ganhar tudo — poderia ganhar—

O pensamento do que eu poderia ganhar me transportava para um paraíso de dor e êxtase.

Velma e eu — em um mundo à parte — um mundo só nosso — livres das amarras sujas que mancham a perfeição da mais bela existência terrena. Velma e eu — juntos por toda a eternidade!

Era por essa razão que eu tinha esperança! Eu observava que outras pessoas passavam pela mudança chamada morte, e que algumas entravam em um estado de ser no qual eu estava consciente delas e elas de mim. Criaturas desinteressantes, quase totalmente preocupadas com seus antigos interesses terrenos; mas estavam tão presentes no mundo quanto eu tinha estado no mundo de Velma e Louis antes daquele fragmento de estilhaço me tirar do jogo.

Algumas, é verdade, ao deixarem suas habitações físicas, pareciam emergir em uma esfera na qual eu não conseguia segui-las. Isso me perturbava. Velma poderia fazer o mesmo. No entanto, eu me recusava a admitir essa possibilidade — me recusava a considerar o possível fracasso do meu plano. A intensidade do meu desejo a atrairia para mim.

O abismo que nos separava era atravessado pelo túmulo. Uma vez que Velma cruzasse para o meu lado do abismo, não haveria volta para Louis.

Mas eu fui astuto. Ela não podia vir para mim com arrependimentos esmagadores que a fariam pairar ao redor de Louis como eu agora pairava ao redor dela. Se eu pudesse inspirar nela horror e aversão por ele — ah! Se ao menos eu conseguisse!

Como passo preliminar, eu precisava induzir Louis a comprar o instrumento com o qual meu propósito seria cumprido. Isso não foi fácil, pois nas noites em que ele saía do banco durante o horário comercial, estava suficientemente vigoroso para resistir à minha vontade. Eu só podia agir através da sugestão.

Numa vitrine de penhor que ele passava diariamente, notei um revólver em destaque. Todo o meu esforço foi concentrado em chamar a atenção dele para isso.

Na segunda noite, ele olhou para o revólver, mas não parou. Três noites depois, atraído por uma fascinação que não conseguia explicar, ele parou e olhou para o revólver por vários minutos, lutando contra um impulso que parecia comandar: “Entre e compre! Compre! Compre!”

Alguns dias depois, ele chegou em casa com o revólver e uma caixa de cartuchos que o penhorista incluía na venda. Guardou-os rapidamente em uma gaveta da escrivaninha, sem comentar nada sobre a compra.

No dia seguinte, Velma encontrou a arma e o questionou.

Visivelmente confuso, ele respondeu: “Ah, achei que poderíamos precisar de algo assim. Vi na vitrine e a ideia de ter um me pegou de surpresa. Tem acontecido muitos assaltos ultimamente, é bom estar preparado.”

Agora, com impaciência, esperei pela oportunidade de encenar meu desfecho.

Ele veio, naturalmente, no final do mês, quando Louis, após um longo dia de trabalho, voltou para casa logo depois da meia-noite, com o cérebro entorpecido por horas e horas de números intermináveis. Quando seus pés subiram as escadas do apartamento, não eram suas faculdades que os guiavam, mas as minhas — astutas, alertas, inflamadas de um propósito mortal.

Nunca houve um prelúdio mais estranho para um assassinato — o entrar, sob a forma de uma figura querida e familiar, de um demônio encarnado, determinado a destruir a flor do lar.

Eu falo de um demônio encarnado, mesmo sabendo que eu era esse demônio, porque eu não ocupava o corpo de Louis com a totalidade das minhas faculdades. Ao assumir a vida



física, minhas lembranças da existência como entidade espiritual eram sempre sombrias. Eu seguia os impulsos dominantes que me motivaram ao entrar no corpo, mas pouco além disso.

E o impulso que me guiou naquela noite foi o impulso de matar.

## VII

Com extrema cautela, entrei no quarto.

Meu controle sobre o corpo de Louis era completo. Senti-me, talvez pela primeira vez, tão seguro fisicamente que o medo vago de ser expulso não me oprimia.

O quarto estava escuro, mas a respiração suave e regular de Velma, adormecida, chegava aos meus ouvidos. Era como o convite que surge no aroma de um vinho antigo que os lábios estão prestes a saborear — acelerando minha ansiedade e incendiando minha mente.

Eu não pensava em amor. Eu desejava — mas meu desejo era de destruir aquele belo corpo — de matar!

No entanto, eu era astuto — muito astuto. Com cautela, tateei até a escrivaninha e peguei o revólver, enchendo as câmaras com mensageiros de chumbo da morte.

Quando tudo estava pronto, acendi a luz.

Ela despertou quase instantaneamente. Assim que a claridade inundou o quarto, um grito assustado subiu aos seus lábios, mas congelou, não pronunciado, quando — meio levantada — ela encontrou meu olhar.

Sua beleza — os cabelos negros como a noite caindo sobre seus ombros nus e o seio cheio e ofegante — abanaram a chama da minha paixão sangrenta em fúria. Em um êxtase de triunfo, eu me ergui, absorvendo a cena.

Enquanto eu temporizava com o desejo de matar — prolongando aquela sensação deliciosa — ela lutava para manter o controle.

“Louis!” O nome foi sussurrado por lábios pálidos.

Involuntariamente, eu me encolhi, cambaleando um pouco sob o olhar dela. Algo adormecido parecia se erguer em uma fraca resistência ao que eu estava prestes a fazer. O revólver apontado vacilou em minha mão.

Mas o tom de pânico em sua voz reavivou meu propósito. Eu ri — zombeteiramente.

“Louis!” seu tom era agudo, mas carregado de terror. “Louis — abaixe essa arma! Você não sabe o que está fazendo.”

Ela se esforçou para ficar de pé e agora estava diante de mim. Deus! Que bela — que tentadora era aquele peito branco e nu!

“Abaxe essa arma!” ela ordenou, histérica.

Ela estava frenética de medo. E seu medo era como o sopro de uma fornalha sobre o calor branco da minha paixão.

Eu a zombei. Uma risada estridente e maníaca explodiu da minha garganta. Ela disse que eu não sabia o que estava fazendo! Ah, mas eu sabia.

“Eu vou te matar! — matar você!” gritei, e ri novamente.

Ela vacilou para a frente como um espectro, enquanto eu disparava. Ou talvez fosse o truque que meus olhos me pregaram enquanto a escuridão me dominava.

## VIII

Algumas imagens fragmentadas destacam-se em minha memória como camafeus nitidamente gravados no pergaminho do passado.

Uma delas é de Louis, parado atordoado — ligeiramente oscilando como se estivesse tonto — olhando para o revólver fumegante em sua mão. No chão à sua frente, uma figura desmoronada em ébano, branco e um vermelho vivo.

Depois, uma confusão de homens e mulheres assustados, vestindo roupas estranhamente desordenadas e sem descrição — oficiais uniformizados irrompendo no quarto e tirando o revólver da mão inerte de Louis — esforços desajeitados para levantar o corpo vestido de branco para a cama — uma mancha carmesim se espalhando pelo lençol — um médico, vestindo uma camisa sem colarinho e usando chinelos, curvando-se sobre ela...

Finalmente, após um lapso de horas, uma atmosfera silenciosa — enfermeiras eficientes — o início do delírio.

E outra cena — de Louis, encolhido atrás das grades de sua cela, negado o privilégio de visitar a esposa em seu leito de hospital — arrasado, temendo a cada hora o anúncio de sua morte — cheio de um horror indescritível de si mesmo.

Velma ainda vivia. A bala havia perfurado seu pulmão esquerdo e sua vida pendia por um fio tênue. Perto, eu observava com interesse impassível a batalha pela vida. Por um momento, eu parecia emocionalmente exausto. Eu havia feito um esforço supremo — os eventos agora seguiriam seu curso inevitável e mostrariam se eu havia alcançado meu propósito. Não me sentia nem ansioso nem exultante, nem arrependido nem triunfante — apenas curiosamente imparcial.

Uma febre se instalou, diminuindo as já frágeis chances de recuperação de Velma. Em seu delírio, seus pensamentos pareciam sempre girar em torno de Louis. Às vezes, ela sussurrava seu nome com ternura, suplicante, e depois gritava aterrorizada ao reviver a cena em que ele estava diante dela, o brilho da loucura nos olhos, o revólver apontado em sua mão.

Outras vezes, ela suplicava para que ele desistisse do trabalho no banco; e em outros momentos parecia pensar que ele estava nos campos de batalha da Europa.

Apenas uma vez ela aparentemente pensou em mim — quando sussurrou o nome pelo qual eu a chamava, “Winkie!” e acrescentou “Dick!” Mas, salvo essa exceção, era sempre “Louis! Louis!”

A constante repetição de seu nome finalmente dissipou a apatia do meu espírito.

Louis! Toda a fúria vingativa que senti contra ele quando minha alma foi arremessada para a região dos desencarnados retornou com uma intensidade frustrada.

Quando a febre de Velma cedeu, quando a longa luta pela recuperação começou e ela voltou a flutuar da fronteira para o mundo físico, quando soube que havia falhado —perdido minha presa — eu tive pelo menos essa satisfação:

Nunca mais esses dois — o homem que eu odiava e a mulher por quem eu ansiava —nunca mais seriam um para o outro como foram no passado. A perfeição de seu amor havia sido irremediavelmente manchada. Ela jamais encontraria o olhar dele sem uma retração interna. Sempre, da parte dele — de ambos — haveria uma corrente de medo de que o incidente pudesse se repetir — uma ameaça horrível, envenenando cada momento de suas vidas juntos.

Eu não havia tramado, planejado — e ousado — em vão.

Esse foi o pensamento que me confortou quando Louis foi solto da prisão, após a recusa dela em prosseguir com a acusação. Causou-me um prazer sarcástico quando, no primeiro abraço, lágrimas de desespero correram por suas faces. Esse pensamento voltou quando eles começaram a tentativa patética de reconstruir o amor sobre uma fundação estilhaçada.

E então — devagar, sorrateiramente, como um pássaro agourento lançando a sombra de suas asas silenciosas sobre a paisagem — veio a retribuição.

Muitas vezes, em retrospectiva, revivi aquela breve hora do meu retorno à expressão física — minha hora de realização. Como um espectro, surgiu uma visão de Velma — Velma como ela estava diante de mim naquela noite, me encarando com horror. Eu vi o horror se aprofundar — aumentar até o desespero absoluto.

Como ela estava linda! Mas quando tentava recordar essa beleza, só conseguia me lembrar de seus olhos. Não importava se eu queria vê-los ou não — eles preenchiam minha visão.

Pareciam me assombrar. De uma vaga consciência deles, passei a uma percepção aguda. Desconcertantemente, eles me encaravam de todos os lugares — olhos transbordando de medo — olhos fixos, arregalados — cheios de uma acusação horrorizada.

A beleza que outrora eu cobiçara tornou-se algo proibido, até mesmo na memória. Se eu tentasse espiar através do véu como antes — para testemunhar suas tentativas patéticas de retomar a vida com Louis — lá estavam aqueles olhos de novo!

Pode parecer estranho para uma criatura desencarnada — a quem você chamaria de fantasma — lamentar ser assombrado. No entanto, a assombração é do espírito, e nós, do mundo espiritual, estamos infinitamente mais sujeitos a suas condições do que aqueles cuja consciência está centrada no plano material.

Deus! Aquelles olhos. Existe uma tortura refinada que consiste em deixar cair água, gota a gota, por uma eternidade de horas, sobre a testa da vítima. Imagine essa tortura aumentada mil vezes, e uma ideia pálida poderá ser formada do tormento que era meu — de ver por toda parte, constantemente, interminavelmente, dois orbes sempre com a mesma expressão de horror e reprovação.

Desde que entrei na Terra das Sombras, muito aprendi. Naquele tempo, eu não sabia, como sei agora, que meu castigo não era uma aflição de fora, mas o simples resultado de uma lei natural. Causas em movimento devem cumprir suas reações completas. A pedra lançada em uma lagoa tranquila cria ondas que, com o tempo, retornam ao ponto de origem. Eu havia lançado mais do que uma pedra de perturbação na harmonia da vida humana e, devido à minha intensa fixação em um único objetivo, havia retardado por mais tempo do que o habitual a reação. Eu havia criado para mim um inferno. Inevitavelmente fui atraído para ele.

Todo desejo que eu tinha de continuar próximo aos dois que tanto haviam capturado minha atenção desapareceu. Assombrado, perseguido por aqueles acusadores terríveis, busquei fugir deles até os confins da Terra. Não havia escapatória, e ainda assim, tomado pelo desespero, eu continuava tentando escapar, porque esse é o impulso cego das criaturas sofredoras.

As emoções que tanto me dominaram quando tentei destruir as vidas dos dois que me eram queridos agora pareciam pequenas e insignificantes em comparação com meu sofrimento. Nenhum tormento físico pode ser comparado ao que me envolveu até que meu próprio ser se tornasse uma massa fervente de agonia. No meio disso, lancei maldições ao mundo, a mim mesmo, ao Criador. Proferi blasfêmias horríveis.

E, por fim — eu rezei.

Foi apenas um grito por misericórdia — a súplica inarticulada de uma alma torturada pelo alívio da dor — mas de repente uma grande paz pareceu envolver o universo.

Privado do sofrimento, senti-me como alguém que cessou de existir.

Do silêncio surgiu uma resposta sem palavras. Bateu em minha consciência como o arremesso das ondas.

Palavras conhecidas pelos ouvidos humanos não conseguiriam transmitir o significado da mensagem que recebi — se vinda de uma fonte externa ou emergindo de dentro, eu não sei. Tudo o que sei é que me preencheu com uma esperança estranha.

Mil anos ou um único instante — pois o tempo é algo relativo — a trégua durou. Então, senti que afundava, como se voltasse ao velho nível de consciência, e o tormento se renovou.

Agora eu sabia que deveria suportar — e por quê. Um novo propósito estranho encheu meu ser. A luz da compreensão havia surgido em minha alma.

E assim voltei para retomar minha vigília na casa de Velma e Louis.

## IX

Coração corajoso era o de Velma — destemido e verdadeiro.

Mesmo com os efeitos da tragédia ainda evidentes em sua palidez e fragilidade, e no comportamento abalado e na atitude furtiva e desconfiada de Louis, ela conseguiu encontrar um lugar para ele como supervisor de uma pequena propriedade rural.

Eu disse que deixei de sentir o tormento da paixão por Velma em meio ao maior tormento de sua repreensão. Ah! — mas eu nunca deixei de amá-la. Como agora percebo, eu havia profanado esse amor, o transformado em uma horrível paródia e, em minha ignorância abissal, tentei obter o que desejava destruindo-o. No entanto, sob tudo isso, eu a amava.

Agora sei muito bem que, se eu tivesse alcançado meu objetivo em relação a ela, Velma teria ascendido a uma esfera completamente além da minha compreensão. O destino misericordioso desviou meu intento e possibilitou uma fraca restituição.

Retornei para Velma, amando-a com um amor que finalmente se revelara, um amor altruísta, sem mancha de posse.

Mas, para ajudá-la, eu precisaria machucá-la novamente, de forma cruel.

Do caos de sua vida, Velma havia lentamente restaurado uma aparência de harmonia. Quase conseguiu convencer Louis de que a velha e pacífica convivência havia retornado; mas para alguém que podia ler seus pensamentos, o pesadelo que pairava entre eles pesava cruelmente sobre sua alma.

Ela nunca conseguia olhar nos olhos do marido sem uma suspeita persistente sobre o que poderia estar em suas profundezas; nunca conseguia se preparar para dormir sem o tremor de medo de acordar e se deparar com um demônio na forma dele. Eu havia feito meu trabalho bem demais!

Então, lenta e inexoravelmente, comecei a minar novamente o controle mental de Louis. O velho terreno precisava ser percorrido de novo, pois ele havia ganhado força com o intervalo que eu lhe permiti, e sua vida ao ar livre dava-lhe um vigor mental com o qual eu não havia sido obrigado a lidar antes. Por outro lado, eu estava equipado com novos conhecimentos sobre o poder que pretendia exercer.

Não vou relatar novamente as etapas sucessivas pelas quais consegui, primeiro, influenciar sua vontade, depois subjugar parcialmente sua mente e, finalmente, empurrar sua personalidade para o segundo plano por períodos indefinidos. Pode-se imaginar o terror que o dominou quando percebeu que estava se tornando presa das mesmas aberrações.

Para proteger Velma, realizava meus experimentos, sempre que possível, enquanto ele estava longe dela. Mas ela não podia permanecer por muito tempo alheia ao humor sombrio, à postura abatida e ao ombro caído que acompanhavam sua consciência de que a antiga doença havia retornado. O crescente terror em sua expressão era como um chicote sobre meu espírito — mas eu precisava feri-la para curá-la.

Mais de uma vez, fui obrigado a exercer meu poder sobre Louis para evitar que ele tomasse medidas drásticas contra si mesmo. À medida que eu ganhava ascendência, a determinação de acabar com tudo crescia nele. Ele temia que, a menos que se afastasse da vida de Velma, a insanidade voltaria e o forçaria a cometer novamente um ataque frenético contra a pessoa que mais amava. E ele não podia evitar ver o temor em seu comportamento que lhe dizia que ela sabia — o retraimento que ela bravamente tentava disfarçar.

Embora meu poder sobre ele fosse maior do que antes, era intermitente. Eu não podia exercê-lo sempre. Não consegui, por exemplo, impedir que ele pedisse emprestado um revólver de um fazendeiro vizinho, com o pretexto de usá-lo contra um cachorro invasor que recentemente tinha atacado o galinheiro.

Embora eu soubesse sua verdadeira intenção, o máximo que consegui fazer — porque a personalidade de Louis estava forte na época — foi influenciá-lo a adiar o ato que planejava.

Naquela noite, tomei posse de seu corpo enquanto ele dormia. Velma estava deitada, respirando tranquilamente, no quarto ao lado — pois, à medida que o temido mal retornava, eles, por um entendimento tácito, passaram a ocupar quartos separados.

Parcialmente vestido, desci as escadas e fui até o galpão de ferramentas onde Louis — com medo de mantê-la perto de si em casa — havia escondido a arma. Quando voltei, todo o meu ser se rebelou contra a tarefa à frente — mas era inevitável se eu quisesse devolver a Velma o que havia arrancado dela.

Embora eu tenha entrado silenciosamente no quarto dela, um suspiro — ou melhor, uma rápida inspiração de fôlego histérica — me alertou que ela havia acordado.

Acendi a luz.

Ela não emitiu som algum. Seu rosto ficou branco como mármore. A expressão em seus olhos era a mesma que me atormentou nas profundezas de um inferno mais terrível do que qualquer outro concebido pela imaginação humana.

Por um momento, fiquei parado à sua frente, cambaleando, com o revólver apontado — como eu estivera naquela outra ocasião, meses antes.

Lentamente, abaixei a arma e sorri — não como Louis sorriria, mas como um louco que tivesse a sua forma.

Seus lábios formaram a palavra “Louis,” mas, no aperto do desespero, nenhum som saiu. Era o desespero não apenas de uma mulher que se sentia condenada à morte, mas de alguém que consignava seu amado a um destino pior que a própria morte.

Ainda sorria — com crescente dificuldade, pois a personalidade de Louis estava inquieta e meu tempo no corpo usurpado era curto.

Naquele instante, eu não queria abandonar seu corpo. Ao vislumbrar novamente sua beleza através da visão física, meu amor por Velma inflamou-se com uma intensidade nunca antes percebida. Por um instante, meu propósito ao retornar foi esquecido. Esquecido estava o conhecimento dos séculos que eu havia absorvido desde a última vez que ocupara o corpo no qual agora a encarava. Esquecido estava tudo, exceto — Velma.

Dei um passo à frente, braços estendidos, meus olhos expressando um anseio imensurável. Ela soltou um grito.

A escuridão se abateu sobre mim. Tropecei. Estava sendo expulso — para fora — aquele grito de terror vibrara pela alma de Louis, e ele lutava para responder.

Instintivamente, eu me agarrei contra a escuridão, me apeguei à minha ascendência arduamente conquistada. Um momento de conflito, e novamente prevaleci.

Mais uma vez sorri. O efeito disso deve ter sido bizarro, pois eu estava ficando mais fraco e Louis havia retornado ao ataque com uma persistência avassaladora. Minha língua lutava para se expressar:

“Desculpa — Winkie — isso não vai acontecer de novo — eu não vou — voltar——”

Quando recuperei a consciência, Louis olhava aterrorizado para a figura desmaiada de Velma, caída no chão. No instante seguinte, ele a tomou nos braços.

Embora eu tivesse quase falhado na tentativa de entregar minha mensagem, não temi que minha visita fosse em vão. Com clara presciência, sabia que meu uso daquele antigo apelido carinhoso, “Winkie,” carregaria um significado indescritível para Velma — que, dali em diante, ela não mais temeria o que pudesse ver nas profundezas dos olhos de seu marido — e que, com o retorno de sua antiga confiança nele, o espectro da apreensão seria banido para sempre de suas vidas.



# Gosma

Anthony M. Rud

## I

No coração de uma floresta de pinheiros no sul do Alabama, uma região pouco habitada por negros dos sertões e Cajans — aquele povo peculiar, meio selvagem, descendente dos exilados Acadianos do meio do século XVIII — ergue-se uma estranha e enorme ruína.

Infinitas trepadeiras de rosa-Cherokee, cobertas de flores brancas durante um único mês de primavera, escalam as alturas de suas três paredes restantes. Folhas de palmeira se elevam até o joelho na base. Uma dúzia de carvalhos dispersos, agora contradizendo seu nome devido aos tufo sufocantes de musgo espanhol cinza e aos círculos de dois pés de visco parasita, que despiram de folhagem os galhos retorcidos e nodosos, inclinam suas barbas fantásticas contra os tijolos em decomposição.

Logo adiante, onde o solo fica mais úmido e mais baixo — caindo inexoravelmente no emaranhado de corniso, azevinho, sumagre venenoso e plantas carnívoras que formam o Pântano de Mocassim — a vegetação rasteira de ti-ti e annis formou uma muralha protetora, impenetrável para todos, exceto para os furtivos. Alguns poucos excluídos utilizam as profundezas fétidas daquele pântano sinistro, destilando “cachaça” de milho puro para o comércio ilícito.

É o que diz a tradição, pelo menos — uma tradição que antecede em muitas décadas a ruína prematura. Eu acredito nisso, pois durante as noites entre minhas investigações do lugar assustador, fui abordado várias vezes como possível comprador pelos habitantes locais que não conseguiam entender como alguém ousava se aventurar por perto sem estar abundantemente abastecido de coragem líquida.

Eu conheço a “cachaça”, então não a comprei para consumo próprio. Uma dúzia de vezes eu comprei um litro ou dois, apenas para ganhar confiança entre os Cajans, despejando o líquido vil imediatamente no solo encharcado. Parecia, então, que somente através da filtragem e condensação das dezenas de histórias estranhas sobre a “Casa dos Mortos” eu poderia compreender o mistério e o peso de horror que pairava sobre o lugar.

É certo que, de todas as advertências supersticiosas, cabeças balançando e sussurros sem sentido, obtive apenas dois fatos indiscutíveis. O primeiro era que nem dinheiro, nem um arsenal de espingardas calibre dez carregadas com chumbo gelado, poderiam induzir qualquer

Cajan ou negro da região a se aproximar a menos de quinhentos metros daquela parede florida! O segundo fato, eu vou abordar mais tarde.

Talvez seja adequado, já que sou apenas um porta-voz nesta crônica, relatar brevemente por que vim ao Alabama para essa missão.

Sou um escritor de artigos de fatos gerais, não um escritor de ficção como foi Lee Cranmer — embora, sem dúvida, essa confissão seja desnecessária. Lee foi meu colega de quarto nos tempos de faculdade. Conhecia bem sua família e admirava John Corliss Cranmer ainda mais do que admirava o filho e amigo — e quase tanto quanto Peggy Breede, com quem Lee se casou. Peggy gostava de mim, mas era só isso. Guardo uma memória sagrada dela por isso mesmo, pois nenhuma outra mulher antes ou depois me concedeu sequer um vislumbre de intimidade alegre e dolorosa.

O trabalho me mantinha na cidade. Lee, por outro lado, vindo de uma família rica e, desde o início, ganhando com suas histórias curtas e royalties de romances mais do que eu conseguia arrancar dos cofres editoriais, não precisava de amarras. Ele e Peggy passaram a lua de mel em uma viagem de quatro meses ao Alasca, visitaram Honolulu no inverno seguinte, pescaram salmão no rio Cain, em New Brunswick, e, de forma geral, aproveitavam a vida ao ar livre em todas as estações.

Mantinhavam um apartamento em Wilmette, perto de Chicago, mas durante as poucas estações de primavera e outono que estavam “em casa”, preferiam alugar uma suíte em um dos clubes de campo aos quais Lee era associado. Suponho que gastassem três ou cinco vezes mais do que Lee realmente ganhava, mas, da minha parte, só me alegrava em ver os dois encontrando tanta felicidade na vida e ainda conquistando triunfos artísticos.

Eram jovens americanos honestos e cheios de entusiasmo, do tipo — e praticamente o único tipo — que dois milhões de dólares não conseguem corromper. John Corliss Cranmer, pai de Lee, embora tão diferente do filho quanto um microscópio é diferente de uma pintura de Remington, estava ainda mais longe de ser obcecado por dinheiro. Ele vivia em um mundo limitado apenas pelo horizonte em expansão da ciência biológica — e por seu amor pelos dois que levariam adiante o nome Cranmer.

Muitas vezes me perguntava como um homem tão gentil, de alma pura e amável como John Corliss Cranmer podia ter se aventurado tão profundamente na pesquisa científica sem ter se tornado um ateu de pequeno calibre. Poucos conseguem. Ele acreditava tanto em Deus quanto na humanidade. Acusá-lo de ter assassinado seu filho e a jovem esposa, que havia passado a ser amada como a mãe da pequena Elsie — assim como carne e sangue de sua

própria família — era uma absurda e terrível monstruosidade! Sim, mesmo quando John Corliss Cranmer foi declarado inconfundivelmente insano!

Sem ter parentes no mundo, a pequena Elsie foi entregue a mim — e ao casal de meia-idade que havia acompanhado os três como empregados por quase metade do mundo conhecido. Elsie seria como Peggy outra vez. Eu a adorava, sabendo que, se minha responsabilidade por seus interesses pudesse torná-la uma mulher com a beleza e valor de Peggy, não teria vivido em vão. E aos quatro anos, Elsie estendeu os braços para mim após uma tentativa frustrada de puxar o rabo cortado do Senhor Dick, meu velho e tolerante Airedale — e me chamou de “papai”.

Senti um nó na garganta... sim, aqueles longos cílios negros poderiam um dia se curvar em brincadeira ou coquetismo, mas, agora, a pequena Elsie carregava uma seriedade melancólica e confiável nas profundezas dos olhos ultramarinos — a mesma seriedade que só Lee havia trazido a Peggy.

A responsabilidade, num instante, tornou-se dupla. Que ela pudesse vir a me amar como mais do que um pai adotivo era meu maior desejo. Ainda assim, por egoísmo, não poderia privá-la de sua herança de direito; ela deveria saber, com o tempo. E a história que eu contaria não poderia ser a horrível suspeita que circulava nas conversas comuns!

Fui ao Alabama, deixando Elsie sob os cuidados competentes da Sra. Daniels e seu marido, que ajudavam a cuidar dela desde o nascimento.

Em minha posse, antes da viagem, estavam os poucos fatos conhecidos pelas autoridades na época da fuga e desaparecimento de John Corliss Cranmer. Eram inacreditáveis.

Para conduzir pesquisas biológicas sobre formas de vida protozoária, John Corliss Cranmer escolheu essa região do Alabama. Próximo a um grande pântano repleto de organismos microscópicos, e situado em uma faixa subtropical onde raramente o frio endurecia os brejos, o local parecia ideal para seus propósitos.

Através de Mobile<sup>1</sup>, ele podia receber suprimentos diários por caminhão. O isolamento lhe convinha. Com apenas um octoroon<sup>2</sup> para atuar como chefe, caseiro e ajudante quando recebia visitantes, trouxe seu equipamento científico, ocupando alojamentos temporários na vila de Burdett's Corners enquanto sua casa na floresta estava em construção.

---

<sup>1</sup> “Mobile” refere-se à cidade de Mobile, uma cidade portuária localizada no estado do Alabama, nos Estados Unidos.

<sup>2</sup> “Octoroon” é um termo histórico e obsoleto que foi usado para descrever uma pessoa com uma ascendência que incluía um oitavo de sangue negro ou afrodescendente, geralmente em um contexto de discriminação racial nas sociedades escravocratas. Esse termo é racista e inadequado.

Segundo relatos, a Cabana, como ele chamava, era uma construção substancial de oito ou nove cômodos, feita de toras e madeira serrada comprada em Oak Grove. Lee e Peggy deveriam passar parte de cada ano com ela; codornas, perus selvagens e veados eram abundantes, o que certamente agradava ao casal durante as férias. Nos outros períodos, todos os cômodos, exceto quatro, permaneciam fechados.

Isso foi em 1907, o ano do casamento de Lee. Seis anos depois, quando cheguei, não havia sinal da casa, exceto por algumas vigas mutiladas e apodrecidas que se projetavam do solo viscoso — ou do que parecia ser solo. E um muro de tijolos de quase quatro metros de altura havia sido construído para cercar a casa completamente! Uma parte dele tinha desmoronado para dentro!

## II

Perdi semanas inteiras entrevistando oficiais do departamento de polícia em Mobile, os delegados das pequenas cidades e xerifes dos condados de Washington e Mobile, além dos funcionários do hospital psiquiátrico de onde Cranmer havia escapado.

Em resumo, a história era de uma mania homicida sem fundamento. Cranmer, o mais velho, havia se ausentado até o final do outono, participando de duas conferências científicas no Norte e depois viajando para o exterior para comparar algumas de suas descobertas com as do Dr. Gemmler, da Universidade de Praga. Infelizmente, Gemmler foi assassinado logo depois por um fanático religioso que se opunha violentamente a todas as pesquisas Mendelianas, considerando-as blasfemas. Essa foi sua única defesa. Ele foi enforcado.

A investigação das anotações e pertences de Gemmler não revelou nada, exceto uma enorme quantidade de dados laboratoriais sobre a carioquinese — o processo de disposição dos cromossomos que ocorre nas células em crescimento inicial dos embriões de animais superiores. Aparentemente, Cranmer esperava encontrar semelhanças ou apontar diferenças entre fatores hereditários em formas de vida inferiores e aqueles parcialmente demonstrados em gatos e macacos. As autoridades não encontraram nada que me ajudasse. Cranmer tinha enlouquecido; isso não era explicação suficiente?

Talvez fosse para eles, mas não para mim — e nem para Elsie.

Mas aqui está o pouco que consegui descobrir:

Ninguém estranhou quando passaram duas semanas sem notícias de alguém da Cabana. Por que se preocupariam? Um vendedor de provisões em Mobile ligou duas vezes, mas não conseguiu completar a chamada. Ele apenas deu de ombros. Os Cranmer deviam ter viajado para algum lugar. Em uma semana, um mês ou um ano, eles voltariam. Enquanto

isso, ele perdia suas comissões, mas e daí? Não tinha responsabilidade com aquelas pessoas esquisitas lá nos pinhais. Loucos? Claro! Por que alguém com milhões para gastar iria se isolar entre os Cajans e desenhar no caderno, com microscópio, figuras ampliadas de — como o vendedor chamava — “micróbios”?

Um alvoroço surgiu ao final da quinzena, mas a comoção ficou restrita aos círculos da construção. Vinte vagões de tijolos, cinquenta pedreiros e uma área de mil metros quadrados de tela de malha fina — do tipo usado para cercar gaiolas de roedores e pequenos marsupiais em jardins zoológicos — foram encomendados, sem se preocupar com o custo, com urgência! Tudo isso foi ordenado por um homem barbudo e maltrapilho que se identificou com dificuldade como John Corliss Cranmer.

Ele já parecia estranho naquela época. Um cheque certificado pelo valor total, entregue adiantado, e outro cheque de valor absurdo jogado em direção a um empreiteiro silenciaram qualquer objeção. Esses milionários costumavam ser excêntricos. Quando queriam algo, queriam na hora. E por que não faturar com os grandes lucros? Um homem mais pobre teria sido questionado em algum momento, mas a fortuna de Cranmer lhe dava imunidade às críticas.

O muro ao redor da casa foi construído e coberto com uma tela de arame que se pendurava sobre o telhado baixo da Cabana. Perguntas curiosas dos trabalhadores foram ignoradas até o último dia.

Então, Cranmer, uma figura estranha e intensa, mais esfarrapado que um mendigo do cais, reuniu todos os trabalhadores. Em uma mão ele segurava um maço de papéis azuis — cinquenta e seis deles. Na outra, empunhava uma pistola automática Luger.

“Ofereço mil dólares a cada um pela sua discricção!” ele anunciou. “Como alternativa — a morte! Vocês sabem pouco. Todos vocês se comprometem a jurar pela sua honra que nada do que aconteceu aqui será mencionado em nenhum outro lugar? Quero dizer silêncio absoluto! Vocês não voltarão aqui para investigar nada. Não contarão às suas esposas. Não abrirão a boca nem mesmo no tribunal caso sejam convocados! Meu preço é mil para cada um.

“Se alguém me trair, dou a minha palavra que essa pessoa morrerá! Sou rico. Posso contratar homens para matar. Bem, o que me dizem?”

Os homens se entreolharam, apreensivos. A ameaça da Luger os decidiu. Todos aceitaram os papéis azuis e, exceto por um trabalhador que perdeu todo o senso de medo e

moralidade na bebida, nenhum dos cinquenta e seis quebrou o juramento, até onde sei. Esse pedreiro morreu mais tarde em um ataque de delirium tremens<sup>3</sup>.

Poderia ter sido diferente se John Corliss Cranmer não tivesse fugido.

### III

Eles o encontraram pela primeira vez balbuciando frases sem sentido sobre uma ameoba — uma das minúsculas formas de vida protoplasmática que ele era conhecido por estudar. Também entrou em uma histeria de autoacusação. Ele havia assassinado duas pessoas inocentes! A tragédia era seu crime. Ele as havia afogado no lodo! Ah, Deus!

Infelizmente, para todos os envolvidos, Cranmer, confuso e evidentemente louco, decidiu fazer uma estranha paródia de pesca a seis quilômetros a oeste de sua Cabana — na borda mais distante do Pântano Moccasin. Suas roupas estavam em farrapos, seu chapéu havia sumido, e ele estava coberto da cabeça aos pés por um lodo pegajoso. Não era nada incomum que os moradores de Shanksville, que nunca tinham visto o excêntrico milionário, não conseguissem associá-lo a Cranmer.

Eles o acolheram, vasculharam seus bolsos — não encontrando nada além de uma quantia exorbitante de dinheiro — e o colocaram sob cuidados médicos. Duas semanas preciosas se passaram antes que o Dr. Quirk, relutantemente, admitisse que não podia fazer mais nada por aquele paciente e notificasse as autoridades competentes.

Depois, mais tempo foi desperdiçado. Abril, quente, e metade de um maio ainda mais quente passaram até que as pontas soltas se conectassem. E mesmo assim, de nada adiantou saber que aquele infeliz delirante era Cranmer, ou que as duas pessoas sobre as quais ele gritava em delírio desconexo realmente tinham desaparecido. Psiquiatras o absolveram da responsabilidade. Ele foi confinado em uma cela reservada para os violentos.

Enquanto isso, coisas estranhas aconteciam na Cabana — que agora, por boas e suficientes razões, estava se tornando conhecida pelos habitantes da floresta como a Casa dos Mortos. Até que uma das paredes desabasse, no entanto, não havia chance ver alguma coisa — exceto para quem tivesse a audácia de subir em um dos altos carvalhos ou escalar a própria barreira. Não foram colocadas portas ou qualquer abertura naquela parede construída às pressas!

Quando o lado oeste da parede caiu, não havia um único morador em quilômetros que não temesse aquele lugar ainda mais do que os pântanos profundos e infestados de cobras que ficavam ao oeste e norte.

---

<sup>3</sup> “Delirium Tremens” são sintomas graves de abstinência de álcool, como agitação, confusão mental e alucinações.

A única declaração que John Corliss Cranmer deu ao mundo provou ser suficiente. Uma busca imediata foi iniciada. Descobriu-se que menos de três semanas antes do dia do acerto de contas inicial, seu filho e Peggy tinham vindo visitá-lo pela segunda vez naquele inverno — deixando Elsie aos cuidados do casal Daniels. Eles haviam alugado dois cães Gordons para caçar codornas e saíram para o campo. Essa foi a última vez que alguém os viu.

Um negro que viva na floresta e que os viu seguindo uma revoada atrás dos dois cães de caça não sabia de mais nada — mesmo depois de doze horas intensas de interrogatório. Certas circunstâncias suspeitas (relacionadas apenas ao seu envolvimento regular no transporte ilegal de bebida “shinny<sup>4</sup>”) inicialmente o colocaram sob suspeita, mas ele foi liberado.

Dois dias depois, o próprio cientista foi apreendido — um idiota balbuciante que balançava sua vara de pescar — segurando o anzol com isca — em um pântano onde nada além de cobras mocassin, um jacaré perdido ou vida anfíbia poderia ser fisgado.

Sua mente estava quase morta. Cranmer estava no estado de um viciado em drogas que se levanta e pergunta seriamente quantos bolcheviques foram mortos por Júlio César antes de ser esfaqueado por Brutus, ou por que os canários Roller só cantavam nas noites de quarta-feira. Ele sabia que uma tragédia das mais sinistras tinha atravessado sua vida — não muito mais do que isso, a princípio.

Mais tarde, a polícia conseguiu obter aquela única declaração de que ele havia assassinado duas pessoas, mas nunca se conseguiu estabelecer meios ou motivos. A hipótese oficial sobre o método não passava de pura especulação; mencionava que as vítimas foram atraídas para as profundezas fétidas do Pântano Moccasin, onde foram deixadas para afundar e desaparecer.

As duas pessoas eram seu filho e nora, Lee e Peggy!

#### IV

Fingindo estar em coma — e depois despertando de repente para atacar três atendentes com ferocidade e força incríveis — John Corliss Cranmer escapou do Hospital Elizabeth Ritter.

Como ele se escondeu, como conseguiu percorrer cerca de sessenta milhas e ainda assim evitar ser capturado, permanece um pequeno mistério que só pode ser explicado pela suposição de que a astúcia maníaca foi suficiente para superar intelectos mais sãos.

---

<sup>4</sup> O termo “shinny” vem de Moonshine, bebida alcoólica que era destilada de forma ilegal no Estados Unidos.

Ele conseguiu percorrer essas milhas, embora até que eu fosse afortunado o suficiente para descobrir evidências disso, acreditava-se geralmente que ele havia escapado como clandestino em uma embarcação de carga, ou que tinha se enterrado em alguma parte das florestas próximas onde era desconhecido. A verdade deveria ser bem-vinda pelos moradores de Shanksville, Burdett's Corners e arredores — aqueles prudentemente cautelosos que até hoje mantêm espingardas carregadas à mão e trancam suas portas ao anoitecer.

Os primeiros dez dias da minha investigação podem ser resumidos brevemente. Fiz meu quartel-general em Burdett's Corners e saía de carro todas as manhãs, levando lanche e retornando para comer minha refeição de grãos com carne de porco ou carneiro dos pinheirais antes do anoitecer. Meu plano inicial era acampar na beira do pântano, pois a oportunidade de curtir o ar livre raramente me surge. No entanto, após uma breve inspeção do local, abandonei a ideia. Não queria acampar sozinho ali. E sou menos supersticioso do que um corretor de imóveis.

Foi, talvez, um aviso psíquico: mais provavelmente, o estranho e leve odor salgado, como de peixe deixado para apodrecer, que pairava sobre as ruínas, causou uma impressão desagradável demais no meu olfato. Experimentei um calafrio distinto toda vez que as sombras se alongavam perto da Casa dos Mortos.

O cheiro me impressionou. Nos relatos de jornal sobre o caso, uma explicação engenhosa havia sido sugerida. Nos fundos do local onde a Casa dos Mortos ficava — dentro do muro — havia uma depressão pantanosa em forma circular. Apenas um pouco de lama estava no fundo da depressão agora, mas um repórter da equipe do *The Mobile Register* supôs que, durante a ocupação da Cabana, aquilo havia sido um tanque de peixes. O esvaziar da água teria matado os peixes, que agora permeavam o resquício de lama com aquele odor desagradável.

A possibilidade de que Cranmer precisasse manter peixes frescos à mão para alguns de seus experimentos calou a objeção natural de que, em um lugar onde todo riacho possui gar, lúcio, robalo, bagre e muitas outras variedades comestíveis, ninguém sonharia em estocar um poço estagnado.

Depois de andar pelo recinto, testando a estranha camada superior quebradiça e ressecada de terra e especulando sobre o possível propósito do muro, cortei um longo galho de árvore-da-china e sondei a lama. Um fragmento de espinha de peixe confirmaria o palpite daquele repórter imaginativo.

Não encontrei nada que se parecesse com um esqueleto de piscar, mas estabeleci alguns fatos. Primeiro, essa cratera de lama tinha um fundo definido apenas três ou quatro pés



abaixo da superfície do lodo restante. Segundo, o odor de peixe se intensificava à medida que eu mexia. Terceiro, em algum momento, a lama, a água ou o que quer que tivesse composto o restante do conteúdo, haviam alcançado a borda do recipiente. O último fato era evidente por meio de certas marcas bem visíveis quando a crosta superior de duas polegadas foi rompida. Era intrigante.

A natureza daquela fina e dessecada camada de lodo que parecia cobrir tudo, até mesmo o pé ou duas fileiras de tijolos inferiores, foi objeto da próxima inspeção. Era uma substância estranha, diferente de qualquer terra que eu já tivesse visto, embora indubitavelmente fosse algum tipo de resíduo drenado do pântano durante as enchentes do rio ou chuvas torrenciais (que nesta região são comuns na primavera e no outono). A camada se esfarelava entre os dedos. Quando eu andava sobre ela, o material estalava de maneira oca. Em menor grau, também possuía o odor de peixe.

Coletava algumas amostras onde estava mais espessa no solo, e também algumas onde parecia haver não mais do que a profundidade de uma folha de papel. Mais tarde, eu faria uma análise laboratorial.

Apartando qualquer possível relação que a substância pudesse ter com o desaparecimento dos meus três amigos, sentia a atração do interesse no artigo — aquela curiosidade sobre algo estranho ou aparentemente inexplicável que dá à busca por fatos um certo glamour e romantismo próprio. Para mim, eu teria que explicar, mais cedo ou mais tarde, por que essa camada cobria todo o espaço dentro das paredes e não era perceptível em nenhum lugar fora delas! O enigma poderia esperar, no entanto — ou assim decidi.

Muito mais interessantes eram os vestígios de violência aparentes nas paredes e no que havia sido uma casa. Esta última parecia ter sido arrancada de suas fundações por uma mão gigante, esmagada de tal forma que deixara de ter a aparência de uma habitação, e então lançada em fragmentos ao redor da base da parede — principalmente no lado sul, onde montes de madeiras torcidas e quebradas se acumulavam em profusão. Do lado oposto, havia montes de madeira, mas agora apenas gravetos carbonizados, cobertos por aquela onipresente e cinza camada de desidratação, permaneciam. Esses montes de carvão foram cuidadosamente peneirados e examinados pelas autoridades, uma vez que uma teoria havia sido levantada de que Cranmer havia queimado os corpos de suas vítimas. Contudo, nenhum sinal de restos humanos foi descoberto.

O incêndio, no entanto, apontou um fato curioso que contradizia as reconstruções feitas pelos detetives meses antes. Estes, sugerindo que a camada seca tinha drenado do pântano, acreditavam que as vigas da casa haviam flutuado para os lados da parede — onde

se arranjariam em uma série de montes! A absurdidade de tal teoria se mostrava ainda mais clara pelo fato de que, se o lodo tivesse filtrado dessa forma durante uma inundação, as vigas certamente teriam sido arrastadas para os montes anteriormente! Algumas haviam queimado — e o lodo cobriu suas superfícies carbonizadas!

Qual teria sido a força que despedaçou a cabana como se fosse um furor maligno? Por que as partes da destruição foram queimadas, enquanto o resto escapou?

Neste ponto, senti que esta era a chave para o mistério, mas não conseguia imaginar nenhuma explicação. Que John Corliss Cranmer — fisicamente são, mas um homem que por décadas havia levado uma vida sedentária — pudesse ter causado tal destruição, sem ajuda, era difícil de acreditar.

## V

Voltei minha atenção para a parede, na esperança de encontrar evidências que pudessem sugerir outra teoria.

Aquela parede era um exemplo de uma terrível construção descuidada. Embora tivesse pouco mais de um ano, as partes que ainda estavam em pé mostravam sinais de que começaram a apodrecer no dia em que o último tijolo foi assentado. A argamassa havia caído dos interstícios. Aqui e ali, um tijolo tinha rachado e caído para fora. Fibras de trepadeiras haviam penetrado as fendas, trabalhando para a destruição precoce.

E um lado já havia caído.

Foi aqui que a primeira suspeita brilhante da terrível verdade se impôs a mim. Os tijolos espalhados, mesmo aqueles que haviam rolado para dentro da base exposta, não estavam cobertos com aquele resíduo! Isso era curioso, mas poderia ser explicado pela suposição de que a inundação havia minado essa parte mais fraca da parede. Afastei uma massa de tijolos do local onde a estrutura havia estado; para minha surpresa, encontrei-o excepcionalmente firme! Uma argila vermelha dura estava por baixo! A concepção da inundação estava errada; apenas alguma grande força, exercida de dentro ou de fora, poderia ter causado tal destruição.

Quando medi cuidadosamente, fiz análises e deduções que me convenceram — principalmente pelo fato de que as camadas mais baixas de tijolos haviam caído para fora, enquanto as porções superiores haviam tombado para dentro — comecei a conectar essa força misteriosa e horrífica com aquela que havia despedaçado a cabana. Parecia que um tufão ou uma centrífuga gigante precisava de espaço ao destruir a estrutura de madeira.

Mas não consegui avançar com a teoria, embora em assuntos comuns me chamem de homem de tendências imaginativas demais. Não menos que três editores me advertiram a respeito disso. Talvez fosse a influência restritiva de uma grande simpatia pessoal — sim, e amor. Não dou desculpas, embora, além de uma vaga compreensão de que alguma força terrífica e implacável deve ter feito daquele lugar seu parque de diversões, terminei meu nono dia de anotações e investigações quase tão no escuro quanto havia estado a milhas de distância em Chicago.

Então comecei entre os negros e cajans. Passei um dia inteiro ouvindo histórias dos dias que precederam a fuga de Cranmer do Hospital Elizabeth Ritter — dias em que homens furtivos cheiravam o ar envenenado a quilômetros ao redor da Casa dos Mortos, achando o odor intolerável. Dias em que parecia que ninguém tinha coragem suficiente para se aproximar. Dias em que as histórias mais fantásticas de superstições medievais eram contadas. Não as contarei; a verdade já é fantástica o suficiente.

Ao meio-dia do décimo primeiro dia, encontrei Rori Pailleron, um cajun — e um dos menos atraentes de todos com quem havia entrado em contato. “Encontrei” talvez seja uma palavra inadequada. Eu havia listado todos os moradores da floresta em um raio de cinco milhas. Rori era o décimo sexto na minha lista. Eu fui a ele apenas após entrevistar todas as quatro famílias Crabier e duas famílias inteiras de Pichons. E Rori me olhou com a maior desconfiança até que lhe dei de presente dois litros de “shinny” comprados dos Pichons.

Porque a longa prática me aperfeiçoou na técnica de parecer que bebo o terrível licor de outro homem — não, não sou um absolutista da proibição; um bom vinho ou um bourbon de doze anos em um barril desperta meu definido interesse — enganei Pailleron desde o início. Omitirei os preliminares e passarei à primeira admissão dele de que sabia mais sobre a Casa dos Mortos e seus antigos inquilinos do que qualquer um dos outros negros ou cajans por perto.

“... Mas eu não estou falando. Sacre! Se eu abrir minha boca, o que pode sair? É para ficar em silêncio, e você está certo! ...”

Concordei. Ele era um homem sábio — educado até certo ponto nas esquisitas escolas e igrejas mantidas exclusivamente por cajans nas profundezas da floresta, ainda que ingênuo.

Nós bebemos. E eu nem precisei fazer outra pergunta sugestiva. O licor fez com que ele quisesse me deixar interessado; e o único assunto extraordinário em toda essa região era a Casa dos Mortos. Três quartos de um litro de fluido acre e nauseante, e ele insinuou de forma obscura. Um litro, e ele me contou algo que eu mal podia acreditar. Mais meio litro... Mas darei sua confissão em forma condensada.

Ele conhecia Joe Sibley, o chefe octoroon, homem da casa e mordomo que servia Cranmer. Através de Joe, Rori havia fornecido certos itens indispensáveis em termos de comida para a família Cranmer. No início, esses artigos vendáveis eram exclusivamente vegetais — nabo branco e amarelo, batatas-doces, milho e feijão — mas depois, carne!

Sim, carne especialmente — cordeiros inteiros, abatidos e cortados, a variedade mais grosseira de carne de porco e de boi da floresta, tudo em imensa quantidade!

## VI

Em dezembro daquele inverno fatal, Lee e sua esposa pararam na Cabana por cerca de dez dias.

Eles estavam a caminho de Cuba na época, com a intenção de ficar fora por cinco ou seis semanas. O plano original era apenas esperar um dia ou dois na floresta de pinheiros, mas algo levou a uma mudança no esquema.

Os dois se demoraram. Lee parecia ter se tornado extremamente absorto em algo — tão absorto que só conseguiu se desvencilhar quando Peggy insistiu que continuassem a viagem.

Foi durante esses dez dias que ele começou a comprar carne. Primeiro, pedaços magros — um coelho, um par de esquilos, ou talvez algumas codornas além do número que ele e Peggy caçaram. Rori forneceu o conteúdo, sem pensar em nada, exceto que Lee pagava o dobro do preço — e insistia em manter as compras em segredo dos outros membros da casa.

“Estou fazendo isso por conta do Governador, Rori!” disse ele uma vez, piscando. “Vou dar a ele o choque da vida dele. Então você não pode contar, nem mesmo ao Joe, sobre o que quero que você faça. Talvez não funcione, mas se funcionar...! Papai vai ter o mundo científico aos seus pés! Ele não se promove o suficiente, você sabe.”

Rori não sabia. Não tinha suspeita do que Lee estava falando. No entanto, se esse jovem rico e idiota queria lhe pagar cinquenta centavos em boa moeda de prata por uma codorna que qualquer um — ele mesmo incluído — poderia derrubar com um cartucho de cinco centavos, Rori estava bem satisfeito em manter a boca fechada. A cada noite, ele trazia um pouco do conteúdo. E a cada dia, Lee Cranmer parecia precisar de uma codorna a mais...

Quando estava pronto para partir para Cuba, Lee apresentou a proposta mais estranha. Ele sussurrou sua veemência e desejo de segredo! Ele contaria a Rori e pagaria ao cajun quinhentos dólares — metade adiantada e metade ao final de cinco semanas, quando Lee voltaria de Cuba — desde que Rori concordasse em aderir absolutamente a um certo

programa secreto! O dinheiro era mais do que uma fortuna para Rori; era uma riqueza inimaginável. O cajun concordou.

“Ele me disse então como o velho tinha criado algum tipo de animal de estimação,” confidenciou Rori, “e queria se livrar dele. Então ele deu para Lee, dizendo que o matasse, mas Lee estava determinado a enganar o velho. O que eu te pergunto é, que tipo de animal de estimação é esse que vive em um buraco de lama e come dois porcos a cada noite?”

Não consegui imaginar, então pressionei-o por mais detalhes. Aqui, finalmente, havia algo que soava como uma pista!

Ele realmente sabia muito pouco. O acordo com Lee previa que, se Rori seguisse as disposições exatamente, ele seria pago com um extra, além de todos os gastos adicionais em sua exorbitante escala, quando Lee retornasse.

O jovem lhe deu um cronograma diário que Rori mostrou. A cada noite, ele deveria obter, sacrificar e cortar uma quantidade específica — e crescente — de carne. Cada item era verificado, e eu vi que variava de cinco a quarenta libras!

“O que, em nome do céu, você fez com isso?” perguntei, empolgado agora e lhe oferecendo uma bebida a mais, com medo de que a cautela voltasse a ele.

“Levei para os arbustos na parte atrás e joguei num buraco de lama ali! E algo subiu e arrastou para baixo!”

“Um 'jacaré'?”

“Diable! Como eu ia saber? Estava escuro. Eu não chegaria perto.” Ele estremeceu, e os dedos que levantavam seu copo tremiam como se sentisse um frio súbito. “Talvez você fizesse isso, hein? Eu não! O jovem me disse para jogar, e eu joguei.

“Algumas vezes eu voltei durante o dia, mas não havia nada lá que você pudesse ver. Só lama e um pouco de água. Talvez a coisa não saísse durante o dia...”

“Talvez não,” concordei, esforçando-me para imaginar que tipo de animal de estimação sinistro poderia ser esse. “Mas você disse algo sobre dois porcos por dia? O que você quis dizer com isso? Este papel, prova suficiente de que você está dizendo a verdade até agora, afirma que no trigésimo quinto dia você deveria jogar quarenta libras de carne — de qualquer tipo — no buraco. Dois porcos, mesmo a variedade da floresta, pesam muito mais do que quarenta libras!”

“Esses eram depois — depois que ele voltou!”

A partir desse ponto, a história de Rori se tornou cada vez mais emaranhada nas vagarias induzidas pela bebida ruim. Sua língua engrossou. Vou dar sua história sem tentar

reproduzir mais barbaridades verbais ou as provocações ocasionais que tive que dar para mantê-lo longe de jargões tolos.

Lee havia pago generosamente. Sua única objeção à maneira como Rori executou suas ordens era que as ordens em si estavam deficientes. O animal de estimação, ele disse, havia crescido enormemente. Estava faminto; voraz. O próprio Lee havia suplementado a alimentação com enormes baldes de restos da cozinha.

A partir desse dia, Lee comprou de Rori ovelhas e porcos inteiros! O Cajun continuou a trazer os cadáveres ao anoitecer, mas Lee não mais permitiu que ele se aproximasse do poço. O jovem parecia cronicamente excitado. Tinha um tremendo segredo — um cuja extensão nem mesmo seu pai suspeitava, e que espantaria o mundo! Apenas mais uma ou duas semanas e ele o revelaria. Primeiro, teria que organizar certos dados.

Então chegou o dia em que todos desapareceram da Casa dos Mortos. Rori passou ali várias vezes, mas concluiu que todos os ocupantes haviam desmontado o acampamento e partido — sem dúvida levando seu misterioso “animal de estimação” junto. Somente quando viu à distância Joe, o servo octoroon, voltando a pé pela estrada em direção à Cabana, começaram seus lentos processos mentais a fermentar. Aquela tarde, Rori visitou o lugar estranho pela penúltima vez.

Ele não foi até a Cabana — e havia razões para isso. Enquanto ainda estava a centenas de metros do lugar, um grito terrível e prolongado chegou a seus ouvidos! Era fraco, mas inconfundivelmente era a voz de Joe! Colocando um par de cartuchos número na câmara de sua espingarda, Rori apressou-se, seguindo seu caminho habitual pelos arbustos nos fundos.

Ele viu — e como me disse, até mesmo a embriaguez do “shinny” fugiu de seus tons trêmulos — Joe, o octoroon. Sim, ele estava no pátio, longe do poço onde Rori havia jogado os cadáveres — e Joe não conseguia se mover!

Rori não conseguiu explicar tudo, mas algo, uma coisa viscosa e amorfa, que brilhava à luz do sol, já o engolia até os ombros! A respiração estava cortada. O rosto contorcido de Joe se retorcia de horror e sufocamento iminente. Uma mão — que estava livre, diferente do resto do corpo! — desferia fracos golpes na coisa rubosa e translúcida que o envolvia!

Então Joe desapareceu de vista...

## VII

Cinco dias de indulgência alcoólica se passaram antes que Rori, sozinho em sua cabana trêmula, se convencesse de que havia visto uma fantasia nascida do álcool. Ele voltou

pela última vez — para encontrar um alto muro de tijolos cercado a Cabana, incluindo o poço de lama onde ele tinha jogado a carne!

Enquanto hesitava, circulando o lugar sem encontrar uma entrada — que ele não teria ousado entrar, mesmo que tivesse achado uma — ouviu um estrondo, um rasgar de madeiras e um som persistente de destruição assustadora vindo de dentro. Ele se balançou em um dos carvalhos próximos ao muro. E chegou a tempo de ver os últimos suportes da estrutura da Cabana cederem para fora!

Toda a estrutura se desmanchou. O telhado desabou — mas parecia se mover depois de ter caído! Os troncos das paredes se separavam das camadas de compensado como se agarrados por uma máquina de corte!

Isso foi tudo. Totalmente embriagado agora, Rori murmurava mais frases, dando-me a ideia de que em outro dia, quando ficasse sóbrio novamente, ele poderia acrescentar mais detalhes às suas declarações, mas eu — atordoado até a alma — mal conseguia me importar. Se o que ele relatava era verdade, que pesadelo de loucura deveria ter se consumado ali!

Agora eu conseguia vislumbrar algumas coisas que envolviam Lee e Peggy, coisas horríveis. Somente a lembrança de Elsie me mantinha firme na busca — pois agora parecia quase preferível acreditar na obra de um louco do que no que Rori afirmava ter visto! O que era aquela coisa sinistra e translúcida? Aquela coisa reluzente que saltava sobre um homem, sufocando, engolindo?

Curiosamente, embora tal teoria como a que mais facilmente vinha à mente agora me parecesse um ultraje à razão se sugerida sobre estranhos, eu me perguntava apenas quais detalhes da revelação de Rori haviam sido exagerados pelo medo e pelos vapores do álcool. E enquanto eu me sentava no banco rangente de sua cabana, olhando sem enxergar enquanto ele cambaleava para o chão, mexendo em uma caixa de lata verde que estava sob sua cama, e murmurando, a resposta para todas as minhas perguntas estava ao alcance!

No entanto, foi só no dia seguinte que fiz a descoberta. Com o coração pesado, reexaminei o local onde a Cabana tinha ficado, depois segui para a cabana do Cajun novamente, buscando a confirmação sóbria do que ele me havia contado durante a embriaguez.

Eu estava enganado em imaginar que a farra de Rori terminaria com uma única noite. Ele estava jogado quase da mesma forma em que o deixei. Apenas dois fatores haviam mudado. Não havia mais “shinny” — e, aberta, com seu conteúdo variado espalhado, estava a caixa de lata. Rori de alguma forma tinha conseguido abri-la com a pequena chave ainda agarrada em sua mão.

A preocupação com a segurança de Rori foi o que me fez notar a caixa. Era um recipiente para pequenos apetrechos de pesca, do tipo que qualquer esportista leva para lá e para cá. Emaranhados de iscas artificiais Dowagiac<sup>5</sup>, anzóis de carretilha de vários tamanhos até o número oito com costas prateadas; três molinetes ainda com linhas de pesos diferentes, spinners, plugs<sup>6</sup>, iscas oscilantes e flutuantes, estavam espalhados pelo chão de tábuas ásperas, onde poderiam machucar Rori seriamente se ele rolasse. Recolhi-os, com a intenção de evitar um acidente.

No entanto, ao segurar o sortimento variado nas mãos, parei de repente. Algo havia chamado minha atenção — algo que estava no fundo da caixa! Eu olhei, e então rapidamente joguei os anzóis e outras tralhas sobre a mesa. O que eu tinha vislumbrado na caixa era um caderno de anotações de folhas soltas, do tipo usado para registrar dados de laboratório! E Rori mal sabia ler, muito menos escrever!

Febril, com uma mistura de reconhecimento, suposição, esperança e medo borbulhando em minha mente, peguei o caderno e o abri. Na mesma hora soube que ali estava o desfecho. As páginas estavam rabiscadas a lápis, mas a caligrafia precisa era inconfundível — pertencente a John Corliss Cranmer, o cientista!

“...Não poderia ele ter obedecido às minhas instruções! Oh, Deus! Isto...”

Essas foram as palavras no topo da primeira página que encontrei.

Para compreender plenamente as circunstâncias, cuja relação extraí do relutante Rori dias depois, quando o levei a Mobile como testemunha policial para a absolvição do meu amigo, preciso interpolar alguns detalhes.

Rori não havia me contado tudo. Em sua última visita à vizinhança da Casa dos Mortes, ele viu mais. Uma figura agachada, sentada na posição de pernas cruzadas sobre o muro, parecia escrever intensamente. Rori reconheceu o homem como Cranmer, mas não o chamou. Não teve oportunidade.

Assim que o Cajun se aproximou, Cranmer se levantou, enfiou o caderno de anotações, que estava sobre seus joelhos, na caixa. Em seguida, ele se virou e jogou para fora do muro tanto a caixa trancada quanto uma fita à qual estava presa a chave.

Então, ele ergueu os braços em direção ao céu. Por cinco segundos, parecia invocar a misericórdia de um Poder além de qualquer investigação científica do homem. E finalmente ele saltou, para dentro...!

---

<sup>5</sup> “Dowagiac” refere-se às iscas artificiais de pesca fabricadas pela Heddon, uma empresa de artigos de pesca dos Estados Unidos, fundada em Dowagiac, Michigan.

<sup>6</sup> “Spinners” e “Plugs” são tipos de iscas artificiais usadas na pesca esportiva para atrair peixes predadores.



Rori não se atreveu a subir para investigar. Ele sabia que diretamente abaixo dessa parte do muro ficava o poço de lama onde havia jogado os pedaços de carne!

## VIII

Esta é uma transcrição verdadeira da declaração que registrei, narrando a sequência dos eventos reais na Casa dos Mortos. O original dessa declaração encontra-se agora nos arquivos do departamento de detetives.

O caderno de notas de Cranmer, embora escrito com uma caligrafia precisa, revelava a insanidade do homem pela incoerência e pelas frequentes repetições. Minha declaração foi aceita agora tanto por alienistas quanto por detetives que tinham teorias diferentes sobre o caso. Ela elimina as insinuações maldosas e suspeitas sobre três dos melhores americanos que já viveram — e também uma estranha suposição sobre supostas tendências criminosas do pobre Joe, o negro.

John Corliss Cranmer enlouqueceu por motivos suficientes!

Como os leitores de ficção popular sabem bem, o ponto forte de Lee Cranmer era a escrita do que se chama — entre os colegas da profissão — de histórias pseudocientíficas. Em palavras simples, isso significa uma narrativa baseada em fatos concretos nos campos da astronomia, química, antropologia, ou qualquer outro, que leva a conclusões lógicas de teorias não comprovadas de homens que dedicam suas vidas a desvendar novos horizontes de conhecimento.

De certa forma, esses homens são aliados da ciência. Frequentemente, eles visualizam algo que nem mesmo os melhores cientistas, de quem obtêm dados, imaginaram, abrindo novos horizontes de possibilidade. De uma maneira grandiosa, Júlio Verne foi um desses homens em sua época; Lee Cranmer prometia continuar esse trabalho de maneira digna — trabalho que foi retomado por um inglês chamado Wells por um período, mas que acabou abandonando em favor de histórias de um tipo diferente — e, na minha humilde opinião, menos envolvente.

Lee escreveu três romances, todos publicados, que tratavam desses temas — dois dos três baseados nas pesquisas de seu próprio pai, e o outro especulando sobre a descoberta e possíveis usos da energia interatômica. Quando John Corliss Cranmer retornou de Praga naquele inverno fatal, o pai informou Lee que um tema ainda maior do que qualquer um com o qual o jovem havia lidado poderia ser explorado.

Cranmer, o pai, havia desenvolvido uma maneira de anular os fatores limitantes na vida e no crescimento dos protozoários; com o tempo e a cooperação de biólogos

especializados em carioquinese e embriologia de formas superiores, ele esperava — colocando a teoria em termos práticos — conseguir criar porcos do tamanho de elefantes, codornas ou galinhas com peitos dos quais se poderia cortar quase cinquenta quilos de carne branca, e bois com cabeças sem chifres que poderiam atingir o terceiro andar de um arranha-céu!

Tal resultado, é claro, revolucionaria os métodos de fornecimento de alimentos. Também traria esperança para todos os espécimes humanos subdimensionados — desde que, se os fatores inibidores de crescimento pudessem ser eliminados, métodos para interromper o gigantismo também pudessem ser desenvolvidos.

Cranmer, o mais velho, através do uso de um meio de crescimento não descrito (no caderno) cujo um dos constituintes era ágar-ágar, e da utilização de emanções de rádio, conseguiu provocar um crescimento aparentemente irrestrito no protozoário paramécio, em certos tipos de crescimento vegetal (incluindo bactérias) e na célula amorfa de protoplasma conhecida como ameba — esta última, uma célula única que contém apenas nucléolo, núcleo e um espaço conhecido como vacúolo contrátil, que de alguma forma auxilia na expulsão de partículas impossíveis de serem assimiladas diretamente. Esse ponto pode ser lembrado em relação às pilhas de madeira deixadas perto das paredes externas ao redor da Casa dos Mortos!

Quando Lee Cranmer e sua esposa foram para o sul para uma visita, John Corliss Cranmer mostrou ao filho uma ameba — normalmente um organismo visível apenas sob um microscópio de baixa potência — da qual ele havia removido as inibições naturais de crescimento. Essa ameba, uma massa amorfa e borrachenta de protoplasma, tinha então o tamanho de um grande fígado bovino. Ela poderia ser segurada em duas mãos em concha, colocadas lado a lado.

“Até que tamanho ela poderia crescer?” perguntou Lee, de olhos arregalados e interessado.

“Até onde eu sei,” respondeu o pai, “não há limite agora! Ela poderia, se conseguisse comida suficiente, crescer até ficar do tamanho do Templo Maçônico!”

“Mas leve-a para fora e mate-a. Destrua completamente o organismo — queimando os fragmentos — caso contrário, não há como prever o que poderia acontecer. A ameba, como expliquei, reproduz-se por simples divisão. Qualquer fragmento que restar pode ser perigoso.”

Lee pegou a célula gigante, borrachenta e translúcida — mas não obedeceu às ordens. Em vez de destruí-la como seu pai havia ordenado, Lee teve uma ideia. E se ele fizesse esse

organismo crescer até um tamanho tremendo? E se, quando a história do feito de seu pai fosse divulgada, uma ameba de muitas toneladas pudesse ser mostrada como evidência? Lee, com uma mente de natureza um tanto sensacionalista, decidiu instantaneamente manter em segredo o fato de que não estava destruindo o organismo, mas incentivando um crescimento ainda maior. A ideia de um possível perigo nunca passou por sua mente.

Ele providenciou para que a coisa fosse alimentada, permitindo um aumento de tamanho normal em uma coisa anormal. No entanto, ela o enganou crescendo muito mais rapidamente. Quando Lee voltou de Cuba, a ameba praticamente ocupava todo o poço de lama. Ele teve que fornecer muito mais alimento...

A célula gigante passou a absorver até dois porcos em um único dia. Durante o dia, enquanto sua fome ainda estava saciada, ela nunca emergia. Isso só ocorria quando não conseguia mais encontrar comida nas proximidades para satisfazer seu apetite voraz e crescente.

Somente o instinto sensacionalista impediu Lee de contar a sua esposa Peggy tudo sobre o assunto. Lee esperava dar um golpe de mestre que imortalizaria seu pai e surpreenderia terrivelmente sua esposa. Por isso, manteve o segredo e fez acordos com o cajun, Rori, que fornecia comida diariamente para o monstro informe da lagoa.

A tragédia em si ocorreu de repente e de forma inesperada. Peggy, alimentando os dois cães Gordon setters que Lee e ela usavam para caçar codornas, estava no quintal da casa antes do pôr do sol. Ela se distraía sozinha, enquanto Lee se vestia.

De repente, seus gritos cortaram o ar quieto! Sem que ela soubesse, pseudópodes de três metros — aqueles tentáculos fluidos de protoplasma lançados pelo sinistro ocupante da lagoa — deslizaram e envolveram seus tornozelos.

Por um momento, ela não entendeu o que estava acontecendo. Então, com a terrível suspeita da verdade, seus gritos rasgaram o ar. Lee, que naquele momento estava lutando para amarrar um par de sapatos altos, levantou-se, empalideceu e pegou um revólver enquanto corria para fora.

Em outra sala, um cientista, absorvido em suas anotações, levantou os olhos, franziu a testa e então — reconhecendo a voz — tirou seu avental branco e saiu. Ele chegou tarde demais para fazer qualquer coisa além de engasgar de horror.

No quintal, Peggy estava meio engolida por algo escamoso e borrachento que, a princípio, ele não conseguiu entender.

Lee, seu filho, lutava contra as dobras pegajosas e, lentamente, estava perdendo sua própria aderência ao chão!

## IX

John Corliss Cranmer estava longe de ser um covarde; ele olhou, gritou alto e correu para dentro de casa, pegando as duas primeiras armas que encontrou — uma espingarda e uma faca de caça que estava em um coldre preso a um cinto com cartuchos pendurado no cabide do hall de entrada. A faca tinha vinte e cinco centímetros de comprimento e era afiada como uma navalha. Cranmer correu novamente para fora. Ele viu algo fluido e indecente que ainda não tinha tido tempo de classificar — formando-se em um centro de quase dois metros de altura bem diante de seus olhos! Parecia um dos micro-organismos que ele havia estudado! Um crescido a dimensões aterrorizantes. Uma ameoba!

Ali, sufocados nos tentáculos borrachentos — mas ainda visíveis sob a gosma brilhante desse monstro — estavam dois corpos.

Eles estavam mortos. Cranmer sabia disso. Mesmo assim, ele atacou o monstro fluido e insensato com sua faca. Disparos não faziam efeito. E ele descobriu que mesmo os cortes profundos e devastadores feitos pela sua faca se fechavam em instantes e se curavam. O monstro era invulnerável a ataques comuns!

Um par de pseudópodes alcançou seus tornozelos, tentando derrubá-lo. Cranmer cortou ambos e conseguiu escapar. Por que ele tentou? Nem ele sabia. Os dois que ele buscava resgatar estavam mortos, enterrados sob as dobras daquela coisa horrível que ele sabia ser sua própria descoberta e criação.

Foi então que o horror e a insanidade tomaram conta dele.

Ali terminava a história de John Corliss Cranmer, exceto por um parágrafo escrito apressadamente — evidentemente redigido na ocasião em que Rori o viu no alto do muro.

Podemos, com segurança, preencher os passos intermediários?

Sabe-se que Cranmer comprou um chiqueiro inteiro de porcos um ou dois dias após a tragédia. Esses animais nunca mais foram vistos. Durante o tempo em que o muro estava sendo construído, não é razoável supor que ele alimentou o organismo gigante dentro do cercado — para mantê-lo quieto? A mente de cientista de Cranmer deve ter visualizado claramente o caos e o horror que poderiam ser causados pela coisa repugnante se ela fosse movida pela fome a escapar do alojamento e atacar a vizinhança!

Com o muro no lugar, ele provavelmente calculou que a fome ou algum outro meio que pudesse prover mataria o monstro. Um dos métodos foi colocar fogo em várias pilhas de madeira descartadas; provavelmente isso não teve efeito algum.

A ameba ainda causaria mais destruição. Em meio à fome, ela lançou sua força informe e gigantesca contra as paredes por dentro; quando toda partícula comestível foi assimilada, os troncos, vigas e outros fragmentos foram expelidos através do vacúolo contrátil.

Durante algumas das suas últimas lutas, sem dúvida, a parede lateral de tijolos foi enfraquecida — não chegando a ruir até que a ameba gigante já não pudesse mais aproveitar-se da brecha. Em sua lassidão final de morte, a ameba se estendeu numa camada fina pelo chão. Lá, ela sucumbiu, embora não haja meios de estimar quanto tempo se passou.

O último parágrafo no caderno de Cranmer, rabiscado tão desajeitadamente que é possível que algumas palavras não tenham sido corretamente decifradas, diz o seguinte:

“Em meu trabalho, encontrei o meio de criar um monstro. A coisa antinatural, por sua vez, destruiu meu trabalho e aqueles que eu amava. É em vão que eu me asseguro da minha inocência de espírito. Meu crime é o da presunção. Agora, como expiação — por mais inútil que seja — eu me dou...”

É melhor não pensar naquele último salto e na luta de um homem enlouquecido no aperto do monstro moribundo.

# A Coisa de Mil Formas

Otis Adelbert Kline

## I

Tio Jim estava morto. Mal conseguia acreditar, mas o pequeno bilhete amarelado, que acabara de ser entregue a mim pelo mensageiro da Western Union, não deixava dúvidas. Era curto e convincente:

“Venha para Peoria imediatamente. James Braddock morreu de insuficiência cardíaca.

Corbin & Seus Advogados.”

Devo explicar aqui que o Tio Jim, irmão da minha mãe, era meu único parente próximo. Tendo perdido pai e mãe no Incêndio do Teatro Iroquois aos doze anos, eu teria sido forçado a abandonar meus planos de terminar o ensino médio e uma formação comercial, não fosse pela sua generosidade nobre. Em sua cidade natal, ele era considerado financeiramente estável, mas eu soube há pouco tempo que havia sido um grande sacrifício para ele gastar os mil e quinhentos dólares por ano para me manter na escola e na faculdade de negócios, e fiquei feliz quando chegou a hora de encontrar um emprego e me tornar independente de sua ajuda.

Meu trabalho como contador em uma firma de comissões na South Water Street, embora não particularmente lucrativo, pelo menos me proporcionava um sustento confortável, e eu era feliz nele — até que a notícia da sua morte chegou.

Levei o telegrama ao meu chefe, consegui uma semana de licença e logo estava a caminho da Estação Central.

Durante toda a viagem para Peoria, pensei no Tio Jim. Ele não era velho — tinha apenas quarenta e cinco anos — e, na última vez que o vi, parecia especialmente saudável e forte. Essa perda repentina do meu parente mais próximo e querido era, portanto, quase inacreditável. Sentia um peso de chumbo no coração e parecia que o nó na minha garganta me sufocaria.

O Tio Jim vivia em uma fazenda de cento e trinta hectares perto de Peoria. Sendo solteiro, ele empregava uma governanta. Os trabalhos da fazenda eram realizados por uma família chamada Severs — homem, esposa e dois filhos — que moravam na casa de funcionários, localizada cerca de trezentos metros atrás da residência principal, em uma distância conveniente dos celeiros, silos e outros edifícios da fazenda.

Como eu disse, os vizinhos do meu tio acreditavam que ele estava financeiramente bem, mas eu sabia que a propriedade estava hipotecada ao limite, de modo que a renda dos campos férteis era praticamente toda consumida pelas despesas gerais e juros.

Se meu tio tivesse sido um homem de negócios no verdadeiro sentido da palavra, sem dúvida ele poderia ter sido rico. Mas ele era um cientista e sonhador, inclinado a deixar a fazenda se administrar sozinha enquanto dedicava seu tempo a estudos e pesquisas. Seu hobby eram os fenômenos psíquicos. Sua sede por mais fatos sobre a mente humana era insaciável. Em busca de seu estudo favorito, ele havia participado de sessões espíritas tanto nos Estados Unidos quanto no exterior com os principais espiritualistas do mundo.

Ele era membro da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres, bem como da Sociedade Americana, e correspondia-se regularmente com cientistas, psicólogos e espiritualistas renomados. Como uma autoridade em fenômenos psíquicos, ele contribuía com artigos para as principais publicações científicas de tempos em tempos e era autor de uma dúzia de livros bem conhecidos sobre o assunto.

Assim, embora cheio de tristeza, minha mente continuava a me trazer memórias das realizações científicas e da vida acadêmica do Tio Jim, enquanto as rodas do trem devoravam as milhas; e o pensamento de que um homem assim havia sido perdido para mim e para o mundo era quase insuportável.

Cheguei a Peoria pouco antes da meia-noite e fiquei aliviado ao encontrar Joe Severs, filho do caseiro do meu tio, esperando por mim com um carro velho. Depois de uma viagem de oito quilômetros na escuridão total por uma estrada esburacada, chegamos à fazenda.

Fui recebido na porta pela governanta, Sra. Rhodes, e por um dos dois homens, vizinhos próximos, que gentilmente se ofereceram para “velar” o corpo. Os olhos da mulher estavam vermelhos de tanto chorar, e as lágrimas voltaram a cair enquanto ela me conduzia ao quarto onde o corpo do meu tio repousava em um caixão cinza.

Uma lâmpada de querosene fraca ardia em um canto da sala, e depois que o vigia silencioso me cumprimentou com um aperto de mão e um aceno triste de cabeça, me aproximei para ver os restos mortais do meu amigo mais querido.

Ao olhar para aquele rosto nobre e gentil, o velho nó na garganta, que por um tempo havia se acalmado, voltou. Esperei lágrimas, soluços dilacerantes, mas eles não vieram. Eu parecia atordoado — confuso.

De repente, e aparentemente contra minha própria razão, me ouvi dizendo em voz alta: “Ele não está morto — apenas dormindo.”

Quando os vigias me olharam surpresos, repeti: “O Tio Jim não está morto! Ele está apenas dormindo.”

A Sra. Rhodes olhou para mim com compaixão, e com um olhar significativo para os outros, disse claramente, como se tivesse falado: “Ele está fora de si.”

Ela e o Sr. Newberry, o vizinho que eu conhecera primeiro, me levaram gentilmente para fora do quarto. Eu mesmo fiquei perplexo com as palavras que havia pronunciado, e não conseguia encontrar uma razão para elas.

Meu tio estava, sem dúvida, morto, pelo menos no que dizia respeito a este mundo físico. Não havia nada na aparência do corpo pálido e rígido que indicasse vida, e ele, sem dúvida, havia sido declarado morto por um médico. Então, por que eu fizera aquela declaração incomum, desnecessária e, na verdade, ridícula? Eu não sabia. Concluí que devia estar enlouquecido pela dor — fora de mim por um momento.

Eu tinha anunciado minha intenção de ficar de vigia com o Sr. Newberry e o outro vizinho, Sr. Glitch, mas fui finalmente convencido a ir para o meu quarto, sob o argumento de que meus nervos estavam à flor da pele e que eu precisava descansar. Decidiu-se, então, que a governanta, que mal havia dormido na noite anterior, e eu, deveríamos nos retirar, enquanto os dois vizinhos se revezariam em turnos de duas horas, com um sentado enquanto o outro dormia em um sofá perto da lareira.

A Sra. Rhodes me conduziu até meu quarto. Rapidamente me despi, apaguei a lâmpada de querosene e me deitei na cama. Demorou um pouco até que eu conseguisse me acalmar para dormir, e me lembro que, quando estava quase pegando no sono, pareceu-me ouvir meu nome pronunciado como se alguém me chamasse de muito longe:

“Billy!” e então, na mesma voz distante: “Salve-me, Billy!”

Eu havia dormido por talvez quinze minutos quando acordei com um sobressalto. Ou eu estava sonhando, ou algo do tamanho e forma de uma enguia semi-adulta estava rastejando pela minha cama.

Por um momento, fiquei paralisado de horror ao perceber a coisa branca e sem nome na fraca luz que vinha da janela. Com um movimento convulsivo, joguei as cobertas de cima de mim, pulei no chão, risquei um fósforo e acendi a lâmpada rapidamente. Pegando minha pesada bengala, avancei em direção à cama.

Movendo as roupas de cama cautelosamente com a bengala e cutucando aqui e ali, descobri que a coisa tinha desaparecido. A porta estava fechada, não havia respiradouro, e a janela estava protegida por tela. Concluí, portanto, que ela ainda devia estar no quarto.



Com esse pensamento em mente, procurei cuidadosamente em cada centímetro do quarto, olhando embaixo e atrás dos móveis, com a lâmpada em uma mão e a bengala na outra. Depois removi toda a roupa de cama e abri as gavetas da cômoda, e não encontrei nada!

Depois de me convencer completamente de que o animal que eu havia visto, ou talvez apenas parecera ver, não poderia estar no quarto, decidi que tinha sofrido um pesadelo e voltei para a cama. Devido ao nervosismo causado pela experiência, não apaguei a luz novamente, mas a deixei bem baixa.

Após meia hora de inquietação, virando e revirando na cama, consegui finalmente adormecer; desta vez por cerca de vinte minutos, quando fui novamente despertado. O mesmo sentimento de horror tomou conta de mim, pois ouvi distintamente um som de algo rolando e arranhando debaixo da cama. Fiquei absolutamente imóvel e esperei enquanto o som continuava. Algo estava aparentemente se arrastando sob minha cama, e parecia estar se movendo lentamente em direção aos pés, de forma lenta e laboriosa.

Cautelosamente, sentei-me, inclinei-me para frente e espiei por cima da cabeceira. Os sons ficaram mais distintos, e uma massa branca e arredondada, que parecia um porco-espinho enrolado com espinhos projetando-se, emergiu debaixo da cama. Soltei um grito sufocado de medo, e a coisa desapareceu diante dos meus olhos!

Sem esperar para procurar mais pelo quarto, pulei da cama para o ponto mais próximo da porta, abri-a com força e saí correndo em direção à sala de estar, vestindo apenas o pijama. No entanto, à medida que me aproximava do cômodo, parte da minha coragem perdida voltou, e eu diminuí o ritmo para uma caminhada. Raciocinei que uma entrada precipitada na sala poderia despertar a casa, e que talvez, afinal, eu fosse apenas vítima de um segundo pesadelo. Resolvi, portanto, não dizer nada aos vigias sobre a minha experiência, mas apenas dizer que não conseguia dormir e que tinha descido para procurar companhia.

Newberry me encontrou na porta.

“O que houve?” ele perguntou. “Você está pálido. Algum problema?”

“Nada além de uma leve indigestão. Não consegui dormir, então desci para fazer companhia.”

“Você deveria ter trazido um roupão ou algo do tipo. Pode pegar um resfriado.”

“Ah, estou bastante confortável assim,” eu disse. Newberry remexeu os troncos na lareira até formar uma chama, e nós movemos nossas cadeiras para perto do círculo de calor que tremeluzia. A luz fraca ainda estava acesa no canto do quarto, e Glitch roncava no sofá.

“Coisa curiosa,” disse Newberry, “as instruções que seu tio deixou.”

“Instruções? Que instruções?” perguntei.

“Como assim, você não sabia? Claro que não sabia. Ele deixou instruções escritas com a Sra. Rhodes para que, em caso de sua morte repentina, seu corpo não fosse embalsamado, embalado em gelo ou preservado de qualquer maneira, e que não fosse enterrado sob nenhuma circunstância até que a decomposição tivesse começado. Ele também ordenou que nenhuma autópsia fosse realizada até que se tivesse decidido definitivamente que a putrefação havia ocorrido.”

“Essas instruções foram cumpridas?” perguntei.

“À risca,” ele respondeu.

“E quanto tempo vai levar para que a putrefação comece?”

“Os médicos dizem que provavelmente será notada em vinte e quatro horas.”

Refleti sobre essa estranha ordem do meu tio. Parecia-me que ele devia ter medo de ser enterrado vivo ou algo do tipo, e lembrei-me de vários casos dos quais tinha ouvido falar, em que corpos, ao serem exumados, foram encontrados virados em seus caixões, enquanto outros aparentemente haviam arrancado os cabelos e arranhado a tampa em suas tentativas de escapar de um túmulo em vida.

Eu estava começando a me sentir sonolento novamente e acabava de começar a cochilar, quando Newberry segurou meu braço.

“Olhe!” ele exclamou, apontando para o corpo.

Olhei rapidamente e pareceu-me ver algo branco por um instante, perto das narinas.

“Você viu?” ele perguntou ofegante.

“Ver o quê?” respondi, querendo saber se ele tinha visto a mesma coisa que eu.

“Eu vi algo branco, como um vapor espesso ou um véu translúcido, saindo do nariz dele. Quando falei com você, pareceu se retrair. Você não viu?”

“Pensei ter visto um lampejo branco quando você falou, mas deve ter sido imaginação.”

Chegou o momento de Glitch fazer a vigia, então meu companheiro o acordou, e eles trocaram de lugar. Newberry logo adormeceu, e Glitch, sendo um alemão estoico, falou pouco. Em pouco tempo, fiquei sonolento e adormeci na cadeira.

Um grito de Glitch me fez pular de pé. “Acordem e ajudem a pegar o gato!”

“Que gato?” perguntou Newberry, também acordando.

“O grande gato branco,” disse Glitch, visivelmente agitado. “Agora mesmo ele entrou pela porta e pulou no caixão.”

Nós três corremos para o caixão, mas não havia sinal de gato algum, e tudo parecia estar em ordem.

“Isso é estranho,” disse Glitch. “Talvez esteja escondido em algum lugar do quarto.”

Procuramos pela sala, sem sucesso.

“Você está vendo coisas,” disse Newberry.

“Como era o animal?” perguntei.

“Branco e grande como um cachorro. Ele entrou pela porta assim, correu pelo chão assim, e pulou no caixão exatamente assim. Ach! Era uma criatura feroz.”

Glitch estava muito sério e gesticulava rapidamente enquanto descrevia a aparência e os movimentos do felino. Talvez eu tivesse vontade de rir, se não fosse pela minha própria experiência naquela noite. Notei também que a expressão de Newberry estava longe de ser divertida.

Já eram quase quatro da manhã, hora de Newberry vigiar, mas Glitch protestou que não conseguiria dormir nem mais um minuto, então nós três puxamos cadeiras para perto do fogo. De cada lado da lareira havia uma grande janela. As cortinas estavam completamente fechadas e cobertas por pesadas cortinas de renda. Por acaso, olhei para a janela à esquerda e notei algo de cor cinza-rato pendurado perto do topo de uma das cortinas. Enquanto olhava, pensei ver um leve movimento, como se uma asa estivesse sendo esticada um pouco e depois dobrada, e a coisa assumiu a aparência de um grande morcego-vampiro, pendurado de cabeça para baixo.

Chamei a atenção dos meus companheiros para nosso visitante singular, e ambos o viram tão claramente quanto eu.

“Como acha que ele entrou?” perguntou Newberry.

“Engraçado não termos visto ele antes,” disse Glitch.

Peguei as tenazes da lareira e Newberry agarrou o atizador. Subindo suavemente até a cortina, fiquei na ponta dos pés e alcancei o animal com as tenazes. No entanto, ele foi rápido demais para mim e voou para fora do meu alcance. Seguiu-se uma perseguição pela sala que durou vários minutos. Vendo que seria impossível capturar a criatura por esse método, desistimos da caçada, e ela se acalmou e voltou a se pendurar de cabeça para baixo no friso do quadro.

Ao ver isso, Glitch, que tinha pego um livro pesado da mesa, arremessou-o contra o visitante indesejado. Sua mira foi boa, e a coisa soltou um guincho ao ser esmagada contra a parede.

Nesse momento, pensei ter ouvido um gemido vindo da direção do caixão, mas não pude ter certeza.

Newberry e eu corremos para onde o livro havia caído, prontos para acabar com a coisa com o atizador e as tenazes, mas só o livro estava no chão. A criatura havia desaparecido completamente.

Peguei o livro e notei, ao fazer isso, uma mancha acinzentada na capa de trás. Levando-o para mais perto da luz, vimos que tinha uma aparência ensaboada. Enquanto olhávamos, a substância parecia ser absorvida, seja pela atmosfera ou pelo tecido da capa do livro. Restava, no entanto, uma mancha seca, branca e levemente definida na capa.

“O que vocês acham disso?” perguntei.

“Estranho!” disse Newberry.

Virei-me para Glitch e percebi, pela primeira vez, que seus olhos estavam arregalados de medo. Ele balançou a cabeça e lançou olhares furtivos em direção ao caixão.

“O que você acha que é?” perguntei.

“Um vampiro, talvez. Um vampiro de verdade.”

“O que você quer dizer com um vampiro de verdade?”

Glitch então descreveu como, no folclore de sua terra natal, havia histórias de cadáveres que continuavam a viver na sepultura. Acreditava-se que os espíritos desses cadáveres assumiam a forma de enormes morcegos-vampiros à noite e saíam sugando o sangue das pessoas vivas, com o qual retornavam ao túmulo de tempos em tempos para nutrir o cadáver. Esse ciclo continuava indefinidamente, a menos que o corpo fosse exumado e uma estaca fosse cravada em seu coração.

Ele contou, em particular, a história de um húngaro chamado Arnold Paul, cujo corpo foi desenterrado após quarenta dias de sepultamento. Descobriu-se que suas bochechas estavam ruborizadas de sangue, e que seu cabelo, barba e unhas haviam crescido no túmulo. Quando a estaca foi cravada em seu coração, ele soltou um grito terrível e uma torrente de sangue jorrou de sua boca.

A história do vampiro tomou conta da minha imaginação de uma forma peculiar. Pensei novamente no pedido estranho de meu tio sobre a disposição de seu corpo e nas aparições estranhas que eu havia visto. Por um momento, tornei-me um adepto da teoria do vampiro.

No entanto, meu bom senso logo me convenceu de que não poderia haver algo como um vampiro e, mesmo que existisse, um homem cujo caráter fosse tão nobre quanto o de meu falecido tio certamente nunca recorreria a práticas tão horríveis e repulsivas.

Sentamo-nos juntos em silêncio enquanto os primeiros raios de luz da manhã surgiam no leste. Poucos minutos depois, o aroma bem-vindo de café e bacon fritando chegou até nós, e a Sra. Rhodes entrou para anunciar que o café da manhã estava pronto.

Depois do café, meus novos amigos partiram para suas casas, ambos me garantindo que ficariam felizes em voltar e vigiar comigo novamente naquela noite.

No entanto, li algo no jeito inquieto de Glitch que me levou a acreditar que não poderia contar com ele e, portanto, não fiquei muito surpreso quando ele me telefonou uma hora depois, dizendo que sua esposa estava doente e que ele não poderia vir.

## II

Saí para o lado de fora para aproveitar um charuto, confortado pelos raios do sol da manhã após a experiência da noite.

Era agradável, pensei, estar mais uma vez no reino do natural, ver as árvores vestidas com a folhagem de outono, sentir o farfalhar das folhas caídas sob os pés e encher meus pulmões com o ar picante e revigorante de outubro.

Um esquilo cinzento atravessou rapidamente meu caminho, com as bochechas cheias de bolotas. Um bando de melros, migrando para o sul, parou por alguns momentos nas árvores acima de minha cabeça, tagarelando ruidosamente; em seguida, retomaram sua jornada com um súbito bater de asas e algumas notas roucas de despedida.

“É apenas um passo,” refleti, “do natural para o sobrenatural.”

Essa observação despertou um novo pensamento. Afinal, algo poderia ser mesmo sobrenatural — acima da natureza? A natureza, segundo minha crença, era apenas outro nome para Deus, mente eterna, governante onipotente, onipresente e onisciente do universo. Se Ele era onipotente, algo poderia ocorrer contrariamente às Suas leis? Obviamente, não.

A palavra “sobrenatural” era, afinal, apenas uma expressão inventada pelo homem em sua ignorância finita, para definir aquilo que ele não compreendia. A telegrafia, a telefonia, o fonógrafo, o cinema — tudo isso teria sido visto com superstição em uma época menos avançada que a nossa. O homem só precisava se familiarizar com as leis que regem essas coisas para descartar o termo “sobrenatural” como aplicado às suas manifestações.

Que direito, então, eu tinha de chamar os fenômenos que acabara de testemunhar de sobrenaturais? Eu poderia chamá-los de supranormais, mas considerá-los sobrenaturais seria acreditar no impossível: a saber, que aquilo que é todo-poderoso foi sobrepujado.

Resolvi, ali mesmo, que se outros fenômenos se manifestassem naquela noite, eu, na medida do possível, conteria minha superstição e medo, os encararia com o olhar de um filósofo e tentaria aprender sua causa, que necessariamente seria regida por uma lei natural.

Uma nuvem cinza de poeira e o ronco de um motor anunciaram a chegada de um automóvel. No minuto seguinte, um velho carro, cujas peculiaridades eu já conhecia, cruzou a entrada da propriedade e parou diante de mim. Joe Severs, o filho mais velho do inquilino do meu tio, desceu e correu em minha direção.

“Glitch, a esposa dele morreu esta manhã,” disse Joe, ofegante. “E ele jura que o Sr. Braddock é um vampiro e sugou o sangue dela.”

“Que bobagem!” respondi. “Ninguém acredita nisso, né?”

“Não tenho tanta certeza,” disse Joe. “Alguns dos fazendeiros estão levando isso bem a sério. Um dos meninos da família Langdon, da primeira fazenda ao norte daqui, ficou doente hoje de manhã. O médico não sabe o que ele tem. O pessoal tá achando isso muito esquisito.”

A Sra. Rhodes apareceu na varanda da frente.

“Uma ligação telefônica para o senhor,” ela disse.

Corri para o telefone. Uma mulher estava falando.

“Aqui é a Sra. Newberry,” ela disse. “Meu marido está terrivelmente doente e me pediu para avisá-lo que não poderá ficar com o senhor esta noite.”

Agradei à senhora, ofereci minhas condolências e desejei sinceramente a rápida recuperação de seu marido. Feito isso, escrevi uma nota de simpatia para o Sr. Glitch e a entreguei a Joe para que a levasse.

Aqui estava, de fato, uma situação complicada. A esposa de Glitch morta, Newberry seriamente doente, e toda a vizinhança apavorada com essa história impossível de vampiros! Eu sabia que seria inútil pedir a qualquer outro vizinho que vigiasse comigo. Obviamente, eu estava destinado a enfrentar os terrores da próxima noite sozinho. Estaria eu à altura da tarefa? Será que meus nervos, já abalados pela experiência da noite anterior, aguentariam o desafio?

Devo confessar, e não sem um sentimento de vergonha, que naquele momento senti um forte impulso de fugir, para qualquer lugar, e deixar os assuntos do meu falecido tio se resolverem como pudessem.

Com essa ideia em mente, fui para o meu quarto e comecei a arrumar minha mala. Algo caiu no chão. Era a última carta do meu tio, recebida apenas um dia antes de chegar o

telegrama anunciando sua morte. Hesitei, mas peguei a carta e a abri. O último parágrafo chamou minha atenção:

“E, Billy, meu rapaz, não se preocupe mais com o dinheiro que lhe adiantei. Foi, como você disse, um considerável peso sobre os meus recursos, mas dei de bom grado, com alegria, pela educação do filho da minha irmã. Meu único arrependimento é não ter conseguido fazer mais.

“Afetuosamente,  
“Tio Jim.”

Uma onda de culpa me invadiu. O remorso da minha consciência foi agudo e doloroso. Eu estava prestes a cometer um ato covarde e desonroso.

“Graças a Deus pela intervenção acidental dessa carta,” disse fervorosamente.

Minha resolução agora estava firmemente tomada: eu enfrentaria aquilo a qualquer custo. O amor nobre e o sacrifício generoso do meu tio não ficariam sem retribuição.

Rapidamente desfiz minha mala e desci as escadas. O resto do dia foi tranquilo, mas a noite... como eu temia a chegada da noite! Enquanto eu estava na varanda, observando o último brilho do pôr do sol lentamente se apagar, desejei que, como Josué, eu pudesse fazer o sol e a lua pararem.

O crepúsculo chegou rápido demais, acelerado por uma massa de nuvens pesadas que surgiu no horizonte oeste, e a escuridão sucedeu ao crepúsculo com uma rapidez incomum.

Entre na casa e percorri o corredor que levava à sala de estar, com a mesma sensação, sem dúvida, que um condenado experimenta ao entrar na cela da morte.

A governanta acabara de colocar o lampião, recém-limpo e cheio de óleo, na sala. O irmão mais novo de Joe Severs, Sam, tinha arrumado a lareira com lenha, gravetos e papel por baixo, prontos para serem acesos. A Sra. Rhodes me desejou um gentil “Boa noite, senhor” e se retirou silenciosamente.

Finalmente, o momento temido havia chegado. Eu estava sozinho com os poderes sem nome da escuridão.

Tremi involuntariamente. Um frio úmido tomava o ar, e acendi os gravetos sob as toras na lareira. Em seguida, puxando as cortinas para bloquear a escuridão total da noite, acendi meu cachimbo e fiquei à luz acolhedora.

Sob a influência reconfortante do cachimbo e do calor, meu sentimento de medo foi temporariamente dissipado. Peguei um livro na mesa da biblioteca e me acomodei para ler. Chamava-se “A Realidade dos Fenômenos de Materialização” e havia sido escrito pelo meu tio. Os editores eram Bulwer & Sons, de Nova York e Londres.

Era aparentemente um registro das observações feitas pelo meu tio em sessões de materialização nos Estados Unidos e na Europa. Contrariando meu costume de começar um livro sem ler a introdução, comecei lendo a do autor. Ele iniciava expressando o desejo de que aqueles que lessem a obra deixassem de lado todo preconceito e ideias preconcebidas sobre o assunto, que não se baseassem em conhecimento positivo; depois, que avaliassem os fatos como ele os encontrou antes de tirar uma conclusão definitiva.

O seguinte trecho, em particular, prendeu minha atenção:

“Embora seja preciso admitir, com pesar, que há muitas pessoas que se dizem médiuns, que enganam seus consulentes noite após noite e cujas produções são, conseqüentemente, meras ilusões ópticas, produzidas por enganação e prestidigitação, o autor, no entanto, reuniu, nas sessões registradas neste livro, onde toda possibilidade de fraude foi excluída por rigorosa verificação e controle, evidências incontestáveis de que materializações genuínas são, e podem ser, produzidas.

“A origem e a composição física — se é que é física — de um fantasma materializado por um verdadeiro médium, permanecem, até o presente momento, inexplicáveis. Que tais manifestações não são alucinações, já foi provado repetidas vezes por meio de fotografias. Seria necessário, de fato, um grande esforço de credulidade para acreditar que uma simples alucinação pudesse ser fotografada.

“Como afirmei, a natureza exata e a origem dos fenômenos são aparentemente inescrutáveis; no entanto, é um fato notável que as manifestações mais intensas ocorrem quando o médium está em estado de catalepsia, ou animação suspensa. Suas mãos ficam frias — seu corpo se torna rígido — seus olhos, se abertos, parecem fixos no espaço —”

Um estrondo de trovão, seguido rapidamente por uma rajada de vento, interrompeu bruscamente minha leitura. A governanta apareceu na porta, com uma lamparina na mão.

“O senhor poderia me ajudar a fechar as janelas?” ela perguntou. “Uma grande tempestade está chegando, e precisamos fechá-las rapidamente, ou os móveis e o papel de parede ficarão encharcados.”

Subimos as escadas juntos. Eu corri de janela em janela, enquanto ela iluminava o caminho com a fraca luz da lamparina. Terminada essa tarefa, ela novamente me desejou “Boa noite,” e eu voltei para a sala de estar.

Ao entrar, olhei para o caixão e, em seguida, olhei de novo enquanto um sentimento de horror se apoderava de mim. Ou eu estava sonhando, ou ele tinha sido completamente coberto com um lençol branco durante minha ausência.



Esfreguei os olhos, me belisquei e avancei para confirmar a evidência da minha visão pelo sentido do tato. Quando estendi a mão, o centro do lençol subiu em um pico afiado, como se fosse levantado por alguma presença invisível, e todo o tecido começou a subir em direção ao teto. Afastei-me com um grito de pavor, observando-o com talvez a mesma fascinação que um pássaro ou animal condenado sente ao olhar nos olhos de uma serpente prestes a devorá-lo.

A ponta tocou o teto. Houve um estrondo de trovão, acompanhado por um relâmpago ofuscante que iluminou a sala pelas laterais das persianas mal ajustadas, e me vi olhando para o teto nu.

Caminhando atordoado até a lareira, cutuquei os troncos até que ardessem e, então, sentei-me para reunir meus pensamentos. Torrentes de chuva batiam contra os vidros das janelas. O trovão rugia e os relâmpagos piscavam incessantemente.

Peguei meu cachimbo e estava prestes a acendê-lo quando uma visão estranha me interrompeu. Algo redondo e achatado, com cerca de quinze centímetros de diâmetro e de cor acinzentada, estava se movendo pelo chão, do caixão em direção ao centro da sala. Observei, fascinado, enquanto o sangue parecia congelar em minhas veias. Aquilo não rolava nem deslizava pelo chão; parecia mais fluir para a frente.

Lembrou-me, mais do que qualquer outra coisa, um ameba, um daqueles microscópicos e unicelulares organismos que eu havia examinado durante os estudos de zoologia. Uma ameba ampliada, talvez, milhões de vezes. Eu podia ver claramente enquanto ela projetava prolongamentos semelhantes a pseudópodes de tempos em tempos e, logo depois, os recolhia rapidamente para a massa do corpo.

O fósforo aceso queimou meus dedos, e eu o deixei cair na lareira. Enquanto isso, a criatura havia chegado ao centro da sala e parou. Uma metamorfose estava acontecendo diante dos meus olhos. Para minha surpresa, no lugar de uma ameba ampliada, eu vi um trilobita gigantesco, maior, é verdade, do que qualquer espécime já encontrado, mas, ainda assim, fiel à forma em cada detalhe.

O trilobita, por sua vez, transformou-se em uma estrela-do-mar de cores brilhantes, com tentáculos se contorcendo ativamente. A estrela-do-mar tornou-se um caranguejo, e o caranguejo, um golfinho nadando pelo ar como se estivesse na água. O golfinho então se transformou em um enorme lagarto verde que rastejava pelo chão.

Logo, o lagarto desenvolveu grandes asas com membranas, sua cauda encurtou, suas mandíbulas se alongaram com uma bolsa semelhante à de um pelicano por baixo delas, e seu corpo parecia parcialmente coberto por escamas de uma cor negra enferrujada. Eu descobri

mais tarde que aquilo era uma representação fantasmagórica de um pterodáctilo, ou um réptil voador pré-histórico. Para mim, em meu estado de terror, parecia uma criatura saída do inferno.

A criatura ficou ereta, esticou as asas e bateu no ar como se as estivesse testando; depois subiu e deu duas voltas pela sala, batendo as asas preguiçosamente como uma garça, e mais uma vez pousou no meio do chão.

A criatura dobrou cuidadosamente suas asas, e percebi que novas mudanças estavam acontecendo. As escamas estavam se transformando em penas — as pernas se alongaram e ficaram envoltas em uma pele espessa e escamosa. As garras se engrossaram, transformando-se em pés de dois dedos, como os de um avestruz. A cabeça também parecia com a de um avestruz, enquanto as asas se encurtaram e se cobriram de penas, mas sem plumas. A ave era muito maior do que qualquer avestruz ou ema que eu já tinha visto e andava majestosamente, com a cabeça quase tocando o teto.

Logo, ela também parou no centro da sala — o pescoço foi ficando cada vez mais curto — as penas se transformaram em pelo — as asas se alongaram em braços que chegavam abaixo dos joelhos, e eu estava cara a cara com uma criatura gigantesca parecida com um gorila. Ela rugiu de forma horrível, lançando olhares rápidos ao redor da sala, com seus olhos fundos brilhando como brasas.

Senti que meu fim havia chegado, mas não conseguia me mover para escapar. Queria me levantar e pular pela janela, mas meus membros sem força não respondiam. Enquanto olhava, o pelo da criatura se transformou em uma cobertura fina de cabelos, e ela começou a assumir uma forma semelhante à de um homem. Fechei os olhos e estremei.

Quando abri os olhos um momento depois, vi o que poderia ser o “elo perdido”, meio homem, meio besta. O rosto, com a testa recuada e as sobrancelhas salientes, era semelhante ao de um macaco, mas também humano. Em sua cintura estava envolvida uma grande pele de tigre. Em sua mão direita, ele brandia um enorme porrete trançado.

Gradualmente, a criatura se tornava mais humana e menos simiesca. O porrete se transformou em uma lança, a lança em uma espada, e eu vi um soldado romano, completamente equipado para a batalha, com elmo, armadura, escudo e sandálias.

O soldado romano se transformou em um cavaleiro, e o cavaleiro em um mosqueteiro. O mosqueteiro se transformou em um soldado colonial.

Nesse instante, houve um estrondo de vidro quebrando, e o galho de uma árvore atravessou a janela à direita da lareira. A cortina se ergueu com um estalo, e o soldado desapareceu, enquanto um brilho intenso de relâmpago iluminava a sala.

Corri até a janela e vi que o galho pendente de um olmo tinha sido quebrado pelo vento e arremessado através do vidro. A chuva estava entrando em torrentes.

A empregada, que ouvira o barulho, apareceu na porta. Ao ver a chuva entrando pela janela, ela saiu e voltou um momento depois com um martelo, pregos e um lençol dobrado. Com dificuldade, devido ao vento forte, preguei o lençol na moldura da janela e puxei a cortina para baixo novamente.

A Sra. Rhodes havia se retirado.

Consultei meu relógio. Faltava apenas um minuto para a meia-noite.

Apenas metade da noite se foi! Eu seria forte o suficiente para suportar a outra metade?

Esta história será concluída na próxima edição da WEIRD TALES.

# O Mistério de Black Jean

Julian Kilman

Sim, senhor, já que você perguntou, houve muitas especulações sobre onde Black Jean finalmente desapareceu.

Ele era um francês-canadense e um homem magro — tinha seis pés e cinco polegadas de altura; seus olhos eram pequenos, juntos e pretos; usava um longo bigode fino que caía; e era tão peludo quanto seus dois ursos.

Acho que ele simplesmente veio parar aqui no Norte, ganhando a vida como podia, lutando com os ursos e fazendo-os lutar entre si. Foi no hotel King William que muitas vezes vi Black Jean beber uísque em grandes quantidades e também dar aos ursos. Sim, ele era interessante, especialmente para nós, garotos.

Enquanto o francês-canadense e seus animais de truques estavam se tornando uma história velha, apareceu — com certa licença — um ianque que disse que colocaria um moinho de vento em Morgan's Cove se conseguisse cal virgem para fazer a argamassa.

Black Jean disse que sabia como fazer cal e, se lhe dessem tempo, ele levantaria um forno. Então, o francês-canadense foi ao trabalho e construiu aquele forno de cal que você vê ali.

Eu era bem jovem na época e lembro como Black Jean, um pouco depois, construiu sua cabana. Eu costumava me esconder e observá-lo com seus ursos. Eles trabalhavam juntos como homens, com uma mulher de aparência feia que havia se juntado a eles. Montaram a cabana, com os ursos fazendo a maior parte do trabalho pesado.

O lugar que ele escolheu para a cabana — ali onde aquele grupo de árvores... Não, não nessa direção — mais para a direita, cerca de meia milha. Aquele lugar é chamado de “Coluna Dividida”, porque há uma fenda profunda na rocha feita por algum terremoto. O francês-canadense construiu sua cabana do lado da fenda, e como a mulher discutia com ele sobre os ursos dormirem dentro da cabana, ele fez uma porta no chão do edifício e colocou um pequeno tronco para que os ursos pudessem subir e descer de seu covil embaixo.

O forno, você pode ver por si mesmo, é um forno de poço, chamado assim porque fica na lateral de uma colina, e a pedra calcária é alimentada de cima e o combustível de baixo. Funciona como uma grande chaminé, e quando Black Jean acendia o fogo e ele pegava bem, rugia pelas pedras e as cozinhava. Você podia ver a chama a um quilômetro de distância.

Um dia, Black Jean foi ao King William procurar aquele ianque. Parece que o indivíduo não havia pago pela cal. Quando Black Jean não o encontrou na taverna, ele começou a ir para Morgan's Cove.

Nunca soube quem atacou primeiro; mas dizem que o ianque chamou Black Jean de “maldito come-sapo” e houve uma briga; e naquela tarde o francês-canadense veio à taverna com seus ursos, e os três ficaram bêbados. Black Jean costumava colocar uma focinheira no maior dos ursos, mas ao inclinar a cabeça do bruto, ele conseguia despejar uísque pela garganta dele. Eles ficaram bem embriagados, e então alguém desafiou Black Jean a lutar com o urso de focinheira.

Havia uma grande árvore em frente à taverna, e perto dela havia uma bomba velha com uma grande alavanca de ferro. Black Jean e o urso começaram a lutar sob a árvore, os dois se agarrando e xingando até ofegar por um pouco ar. Nesse dia, o grande urso estava mais agressivo do que o normal, e Black Jean perdeu a paciência. Era seu costume, quando se via em uma situação difícil, dar um chute no estômago do urso; e desta vez ele começou a usar os pés.

De repente, ouvimos um rasgar de roupa. O urso havia afiado suas garras; eram cortantes como lâminas e rasgaram as roupas de Black Jean em pedaços, fazendo-o sangrar. Black Jean se soltou, os olhos brilhando e os dentes cerrados. Como um raio, ele pegou sua adaga, pulou sobre o bruto e cravou a faca em seu olho, fazendo uma rápida torção. O globo ocular saltou e pendurou-se em pedaços ao lado da mandíbula do urso.

Nunca poderei esquecer o grito que aquele urso deu, soando quase humano, e como meu pai me pegou e se escondeu atrás da árvore quando o urso avançou em direção a Black Jean. Mas o animal estava quase cego, e Black Jean teve tempo de arrancar a alavanca de ferro da bomba; e então, usando-a como se não pesasse mais do que o pensamento de uma aranha, ele bateu na cabeça do urso. Ele o derrubou.

Então meu pai disse: “Esse urso vai te matar um dia, Jean.”

Black Jean colocou a alavanca de volta no lugar.

“Bagosh! Você acha isso mesmo?” ele zombou. “Talvez eu mate ela, hein?”

Nossa casa ficava ao lado do terreno onde Black Jean morava, e foi só na manhã seguinte que ouvimos um grito alto vindo da Colina Dividida. Eu era pequeno, mas ágil, e quando cheguei à cabana de Black Jean, estava à frente do meu pai. Vi o francês-canadense encostado em um toco de árvore, completamente sozinho, com sangue escorrendo pelo rosto.

“Por Deus, Monsieur!” ele exclamou, quando meu pai se aproximou, “Ela arranhou meu olho.”

Meu pai achou que ele estava falando da mulher.

“Quem fez isso?” ele perguntou.

“Aquele maldito urso,” disse Black Jean. “Ela simplesmente chegou e enfiou as patas no meu olho.”

Meu pai segurou Black Jean e o ajudou a entrar na cabana.

“Qual urso foi?” ele perguntou.

Black Jean caiu para frente sem responder. Ele havia desmaiado.

Ajudei meu pai a carregá-lo para dentro da casa — ele era pesado demais para uma pessoa só — e assim que entramos, ouvimos um rosnado, e o grande urso com focinheira desceu deslizando pelo poste para seu ninho.

Bem, procuramos a mulher, esperando que ela nos ajudasse: mas não conseguimos encontrá-la, o que foi a primeira indicação de que ela havia deixado Black Jean.

O olho do francês-canadense demorou dois ou três meses para cicatrizar, e depois disso ele veio à nossa casa para pegar algo que pudesse usar sobre a órbita vazia. Então meu pai martelou um pedaço circular de cobre, cerca de duas vezes o tamanho de uma moeda de prata, e fez um furo em lados opostos para passar um cordão de couro que o mantivesse no lugar. Black Jean sempre usava aquilo depois. Ele parecia vaidoso com aquele pedaço de cobre, pois sempre o mantinha polido e brilhante, até que em um dia ensolarado, ele reluzia como um pedaço de fogo.

Naquele outono, os colonos abriram a primeira escola do distrito e trouxeram uma professora dos “Estados Unidos”.

Preciso contar sobre essa professora. Ela era uma coisinha frágil e magrinha que você pensaria que o vento levaria embora. Alguns diziam que ela era bonita e outros que não era. Eu poderia chamá-la de bonita, se os olhos dela não fossem tão negros — por aqui, você não vê muitos olhos negros — castanhos, talvez, e azuis e cinzas, mas não negros. O fato é que havia apenas duas pessoas nessas redondezas com aqueles olhos negros: Black Jean e a pequena professora.

Bem, ela chegou. E não passou nem um mês antes de notarem que Black Jean estava vindo para a cidade com mais frequência. E, além disso, ele estava passando pela escola e esperando por lá com seus ursos.

Isso continuou. Dizem que no começo ela não prestou muita atenção nele, mas eu não posso confirmar, porque eu era muito jovem. Mas com o tempo começaram a falar, e chegou aos meus ouvidos: então eu comecei a observar. E me lembro de uma tarde, depois que a professora nos dispensou, todos fomos até onde os ursos estavam. A professora nos seguiu.

Black Jean estava sorrindo e mostrando seus dentes brancos.

“Linda senhorita,” ele disse, “Olhos tão negros, muito parecidos com as costas de um inseto d'água.”

A professora sorriu e disse algo que eu não entendi. Devia ser francês. Nunca tinha visto um francês perto de uma mulher antes, e as maneiras de Black Jean eram novas para mim. Ali estava um homem grande, desengonçado, fazendo reverências e segurando o boné nas mãos. Nós, garotos, rimos daquilo — ele segurando o boné nas mãos.

O resumo da história é que o francês-canadense estava cortejando a professora. E, claro, todo mundo comentou sobre isso; diziam que era uma vergonha; diziam que, se ela não tivesse o bom senso de perceber que tipo de homem ele era, alguém deveria alertá-la.

Muitas vezes me perguntei o que teria acontecido se alguém tivesse ido falar com aquela mulher sobre Black Jean. Sei que eu nunca teria coragem de fazer isso, porque, sem saber o motivo, eu tinha medo dela. Acho que talvez seja por isso que os outros também não o fizeram.

Não havia dúvida de que ela estava incentivando Black Jean. Ela não parecia se incomodar nem um pouco com as atenções dele, e eu ainda consigo vê-los: ela, pequena e bonita, com um vestido branco, e Black Jean parado por ali com seus ursos, sujo e imponente, uma cabeça e ombros acima dela.

Black Jean continuava aparecendo e as pessoas continuavam falando, até que finalmente alguém disse que ela tinha ido a Colina Dividida.

E um dia eu comecei a entender também. Foi quando ela estava castigando alguns alunos. Três deles estavam enfileirados na frente dela, e ela começou a bater nas mãos estendidas com uma régua grossa. Bem na minha frente estava Ben Anger. Ele era o menor de todos e tremia como uma folha.

A primeira pancada nele deve ter provocado uma marca nas mãos dele, porque ele choramingou. Ela bateu nele de novo, e ele fechou os dedos. Nessa hora, ela pegou o canivete que ele estava usando para talhar no banco e começou a forçar os dedos dele até que o sangue começou a escorrer.

De onde eu estava sentado, vi o rosto dela enquanto ela fazia isso. Tinha a expressão de um demônio. Não falei nada para minha família sobre isso: mas não fiquei surpreso quando, na semana seguinte, chegou a notícia de que tínhamos uma nova professora — a pequena havia ido morar com Black Jean.

Bem, houve mais comentários — falaram em expulsar os dois do distrito. Mas nada foi feito, e uma noite, um mês depois, houve uma batida na nossa porta e o franco-canadense entrou cambaleando. Ele estava carregando a professora nos braços.

“O que aconteceu?” meu pai perguntou.

“Aquela maldita urso,” rosnou Black Jean — “Ela tentou matar a Madame.”

Ele colocou a mulher na cama. Ela parecia estar bem machucada, e chamamos o médico. Minha mãe só deixou ela ficar na casa naquela noite, chocada com o fato de que ela estava vivendo com o franco-canadense.

No fim, ela não estava muito machucada, e meu pai continuava tentando descobrir o que exatamente tinha acontecido. Mas ele não conseguiu. Eu sabia, no entanto. Quase todo o meu tempo, quando não estava na escola ou levando recados para as pessoas, eu passava observando aquele casal, e naquela mesma tarde eu tinha visto ela enfiar um atizador quente no lado da urso menor e torcer no pelo dela até que ela gritasse. E a urso deve ter esperado o momento certo e atacado — aqueles bichos eram como gente.

Na manhã seguinte, Black Jean veio buscar sua mulher, e eu saí de fininho e segui os dois. Sabia que ia acontecer mais coisa. E estava certo. Os dois entraram na cabana, e logo depois ouvi uma confusão, e lá veio Black Jean com o urso menor, seguido pela mulher. Ela estava carregando um chicote de couro cru.

O franco-canadense tinha enrolado uma corrente em cada pata dianteira do animal e, puxando-o para debaixo de uma árvore, jogou a outra ponta da corrente por um galho baixo e puxou o urso do chão. Depois, enrolou o final da corrente ao redor do tronco da árvore e sentou-se. O urso ficou pendurado, com as patas cruzadas, se contorcendo e sem poder fazer nada.

E ali, naquele dia claro e sob o sol quente, a mulher começou a chicotear o urso. Ela o açoitava até ele chorar como uma criança. Black Jean assistia a tudo e sorria.

“Bah!” ele gritou, depois que a mulher começou a se cansar. “Ela acha que você está brincando. Bata mais forte. Acerte os olhos!”

A mulher voltou a bater e continuou até o urso parar de gemer, baixar a cabeça e o corpo ficar mole. Eu estava me sentindo mal com aquilo e saí de fininho.

Mas na manhã seguinte, quando voltei, o urso ainda estava pendurado. Estava morto.

Aquela mulher era uma parceira à altura de Black Jean.

Ela o mantinha trabalhando firme aqui neste forno — quase toda noite dava para ver o reflexo do fogo — e era estranho ver Black Jean alimentando o fogo, com a luz brincando



sobre aquele pedaço de cobre, fazendo parecer um grande olho vermelho piscando na noite. Vi isso muitas vezes.

E notaram que Black Jean não estava mais se embriagando, nem lutando mais com o urso caolho. Ele tinha bons motivos para isso. Comecei a acreditar que Black Jean tinha medo daquele animal.

Mas ele o fazia trabalhar no forno, usando o chicote, e era uma criatura curiosa, rosnando e resmungando a maior parte do tempo, enquanto puxava e levantava grandes pedaços de madeira e os carregava para o forno.

Quando Black Jean não estava trabalhando, ele estava na cabana, onde seguia a mulher como um cachorro. Ela fazia ele fazer qualquer coisa. Ela estava ficando mais magra e mais mal-humorada, e eu tinha mais medo dela do que jamais tive de Black Jean.

Uma vez ela me pegou espiando-a de um lugar escondido em uma árvore. Ela estava acariciando o urso caolho, esfregando seu focinho e lhe dando açúcar. Ela correu para casa e pegou um rifle e, meus amigos, eu desci daquela árvore num piscar de olhos.

Quando cheguei ao chão, ela não disse uma palavra — apenas deixou seus olhos descansarem nos meus. Depois disso, fui mais cuidadoso.

Então algo aconteceu.

Eu estava capinando milho numa tarde, num campo ao lado da estrada, quando avistei uma mulher vindo da aldeia. Ela era grande, desgrenhada e usava um xale. Sabia que ela estava indo para a casa de Black Jean, porque escalou a cerca do lado da estrada.

Mantendo-a à vista, segui pelo meu lado e atravessei quando cheguei a um lugar onde ela não podia me ver. Segui-a porque sabia que ela era a mulher que havia vindo com Black Jean quando ele chegou pela primeira vez no distrito. Ela foi até a cabana, e eu estava me perguntando quem ela encontraria em casa, quando Black Jean saiu.

“Snere!” ele exclamou, levando uma mão ao olho. “Fale rápido! É Marie?”

“Sim,” disse a mulher. “Eu voltei.”

Black Jean olhou ao redor, assustado.

“O que você quer?” ele perguntou.

“Gostaria de saber quem arrancou seu olho,” ela riu.

Black Jean não riu.

“Você roubou cem dólares de mim e fugiu,” ele rosnou. “Por Deus! Me dê esse dinheiro.”

“Seu tolo!” disse a mulher. “Você acha que eu não sei de onde veio esse dinheiro? Você matou—”

Um som de folhas farfalhando na floresta próxima interrompeu.

“Shh!” sibilou Black Jean, seu rosto empalidecendo. “Pelo amor de Deus, não tão alto.”

Ele escutou por um momento; então sua expressão ficou astuta. Seus dentes apareceram, e ele se aproximou da mulher e disse algo e entrou na cabana.

No instante seguinte, percebi que outra pessoa tinha visto tudo. Não era ninguém menos que a pequena ex-professora — e ela estava fugindo! Fiquei parado por um momento, assustado. Então fui para casa.

“Você viu a esposa de Black Jean?” minha mãe perguntou.

“Você quer dizer a mulher professora?” eu disse.

“Sim,” disse minha mãe. “Quem mais?”

“Vi,” eu disse, “há um tempo atrás.”

“Eu digo agora mesmo,” disse minha mãe, respirando rápido. “Ela entrou aqui correndo, direto para dentro de casa, e antes que eu pudesse detê-la, ela arrancou o rifle do seu pai da parede e saiu correndo.”

Eu não esperei para ouvir mais.

Saí correndo pelos campos em direção à casa de Black Jean. Antes de ter percorrido metade da distância, ouvi tiros, e era o rifle do meu pai — eu conhecia bem demais o som dele.

Quando cheguei ao meu lugar de espionagem, estava tudo quieto na casa de Black Jean. Não consegui ver nada se mexendo ao redor da cabana.

Então pensei na minha mãe e voltei correndo para casa. Meu pai havia ido até a enseada naquela manhã, com uma carga de trigo para o moinho do iaque, e não deveria voltar até tarde. Assim, minha mãe e eu esperamos.

Já era quase uma hora da manhã quando ouvimos a carroça do meu pai, e eu corri para fora.

“Olá, filho,” ele exclamou. “Você está acordado até tarde. E aqui está sua mãe também.”

Meu pai ouviu o que contamos a ele, sem dizer uma palavra.

“Bem,” ele disse, quando terminamos. “Eu realmente não vejo motivo para preocupação. Black Jean pode cuidar de si mesmo. Olhe ali!”

Ele estava apontando para o forno de cal.

“Jean o carregou faz uma semana,” disse meu pai, “esperando por um tempo melhor.”

Mais tarde, dentro de casa, meu pai disse: “Não é da nossa conta, de qualquer forma.”

E logo depois ele acrescentou, como se estivesse um pouco preocupado: “Mas vou até lá buscar meu rifle.”

No domingo seguinte — três dias depois — meu pai e eu fomos à casa de Black Jean para pegar o rifle.

A porta da cabana se abriu, e a mulherzinha saiu. Ela estava carregando o rifle. De alguma forma, ela parecia magra e velha, e suas mãos eram como garras. Mas seus olhos estavam brilhantes e afiados como os dentes de uma armadilha de doninha.

“Suponho,” ela disse, tão calma quanto um pepino e tão doce quanto mel, “que vieram buscar o rifle.”

“É isso mesmo,” disse meu pai, severamente.

Ela o entregou.

“Por favor, peça desculpas à sua esposa por mim,” disse ela, “pela forma repentina como o peguei. Eu estava com pressa. Vi um cervo lá no pântano.”

“Você conseguiu pegar o cervo?” eu perguntei.

“Não,” ela disse. “Errei o tiro.”

Meu pai e eu começamos a ir embora. Mas ele parou e perguntou: “Onde está Black Jean esta manhã?”

“Black Jean!” ela riu. “Ah, ele arranjou outra namorada. Foi embora com ela.”

“Bom dia,” disse meu pai.

“Bom dia,” disse ela.

E isso foi o fim da história.

Nem Black Jean, nem a mulher grande e espalhafatosa foram vistos novamente, nem sinal, nem vestígio deles. Mas houve muita conversa. Veja bem, não havia cervos nessas partes há muitos anos; e, além disso, simplesmente não era possível que alguém tão conhecido quanto Black Jean desaparecesse completamente, sem deixar um único rastro.

Bem, finalmente alguém denunciou o caso na sede do condado e veio um jovem esperto. Ele questionou meu pai e minha mãe e me fez contar tudo o que eu sabia, anotando tudo; depois, ele chamou um policial e foi até lá e prenderam a mulherzinha de olhos pretos.

Não houve resistência. Dizem que ela apenas sorriu e perguntou de que estava sendo acusada — e disseram a ela que era pelo assassinato de Black Jean. Ela não disse nada a respeito; apenas pediu que alguém alimentasse o grande urso de um olho só enquanto ela estivesse presa.

Então as pessoas começaram a vir. Elas vieram a cavalo, vieram a pé, vieram de canoa, vieram em carroças — não importava quão longe morassem — e trouxeram sua

própria comida. Eu calculo que quase todas as almas da região apareceram, fazendo disso uma espécie de feriado geral e folga, pois com certeza ninguém se importava com o próprio Black Jean.

Cada centímetro de terra aqui nas redondezas foi revistado; eles investigaram todo o comprimento daquela fenda causada por terremoto, nos descampados e na mata, procurando por terra recentemente mexida. Mas não encontraram nada — nada mesmo!

Agora, senhores, vocês sabem que não se pode condenar alguém por assassinato sem uma prova concreta de que o assassinato foi cometido — o corpo da vítima. E foi exatamente o que aconteceu aqui, e aquele jovem esperto da sede do condado teve que soltar a mulherzinha. Então ela voltou para a cabana, vivendo ali tranquilamente, como se nada tivesse acontecido, cuidando de seus próprios afazeres.

Aqui está um amuleto que tenho há algum tempo. Você pode ver por si mesmo que é de cobre.

É a coisa que meu pai fez para Black Jean usar sobre o olho ruim. Eu encontrei esse pedaço de cobre dois anos depois que a mulherzinha morreu — quase doze anos após o desaparecimento de Black Jean. E o encontrei nas cinzas e pedras no fundo do forno de cal que está ali, meio desmoronado.

Muita gente por aqui diz que isso não significa que o corpo de Black Jean foi queimado no forno — cremado, como vocês, rapazes da cidade, chamariam. Eles não conseguem entender como diabos uma mulherzinha de quarenta quilos poderia ter arrastado aqueles dois corpos depois de tê-los matado com o rifle do meu pai, a distância da cabana até o forno de cal — mais de meio quilômetro.

Eles apontam que o corpo de Black Jean devia pesar mais de noventa quilos, sem mencionar que a outra mulher era grande e gorda. Mas isso me cansa.

É tão simples quanto o nariz no seu rosto: o grande urso de um olho só fez o trabalho por ela!

## A Tumba

Orville R. Emerson

O fim desta história me chamou atenção pela primeira vez quando Fromwiller retornou de sua viagem ao Monte Kemmel com um conto muito estranho, de fato, e extremamente difícil de acreditar.

Mas acreditei o suficiente para voltar ao monte com “From” para ver se poderíamos descobrir algo mais. E depois de cavar por um tempo no local onde a história de “From” começou, encontramos um velho abrigo subterrâneo que havia desmoronado, ou pelo menos, onde todas as entradas haviam sido preenchidas com terra, e lá encontramos, escrito em papel de correspondência alemã, uma história terrível.

Encontramos a história do dia de Natal de 1918, enquanto fazíamos a viagem no veículo do coronel, vindo de Watou, na Flandres, onde nosso regimento estava estacionado. Claro, você já ouviu falar do Monte Kemmel, na Flandres: mais de uma vez ele apareceu nos jornais enquanto mudava de mãos durante algumas das batalhas mais ferozes da guerra. E quando os alemães foram finalmente expulsos desse ponto estratégico, em outubro de 1918, começou uma retirada que não terminou até que se tornasse uma corrida para ver quem entraria na Alemanha primeiro.

O avanço foi tão rápido que as forças britânicas e francesas vitoriosas não tiveram tempo de enterrar seus mortos, e, por mais terrível que pareça para aqueles que nunca viram, em dezembro daquele ano, era possível ver os cadáveres em decomposição dos mortos não enterrados espalhados aqui e ali pelo topo do Monte Kemmel. Era um lugar de visões horríveis e odores nauseantes. E foi lá que encontramos este relato.

Com a ajuda do capelão, traduzimos a história, que segue:

“Há duas semanas estou enterrado vivo! Há duas semanas não vejo a luz do dia, nem ouço o som da voz de outra pessoa. A menos que eu encontre algo para fazer, além dessa escavação interminável, enlouquecerei. Então, vou escrever. Enquanto minhas velas durarem, passarei parte do tempo, todos os dias, registrando minhas experiências em papel.

“Não que eu precise fazer isso para me lembrar delas. Deus sabe que, quando eu sair daqui, a primeira coisa que farei será tentar esquecer-las! Mas se eu não sair!...

“Sou Primeiro-tenente no Exército Imperial Alemão. Há duas semanas, meu regimento estava defendendo o Monte Kemmel, na Flandres. Estávamos cercados em três lados e sujeitos a um bombardeio de artilharia terrível, mas, devido à posição estratégica, recebemos

ordens de manter o monte até o último homem. No entanto, nossos engenheiros haviam tornado as coisas muito confortáveis. Vários abrigos profundos foram construídos, e neles estávamos relativamente seguros dos bombardeios.

“Muitos desses abrigos foram conectados por passagens, de modo que havia uma pequena cidade subterrânea regular, e a maioria da guarnição nunca saía da proteção dos abrigos. Mas mesmo nessas condições, nossas baixas foram pesadas. Observadores tinham que ser mantidos acima do solo, e de vez em quando um impacto direto de um dos enormes canhões ferroviários destruía até alguns dos abrigos.”

“Há pouco mais de duas semanas — não posso ter certeza, pois perdi a noção exata do número de dias — o bombardeio habitual foi intensificado cem vezes. Com cerca de vinte outros homens, eu estava dormindo em um dos abrigos mais rasos. O tremendo aumento do bombardeio me despertou com um sobressalto, e meu primeiro impulso foi ir imediatamente para um abrigo mais profundo, que estava conectado ao que eu estava por um túnel subterrâneo.

“Era um abrigo menor, construído alguns metros abaixo daquele em que eu estava. Ele era usado como uma espécie de depósito e ninguém deveria dormir lá. Mas parecia mais seguro para mim, então, sozinho, rastejei para dentro dele. Mil vezes desde então desejei ter levado outro homem comigo. Mas minha chance de fazer isso logo se foi.

“Eu mal tinha entrado no abrigo menor quando houve uma explosão tremenda atrás de mim. O chão tremeu como se uma mina tivesse explodido abaixo de nós. Se foi isso que aconteceu ou se algum projétil explosivo de calibre extra grande atingiu o abrigo atrás de mim, eu nunca soube.

“Depois que o choque da explosão passou, voltei para o túnel. Quando estava mais ou menos no meio dele, descobri que as vigas acima tinham caído, permitindo que a terra se assentasse, e meu caminho foi efetivamente bloqueado.

“Então, retornei ao abrigo e esperei sozinho durante várias horas de intenso bombardeio. A única outra entrada para o abrigo em que eu estava era a entrada principal, que dava para a trincheira acima, e todos aqueles que estavam acima do solo já haviam se abrigado há muito tempo. Assim, eu não podia esperar que alguém entrasse enquanto o bombardeio continuasse; e, quando ele cessasse, certamente haveria um ataque.

“Como eu não queria ser morto por uma granada lançada na entrada, permaneci acordado para correr para fora ao menor sinal de paralisação do bombardeio e me juntar aos camaradas que ainda pudessem estar na colina.

“Depois de cerca de seis horas de intenso bombardeio, tudo acima parecia ter cessado. Cinco minutos se passaram, depois dez; com certeza o ataque estava chegando. Corri para a escada que levava à superfície. Dei alguns passos subindo as escadas. Houve um clarão ofuscante e uma explosão ensurdecedora.

“Senti-me caindo. Então a escuridão engoliu tudo.

“Por quanto tempo permaneci inconsciente no abrigo, eu nunca soube.

“Mas depois do que pareceu um longo tempo, comecei a me dar conta de uma dor surda no meu braço esquerdo. Eu não conseguia movê-lo. Abri os olhos e vi apenas escuridão. Senti dor e uma rigidez por todo o corpo.

“Lentamente, levantei-me, acendi um fósforo, encontrei uma vela, acendi-a e olhei para meu relógio. Ele havia parado. Não sabia por quanto tempo tinha permanecido ali inconsciente. Todo o barulho do bombardeio havia cessado. Fiquei em pé e escutei por algum tempo, mas não conseguia ouvir nenhum som de qualquer tipo.

“Meu olhar caiu sobre a entrada da escada. Dei um sobressalto de alarme. O final do abrigo, onde ficava a entrada, estava meio preenchido com terra.

“Fui até lá e olhei mais de perto. A entrada estava completamente bloqueada por terra na parte inferior, e não se via nenhum tipo de luz vinda de cima. Fui até o túnel que levava ao outro abrigo, embora me lembrasse de que ele havia desmoronado. Examinei de perto as vigas caídas. Entre duas delas, consegui sentir um leve movimento de ar. Aqui estava uma abertura para o mundo exterior.

“Tentei mover as vigas, o melhor que pude com um braço só, apenas para provocar um pequeno deslizamento de terra, que bloqueou a fresta. Rapidamente cavei na terra até sentir novamente o movimento de ar. Este poderia ser o único lugar de onde conseguiria obter ar fresco.

“Estava convencido de que seria necessário algum trabalho para abrir qualquer uma das passagens, e comecei a sentir fome. Felizmente, havia uma boa quantidade de alimentos enlatados e pão duro, pois os oficiais mantinham suas rações armazenadas nesse abrigo. Também encontrei um barril de água e cerca de uma dúzia de garrafas de vinho, que descobri ser muito bom. Depois de saciar meu apetite e terminar uma das garrafas de vinho, senti sono e, embora meu braço esquerdo doesse bastante, logo adormeci.

“O tempo que reservei para escrever hoje acabou, então vou parar por aqui. Depois de realizar minha tarefa diária de cavar amanhã, voltarei a escrever. Já sinto minha mente mais tranquila. Certamente, o resgate virá em breve. De qualquer forma, dentro de duas semanas terei me libertado. E minhas rações durarão até lá. Dividi-as para que durem.”

“Ontem não me senti disposto a escrever depois de terminar de cavar. Meu braço doía muito. Acho que o usei demais.

“Mas hoje fui mais cuidadoso com ele, e já me sinto melhor. E estou preocupado novamente. Duas vezes hoje grandes pilhas de terra desmoronaram, onde as vigas estavam soltas, e caiu tanta terra na passagem quanto eu consigo remover em um dia. Só mais dois dias antes que eu possa sair por conta própria.

“As rações terão que ser esticadas ainda mais. A quantidade diária já está bem pequena. Mas vou continuar com meu relato.

“Desde o momento em que recuperei a consciência, comecei a contar o tempo com meu relógio, e desde então tenho acompanhado os dias. No segundo dia, fiz um inventário dos alimentos, água, madeira, fósforos, velas, etc., e descobri que havia uma boa quantidade para pelo menos duas semanas. Naquela época, não esperava ficar mais do que alguns dias na minha prisão.

“Ou o inimigo ou nós mesmos ocuparemos a colina, pensei, porque era uma posição de muita importância. E quem quer que estivesse ocupando a colina teria que cavar profundamente para mantê-la.

“Então, na minha mente, era apenas questão de dias até que a entrada ou a passagem fosse desobstruída, e minhas únicas dúvidas eram se seriam amigos ou inimigos que me encontrariam. Meu braço já estava melhor, embora eu ainda não pudesse usá-lo muito, e então passei o dia lendo um jornal velho que encontrei entre os suprimentos de comida e esperando que o resgate chegasse. Que tolo eu fui! Se eu tivesse começado a trabalhar desde o início, estaria esses dias mais perto da minha libertação.

“No terceiro dia, fui incomodado pela água, que começou a pingar do teto e a infiltrar-se nas laterais do abrigo. Eu amaldiçoei aquela água enlameada, como tantas vezes amaldiçoei esses incômodos do abrigo antes, mas pode ser que eu ainda venha a abençoar essa água e ela acabe salvando minha vida.”

“Mas certamente tornava as coisas desconfortáveis; então, passei o dia movendo minha cama, suprimentos de comida e água, velas, etc., para o túnel. Em um trecho de cerca de três metros, ele estava desobstruído e, sendo ligeiramente mais alto do que o abrigo, era mais seco e muito mais confortável. Além disso, o ar era muito melhor ali, pois descobri que praticamente todo o meu suprimento de ar fresco vinha através da fenda entre as vigas, e achei que talvez os ratos não me incomodariam tanto à noite. Mais uma vez, passei o resto do dia simplesmente esperando por ajuda.



“Não foi até o quarto dia que comecei a me sentir realmente inquieto. De repente, me dei conta de que não ouvia o som de uma única arma, nem sentia a terra tremer com o impacto de explosões, desde o disparo fatal que havia fechado a entrada. O que significava aquele silêncio? Por que eu não ouvia sons de combate? Estava tão silencioso quanto um túmulo.

“Que morte horrível seria! Enterrado vivo! Um pânico de medo tomou conta de mim. Mas minha força de vontade e razão logo prevaleceram. Com o tempo, eu deveria conseguir me desenterrar com meus próprios esforços. Levaria tempo, mas era possível.

“Então, embora eu ainda não pudesse usar meu braço esquerdo, passei o resto daquele dia cavando a terra da entrada e carregando-a até o canto mais afastado do abrigo.

“No sétimo dia após recobrar a consciência, estava cansado e com o corpo rígido devido aos esforços intensos dos três dias anteriores. Naquele ponto, eu já sabia que seria uma questão de semanas — duas ou três, no mínimo — antes que eu pudesse me libertar. Talvez fosse resgatado antes, mas, sem ajuda externa, levaria provavelmente mais três semanas de trabalho até conseguir cavar minha saída.

“Já havia mais desabamentos de terra do topo, onde as vigas tinham se soltado, e eu só conseguia fazer reparos rudimentares no teto da escada com um braço. Mas meu braço esquerdo estava bem melhor. Com um dia de descanso, eu seria capaz de usá-lo razoavelmente bem. Além disso, eu precisava conservar minha energia. Assim, passei o sétimo dia em descanso e orações por uma libertação rápida de minha sepultura em vida.

“Também redistribuí minha comida com base em mais três semanas. As porções diárias ficaram bem pequenas, especialmente considerando que cavar era um trabalho extenuante. Havia uma grande quantidade de velas, então tinha bastante luz para o trabalho. Mas a quantidade de água me preocupava. Quase metade do pequeno barril havia sido consumida na primeira semana. Decidi beber apenas uma vez por dia.

“Os seis dias seguintes foram de trabalho febril, pouca comida e ainda menos água. Mas, apesar de todos os meus esforços, apenas um quarto do barril restava ao final de duas semanas. E o horror da situação aumentava. Minha imaginação não me dava sossego. Eu me via antecipando as agonias que viriam, quando eu tivesse ainda menos comida e água do que no presente. Minha mente corria sem parar — até a morte por inanição — até o momento em que encontrariam meu corpo esquelético, quando finalmente abrissem o abrigo — até suas tentativas de reconstruir a história do meu fim.”

“E, para aumentar meu desconforto físico, havia os vermes que infestavam o abrigo e o meu próprio corpo. Já fazia um mês que eu não tomava banho, e agora eu não podia sequer

gastar uma gota de água para lavar o rosto. Os ratos haviam ficado tão ousados que eu precisava deixar uma vela acesa a noite toda para me proteger enquanto dormia.

“Em parte para aliviar minha mente, comecei a escrever este relato das minhas experiências. No início, isso me deu algum alívio, mas agora, ao reler, o terror crescente deste lugar horrível me domina. Eu gostaria de parar de escrever, mas algum impulso me força a continuar a cada dia.

Três semanas se passaram desde que fui enterrado vivo nesta tumba.

“Hoje bebi a última gota de água do barril. Há uma poça de água estagnada no chão do abrigo — suja, viscosa e cheia de vermes — sempre ali, alimentada pelos pingos que caem do teto. Ainda não consigo me forçar a tocá-la.

“Hoje dividi meus suprimentos de comida para mais uma semana. Deus sabe que as porções já eram pequenas o suficiente! Mas tem havido tantos desmoronamentos recentemente que nunca conseguirei limpar a entrada em uma semana.

“Às vezes sinto que nunca conseguirei limpá-la. Mas eu devo! Não suporto a ideia de morrer aqui. Tenho que me obrigar a escapar, e eu vou escapar!

“O capitão não dizia sempre que a vontade de vencer era metade da vitória? Não descansarei mais. Cada hora desperta deve ser dedicada a remover essa terra traiçoeira.

“Até minha escrita deve cessar.

“OH, Deus! Estou com medo, medo!

“Preciso escrever para aliviar minha mente. Na noite passada fui dormir às nove, de acordo com meu relógio. À meia-noite, acordei me encontrando no escuro, cavando freneticamente com as mãos nuas as paredes duras do abrigo. Depois de algum esforço, encontrei uma vela e a acendi.

“Todo o abrigo estava em desordem. Meus suprimentos de comida estavam jogados na lama. A caixa de velas havia sido derrubada. Minhas unhas estavam quebradas e sangrando de tanto arranhar o chão.

“A realidade se abateu sobre mim: eu havia perdido a cabeça. E então veio o medo — um medo sombrio, furioso — medo da insanidade. Faz dias que estou bebendo daquela água estagnada no chão. Não sei quantos dias.

“Tenho apenas mais uma refeição. Preciso economizá-la.

“Hoje comi. Estive três dias sem comida.

“Mas hoje consegui pegar um dos ratos que infestam o lugar. Era um grande também. Me deu uma boa mordida, mas o matei. Me sinto muito melhor hoje. Tive alguns sonhos ruins ultimamente, mas não me incomodam mais.

“Aquele rato estava duro, no entanto. Acho que vou terminar de cavar e voltar para o meu regimento em um ou dois dias.

“Céus, tenha misericórdia! Eu devo estar fora de mim metade do tempo agora.

“Não tenho absolutamente nenhuma lembrança de ter escrito a última anotação. E me sinto febril e fraco.

“Se eu tivesse minha força, acho que poderia terminar de desobstruir a entrada em um ou dois dias. Mas só consigo trabalhar por um curto período de cada vez.

“Estou começando a perder as esperanças.

“Ataques de desvario vêm sobre mim com mais frequência agora. Acordo exausto de esforços que não consigo me lembrar de ter feito.

“Ossos de ratos, completamente limpos, estão espalhados por aí, mas não me lembro de tê-los comido. Nos meus momentos de lucidez, parece que não consigo pegá-los, pois são muito espertos e eu estou muito fraco.

“Tenho algum alívio mastigando as velas, mas não ousa comer todas. Tenho medo do escuro, tenho medo dos ratos, mas o pior de tudo é o medo horrível de mim mesmo.

“Minha mente está se desintegrando. Preciso escapar logo, ou serei pouco mais do que um animal selvagem. Oh, Deus, envie ajuda! Estou enlouquecendo!”

“Terror, desespero, desesperança — será esse o fim?”

“Fiquei muito tempo descansando.

“Tive uma ideia brilhante. O descanso traz de volta a força. Quanto mais uma pessoa descansa, mais forte ela deve ficar. Estou descansando há muito tempo agora. Semanas ou meses, não sei bem. Então devo estar muito forte. Me sinto forte. Minha febre me deixou. Então, escute! Resta apenas um pouco de terra na entrada. Vou sair e rastejar por ela. Como uma toupeira. Direto para a luz do sol. Me sinto muito mais forte que uma toupeira. Então, este é o fim da minha pequena história. Uma história triste, mas com um final feliz. Luz do sol! Um final muito feliz.”

E esse foi o fim do manuscrito. Resta apenas contar a história de Fromwiller.

No começo, eu não acreditava. Mas agora acredito. Vou escrever exatamente como Fromwiller me contou, e você pode aceitar ou não, como preferir.

“Logo depois de termos nos alojado em Watou,” disse Fromwiller, “decidi ir até o Monte Kemmel. Ouvi dizer que as coisas estavam bastante macabras por lá, mas eu realmente não estava preparado para o que encontrei. Já tinha visto cadáveres não enterrados em Roulers e na Argonne, mas fazia quase dois meses desde a batalha no Monte Kemmel, e

ainda havia muitos mortos não enterrados. Mas havia algo que eu nunca tinha visto antes, e isso era os vivos enterrados!”

“Quando cheguei ao ponto mais alto do Monte, fui atraído por um movimento de terra solta na borda de uma enorme cratera de bomba. A terra parecia cair em direção a um centro comum, como se a terra abaixo estivesse sendo removida. Enquanto observava, de repente fiquei horrorizado ao ver um longo e magro braço humano emergir do chão.

“Ele desapareceu, puxando de volta um pouco da terra com ele. Houve um movimento de terra em uma área maior, e o braço reapareceu, junto com a cabeça e os ombros de um homem. Ele se puxou para fora do próprio solo, ou assim parecia, sacudiu a terra do corpo como um grande e esquelético cão, e ficou ereto. Nunca mais quero ver uma criatura como aquela!

“Mal havia um pedaço de roupa visível, e o pouco que havia estava tão rasgado e sujo que era impossível dizer que tipo de roupa tinha sido. A pele estava esticada sobre os ossos, e havia um olhar vazio nos olhos saltados. Parecia um cadáver que havia permanecido no túmulo por muito tempo.

“Aquela aparição olhou diretamente para mim, e, no entanto, não parecia me ver. Ele parecia incomodado com a luz. Falei e um olhar de medo tomou conta de seu rosto. Ele parecia tomado de terror.

“Dei um passo em sua direção, soltando um pedaço de arame farpado que havia se enroscado em minhas pernas. Rápido como um raio, ele se virou e começou a correr de mim.

“Por um segundo, fiquei tão surpreso que não consegui me mover. Então, comecei a segui-lo. Ele corria em linha reta, sem olhar para a direita ou para a esquerda. Diretamente à frente dele havia uma trincheira profunda e larga. Ele estava correndo diretamente para ela. De repente, percebi que ele não a estava vendo.

“Chamei, mas isso pareceu aterrorizá-lo ainda mais, e com um último impulso ele pisou na trincheira e caiu. Ouvi seu corpo bater do outro lado da trincheira e cair com um baque na água no fundo.

“Segui e olhei para dentro da trincheira. Lá estava ele, com a cabeça dobrada para trás em uma posição que me fez ter certeza de que seu pescoço estava quebrado. Ele estava meio dentro e meio fora da água, e enquanto olhava para ele, mal podia acreditar no que tinha visto. Certamente ele parecia ter estado morto tanto tempo quanto alguns dos outros cadáveres espalhados pela encosta. Virei e o deixei como estava.

“Enterrado vivo, deixei-o desenterrado quando morto.”



# Ouçã! O chocalho!

Joel Townsley Rogers

## I

Ele estava sentado sobre o Lírio Roxo — Tain Dirk, aquele jovem incrivelmente bonito, ao meu lado.

Eu bebia café; Tain Dirk bebia licor — secretamente e sozinho. A noite estava encharcada com o calor sufocante do verão, mas eu me sentia frio como gelo. Logo subimos ao Terraço do Bosque de Palmeiras, onde Bimi Tal iria dançar.

“Quem é essa Bimi Tal, Hammer?” perguntou Dirk, tamborilando os dedos.

“Uma mulher.”

“Você é bem estranho, Jerry Hammer!” disse Dirk, estreitando os olhos frios e amarelados.

Ainda assim, ele tamborilava os dedos grossos. Secos — tat! tat! tat! Algo bem dentro de mim — talvez o fígado — tremeu e gelou ao ouvir aquele som irritante.

Não respondi de imediato. Lentamente, soltei anéis de fumaça que circundavam as estrelas gigantes. Estávamos em uma caverna de palmeiras em vasos, perto da pista de dança. Acima de nós, o céu negro-azulado se estendia, estranho e profundo. Amarelas como rosas eram as manchas de estrelas descendo pelo céu.

“Você deve estar há um bom tempo longe de Nova York, Dirk, para não conhecer Bimi Tal. Ela se tornou mais famosa como dançarina do que Ynecita jamais foi. Dizem que há algum mistério em torno dela; e essas simples crianças de Nova York adoram mistérios.”

“Estou fora há três anos,” disse Dirk com mau humor, seus olhos se contraindo.

“Tanto tempo? Foi há três anos que Ynecita foi morta.”

“E daí?” perguntou Dirk. O tamborilar dos seus dedos diminuiu.

“Eu imaginei que você a conhecesse, Dirk.”

“Eu?” Seus lábios largos e finos se contorceram. “Ora, Ynecita era conhecida por metade de Nova York!”

“Mas uma vez,” eu disse, “uma vez, pode-se supor, ela foi fiel a apenas um homem, Tain Dirk.”

“Eu não me interesso por mulheres,” disse Dirk.

Isso era típico dele. Ele só bebia licor — secretamente e sozinho.

“Eu me interessei por Ynecita, Dirk. Nós conversávamos às vezes—”

“Ela falava com você?” repetiu Dirk.

“É estranho como ela morreu! Nenhuma pista, ninguém foi preso. No entanto, ela tinha seus amantes. Às vezes penso, Dirk, que um dia encontraremos a fera que matou Ynecita.”

Tain Dirk tocou meu pulso. Seus dedos grossos estavam frios e pegajosos. Incompreensível que as mulheres tivessem amado aquelas mãos! No entanto, eram mãos de artista, capazes de moldar e esculpir. Argila úmida, aquelas mãos!

“O que te faz dizer isso, Hammer?”

Olhei para as estrelas. “Foi uma fera que matou Ynecita, Dirk. Alguma cobra vil com o sangue frio como essa limonada. Aqueles marcas de dentes no braço dela! Mordidas profundas, trazendo sangue! Que louco matou aquela garota? Louco, eu digo!”

Dirk se contorceu. Limpou a testa morena, onde o suor brilhava em pequenas gotas como escamas. “Está quente demais para falar dessas coisas, Hammer. Vamos mudar de assunto. Me fale dessa Bimi Tal.”

“Logo você a verá,” eu disse, observando-o. “Uma garota da sua idade; você não tem mais do que vinte e quatro anos, certo?”

“Nasci em primeiro de janeiro de '99.”

“E já famoso!”

“Sim,” disse Tain Dirk. “Imagino que você já ouviu falar de mim.”

“Ah. Já ouvi muito sobre você,” eu disse; e vi que ele não gostou.

“Ouviu que eu sou rápido com as mulheres, não é?” perguntou Dirk, após uma pausa.

“Mas Ynecita—”

“Por que você fala dela?” perguntou Dirk, irritado. “Eu nunca a conheci.”

“Aqueles marcas de dentes no braço de Ynecita — dois caninos afiados, curvados; mal arranharam a pele — como presas de uma cobra, Dirk—”

A mão de Tain Dirk subiu até os lábios, finos, vermelhos e secos. A luz em seus olhos escureceu de amarelo para roxo. Suavemente, seus dedos grossos começaram a tamborilar nos lábios. Tat! tat! tat! Mas silencioso como uma cobra na grama.

“Uma coisa curiosa sobre dentes, Dirk — você é escultor; talvez já tenha observado — uma coisa curiosa é que não existem dois iguais. Tiramos impressões, Dirk, daquelas marcas no braço de Ynecita—”

Os lábios finos de Dirk se abriram. Seus dedos grosseiros, mas incrivelmente sensíveis, tocaram a dureza de seus dentes. Esse gesto foi furtivo. No mesmo instante, ele percebeu que eu havia notado. Encolheu-se na cadeira, a cabeça forte e larga enfiada entre os ombros.

“Quem é você?” ele sibilou.

Mais uma vez, o irritante tamborilar de seus dedos — um som seco e perturbador.

“Quem sou eu? Sou apenas Jerry Hammer — um andarilho e um soldado do azar.”

“Quem é você!”

“Irmão de Stella Hammer, conhecida como Ynecita, a dançarina.”

## II

No Terraço do Bosque de Palmeiras, sob aquelas estrelas gigantescas, a orquestra começou a tocar. Um som de metais e pratos. O ar estava quente. Das profundezas das ruas, subia o barulho da cidade. Alto! Uma cacofonia pontuada de chamuscas. Eu tremia.

Os dedos de Tain Dirk tamborilavam. Sua cabeça começou a balançar.

Bimi Tal dançava descalça sobre os azulejos cor de âmbar vitrificados do terraço.

Seu cabelo vermelho-escuro estava solto sobre os ombros nus. Pis! pis! pis! seus pés batiam com força nos azulejos. Sua cabeça estava inclinada para trás, quase na altura da cintura. Braceletes tilintavam em seus pulsos e tornozelos.

“Sou a filha da manhã! Grito, danço, rio....”

Sacudindo sua massa de cabelo vermelho; seus membros musculosos se movendo com graça; rindo para mim com todos os seus olhos. Como ela se parecia com um homem morto há muitos anos! Como seus olhares se assemelhavam aos de Red Roane! Em seus seios, dois escudos brilhantes de lantejoulas. Ao redor de sua cintura, uma saia que parecia ser tecida de longos fios de grama do pântano, farfalhando, sussurrando com murmúrios. Os músculos de seu tronco e membros ondulavam sob sua pele marrom-clara e translúcida.

A cabeça de Tain Dirk oscilava lentamente para o lado. O tamborilar de seus dedos sobre a mesa era uma batida reiterativa. Seus olhos — líquidos, sutis — perdiam o brilho, com uma expressão quase estúpida, para logo em seguida arderem em fogo dourado. Seus lábios finos e largos permaneciam sérios. Sua língua os umedecia. Tat! tat! tat!

“Ela é um espetáculo!” sussurrou Dirk.

Seus olhos terríveis pareciam chamar Bimi Tal, como haviam chamado outras mulheres. Mesmerismo — o que era aquilo? Cantando, ela dançava na direção do esconderijo de palmeiras artificiais onde estávamos sentados. Sua saia farfalhava como os pântanos ao vento. O vento do verão.

Pequenos holofotes, que jogavam luzes coloridas sobre Bimi Tal, foram escurecendo. O vermelho e o violeta se transformaram em marrom e verde. Ainda assim, as estrelas quentes brilhavam sobre nós. Naquela falsa selva de palmeiras de papel, com as mulheres sedosas e



infladas e os homens que devoravam carne olhando estupidamente, nascia o mistério das grandes savanas.

A cabeça de Dirk balançando. Os lábios finos de Dirk se abrindo lentamente. Os olhos dourados de Dirk cintilando. Tat! tat! tat! Os dedos implacáveis de Dirk.

As grandes savanas e os pântanos tropicais. Bimi Tal dançando. Gradualmente, a música suavizava-se daquele tom de metais e pratos. Começou a farfalhar. A rastejar. A erguer cabeças com presas.

Por um breve momento, não vi Bimi Tal nem Dirk, mas os pântanos encharcados. Meio-dia de inverno. Folhas de capim prateadas pelo vento do mar; poças agitadas nas raízes dos capins. O silêncio rugindo como o silêncio ensurdecedor da morte.

Bimi Tal estava dançando sua dança da serpente. Os lábios de Dirk tremiam.

O vento do pântano faz um leve agito (é a flauta sussurrante). As águas do pântano emitem um pequeno gemido (é o violino).

### III

Onde estava a alma de Bimi Tal naquele inverno tropical, tantos anos atrás? No seio de sua mãe, um pequeno broto de amor, embalado pela canção do sono? Ou enredada em uma poinsétia sangrenta ou rosa? Ou talvez uma alma ainda por nascer?

Fecho meus olhos. A visão não desaparece. Flórida; os pântanos; meio-dia de inverno. Primeiro de janeiro, 1899. Onde estava a bela Bimi Tal naquele dia sufocante em que vimos a criatura com presas se enrolar, e a morte nos atingiu lá, em Okeechobee?

Seus olhos, Bimi Tal, são os mesmos olhos risonhos de Red Roane!...

Agora, a dança da serpente. O pífaro grita.

Vida imortal em seus lábios reluzentes, Bimi Tal; em seu seio profundo, a promessa de uma fecundidade eterna. Paixão e poder da terra! A vida é imortal. Seus olhos risonhos, Bimi Tal, nunca perderão o brilho. Ainda assim, eu vi Red Roane morrer...

Sob as luzes que oscilavam, Bimi Tal saltava e girava, mal tocando o chão. Seus olhos brilhavam para mim. Ela não via Tain Dirk. Pis! Pis! Pis! Seus pés descalços batiam nos azulejos, tensionando os músculos das panturrilhas. Seus braceletes tilintavam.

Eu não conseguia desviar meus olhos de Dirk. Sua cabeça larga, marrom e dourada, oscilava continuamente. Seus lábios finos se moviam, e eu via o brilho de seus dentes. Seus olhos cochilavam, então se abriam subitamente com uma chama. Tat! tat! tat! O tamborilar de seus dedos não parava.

Aquela cabeça oscilante! Ela estava cheia da sabedoria da serpente que ouve o vento, oscilando com a grama dos pântanos, enrolando suas espirais douradas, curvando o pescoço para o sol — Ouça! O chocalho!

...O sol é vermelho. Dois homens atravessam os pântanos. Ó dor infinita (o violão vibra asperamente), uma vida luta no útero. Quem morrerá, e o que morrerá, para que essa nova vida possa nascer? Gemidos de agonia. E uma velha cantando uma canção...

Todos no Palm Grove estavam em silêncio, observando Bimi Tal. Mãos gordas abanando seios empoados; lenços de seda enxugando pescoços de boi; suor nas axilas. Calor imóvel. Trovão distante. As estrelas passando.

A música cresceu. Sob sua discórdia, ouvia-se um ritmo constante de tambores. Os braços de Bimi Tal balançavam sobre sua cabeça. Ela gritava de alegria pela vida.

Os olhos pálidos de Dirk, banhados em mistério, brilhavam em fogo, inflamados de fúria e ódio eterno! Seus lábios secos se abriram. Eu vi seus dentes.

...Entre as gramas altas marcham os dois homens. Suas botas sussurram no lodo. (O contrabaixo toca suavemente). Algo os espera nos pântanos! Algo com olhos dourados e uma cabeça oscilante. Ouça! O chocalho! Cuidado, pois a morte está no caminho!...

Bimi Tal estava perto de Dirk, sem vê-lo. Ela ria e balançava seus braços tilintantes para mim. Os olhos de Dirk cintilavam com loucura, seus lábios estavam terrivelmente contraídos. Bimi Tal estava quase sobre ele. Seus dedos tamborilavam. A música tocava mais alto.

...Ouça! O chocalho! Alegres, os dois homens atravessam as gramas cortantes. A criatura enrodilhada espera, ódio em seus olhos. Eles estão mais perto — mais perto! (Os tambores começam a bater)...

Em uma avalanche de som, violões e violinos colidiram, e o tambor tropeçou. A cabeça de Dirk se lançou para cima junto com seus ombros, seus lábios se abriram e se ergueram.

Seu olhar era venenoso. Sua intensidade, mortal.

#### IV

Jovens e fortes, recém-saídos das guerras de Cuba, Red Roane e eu seguimos para o norte, saindo das Keys, através dos Everglades da Flórida.

Atravessamos os pântanos como no primeiro dia de Deus. Pela era dos répteis, ainda vivos e rastejantes. Pela vegetação sufocante, que ferve e apodrece sob sóis eternos. Pelos infinitos Everglades, com suas samambaias, folhagens e os tristes, antigos ciprestes, Red

Roane e eu seguimos ao norte. Rindo e avançando. Quanta alegria em nossos corações! Cantamos muitas canções.

Samambaias e flores se entrelaçando em fecundidade. Grama grossa, cheia de seiva. Flores murchando ao toque. A lama fervilhando de vida rastejante. E acima de tudo, o sol radiante. Abaixo de tudo, os olhos serpenteantes e as presas abertas. Ouça! O chocalho!

Navegamos por lagoas em embarcações improvisadas; sonhamos em margens sombreadas, apesar dos meios-dias sufocantes; gritamos para os troncos mortos nas margens do rio até que eles se assustassem, mergulhassem e espirrassem água. Montamos nossas barracas à beira de águas escuras. Abrimos corajosas trilhas pelos pântanos.

“Eu gostaria de ficar aqui para sempre,” disse Red Roane.

Por onde quer que eu vá, com o que quer que eu beba, em que cama quer que eu me deite, eu me lembro de você, que teve sua prece atendida, Red Roane — você que agora está para sempre na grama e nas águas dos pântanos.

Lutando lentamente para abrir caminho, ao meio-dia, no primeiro dia do ano de 1899, perto de Okeechobee, nos pântanos, nos deparamos com uma cabana escondida. Era feita com os restos do pântano — folhagens mortas, galhos podres, gramas murchas do pântano. Sua cor cinza-esverdeada, em meio à vegetação viva, parecia um monumento à morte. Melhor o pântano nu. Melhor o lodo puro como leite.

Uma velha, gemendo dentro daquela cabana sombria, abafava os suspiros rápidos e curtos de outra mulher. Red Roane chegou cantando, batendo no peito forte, balançando seus braços musculosos. Luz do sol em seu rosto bronzeado, e luz do sol em seu cabelo ruivo. Na porta da cabana, de frente para nós, surgiu um homem de olhos amarelados. Um pobre diabo. Um rifle repousava no seu braço dobrado. Ele cuspiu suco de tabaco no chão. Havia desprezo, veneno assassino em seu rosto!

Red Roane recuou diante daquele olhar. Parou subitamente, e o riso o deixou. Seus olhos corajosos estavam perturbados pelo ódio daquele louco. Olhos amarelos, olhos de cascavel!

Uma velha indígena espiou por baixo do cotovelo torto do brutamontes na porta, ela que estava cantando dolorosamente. Com um grito, ela estendeu seu braço magro e velho, apontando para Red Roane.

“Ele vai morrer!” ela gritou. “Queremos sua alma!”

Outra mulher, escondida, gemia dentro da cabana; uma mulher em trabalho de parto. Uma nova vida do ventre — uma vida deve morrer! Agarrei o braço de Red Roane.

“Vamos embora!” eu disse, “Vamos nos afastar dessas bruxas loucas!”

Em três passos, aquela cabana cinza-esverdeada estava escondida entre os ciprestes. Parecia um sonho. Mas ainda podíamos ouvir a velha bruxa cantando. Algo puxava nossos calcanhares, e não era a sucção do lodo.

Passo a passo, Red Roane me acompanhava, e cantamos uma canção juntos. Uma flor carmesim, de caule curto e coração amarelo, estava quase debaixo do meu pé. Abaixei-me — quem não se abaixaria para colher uma flor selvagem carmesim? Um chocalhar, como o de ervilhas sacudindo. Um som metálico, como o tamborilar dos dedos de um homem. Ouça! O chocalho!

Uma cabeça escancarada surgiu sob minha mão, atacando muito baixo. Pesada como uma pedra lançada com força, a cabeça da serpente atingiu meu tornozelo; garganta aberta, presas brancas e curvas da mortal cascavel. Da flor carmesim, aquela besta de ouro e marrom. Seus olhos amarelos piscavam. Seus lábios finos estavam secos. Quão perto eu havia chegado da morte!

“Graças a Deus por essas botas pesadas, Jerry!”

Com olhos flamejantes, a serpente se contorcia, preparando-se para outro ataque. Sua cauda afiada, apontada para cima, vibrava continuamente com uma risada empoeirada. Seu corpo dourado e ondulante era grosso como meu braço.

Red Roane desceu com sua pesada vara de marcha. Crash! A ponta de chumbo acertou a cabeça malhada que avançava. Detida no meio do ataque, aquela sabedoria maligna se despedaçou como um ovo, com o crânio partido.

A cascavel se debatia em sua última agonia, sua cauda tremendamente musculosa batendo no chão com golpes surdos, seus olhos amarelos ainda ardendo de ódio, mas se fechando rapidamente rumo à condenação.

Tentei dizer “Obrigado, Red!”

Havia algum tipo de mesmerismo naqueles olhos amarelos, morrendo! Tremendo de nojo, Red Roane se inclinou sobre aquele vigilante do pântano, estendeu a mão para pegar aquele pecado abatido, cujos olhos já estavam cobertos por uma fina membrana de morte.

“Não toque nisso, Red! Espere até o sol se pôr.”

Ouça! O chocalho! Aqueles olhos opacos se abriram novamente. Aqueles olhares amarelos, embora em dor mortal, ainda estavam furiosos e brilhantes. Aquele rabo com chocalho de casco batia. As presas naquela cabeça destroçada e insensível se abriram, fechando-se no braço de Red Roane, logo acima do pulso.

Eu o vejo. Suor em sua larga testa bronzada; seus olhos sorridentes espantados; seu corpo forte e robusto tremendo; o vento mexendo em seu cabelo vermelho-escuro. Atrás dele,

os pântanos marrom-esverdeados, as gramas ondulando, um movimento passando por suas profundezas. Suas bochechas nunca estiveram tão vermelhas.

Antes que eu pudesse me mover, ele destravou aquelas mandíbulas e presas ocas, presas firmes em seu braço com o rigor mortal. Ele tremia agora desde os joelhos. Seu rosto ficou pálido.

“Corta!” ele sussurrou. “Vou me sentar.”

Com uma faca de caça, fiz cortes cruzados profundos em seu braço. Ele riu e tentou gritar. Uivar teria sido mais agradável. Suguei aquelas feridas, das quais o sangue saía lentamente de uma artéria. Nós dois arfávamos agora. Ele se apoiava pesadamente em meu ombro — o forte. Enfaixei seu braço, meus próprios dedos tão dormentes que mal conseguia fazer o trabalho. O suor no rosto de Red Roane estava frio, e frios estavam seus pulsos.

Meus braços se agarraram a ele. Ele balançou, quase caindo, agarrando os caules de grama com um sorriso que já começava a desaparecer. Peguei sua bengala de marcha e bati naquela coisa dourada e sangrenta dentro do lodo. Bati até que carne branca como argila, osso e pele fossem uma só coisa com o pântano lamacento. Mas ainda assim seu coração pulsava com uma batida roxa profunda. Um golpe esmagador, e isso também morreu.

“Acabou!” Joguei o bastão ensanguentado nas gramas ondulantes.

“Sim, Jerry,” sussurrou Red Roane, “está quase acabando.”

Eu não conseguia acreditar. Red Roane, o homem forte, o gritador, o cantor, o amante de coração alegre! Será que a morte é tão mais forte que a vida?

“Uma mulher, Jerry,” ele sussurrou, “em Havana — Dolores! Ela dança—”

“Pelo amor de Deus, Red, lembra!”

“Dança no—”

“Red! Red Roane! Estou aqui, amigo!”

Do caminho de onde viemos, ouvi vagamente um choro. Quem lamentava assim pela alma que partia, cantava um hino pelos mortos? Era o vento sobre as gramas estagnadas? Frágil na solidão, aquele lamento se ergueu novamente. O gemido de uma nova vida! Na cabana do sem-teto, a criança havia encontrado sua alma!

“Dolores!” sussurrou Red Roane. Sob aquele céu de bronze, ele sussurrou o nome do amor. “Dolores!”

Passando cem milhas de pântano, passando cem milhas de mar, será que Dolores, a dançarina, o ouviu chamando por ela?

“Dolores!”

Espero que ela tenha ouvido, pois ele era um bom rapaz, embora selvagem.

Com a garganta sufocada por soluços, eu cantei para Red Roane. Seus olhos estavam fechados, mas ele me ouvia. Velhas canções de campanha, canções de marcha e bivouac. Músicas dos marchadores.

Então ele sussurrou pedindo uma canção de ninar e, por fim, uma canção de beber.

## V

Bimi Tal dançou até nós — Bimi Tal, filha de Red Roane e de Dolores, a dançarina.

Ela riu e sacudiu seus cabelos vermelhos e escuros. Suas narinas largas sugavam o vento quente da noite.

*“Eu sou a filha da manhã!*

*“Eu grito, eu danço. Eu rio sem parar.*

*“Siga-me, amante! Ouça meus avisos*

*“Eu, a risada, não fico a esperar...”*

Pé! Pé! Pé! Seu corpo ondulava. Ela lançou seus olhos em minha direção.

A cabeça de Tain Dirk estava erguendo-se. Seus lábios finos, secos e vermelhos se abriram amplamente. Seus olhos dourados queimavam com um ódio eterno. Toc! toc! toc! seus dedos tamborilavam.

“Em um minuto, Jerry,” sussurrou Bimi Tal, sem parar de dançar.

Seus belos olhos olharam para baixo, vendo Dirk. Ela gritou. A música cessou. Ela golpeou o braço contra ele, sem saber o que fazia.

Louco! O homem estava louco! Sua mandíbula se abriu. Ele mordeu o braço dela acima do pulso.

Antes que a multidão frenética caísse sobre nós, golpeei seu rosto venenoso. Com os dois punhos, golpe após golpe. Sangue saiu de seus malditos lábios.

Que loucura o tomou, eu não sei. Provavelmente foi uma memória voltando à vida morta — o veneno da cascavel, ódio eterno. Mas quem pode dizer? A memória é uma coisa estranha.

Mas eu sabia com certeza que nele, o escultor louco, nascido naquela cabana nas savanas quentes, havia passado a alma da cascavel moribunda.

Mãos me puxaram para longe dele. Eu gritei e me debati. Ele tremia, gravemente ferido. Seus dedos nervosos tamborilaram fracamente na mesa, criando uma música terrível. A polícia entrou.

“Olhem!” eu gritei para eles. “Olhem essas marcas de dentes no pulso de Bimi Tal. Duas presas profundas. Aquele é o homem que matou Ynecita, a dançarina!”

# O Guarda Fantasma

Bryan Irvine

Se cada um dos sessenta guardas e funcionários da Prisão de Granite River fosse questionado sobre o nome do guarda mais popular, haveria sessenta respostas idênticas: “Asa Shores”. Se os mil e quinhentos prisioneiros da prisão fossem perguntados sobre qual guarda era o mais odiado por eles, as respostas também seriam unânimes: “Asa Shores!”.

Se uma pessoa curiosa perguntasse a cada prisioneiro e a cada guarda: “Quem é considerado o criminoso mais perigoso, astuto e implacável da prisão?”, a resposta seria a mesma: “Malcolm Hulsey, o prisioneiro perpétuo”.

Pode parecer estranho que Asa Shores fosse tão querido por todos os guardas e funcionários, mas ao mesmo tempo tão detestado por todos os prisioneiros. Para quem não está familiarizado com as tarefas de um guarda prisional, poderia parecer que os métodos de Asa, se fossem tão desaprovados por mil e quinhentos prisioneiros, também seriam desaprovados por pelo menos um dos sessenta guardas. Mas a explicação é simples.

O bisavô de Asa Shores trabalhou em prisões, assim como marinheiros seguem o mar. Depois, o avô de Asa seguiu a mesma profissão, com mão de ferro e vontade inflexível, até o dia em que uma faca improvisada, nas mãos de um prisioneiro antigo, penetrou suas costas exatamente no ponto onde suas alças de suspensório se cruzavam, desviando-se ligeiramente para a esquerda e atingindo seu coração. A seguir, veio o pai de Asa, que morreu tentando conter a famosa fuga de Stromberg em 1895.

Assim, talvez por hereditariedade, Asa Shores encarava qualquer homem vestindo o cinza da prisão como um prisioneiro, nada mais, nada menos. Ele não abusava, mas também não favorecia nenhum preso. Um homem condenado a um ano de prisão para Asa era tão prisioneiro quanto um homem que cumpria uma sentença de prisão perpétua.

O crime pelo qual qualquer prisioneiro havia sido condenado pouco importava para Asa. Ele também não se preocupava com quem entre os prisioneiros era considerado perigoso. O fato de um homem vestir o cinza da prisão já era o suficiente, fosse ele um ladrão de segunda categoria cumprindo seis meses ou um assassino condenado a noventa e nove anos.

Quando Asa atirou e matou Richard “Mutt” Allison durante uma tentativa de fuga, o diretor da prisão comentou:



“Não havia necessidade de matar esse meio-intelectual, Asa. Ele estava cumprindo apenas um ano e era completamente inofensivo. Um tiro na perna ou no pé teria sido mais adequado.”

E a resposta de Asa foi:

“Eu não tinha ideia de quem ele era, embora já o tivesse visto dezenas de vezes, e não sabia por quanto tempo ele estava preso. Mas, mesmo que soubesse, não teria feito diferença. Ele era um prisioneiro, senhor, e estava tentando fugir. Se ele era meio-intelectual, como o senhor diz, deveria estar em um asilo, não na penitenciária.”

E assim ficou resolvido.

Se Asa já havia sorrido para um prisioneiro, esse fato nunca foi registrado. Também é sabido que nunca foi visto franzindo o cenho para um detento. Ele era, em resumo, a personificação inflexível do “dever”, e por isso, todo prisioneiro o odiava. Quando Asa atirava, era para matar — e ele nunca errava. Quatro pequenas cruzeiras brancas na colina árida perto da prisão proclamavam sua pontaria infalível.

Por que esse homem grande, de cabelos cor de areia, olhos azuis de aço e meia-idade era tão querido por seus companheiros de trabalho? Havia muitas razões. Era como se a atitude fria, vigilante e impassível de Asa em relação aos prisioneiros fosse compensada a cada dia, quando ele terminava seu turno, por um desejo saudável de deixar o trabalho para trás, como um cavalo de carga se livrando de um arreio irritante. Ele era a alma da vida nos alojamentos dos guardas; um homem grande, de bom humor, que adorava uma brincadeira, tanto quando era vítima e quando era o autor da piada. Se ele tinha um temperamento ruim, nunca deixou que ele viesse à tona. Ele se destacava em todos os esportes do ginásio e, de alguma forma, sempre encontrava mais histórias engraçadas do que qualquer outro homem da equipe. O velho e batido ditado de que “ele daria a camisa do próprio corpo a um amigo” lhe caía como uma luva. Ele dava generosamente aos amigos, e parecia encontrar verdadeira alegria em doar.

Após doze anos de serviço como guarda, Asa ainda era um simples guarda de muralha. Isso poderia ser desanimador para muitos, mas não para Asa. Poucos sabiam que ele recebia um salário maior que o dos outros guardas. Ele era um excelente guarda de muralha, por isso era mantido nesse posto, enquanto homens mais novos eram promovidos a cargos melhores. Mas Asa recebia o salário de um capitão de turno, então estava satisfeito.

Ele nem sequer se importou quando foi transferido da confortável Torre Número Um, no turno da manhã, para a Torre Número Três, no turno “cemitério” da noite, das oito da noite às quatro da manhã. Essa mudança foi considerada necessária por vários motivos. Primeiro,

porque Asa se recusava categoricamente a fazer distinção entre prisioneiros de curta ou longa duração, ou entre homens perigosos e inofensivos, ao usar seu rifle para impedir uma fuga.

Com os prisioneiros trancados em suas celas à noite, Asa, como guarda noturno, teria pouca oportunidade de praticar tiro com um prisioneiro em fuga como alvo. Outro motivo para destacá-lo para a Torre Número Três era que se esperava problemas naquela parte do pátio em algum momento da noite, e com Asa no posto, os oficiais sentiam que qualquer tentativa de fuga seria prontamente frustrada.

Um dos hábitos saudáveis de Asa, quando nenhum prisioneiro estava por perto, era cantar. Não era exatamente cantar, mas Asa pensava que sim, e ele encurtava as longas e solitárias horas da noite na Torre Número Três com uma música — ou melhor, com uma única canção, pois ele só sabia cantar essa. Não era uma música popular ou recente e, do jeito que Asa a cantava, soava como os sapos que coaxam nos pântanos à noite:

“Quando eu morrer e for enterrado,  
“Voltarei à noite, meio assombrado  
“Para espiar os que me odiaram.  
“Assombrar suas casas e roubar-lhes o sono,  
“Gelando seu sangue: sua pele em pranto  
“Aos que me odiaram.”

Não era uma música bonita; tampouco alegrava os guardas que passavam perto da Torre Número Três durante as rondas noturnas. Mas Asa adorava essa canção.

FOI durante a expansão do muro por mais duzentos pés para abrir espaço para um novo pavilhão de celas, que Asa atirou no “prisioneiro perpétuo” Malcolm Hulsey. O muro ao final, que ia da Torre Número Três até a Torre Número Quatro, havia sido demolido, e as pedras foram movidas duzentos pés para o sul, para serem usadas no novo muro. Uma cerca temporária de arame farpado foi erguida ao redor da área onde os prisioneiros trabalhavam na construção. Guardas armados adicionais foram posicionados a intervalos de cinquenta pés fora do cercado para vigiar os prisioneiros.

Um dia, Malcolm Hulsey havia fingido estar doente e com sucesso foi permitido que ficasse em sua cela. Os guardas do pavilhão o viram deitado em sua cama, com apenas o topo da cabeça visível acima dos cobertores. No horário de fechamento, os guardas que faziam a contagem viram um pé saindo debaixo dos cobertores na cama de Hulsey e o que acreditavam ser o topo da cabeça dele na parte de cima.

Às dez e quinze daquela noite, os olhos de águia de Asa Shores, na Torre Número Três, viram uma figura escura se esgueirando por baixo do fio inferior da cerca e correndo. Asa atirou uma vez e viu o homem cair.

Então Asa, para cumprir com as regras da prisão, gritou “pare!” O comando, claro, foi desnecessário, já que Hulsey havia parado abruptamente quando a bala de espingarda calibre trinta atravessou seu ombro.

Depois que o prisioneiro foi levado ao hospital, sua cela foi aberta pelos curiosos guardas. Um pé de madeira habilidosamente esculpido saía debaixo dos cobertores no pé da cama, várias bolsas de roupas velhas estavam sob os cobertores, e uma mecha de crina de cavalo preta aparecia na cabeceira da cama.

Antes de Hulsey deixar o hospital, o novo muro foi concluído. A Torre Número Quatro, em frente à Torre Número Três, foi demolida e uma nova Torre Número Quatro foi construída no novo canto do muro, duzentos pés ao sul. No outro canto, em frente à Nova Torre Número Quatro, estava a Nova Torre Número Três. A Velha Torre Número Três foi deixada de pé até novas ordens. Asa Shores continuou no turno da madrugada na Velha Torre Número Três.

Certo dia, enquanto estava de folga, Asa, vagando dentro dos muros, encontrou Malcolm Hulsey. O “perpétuo” ainda estava um pouco pálido e fraco devido ao ferimento à bala.

“Uma coisa que eu gostaria que você me explicasse, Sr. Shores,” disse Hulsey. “Você me acertou no ombro e depois gritou ‘pare!’ Por que não me mandou parar antes de atirar?”

“Bem, foi o seguinte, Hulsey,” respondeu Asa, sério e olhando o prisioneiro diretamente nos olhos. “Eu mirei no ponto onde calculei que seu coração deveria estar, mas a luz estava ruim e eu tive que atirar rápido. Eu naturalmente presumi que você estava morto quando mandei parar, e, acreditando que você estivesse morto, não vi razão para me apressar com o comando. Lamento ter estragado o trabalho assim, mas minhas intenções foram boas.”

“Mas,” insistiu o “perpétuo” franzindo o cenho, “você ainda não me disse por que atirou antes de me mandar parar.”

“Ah, isso?” Asa falou com um encolher de ombros despreocupado. “Isso é apenas uma formalidade para mim. Muitas vezes, depois de atirar em um prisioneiro, eu grito ‘pare’ algum tempo no dia seguinte — ou na semana. Além disso, se você tivesse uma boa oportunidade de me matar, você não diria, ‘Cuidado, Sr. Shores, estou prestes a te matar’.”

Por meio minuto, prisioneiro e guarda se encararam.

“Entendi,” Hulsey disse finalmente. “E acho que você está certo. Tenho a impressão de que a próxima vez será minha vez, Sr. Shores; e não haverá comando ou discussão prévia.”

“Justo, Hulsey,” respondeu Asa enquanto se afastava.

POR FIM, o novo e grande alojamento das celas estava concluído.

Asa se perguntava se ele continuaria na Velha Torre Número Três. Sabia que haviam decidido manter a velha torre na muralha, mas talvez não fosse mais usada.

Para comemorar a conclusão do novo prédio, o diretor declarou um feriado e deu ordens para que todos os presos tivessem o privilégio de usufruir do pátio naquele dia. Haveria lutas de wrestling, boxe, corridas e outros esportes.

Os aposentos de Asa Shores ficavam em um quarto de teto baixo no andar térreo de uma das torres da velha casa de celas. Asa já havia sido avisado várias vezes de que seu quarto não era um lugar seguro para dormir durante o dia. Os detentos no pátio podiam entrar no quarto a qualquer momento sem serem vistos pelos guardas do pátio ou pelos guardas das muralhas. Embora a única porta do quarto fosse grossa e pesada, Asa raramente a trancava.

Naquela tarde, Asa se levantou, reclamando do barulho que os prisioneiros faziam no pátio. Sua irritação, no entanto, desapareceu após um banho frio, e ele começou a cantar enquanto se olhava pela janela e penteava o cabelo:

“Quando eu morrer e for enterrado fundo,

“Voltarei à noite para dar uma olhada

“Naqueles que me odiaram.

“Assombrarei suas casas e roubarei seu sono,

“Esfriarei seu sangue, sua pele arrefriará,

“Aqueles que...”

A canção de Asa terminou ali — terminou em um gorgolejo horrível. Um “preso de confiança” o encontrou uma hora depois, deitado em uma poça de sangue perto da janela aberta.

Sua garganta havia sido cortada por um objeto afiado, empunhado por uma pessoa desconhecida.

Hulsey, o “preso perpétuo”, foi interrogado, claro, mas não havia absolutamente nada que indicasse que ele havia cometido o assassinato.

Os guardas olharam tristemente para o que restava de Asa Shores e disseram uns aos outros em voz baixa:

“Tinha que acontecer. Asa era bom demais como guarda de presos para não ser assassinado.”

E, embora os informantes da prisão mantivessem seus olhos e ouvidos atentos, e cada guarda se tornasse um detetive, o assassinato de Asa Shores permaneceu um mistério.

A Velha Torre Número Três foi fechada, e as portas, trancadas. Não havia uso imediato para ela, mas o diretor estava pensando na possibilidade de abrir outro portão de entrada para os guardas sob a torre. Nesse caso, claro, a torre seria usada novamente.

O Capitão Jesse Dunlap estava sozinho na sala de vigilância dos guardas, dentro das muralhas, à uma da manhã após o assassinato de Asa Shores. Bill Wilton, o guarda do pátio noturno, estava fazendo sua ronda em torno dos edifícios do pátio.

O Capitão Dunlap observava preguiçosamente os indicadores de latão no painel de relatórios à sua frente. O indicador da Torre Número Um girou meio caminho para a esquerda e um pequeno sino no painel tocou. O capitão pegou o telefone ao seu lado e recebeu o relatório: “Torre Número Um. Anderson de serviço. Tudo O.K.”

Dunlap apenas murmurou em resposta e colocou o fone de volta no gancho. Logo, o indicador da Torre Número Dois girou para a esquerda, o sino tilintou novamente, e Dunlap mais uma vez atendeu o telefone.

“Torre Número Dois. Briggs de serviço. Tudo O.K.” veio o relatório.

Depois, veio o da Nova Torre Número Três; em seguida, o da Torre Número Quatro. Dos três postos de guarda externos vieram os relatórios, e também o da casa das celas, cada guarda declarando o número do seu posto, seu nome e o habitual “O.K.”

Todos os indicadores no painel, exceto o da Velha Torre Número Três, já estavam virados. O Capitão Dunlap relaxou na cadeira, suspirou pesadamente e acendeu o cachimbo. Preguiçosamente, seus olhos voltaram ao painel de indicadores.

O indicador imóvel da Velha Torre Número Três prendeu seu olhar, e uma tristeza profunda o envolveu por um momento. Noite após noite, pontualmente na hora, ele via o indicador da Velha Torre Número Três virar alegremente para a esquerda e ouvia o tilintar do pequeno sino no painel. Sempre lhe parecera que o indicador da torre de Asa Shores se movia com mais energia que os outros, que o sino soava de forma mais animada, e que o relatório de Asa trazia uma nota de alegria que tornava as longas vigílias noturnas menos solitárias. Agora a velha torre estava fria, assim como o pobre Asa estava frio; as portas estavam trancadas e barricadas. Nunca mais, pensou Dunlap, ouviriam a familiar canção de Asa Shores flutuar na calma da noite. Quais eram as palavras daquela música?

“Quando eu morrer e for enterrado fundo,

“Voltarei à noite para dar uma olhada

“Naqueles que me odiaram...”

O Capitão Dunlap subitamente se sentou ereto na cadeira. O cachimbo caiu de seus lábios e bateu no chão quando seu queixo inferior caiu e seus olhos se arregalaram ao olhar para o painel de indicadores, pois—

O indicador da Velha Torre Número Três estava se movendo — movendo-se, não com um giro rápido para a esquerda, mas de maneira hesitante e trêmula, que fez os pelos da nuca de Dunlap se arrepiarem. Nunca antes o capitão havia visto um indicador se comportar daquela maneira. Na verdade, o sistema de indicadores foi projetado de forma que, sendo controlado por contatos elétricos, os indicadores se moviam rapidamente quando o botão em cada torre era pressionado pelo guarda de serviço naquela torre.

Em suma, de acordo com todas as regras da eletricidade aplicadas ao sistema, um indicador deveria permanecer imóvel ou girar rapidamente para a esquerda quando o botão na torre fosse pressionado. Mas lá estava o indicador da Velha Torre Número Três, tremendo, hesitando em ir para a esquerda, apenas para voltar repetidamente à posição vertical. E novamente, de maneira hesitante, lentamente para a esquerda, como se uma alma errante tentasse atravessar o véu que a separava dos vivos.

O Capitão Dunlap ficou rígido e observou os movimentos estranhos do brilhante indicador de latão. Pensamentos vagos e confusos sobre fios cruzados, brincadeiras ou almas perdidas atropelavam-se em sua mente.

Se ao menos o sino não tocasse! E se tocasse? Bem, então a morte, embora tivesse levado o que era mortal de Asa Shores, não havia vencido sua vigilância eterna e atenção ao dever.

O indicador oscilava mais para a esquerda, hesitante e incerto, então — o sino tocou!

Um toque fraco e lento, que soou estranho e sobrenatural no silêncio mortal da sala de vigilância levemente iluminada.

O Capitão Dunlap era um homem corajoso. Ele já havia enfrentado a morte com um sorriso várias vezes na Prisão de Granite River.

Mas o perigo sempre vinha de homens vivos, de carne e osso. Agora, ele estava dominado por um terror avassalador, um medo indescritível que parecia congelar o sangue em suas veias, contrair cada músculo e nervo de seu corpo, sufocando seu coração.

Mesmo assim, a razão tentava se fazer ouvir em sua mente. E se aquilo fosse parte de Asa Shores, uma parte dele que havia permanecido na Terra para desafiar a morte e continuar

cumprindo seu dever? Asa não tinha sido sempre um amigo fiel para o Capitão Dunlap? Por que ele deveria temer o espírito de um amigo?

Dunlap estendeu uma mão trêmula, pegou o fone do gancho e, lentamente e relutante, levou-o ao ouvido. Como ele desejava, esperava, orava para que nenhuma voz viesse pela linha!

Mas a voz veio, precedida por um leve som sussurrante:

“Torre v-v-v-velha—” uma longa pausa, e então, fraca, quase inaudível, como se a mensagem viesse de milhões de milhas de distância — “Torre v-v-velha n-número três. S-S-Sho—”

Outra pausa, um amontoado de palavras sem sentido, e então uma risada abafada. Meu Deus! A risada familiar de Asa!

“De plantão. Tudo O-O—tudo O—”

Uma leve risada, um som agudo de zumbido, um suspiro, o leve tinir de um sino e então silêncio!

Dunlap não ouviu o clique de um fone sendo recolocado no gancho. A linha aparentemente ainda estava aberta.

Ainda segurando o fone no ouvido, o capitão molhou seus lábios secos com a ponta da língua. Sua mão livre foi, involuntariamente, até sua testa num gesto vago e incerto, e voltou úmida de suor. Ele deveria responder àquela ligação fantasma? Deveria falar com aquela coisa que mantinha a linha?

Quando finalmente falou, sua voz estava rouca, estranha até para ele:

“Quem — quem fez isso, Asa? Quem — quem — se você está morto — se isso é você, Asa, me diga — quem fez isso.”

Novamente aquele estranho zumbido incomum. E então, da Torre Velha Número Três, ou talvez do além, veio uma voz fraca, sussurrante, incerta:

“E ele — ele — foi . . .”

A voz terminou com um gorgolejo.

Dunlap recolocou o fone no gancho, e ao fazê-lo, seus olhos pousaram no painel de indicadores e ele arfou de surpresa; pois o indicador da Torre Velha Número Três estava voltando, tremulando, hesitante, à posição vertical no mostrador de tempo!

Esse comportamento inédito do indicador era o maior mistério de todos. Os indicadores, cada um controlado de forma independente pelos botões de pressão em cada torre, foram construídos mecanicamente para girar apenas da direita para a esquerda.

O indicador da Torre Velha Número Três havia voltado da esquerda para a direita!

O CAPITÃO DUNLAP não fez nenhum esforço para resolver o mistério.

A Torre Velha Número Três estava trancada e não poderia ser acessada, a não ser que alguém cruzasse o muro a partir da Nova Torre Número Três, no canto sudeste da muralha, ou da Torre Número Dois, no canto nordeste. O próprio Dunlap havia fechado e trancado as portas e janelas da torre. Havia apenas uma chave para as portas da torre, e essa chave estava no bolso de Dunlap.

Ao contrário das outras torres, a Torre Velha Número Três não tinha entrada pelo chão do lado de fora da muralha. Ela foi construída solidamente de pedra, do chão até o topo, e as únicas entradas eram as duas portas que comunicavam com o topo da muralha em ambos os lados da torre.

Além disso, ordens rigorosas haviam sido dadas para que ninguém entrasse na torre, a menos que fosse instruído pelo capitão da equipe. E, devido ao brilho das luzes próximas à muralha, seria impossível para qualquer um cruzar o muro até a torre sem ser visto pelos outros guardas da muralha.

A ligação misteriosa poderia ter vindo de outra torre da muralha? Impossível, por esta razão: quando o botão de pressão em uma das torres da muralha — digamos, na Torre Velha Número Três — era pressionado pelo homem de plantão, o indicador no painel na sala de observação do capitão girava para a esquerda, um quarto de volta no mostrador de tempo, o pequeno sino no painel tocava e todas as conexões telefônicas com as outras torres eram automaticamente cortadas até que o capitão recolocasse o fone no gancho após receber o relatório da Torre Velha Número Três.

Dunlap não mencionou nada a Bill Wilton quando este retornou à sala de observação após fazer sua ronda no pátio. Seria melhor, ele raciocinou, não dizer nada a ninguém sobre a ligação misteriosa. Eles só ririam dele se contasse. Se o indicador não tivesse voltado à posição vertical no mostrador de tempo, ele teria alguma prova para apoiar sua história bizarra sobre a ligação fantasma. Mas o indicador havia, diante de seus próprios olhos, retornado à posição original após a chamada.

Uma hora depois, às duas da manhã, Dunlap observava com receio o indicador da Torre Velha Número Três. Relatórios de todos os outros postos haviam sido recebidos. Então, de repente, o indicador tremulou incerto, girou quase um quarto de volta para a esquerda e voltou à posição vertical. Às três horas, não se moveu. Nem às quatro horas.

Uma semana se passou. Nem um tremor perturbou o indicador da “torre fantasma”.



Então, certa manhã, por volta de uma e meia da madrugada, um grito aterrador e penetrante no bloco de celas acordou metade dos homens no edifício e fez o guarda do bloco correr até a cela vinte e um no corredor; pois foi dessa cela que veio o grito de gelar o sangue.

O rosto pálido, coberto de suor, de Malcolm Hulsey, o “prisioneiro perpétuo”, estava pressionado contra as grades da porta da cela quando o guarda chegou. As grandes mãos do condenado agarravam as barras e seu corpo robusto, de cento e quinze quilos, vestido apenas com uma camiseta regulamentar, tremia, sacudia e espasmava da cabeça aos pés. Um medo horrível estava estampado em seus olhos, seus dentes batiam uns nos outros, e os músculos de seu rosto se contraíam espasmodicamente.

“Está doente, Hulsey?” o guarda perguntou, acostumado a essas explosões nervosas em um prédio cheio de almas torturadas.

“Eu vi — eu vi—” Hulsey começou, os dentes batendo e tornando quase impossível falar. “Eu vi — Oh, Sr. Hill, por favor, me dê um companheiro de cela — agora, esta noite! Eu — sou um homem doente, Sr. Hill. Meus nervos estão despedaçados, acho. Não posso ter um companheiro de cela para conversar, Sr. Hill?”

“O que você viu?” o guarda perguntou.

“Ele estava bem onde você está agora,” Hulsey sussurrou roucamente. “Apontando os dedos para mim, estava, quando eu abri os olhos e o vi. Sorrindo, também. Eu — eu”—um arrepio violento—”Eu podia ver através dele, Sr. Hill; podia ver as barras naquela janela além dele. Eu—”

“Quem? Ver quem?” o guarda interrompeu.

Hulsey pareceu perceber, então, que estava falando demais; que não estava se comportando como o preso mais durão da prisão deveria.

“Bem,” ele gaguejou. “Eu vi — eu achei que vi — um velho camarada meu. Ele já está morto há muito tempo. Nerves, acho eu. Pensando demais sobre meu velho camarada e os bons velhos tempos. Pesadelo. Eu acho.”

“É, pesadelo, com certeza!” o guarda antipático resmungou. “Mas não grite mais assim ou vamos te jogar na cela acolchoada. Você acordou todo o pavilhão. Volte para a cama agora e esqueça esse seu velho camarada.”

“Se eu ao menos pudesse!” Hulsey sussurrou roucamente para si mesmo, enquanto voltava para a cama.

Dois semanas se passaram.

Não houve mais surtos na cela vinte e um. A “torre fantasma” no muro estava silenciosa, fria.

Então, às duas horas da manhã, o Capitão Dunlap viu o indicador se mover. Aquilo o enjooou, fez com que desejasse ardentemente estar a mil milhas da Prisão de Granite River.

O indicador se moveu lentamente, hesitante, para a esquerda, e o sino tilintou fracamente. O capitão colocou o receptor no ouvido, mas não houve som: a linha estava morta. O indicador voltou à sua posição original quando o capitão colocou o receptor de volta no gancho.

Alguns minutos depois, o guarda do pátio entrou na guarita. Bill Wilton, o guarda do pátio regular no turno da madrugada, estava de licença, e o guarda substituto era novo na prisão.

“Eu não entendi mal quando o senhor disse, Sr. Dunlap,” o novo guarda disse, “que não havia ninguém na Torre Velha Número Três?”

“Você ouviu bem,” Dunlap respondeu.

O guarda coçou a orelha esquerda e pareceu confuso.

“Engraçado,” ele finalmente comentou. “Tenho certeza de que ouvi alguém naquela torre, cantando baixinho, quando passei por baixo dela alguns minutos atrás.”

“O que ele estava cantando?” o capitão perguntou, inclinando-se para frente e fixando um olhar penetrante no recém-chegado à prisão.

“Deixe-me ver agora,” disse o guarda pensativamente. “Não consegui entender muito da canção. Algo sobre ‘quando eu morrer no fundo do oceano’ — Não, não era isso. ‘Quando eu morrer e for enterrado bem fundo’ — é isso. Depois havia algo sobre esse cara morto voltando para assombrar as pessoas, e um monte de bobagens assim.”

“Entendo,” disse Dunlap, enquanto se levantava da cadeira. “Vou subir e dar uma olhada na torre. Fique aqui até eu voltar.”

Dunlap saiu pelos muros e subiu pela Torre Nova Número Três, onde questionou o Guarda Jim Humphrey. Humphrey não tinha visto ou ouvido nada incomum na torre ou perto da Torre Velha Número Três.

Enquanto caminhava pelo muro em direção à torre fantasma, o Capitão Dunlap admitiu francamente para si mesmo que estava “morrendo de medo.” Parando na porta, ele olhou nervosamente pela janela.

As luzes do pátio iluminavam o interior da torre o suficiente para assegurar-lhe que não havia ninguém — ou “coisa” — lá dentro. Ele destrancou a porta e entrou.

Com uma lanterna, ele examinou minuciosamente o telefone. Poeira havia se acumulado no aparelho. O receptor e o transmissor aparentemente não haviam sido tocados desde que Asa Shores deixou a torre. Poeira havia se acumulado nas maçanetas internas. Que

as maçanetas não haviam sido tocadas desde a morte de Shores era óbvio. A única cadeira, os peitoris das janelas, o pequeno lavatório e a bacia de lavar estavam todos cobertos por uma fina camada de poeira ininterrupta.

Ali, sobre a caixa de baterias do telefone, repousava o velho cachimbo de milho de Asa, e, perto dele, uma pequena caixa de fósforos. As trancas das janelas estavam exatamente como Dunlap as havia deixado quando fechou e trancou a torre com segurança um mês antes.

Era um oficial de prisão confuso e nervoso que deixou a torre, trancou as portas e voltou para a guarita interna.

No dia seguinte, Malcom Hulsey, o “prisioneiro perpétuo,” foi internado no hospital. O diagnóstico do médico foi “colapso nervoso.”

Mas Hulsey, apesar de seus nervos estarem completamente destroçados, ainda era capaz de tramar com astúcia.

Sua admissão ao hospital havia sido acelerada por uma dieta de sabão. Hulsey estava tão ansioso para sair da Prisão de Granite River, e estava tão certo de sua capacidade de fazê-lo se conseguisse ser internado no hospital, que recorreu ao velho mas eficaz expediente de comer sabão.

Sabão, ingerido em pequenas doses, provoca várias mudanças fisiológicas intrigantes e aparentemente graves no corpo. Hulsey parecia doente e se sentia mal, mas não estava perigosamente enfermo. Durante muitos meses, Malcolm Hulsey vinha observando atentamente os movimentos dos guardas noturnos. Durante sua estadia no hospital, enquanto se recuperava do ferimento a bala no ombro, ele havia “arquitetado” um possível meio de fuga, e estava prestes a tentar quando o médico o considerou suficientemente recuperado para ser devolvido ao pavilhão de celas.

O plano de fuga do “perpétuo” era simples: À meia-noite, enquanto o Capitão Dunlap e sua equipe estavam de plantão, o guarda do pátio fazia sua ronda, contava os pacientes no hospital e saía do pátio pelo portão dos guardas para comer sua refeição na sala de jantar dos guardas fora dos muros. Quando o guarda do pátio voltava para a guarita interna, ele trazia consigo uma refeição quente para o Capitão Dunlap.

Ao contar os homens no hospital, o guarda do pátio geralmente não entrava no prédio. Ele apenas acendia as luzes em uma grande enfermaria e olhava pela janela. O enfermeiro preso de plantão à noite estava pronto, e quando as luzes eram acesas, ele ia de cama em cama e parcialmente descobria cada paciente para que o guarda do pátio do lado de fora pudesse vê-los e contá-los.

Havia vários fatores a favor de Hulsey agora, um deles sendo o fato de que um novo guarda substituto estava de serviço no portão de entrada dos guardas durante a ausência do guarda regular, que estava de férias. Havia apenas um paciente no hospital além de Hulsey. O guarda do pátio teria que ser atraído para dentro do hospital, dominado, seu uniforme tirado, e então Hulsey, vestido com o uniforme, tentaria enganar o guarda do portão para que lhe entregasse as chaves.

Às quinze para a meia-noite no primeiro dia de Hulsey no hospital, o “condenado à prisão perpétua” levantou-se silenciosamente da cama enquanto o enfermeiro, outro presidiário vestido de branco, estava de costas. Três minutos depois, o enfermeiro desprevenido foi nocauteado com um golpe certeiro na nuca, amarrado com lençóis, amordaçado, despido de seu uniforme branco e cuidadosamente acomodado na cama recentemente ocupada pelo Sr. Malcolm Hulsey.

O outro paciente, um velho prisioneiro debilitado, foi amordaçado e amarrado à cama com lençóis. Hulsey então vestiu o uniforme branco do enfermeiro e, após colocar o enfermeiro e o velho preso em suas camas para que parecessem estar dormindo pacificamente, o “condenado” se deitou de bruços no chão, aguardando o desenrolar dos acontecimentos.

À meia-noite, o novo guarda apareceu na janela do hospital e acendeu as luzes. Tendo contado os homens no hospital a cada hora desde as oito, o guarda pretendia agora dar uma olhada rápida nos pacientes e seguir para o portão. Lá estavam seus dois pacientes, aparentemente dormindo tranquilamente. Mas onde estava o enfermeiro?

O coração de Hulsey batia como um martelo pneumático enquanto ele permanecia estirado no chão. Será que o plano funcionaria? O guarda entraria no hospital para investigar ou iria relatar ao Capitão Dunlap quando visse a figura vestida de branco no chão?

Os olhos do guarda então pousaram no homem caído no chão.

“Hum!” ele exclamou. “Lugar engraçado para o enfermeirinho estar dormindo!”

Mas a figura caída não parecia estar dormindo. O guarda ficou intrigado. Talvez o enfermeiro tivesse desmaiado, ou caído e se machucado. O guarda bateu na janela com uma chave. Nenhuma resposta, nenhum movimento do enfermeiro ou dos pacientes.

Então, o “otário” entrou no hospital. Um guarda mais experiente teria reportado ao Capitão. Ele estava prestes a se inclinar para virar o pseudo-enfermeiro de costas quando seus tornozelos foram subitamente agarrados e suas pernas puxadas para cima.

A cabeça do guarda bateu em uma cama de ferro enquanto ele caía, aliviando Hulsey do desagradável trabalho de nocauteá-lo.

Vários minutos depois, o “condenado” vestindo o uniforme do guarda, caminhava corajosamente até o portão.

“O que temos no cardápio hoje, Frank?” Hulsey perguntou casualmente, puxando o chapéu mais para baixo, cobrindo os olhos.

“A mesma coisa de sempre — carne moída,” respondeu o guarda do portão, enquanto abaixava as chaves. Embora a tensão, a ansiedade e a incerteza fossem terríveis, Hulsey assobiava calmamente enquanto destrancava o primeiro portão. O grande cadeado do portão externo não era tão fácil de abrir. Hulsey hesitou, suas mãos tremiam, apesar de todo o esforço para se manter calmo, o assobio enfraqueceu, saiu do tom e morreu em um som dissonante.

“Ei!” o guarda do portão de repente gritou. “Olha pra cá! Por Deus, suas ações não estão me parecendo boas.”

HULSEY não olhou para cima. Ele deu outra tentativa frenética com a chave, e o cadeado abriu.

Nesse curto espaço de tempo, o guarda da muralha correu para o posto de observação e pegou uma espingarda. Quando ele saiu na porta do posto, uma figura sombria desapareceu atrás de um prédio a vinte pés do portão.

Um momento depois, o alarme nas dependências dos guardas soou freneticamente, e uma dúzia de homens de olhos sonolentos saltaram das camas, calçaram os sapatos e as calças e correram para o pátio.

O guarda do portão só pôde indicar onde ele tinha visto o prisioneiro fugitivo pela última vez. Capturar o homem numa noite tão escura parecia impossível, considerando também que o fugitivo tinha uma vantagem de sete minutos. No entanto, os guardas, meio vestidos, se dispersaram e seguiram em direção a um denso bosque de salgueiros a várias centenas de metros do local onde o prisioneiro foi visto pela última vez.

Por cinco minutos após os guardas desaparecerem na escuridão, o silêncio reinou sobre a prisão. Então—

De um ponto distante no bosque escuro, um grito aterrorizante, meio animal, meio humano, de pavor mortal, rasgou o silêncio da noite e ecoou repetidamente nas altas paredes da prisão.

Guardas de rosto pálido, temporariamente paralisados por aquele grito assustador, atravessaram o matagal, suas lanternas dançando como olhos de demônios em fúria. Foi então que encontraram Malcolm Hulsey, o “perpétuo”.

Jazendo de bruços na lama de uma pequena margem de riacho, mãos agarrando o ar vazio, grandes espasmos de terror maníaco percorriam seu corpo, o outrora temível prisioneiro murmurava coisas insanas e incoerentes.

Dois guardas o ergueram de joelhos. Outros iluminaram seu rosto com as lanternas —um rosto digno de pesadelos; um rosto cadavérico, parcialmente coberto de lama negra; um rosto pálido onde a sujeira não cobria. Os olhos estavam arregalados, salientes, vidrados.

“Vejam! Vejam!” o prisioneiro sussurrou roucamente, apontando uma mão coberta de lama para um recanto escuro e denso no matagal. “Olhem! Ele está lá e aponta pra mim — e ri! É Asa Shores! Ele esteve na minha cela todas as noites durante semanas — rindo de mim! Ele cantava uma canção de morte para mim — sempre cantava — sempre ria! Não me deixava dormir! Ele está vindo para mim! Parem ele! Por favor—”

Então, outro grito horrível, um tremor, um suspiro, e os guardas soltaram o corpo sem vida de Malcolm Hulsey na lama.

Por um capricho estranho do destino, os guardas involuntariamente apagaram suas lanternas. Escuridão total, silêncio absoluto os envolveu. Então, um som fraco foi ouvido.

“Escutem!” disse a voz rouca do Guarda Jerry Clark. “Vocês estão ouvindo?”

Pouco se ouvia. Era um som fraco e ficando cada vez mais distante.

“Quando eu morrer e for enterrado no chão,

Eu voltarei à noite para . . .”

Então, o som desapareceu, e tudo ficou em silêncio novamente.

## O Carniçal e o Cadáver

G. A. Wells

Esta é a história de Chris Bonner, não a minha. Quero deixar claro que não serei responsável por ela. Antigamente, eu tinha certa confiança na veracidade de Chris Bonner, mas isso é coisa do passado. Ele é um mentiroso; um mentiroso sem escrúpulos. Eu praticamente disse isso a ele na cara. Fico imaginando que tipo de tolo ele pensa que sou!

Agora, ouça com atenção e você saberá o relato incrível que ele me contou. Foi, e sempre será, uma mentira. Sempre vou pensar assim.

Ele apareceu marchando até o iglu lá na Baía de Aurora. Isso fica no Alasca, à beira do Mar Ártico. Eu tinha estado no interior trocando peles para uma empresa de Nova York e, devido a contratempos, não cheguei à costa até três dias depois de o último navio partir. Lá estava eu, preso no inverno, sem chance de sair até a primavera, com apenas alguns poucos índios ignorantes como companhia. Graças a Deus eu tinha bastante comida enlatada!

Como eu disse, Chris Bonner apareceu marchando como se você fosse até a casa do vizinho ali na esquina.

“E de onde diabos você surgiu?”, perguntei, ajudando a tirar o parka rígido dele.

“Lá de baixo,” respondeu ele, apontando com o cotovelo para o sul. “Me arruma algo para comer, MacNeal. Tô com fome pra caramba. Olha só o que tem na mochila!”

Eu já tinha reparado na mochila que ele tinha largado no chão coberto de peles do iglu. Estava tão vazia quanto um cachorro esfomeado. Esquentei uma lata de caldo de carne e alguns feijões, fiz uma caneca de café no fogo de gordura de baleia que servia tanto para aquecer quanto para iluminar, e coloquei isso e alguns biscoitos diante do meu visitante. Ele atacou a comida como um lobo.

“Agora me dá um cachimbo e um pouco de fumo, MacNeal,” ele pediu, empurrando os pratos vazios para o lado.

Dei a ele um dos meus cachimbos e minha bolsa de fumo. Ele encheu e acendeu. Parecia que estava aproveitando o fumo; imaginei que fazia um bom tempo que ele não tinha um. Ficou um tempo em silêncio, olhando para o fogo bruxuleante.

“Diz aí, MacNeal,” falou ele depois de um tempo, “o que você sabe sobre aquela teoria que diz que, uma vez, nosso mundo girava sobre seu eixo em um plano diferente? Já ouvi dizer que a Terra inclinou uns setenta graus. O que você sabe sobre isso?”

Aquilo era estranho vindo de Chris Bonner. Ele era um puro e simples garimpeiro e eu nunca o vi se afastar muito do assunto de mineração. Ele caçava ouro desde o Panamá até o Círculo Ártico havia trinta anos.

“Provavelmente não sei mais que você,” respondi à sua pergunta. “Já ouvi falar dessa teoria também. Eu diria que é um palpite como qualquer outro.”

“Essa teoria diz que o Polo Norte ficava onde hoje está o Equador,” ele continuou. “Você acredita nisso?”

“Não sei nada sobre isso, Chris,” respondi. “Mas sei que já encontraram coisas por aqui que hoje são geralmente reconhecidas como sendo de natureza tropical.”

“Tipo o quê?”

“Palmeiras e samambaias, uma espécie de papagaio, tigres dentes-de-sabre; e também mastodontes, que são membros da família dos elefantes. Tudo fósseis e partes de esqueletos, entende?”

“Nem um ser humano, MacNeal? Nenhum esqueleto ou fóssil de humanos por aqui?”

“Nunca ouvi falar. Mas em lugares como Inglaterra e França estão encontrando gente pré-histórica.”

“Hm,” ele disse.

Ele ficou pensativo, tragando o cachimbo, os olhos fixos no fogo. Parecia perplexo com alguma coisa.

“Olha só, MacNeal,” disse ele de repente. “Se um homem morre, ele está morto, não está?”

“Sem dúvida,” eu ri, sem entender.

“Não poderia voltar à vida, certo?”

“Difícilmente. Não se ele estivesse realmente morto. Já ouvi falar de casos de animação suspensa. O coração, aparentemente, para de bater por um, dois ou até dez minutos. Mas, na verdade, não para; só que não dá para detectar. Quando o coração de um homem para de bater, ele está morto.”

Bonner assentiu com a cabeça.

“Animação suspensa,” ele murmurou, mais para si do que para mim. “Deve ser isso. Essa é a única explicação; nada mais explicaria. Se pode cobrir um período de dez minutos, por que não vinte ou até cem mil anos...”

“Se você quiser descansar, Chris, posso arranjar um lugar para você dormir,” interrompi.

Ele percebeu o tom da minha voz e sorriu.



“Você acha que eu estou maluco, né?”, disse ele. “Mas não estou. É um milagre, considerando o que eu vi e o que eu... Aqui, deixa eu te mostrar uma coisa!”

Ele enfiou a mão em sua mochila quase vazia e tirou um objeto que, à primeira vista, pensei ser uma faca de açougueiro.

Ele me entregou, e percebi imediatamente que não era uma faca de açougueiro como as que eu conhecia. Era uma faca curiosa, algo que um colecionador de antiguidades pagaria uma boa quantia para ter.

Tinha uma cor muito escura, quase preta; parecia corroída, como se tivesse ficado por muito tempo em um porão úmido. Era feita de uma única peça, com o cabo medindo cerca de cinco polegadas e a lâmina talvez dez. Ambos os lados da lâmina eram afiados, e a ponta era pontiaguda como a de uma adaga. Definitivamente, não era de aço. Eu raspei um dos lados da lâmina com a unha do polegar e expus um amarelo cremoso sob a camada de preto.

“Parte disso que você raspou é sangue, MacNeal,” disse Bonner. “Agora, de que material acha que essa faca é feita?”

Examinei o ponto amarelo com atenção. A faca era feita de marfim. Não era o tipo de marfim com o qual eu estava acostumado; o grão era muito mais grosso do que qualquer outro que eu já tinha visto.

“Isso veio de uma presa de mastodonte, MacNeal,” disse Bonner.

Olhei para ele. Ele estava assentindo, sério. Pelo menos, ele acreditava no que dizia.

“Belo artefato, Chris,” comentei, devolvendo o objeto. “Uma herança, sem dúvida. Pegou isso em uma das aldeias indígenas, certo?”

Ele não falou de imediato. Ficou fumando, olhando para o fogo. Em um momento, franziu o cenho, profundamente pensativo. Esperei.

“Eu estava fazendo prospecção, como de costume,” disse ele, finalmente. “Lá pelos arredores das nascentes do Tukuvuk. É um lugar terrível; ninguém jamais vai lá. Os índios me disseram que os espíritos dos mortos vivem lá. Eu acredito, é um lugar perfeito para demônios e diabos. E eu passei bem no meio disso. Acho que fui o primeiro a fazer isso. Não importa como cheguei lá; vim do sul no último verão. Veja bem, eu tinha uma ideia de que havia ouro naquele lugar.

“O local onde finalmente me instalei era um pequeno vale em um dos afluentes do Tukuvuk, entre duas cadeias de colinas com alturas que variavam de quinhentos a talvez três mil pés. Parecia uma bagunça; todo desordenado, como se o Senhor tivesse algumas porções grandes de coisas sobrando e as tivesse jogado ali para se livrar delas.

“Mas o ouro estava lá; eu quase podia senti-lo. Estava obtendo algumas boas amostras na minha bateia; foi isso que me fez decidir ficar por lá. Cheguei por volta de meados de julho e passei o resto do verão cavando buracos na beira do riacho e nos platôs acima. O que encontrei indicava que havia uma veia muito rica de metal amarelo por ali, com uma das extremidades alojada em uma espécie de bolsa de minério. Se eu conseguisse localizar essa bolsa, pensei, teria uma fortuna maior que a do tesouro dos Estados Unidos. Mas não consegui rastrear a bolsa apenas observando os buracos, porque eles não seguiam nenhuma direção em particular.

“Tão envolvido na busca pela bolsa de ouro, não percebi que a temporada estava acabando. Mas eu tinha levado comida suficiente para o inverno, então isso não importava. Mesmo assim, era hora de construir algum tipo de abrigo, então apressei-me em montar uma cabana de um cômodo, cerca de três por três metros, usando a madeira das encostas com meu machado. Nada sofisticado, mas era bem vedada. Fiz uma lareira e empilhei bastante lenha do lado de fora.

“Feito isso, o inverno já estava sobre mim; mas eu não consegui resistir à tentação de tentar uma última vez encontrar a bolsa que espalhava o metal amarelo por toda parte. Como eu disse, não obtive informações dos buracos, então tudo era pura adivinhação. Adivinhei que encontraria a bolsa no lado de uma certa colina, cerca de sessenta metros acima do nível do riacho. Uma geleira descia pela lateral da colina por um pequeno desfiladeiro, e minha teoria era que o gelo desgastava a bolsa e trazia o metal até o riacho, e o riacho o espalhava. Essa teoria se confirmou até certo ponto, porque minhas melhores amostras sempre vinham de um ponto um pouco abaixo da junção do riacho com a geleira.

“Estava nevando na manhã em que peguei minha bateia e pá e comecei a subir o lado da colina, mantendo-me à beira da geleira. Não era uma geleira muito grande; talvez com uns cinco metros de largura. Eu a via serpenteando pela colina até desaparecer por uma fenda a cerca de trezentos metros de altura. Provavelmente alimentado por um lago lá em cima.

“Eu tinha subido cerca de trinta metros, seguindo a beira da geleira, quando avistei uma mancha escura na borda do gelo. Estava a uns sessenta centímetros abaixo da superfície. Limpei a fina camada de neve para dar uma olhada. O gelo era claro como um cristal, de cor azul. E sabe o que era, MacNeal? Era o corpo de um homem!”

Ele fez uma pausa e me lançou um olhar rápido. Ele queria ver como eu reagia àquilo, presumi.

“O corpo de um homem,” continuou ele. “E o homem mais estranho que eu já vi na vida. Ele estava deitado de bruços, e eu não vi o rosto dele naquele momento, mas sabia que

era um homem. Estava coberto de pelos longos, como — bem, como um urso, digamos. E não tinha um fio de roupa.”

“O que você fez?” perguntei.

“Bem, fiquei tão surpreso que deixei cair minha bateia e pá, e fiquei olhando para aquela coisa, com os olhos quase saltando. O que qualquer um faria ao encontrar uma coisa peluda congelada em uma geleira? Não nego que fiquei um pouco assustado, MacNeal.

“Fiquei lá, parado, olhando para aquilo por não sei quanto tempo. Não me ocorreu, naquela hora, perguntar a mim mesmo como aquilo tinha ido parar lá. Certamente, a ideia de fósseis ou homens pré-históricos não me passou pela cabeça. Não pensei em nada, só fiquei ali, boquiaberto.

“Você me conhece, MacNeal; acho que sou um tanto sentimental em alguns aspectos. Eu pararia para enterrar um cachorro morto que encontrasse na estrada. Sabia que não ficaria em paz até cortar aquela coisa da geleira e lhe dar um enterro decente. Além disso, eu não queria que ela ficasse ali quando eu fosse trabalhar naquele lado da colina na primavera; e com certeza ainda estaria lá, porque aquela geleira, imagino, não se movia nem um centímetro por ano.”

“Então voltei para a cabana e peguei meu machado, e com pouco ânimo para o trabalho comecei a fazer as lascas voarem. Levei cerca de três horas para tirar aquela coisa da geleira. Veja, enquanto me aproximava, fui devagar; não gosto de mutilar nem mesmo um homem morto.

“MacNeal, você consegue imaginar o que significou para mim desenterrar um cadáver de uma geleira, numa encosta naquela terra maldita? Não, você não pode, e essa é a verdade. Teria que passar por isso para entender. Foi um inferno. Não quero mais nada disso na minha vida. Nem do que veio depois.”

“O que aconteceu depois?” perguntei quando ele hesitou.

“Você vai ouvir,” ele respondeu, continuando: “Eu finalmente tirei aquela coisa, com pequenos pedaços de gelo grudados nela, e arrastei até a margem, se é que uma geleira tem margem. Me congelava só de olhar para aquilo, com os pedaços de gelo grudados no cabelo longo. Uma vez, em Dawson, vi um homem sendo tirado do Yukon, com o gelo grudado nele. Mas aquilo foi diferente; em Dawson havia uma multidão para dar ânimo. Virei a coisa de costas para ver como era pela frente.”

“E então?” perguntei.

“Você já viu macacos, MacNeal?”

“Aquilo parecia com um?” retruquei, começando a ligar as perguntas estranhas dele ao que ele estava me contando. “Você não está falando sério, Chris!”

“Estou te contando,” ele assentiu solenemente. “Um homem-macaco, é isso que era. Mais homem do que macaco, se você me perguntar. Por exemplo, o rosto era mais achatado que o de um macaco, e a testa e o queixo eram mais pronunciados. O nariz era achatado, mas não como o de um macaco. E as mãos e pés eram como os de um homem. Ah, era um homem, com certeza. O que me convenceu, acho, foi a faca que estava presa na mão dele.”

“A faca que você tem aí?” perguntei.

“Essa mesma faca,” ele respondeu.

“E o que aconteceu depois, Chris?” o incentivei a continuar.

“Eu dei uma boa olhada naquilo e corri para a minha cabana. Sim, MacNeal, eu corri, e não tenho vergonha de admitir. Aquilo me assustou. A coisa mais feia que já vi. Os olhos estavam arregalados, brilhando, e os lábios grossos abertos, mostrando o conjunto mais nojento de presas que já vi na boca de homem ou besta. Eu te digo, aquela coisa parecia viva! Não é de admirar que eu tenha saído correndo. Você teria feito o mesmo. Qualquer um faria.

“De volta à cabana, me sentei na cama para pensar sobre aquilo. E foi enquanto eu estava sentado ali tentando entender que me lembrei daquela teoria sobre a Terra inclinar. Isso me deu uma pista sobre o que eu tinha encontrado. Claro, eu já tinha ouvido falar de fósseis e partes de esqueletos de homens pré-históricos sendo descobertos. Mas eu tinha encontrado, não um fóssil ou parte de um esqueleto, mas o homem pré-histórico em si? Aquilo me tirou o fôlego. Se fosse o caso, meu nome entraria para a história, e eu seria convidado a dar palestras em sociedades científicas e coisas assim. Pense nisso, MacNeal.

“Eu te digo, não conseguia acreditar completamente naquilo. Era incrível. Lá estava eu, nesse ano de nosso Senhor, com o corpo intacto de um homem que viveu Deus sabe quantos séculos atrás. Aquele corpo, entende, poderia ser a chave para o mistério da origem da humanidade. Poderia, talvez, resolver de vez a teoria de Darwin, de um jeito ou de outro. Era algo muito sério para mim, entende?”

“Bem, eu decidi preservar a coisa até poder sair e fazer um relatório da descoberta. Mas como preservá-la? Claro, se eu a deixasse na geleira, ela se manteria indefinidamente, como um pedaço de carne no congelador. Eu tive medo de colocá-la de volta no buraco da geleira e congelá-la novamente com a água que eu pegava no riacho; a água do riacho poderia causar alguma ação química que arruinaria a coisa. E se eu a deixasse onde estava, a neve a cobriria, formando um cobertor quente e provavelmente faria a coisa se decompor, e eu não teria nada

além do esqueleto. Eu queria salvar a coisa exatamente como a tinha encontrado; talvez os cientistas encontrassem uma maneira de embalsamá-la.

“Finalmente tive a ideia de mantê-la num bloco de gelo. Isso resolveria o problema até o clima assumir o controle. O frio ainda não tinha chegado de vez. Eu te digo, foi um trabalho sujo manter aquilo congelado com pedaços de gelo que eu cortava da geleira, e para piorar, o clima ficou ameno por algumas semanas. Então, de repente, o mercúrio do meu pequeno termômetro caiu drasticamente e ficou um frio cortante. Levei a coisa até a cabana e a deixei encostada na parede do lado de fora, onde não seria coberta pela neve, e amarrei ela lá.

“Você consegue imaginar dormir na minha cama todas as noites depois disso, com aquela coisa em pé do lado de fora, a menos de um metro de distância? Claro que não. Aquilo acabou com meus nervos, e mais de uma vez tive vontade de fazer um buraco no gelo do riacho e jogar aquela coisa lá dentro, onde nunca mais a veria. Mas não, eu tinha que salvá-la para os cientistas e colocar meu nome na história; essa ideia virou uma obsessão para mim. Eu sabia muito bem que, se contasse às pessoas a história que estou te contando agora, sem uma prova, todos ririam de mim.”

“Sem dúvida,” zombei.

“Os dias passaram,” ele continuou, ignorando minha zombaria, “e mais e mais aquela coisa lá fora foi mexendo com meus nervos. O sol foi embora, e de um dia para o outro eu não o via mais. A noite interminável já era ruim o suficiente, mas quando você acrescenta as luzes do norte e o uivo dos lobos, você tem uma situação que quebra qualquer homem, se ele não tomar cuidado. Além disso, tinha aquela coisa feia lá fora para pensar.

“Eu pensava naquela coisa o tempo todo e cheguei a ponto de não conseguir mais dormir. Se eu fechasse os olhos, a via de qualquer forma, e se eu dormisse, tinha pesadelos com ela. De vez em quando, eu saía e ficava lá na luz das estrelas ou da aurora boreal olhando para ela. Aquilo me fascinava, mas a visão daquela coisa me dava arrepios. Finalmente, comecei a levar um porrete ou meu rifle sempre que ia olhá-la; fiquei com medo de que a coisa ganhasse vida e tentasse me matar com aquela faca.

“E foi assim por uns três meses ou mais. Meus pensamentos o tempo todo naquela coisa lá fora.

“Bem, isso não podia continuar, você sabe. Uma manhã acordei com a pior dor de cabeça que um homem pode ter. Parecia que minha cabeça ia rachar. Meu sangue parecia ferro derretido correndo pelas veias. Eu sabia o que era. Febre. Eu pensei e me preocupei tanto com aquela coisa lá fora que isso me pegou, e eu estava prestes a ter um colapso. Eu estava tão fraco quanto um gato, mas consegui fazer uma boa fogueira, empilhar todas as

cobertas e peles que eu tinha na cama e me enfiar nelas. Só esperava não morrer de frio quando o fogo se apagasse.

“Assim que me ajeitei na cama, as coisas desandaram; eu perdi a noção. Não posso dizer com certeza o que aconteceu por alguns dias depois disso. Parece que lembro, no entanto, de alguns momentos em que estava semi-consciente. Acho que uma vez me levantei para colocar mais lenha na fogueira. Outra vez vi aquela coisa parada na porta, sorrindo para mim como o demônio que era. Atirei nela com meu rifle e depois encontrei uma bala na porta. Pelo menos o tiro não foi uma alucinação. Mas a porta ainda estava trancada contra os lobos e não havia pegadas na neve lá fora.”

Bonner fez uma pausa para acender o cachimbo e então continuou:

“Não sei exatamente quanto tempo fiquei fora de mim. Eu tinha dado corda no relógio antes de me jogar no beliche pela primeira vez, e me lembro vagamente de tê-lo feito de novo quando me levantei para colocar lenha na lareira. E quando minha cabeça clareou, o relógio havia parado. Ele funciona por 40 horas sem dar corda, então eu devo ter ficado fora de mim por uns quatro dias.

“Bom, pode apostar que eu já estava farto de homens pré-históricos rondando minha cabana. Que se danem os cientistas; eu estava decidido a me livrar daquela coisa o mais rápido possível. O jeito mais rápido, pensei, seria aquecer o corpo até que ele começasse a decompor rápido, então eu o colocaria do lado de fora para os lobos e corvos limparem os ossos. Os cientistas teriam que se contentar com o esqueleto.

“Então, fiz um grande fogo na lareira e deixei a cabana bem quente, depois saí e trouxe o corpo para dentro. Fiquei enjoado com essa tarefa, mas não havia outra forma. Não tive coragem de deixar o corpo do lado de fora e acender uma fogueira ali mesmo. Tento respeitar os mortos, mesmo que o cadáver seja de alguém que já estava morto há milhares de anos e se parecesse mais com um animal do que com um ser humano.

“Coloquei o corpo no chão, diante da lareira, e me sentei no beliche para esperar. Fiquei de olho, porque, estando morto há tanto tempo, pensei que, uma vez aquecido, ele se decompusse como manteiga; eu não queria que a cabana ficasse toda fedorenta. Talvez tenha passado meia hora, quando, de repente, vi a coisa tremer—”

“Alucinação sua,” interrompi.

“Espera,” disse Bonner, abruptamente. “Ele tremeu, não muito, mas o suficiente para eu perceber. Isso me abalou um pouco, mas depois raciocinei que qualquer coisa descongelando daquela forma naturalmente daria uma tremida. Talvez outros quinze ou vinte minutos tenham passado, então uma das pernas se mexeu. Um espasmo, meio brusco. Isso me

assustou. Lembre-se, lá estava eu, sozinho naquela cabana com aquela coisa. Eu estava bem suscetível a influências esquisitas, entende. De qualquer forma, a perna se mexeu, e—”

“E ele se sentou e pediu um copo d’água,” não resisti em acrescentar. Bonner continuou, ignorando minha ironia. Ele parecia estar falando consigo mesmo.

“Eu fiquei observando como um falcão por um tempo, e quando não vi mais movimento, saí para pegar mais lenha e respirar um pouco de ar frio. A cabana estava como um forno.

“Quando voltei, vi que a maldita coisa havia virado de barriga para cima.

“De barriga para cima, te digo. E havia algo diferente nos olhos; eles tinham uma aparência meio desperta, mais viva, entende? E estava respirando! Sim, senhor, respirando! Não sei por que a coisa não me viu quando entrei e fechei a porta, mas aparentemente não viu. E, acredite ou não, a mão que segurava a faca estava aberta e a faca estava no chão, separada do corpo.

“Louco? Te digo que não! Eu estava tão são quanto estou agora. Te digo que vi essas coisas com meus próprios olhos; vi tão claramente quanto estou te vendo agora. Vejo que você não acredita em mim, MacNeal. Ah, bom, não te culpo; às vezes, eu mesmo custo a acreditar.”

Ele soltou uma risada breve.

“Mas lá estava, exatamente como estou te contando. E eu estava tão abalado quando vi que a coisa havia se virado de costas que deixei a lenha cair. O barulho da madeira no chão fez a coisa pular de pé num instante. Não me olhe assim; te juro que aconteceu! Eu dou minha palavra! Lá estava ela, agachada como uma pantera pronta para atacar, os olhos brilhando como fogo, os lábios retraídos mostrando presas amareladas. Consegue imaginar isso? Não, você não consegue.”

Bonner fez um gesto expressivo com uma das mãos.

“Incrível, mas a coisa ainda não tinha me visto. Estava olhando para o fogo; estava meio virada para mim, então pude ver. De repente, ela soltou um grito numa língua estranha e pulou em direção à lareira, tentando agarrar as chamas com os braços. Acho que a coisa nunca tinha visto fogo antes; não sabia o que era; provavelmente imaginou que fosse algum tipo de animal selvagem. Claro que o único resultado disso foram braços e mãos queimados, e o cabelo longo fritando e se enrolando. Ela deu um salto para trás com um rosnado, soltando aquela fala estranha. Acho que era algum tipo de linguagem; vinha do fundo da barriga e soava como o grunhido de porcos.

“Te digo, MacNeal, eu estava atordoado. Mas ainda tinha presença de espírito para tentar me salvar. Meu rifle estava encostado no beliche, e eu corri para pegá-lo. Foi então que a coisa pareceu me notar pela primeira vez. A forma como ela me olhou com aqueles olhos reluzentes foi de arrepiar. Não perdi tempo discutindo; peguei o rifle, armei e disparei. A bala atingiu o peito esquerdo da criatura e o sangue jorrou. Claro que você não acredita. Mas sangue, te digo, jorrou do peito de algo que havia sido congelado em uma geleira por milhares de anos!

“Bem, lá veio ela como um furacão. Eu não tive tempo de atirar de novo. E o cheiro? Aquela coisa fedia como carniça; quase me fez desmaiar. Sabe como é o cheiro de uma jaula de animal selvagem se não for limpa por uma semana ou duas? Aquilo cheirava assim, só que pior. Ainda sinto o cheiro até hoje. Meu Deus!”

Bonner franziu o nariz e tremeu.

“Lá estávamos nós, lutando como dois gatos selvagens, a coisa fazendo aqueles ruídos estranhos e cheirando como mil pilhas de lixo. Tinha a força de dez homens; eu senti isso. Ela arrancou o rifle da minha mão e dobrou o cano dele como se fosse um pedaço de arame.

“Então começamos a lutar, rolando pelo chão, eu lutando como um diabo, e a coisa como quarenta. Rolamos para dentro e para fora do fogo, espalhando brasas por toda a cabana, que começou a pegar fogo.

“Eu já estava quase derrotado quando minha mão acidentalmente tocou o cabo da faca que a criatura tinha deixado cair no chão. Segurei firme e ataquei com tudo, enfiando a lâmina até o cabo a cada golpe.”

“Aquela faca?” interrompi.

“Esta faca,” respondeu Bonner. “Ainda está com o sangue seco. Mas eu acho que foi a bala que realmente fez o trabalho. Deve ter acertado uma artéria. De qualquer forma, o sangue não parava de jorrar do peito daquela coisa; cobriu minhas mãos e as deixou escorregadias. Eu sabia que aquela coisa não poderia perder tanto sangue assim e continuar de pé; foi isso que me deu forças para continuar lutando. E, como eu disse, acho que foi a bala que fez o serviço no final. Um tiro de sorte, caso contrário, eu não estaria aqui agora.

Eu senti aquela coisa enfraquecendo, ficando mole em minhas mãos, e o aperto dela começou a afrouxar. Vi minha chance, usei o joelho para quebrar o aperto e a chutei para longe. Ela cambaleou por alguns momentos, segurando o peito com suas garras ensanguentadas, rangendo os dentes e me encarando com puro ódio; então caiu de cara no chão, direto nas chamas.



Eu vi claramente que não havia chance de salvar a cabana, então peguei o que pude — comida, roupas, cobertores — e saí correndo. Não me lembro de ter guardado a faca no bolso, mas foi onde a encontrei mais tarde. A cabana queimou até virar cinzas, e aquela coisa queimou junto. Provavelmente não sobrou nenhum osso. Os cientistas ficaram sem nada, e o mistério da humanidade continuaria sem solução.

“É claro que eu não fiquei para investigar. Meu trabalho era sumir dali. Eu sabia sobre essa aldeia e vim direto para cá. Não sei como consegui chegar até aqui; esse é um terreno horrível para atravessar a pé no inverno. Eu tinha soltado meus dez huskies no vale onde tudo isso aconteceu; não tinha comida suficiente para mantê-los. Tive que caminhar até aqui.

“E é isso, MacNeal. Você pode falar o que quiser; eu sei o que vi com meus próprios olhos e nada do que você disser vai mudar isso. Animação suspensa? Sim, por um período de vários séculos. Seria muito interessante se pudéssemos imaginar o que aconteceu naquele tempo, quando essa velha Terra se inclinou.

“Talvez víssemos um homem, meio homem, meio macaco, atravessando um riacho com uma faca na mão, a caminho de assassinar um inimigo dormindo na margem oposta. Então, de repente, a Terra se inclina — as condições climáticas naqueles dias eram suficientes para congelar tudo num piscar de olhos — as coisas ficam presas no gelo, assim como a poeira e a lava prenderam tudo nos dias de Pompeia, e...

“Bem, quem pode dizer o que aconteceu? Qualquer coisa era possível. Não sabemos como eram as condições naquele tempo. De qualquer forma, eu apareço milhares de anos depois e desenterro um homem, com uma faca na mão, de dentro de uma geleira. Aqueço seu corpo para decompor a carne. Mas, ao invés de decompor, ele volta à vida e eu tenho que matá-lo. Ele estava hibernando numa geleira por séculos. Eu realmente não sei o que pensar sobre isso.”

Bonner encheu e acendeu seu cachimbo novamente, então olhou para mim, como se estivesse esperando uma resposta.

“Chris,” eu disse, “te falo com franqueza: não acredito em uma palavra do que você contou. Você disse que estava fora de si por alguns dias. Isso explica tudo. Você teve alucinações e imaginou toda essa história, e agora está tentando me convencer de que foi real.”

Ele parecia magoado. Olhou fixamente para a faca em sua mão por vários longos momentos, então a estendeu para mim, com os olhos fixos nos meus.

“Então me diz,” ele exigiu, “de onde diabos veio essa faca?”

## Medo

David R. Solomon

Eram apenas cinco palavras.

Elas não afirmaram nem negaram o que havia sido dito antes. Mas mudaram completamente o rumo da conversa.

Os homens da equipe de engenharia estavam deitados ao redor da fogueira do acampamento, prontos para começar o trabalho. O clima estava fresco à sombra das árvores densas, com o ar úmido da manhã ainda pairando sobre tudo. Mais adiante, sobre o rio, o sol prometia um tempo melhor para o resto do dia.

Fumando e esperando os retardatários terminarem de lavar seus pratos, o grupo de engenheiros — seguindo o costume invariável dos homens — começou a compartilhar suas experiências, piadas, e discutir alguns argumentos. O cheiro forte de café fresco e bacon fritando pairava no ar.

Baldy Jenkins, o mais novo, com dezoito anos, deu início à conversa.

“Queria ter um milhão de dólares,” ele comentou.

Mike da Flanela Vermelha não perdeu tempo em responder.

“Você não queria,” ele negou firmemente. “Te davam um milhão— e nem o próprio Senhor sabia o que você faria com isso.”

“Claro que queria,” retrucou Baldy. “Aposto que poderia te dizer agora mesmo como gastaria cada centavo.”

“Aposto que não,” interrompeu outro do grupo. “O cara nunca sabe o que vai fazer até que a coisa o atinge em cheio.”

“Me ofereça um milhão,” insistiu Baldy Jenkins.

“Ah, não assim. Escolhe uma situação onde dois homens poderiam agir diferente. Você não sabe o que faria. Nem eu. Ninguém sabe — não mais do que aquele garoto ali.”

Com um gesto preguiçoso, ele indicou uma pequena figura de calças cáqui. Os olhos dos outros seguiram o movimento.

À primeira vista, poderia ser um garoto de dez ou onze anos. Mas, ao olhar mais de perto, notava-se a cabeleira loira cortada na altura das orelhas e o rosto delicado de menina. Ela caminhava pelo acampamento como uma inspetora-geral de um exército, checando tudo.

“Claro que não,” afirmou Mike da Flanela Vermelha. “A filha do Coulter é como você ou eu. Ela precisaria estar em apuros para saber o que fazer — e talvez nem assim.”

“Hã! Até essa criança...” Baldy pegou o desafio.

E começaram. A discussão foi intensa.

Os defensores do imprevisível ganharam força. Suas alegações tornaram-se cada vez mais extravagantes. Nenhum homem sabia o que faria. Coloque-o frente a frente com qualquer situação, qualquer perigo, e ele agiria de forma diferente do que imaginava.

Foi então que Coulter falou.

Ele não levantou a voz. Na verdade, pareceu até abaixá-la. Até aquele momento, ele havia permanecido em silêncio, ouvindo a discussão, com o braço esquerdo, enfaixado, preso ao lado do corpo.

“Eu não sei sobre isso,” foi tudo o que ele disse.

O silêncio caiu de repente. Houve um movimento inquieto, seguido de um acordo tácito. Aqueles homens de prazer mais rústico — lenhadores, agrimensores, engenheiros — fixaram o olhar no braço enfaixado de Coulter.

Eles sabiam no que ele estava pensando. Eles também tinham visto. Concordavam que ele só poderia ter uma reação possível diante de certas circunstâncias.

Todos eles eram empregados, de uma forma ou de outra, da Consolidated Lumber Company. Coulter trabalhava no departamento jurídico. Surgira uma questão delicada sobre a propriedade de uma certa área. Para evitar as pesadas penalidades legais por cortar árvores em terras de terceiros, enviaram um advogado ao local. Seu trabalho estava concluído. Ele estava mais do que pronto para voltar.

Nascido e criado na cidade, Coulter havia acolhido com entusiasmo a oportunidade de ver um pântano do sul. Ele lera, a vida toda, sobre o sul, a terra das magnólias e do algodão, do rouxinol e do jasmim. Ele aceitou sua missão de bom grado. Até trouxe sua filha, Ruth, com ele.

Isso não era nada incomum, no entanto. Onde quer que Coulter fosse nos últimos dez anos, Ruth também ia. Eles não haviam se separado por mais de um dia desde aquela manhã cinzenta em que a outra Ruth colocou o pequeno embrulho em seus braços e virou o rosto para a parede.

A menina era tudo o que restava do amor deles, além das memórias. Ruth era a única razão de viver de Coulter.

Ao chegar ao acampamento, Coulter a vestiu com roupas cáqui e a deixou livre para brincar ao ar livre. Fez muito bem para ela.

Os olhos das figuras sujas ao redor da fogueira seguiram o olhar de Coulter. Eles sabiam o que ele estava pensando. Ouviram-no, em meio à dor, cerrando os dentes e arfando: “Tirem — Ruth daqui — para que ela — não ouça!”

Isso, vindo de um homem que tiveram que segurar para impedi-lo de se matar para escapar da tortura, já era o suficiente.

A ignorância de Coulter sobre o sul e as florestas pode ter sido, talvez, a culpada. Ele não sabia. Tudo o que podia se lembrar era que estava inclinado sobre a nascente, com o braço esquerdo apoiado na borda. Não viu o mocassim até que fosse tarde demais.

Ainda agora ele via com clareza a cabeça escura e o corpo sinuoso, o movimento rápido e o golpe ágil — e então a dor; muita dor, profunda, uma tortura que penetrava na alma.

Não havia médico no acampamento. Houve um atraso, pois, atordoado, ele demorou a avisar que havia sido picado. E então — mais agonia; agonia sobre agonia.

Sem esconder suas dúvidas sobre as chances de salvar seu braço ou sua vida, os homens improvisaram um torniquete no braço dele e torceram o bastão até que Coulter gemesse involuntariamente de dor. Em seguida, esterilizaram uma das grandes facas de caça em água fervente e fizeram incisões nas marcas da picada, cortando profundamente com golpes largos, depois voltando e cruzando os cortes em ângulo reto, apertando as feridas para forçar a saída do sangue envenenado.

Depois, cauterizaram o ferimento. Enjoado e quase desmaiando, Coulter sentiu como se estivessem deliberadamente pensando em novas torturas. O ferro em brasa queimando sua carne, atormentando os nervos já além do limite da dor, foi o toque final de uma tortura insuportável.

Coulter era um daqueles homens que suportam a dor — mesmo uma leve — com dificuldade. Até a visão de sangue o fazia desmaiar. Aquilo era horrível além de qualquer coisa que ele jamais sonhara. O sofrimento físico, a sensação da lâmina cortando sua própria carne e tendões, até o osso, o fez morder os lábios até que sangrassem, na tentativa de não gritar.

Ele não sabia que tinham terminado. Pensou que estavam se preparando para mais algum tipo de crucificação.

Mike, o de Flanela Vermelha, afastou a arma de suas mãos e de algum modo o fez entender que tudo tinha acabado; que eles tinham terminado. Mas o vigiaram pelo resto da noite.

Por isso, quando a discussão começou ao redor da fogueira pela manhã, Coulter tinha certeza do que faria em uma situação semelhante. Ele sabia de uma experiência pela qual

nada neste mundo o faria passar novamente. Tudo isso estava em seu tom de voz quando ele falou.

Com suas palavras, houve um movimento inquieto ao redor da fogueira. Aqueles homens da equipe de engenharia haviam visto parte da experiência de Coulter. Sabiam o que ele estava pensando. O fim abrupto da discussão mostrava que concordavam com ele.

Coulter viu e entendeu; e, ao perceber, sorriu amargamente. Eles conheciam apenas uma parte daquilo.

Todo homem tem seu maior medo. O homem mais corajoso que já pisou na terra tinha um medo especial. Para alguns, é o fogo; para outros, o aço frio; e para outros ainda, o confronto físico. Mas, se você cavar fundo o suficiente, encontrará o medo em qualquer homem.

Cobras eram o medo de Coulter.

Ele não conseguia explicar. Não sabia por que, sendo um homem nascido e criado na cidade, tinha essa obsessão. Estava com ele desde que podia se lembrar. Quando criança, uma vez teve um ataque de pânico ao ver fotos de cobras em um livro.

As mulheres mais velhas da família balançavam a cabeça com sabedoria e murmuravam algo sobre um susto que sua mãe tinha passado antes dele nascer. Coulter não sabia. Tudo o que tinha certeza era que a mera ideia dos corpos escorregadios e serpenteantes o fazia estremecer de repulsa, causava arrepios absolutos de horror que percorriam sua espinha.

Sim, os homens concordavam com ele. No entanto, só tinham visto parte do que ele passara. Haviam testemunhado e compreendido apenas o sofrimento físico — e isso era a menor parte.

Os nervos de Coulter estavam em frangalhos. Ele se sobressaltava ao menor som. A experiência havia amplificado seu terror de répteis mil vezes.

Os bosques e pântanos estavam cheios deles. Ele os encontrava constantemente. Todo o tempo ele ansiava pela hora de ser libertado, quando pudesse retornar à cidade e à liberdade.

O voo repentino de um tordo, enquanto caminhava pela mata, fazia seu coração disparar e o medo tomar conta. Noites seguidas, ele acordava, sentindo-se acorrentado pelo pavor de que uma cobra tivesse rastejado para perto dele, no escuro. Todas as histórias que já havia lido sobre cobras invadindo acampamentos e se enroscando nas camas voltavam à sua mente, permaneciam com ele, o atormentavam. Ele mal adormecia antes de acordar, suando frio, com medo de se mover, com medo de ficar parado.

Tudo isso, subconscientemente, estava em suas palavras, em seu jeito, em sua expressão, quando disse:

“Não sei sobre isso.”

Veio o silêncio da convicção. Até Mike da Flanela Vermelha, o mais fervoroso defensor da falta de autoconhecimento do homem, se calou.

“Alguém falou sobre a garota.” Baldy, o jovem de dezoito anos, aproveitou sua oportunidade. “Eu aposto que até ela—”

Baldy parou abruptamente. Seu corpo inteiro enrijeceu. Seus olhos estavam fixos em Ruth, a pequena. Um a um, o resto do grupo seguiu seu olhar. Cada um repetiu o gesto.

O grito de Ruth cortou o ar um momento antes do sussurro de horror de Baldy:

“Meu Deus! A menina está com uma cobra cascavel em cima dela!”

A criança estava perto o suficiente para o grupo ver claramente. Sua cabeça estava inclinada para trás, se afastando da criatura serpenteante. A cabeça lustrosa da cobra se movia de um lado para o outro, ameaçando, se enrolando ao redor dela. Ela parecia congelada de medo.

Baldy começou a avançar, mas parou.

“Eu — me tragam uma arma!” Ele gritou. “Uma arma! Rápido!”

A serpente recuou a cabeça. Houve uma interrupção:

Com o rosto pálido, cambaleando sobre os pés, Coulter se aproximou. Sua face estava terrivelmente pálida. Suas pernas vacilavam, ameaçando a todo momento ceder e jogá-lo ao chão.

Lentamente, ele foi se aproximando. A cabeça fina da serpente se manteve alerta, observando. Os movimentos de Coulter eram quase imperceptíveis. De repente, seu braço bom disparou, agarrando e puxando aquela criatura repugnante.

Houve um movimento rápido da cobra, muito mais rápido do que se poderia antecipar ou evitar. A cabeça avançou. Ele sentiu o calor branco da dor instantânea.

O resto foi um borrão de horror. Era como se ele fosse um espectador de algo que acontecia com outra pessoa. Ele não comandava seu corpo. Sabia apenas, vagamente, o que estava acontecendo.

Sentiu o corpo liso da serpente em suas mãos, a criatura se contorcendo contra seus braços, tentando se libertar; depois, o esmagar de seu calcanhar sobre a cabeça da cobra, e o impacto final do corpo morto contra ele.

Então tudo escureceu.

Seu retorno à consciência foi marcado por uma leveza confusa na memória.

No braço mordido, ele sentia, subindo cada vez mais, a dormência que tinha marcado sua experiência anterior. Seu coração também parecia agir de maneira estranha — exatamente como tinha acontecido antes.

As costas largas de Mike da Flanela Vermelha estavam viradas para ele, enquanto ele misturava algo em uma bacia. Haviam levado Coulter para sua própria tenda.

O coldre de Coulter estava pendurado no mastro da tenda. A dormência subia mais em seu braço. Logo começaria o corte da carne, as chamas ardentes da dor...

Ele não poderia passar por isso novamente! Não suportaria. Era melhor terminar com a arma o que Mike havia impedido antes.

Suavemente, ele puxou a arma do coldre e a levantou, pronto para agir. Seu dedo pressionou o gatilho.

A arma foi subitamente arrancada de sua mão.

“Que diabos!” rugiu Mike. “Seu idiota, o que há de errado com você?”

“Me — me dá essa arma!”

“Você está igualzinho ao Baldy Jenkins. Passou a vida inteira no mato — e confunde uma cobra chicote com uma cascavel, só porque ambas são escuras. Isso não era mais uma cascavel do que um urso polar... Claro que ela te atacou. Qualquer cobra faria isso — mas nem sempre é venenosa. Seu braço nem vai ficar dolorido.

“Esquece essa arma por enquanto. Eu te devolvo — mais tarde.”

# A Corrente

Hamilton Craigie

## I

Quarrier entrou no táxi com uma sensação incômoda de crise.

Ele não era uma pessoa imaginativa; sua digestão era excelente; mesmo aos quarenta anos, uma idade em que a maioria dos homens já começava a sentir o peso da feroz competição no mundo dos negócios, Quarrier ainda era quase o mesmo homem de dez anos atrás.

Ansiedade e Quarrier eram desconhecidos; ele fumava seu charuto após o jantar com uma disciplina rigorosa, sua única indulgência; ele estava na cama e dormindo quando outros homens saíam em busca das diversões que a metrópole oferecia.

Mas o rosto daquele motorista de táxi — ele já o tinha visto em algum lugar antes. Era um rosto italiano, sombrio, com ossos salientes e uma boca reta, cruel, como uma cunha entre bochechas magras, marcadas por cicatrizes recém-curadas e queimaduras de pólvora.

Não era um rosto convidativo. E o táxi era velho. Quando passaram por um poste de luz na esquina, Quarrier olhou para os assentos e pensou ter visto o couro encardido cheio de manchas, grandes marcas, como se — como se...

Mas pff! Ele disse a si mesmo que estava começando a ficar imaginativo demais; talvez seu fígado, finalmente, estivesse lhe pregando uma peça. Provavelmente uma enxaqueca — iria ver o velho Peterby pela manhã. Peterby era um bom médico, do tipo antiquado, sem frescuras...

Ele havia ido aos escritórios da Intervale Steel Company para uma missão importante. Na verdade, era vital — quase uma questão de vida ou morte. Mas agora, no escuro do táxi, ele sorriu com ironia ao refletir que, por sorte, sua decisão de última hora havia deixado os documentos onde estariam fora do alcance de — Hubert Marston, por exemplo.

Ele não carregava nada de valor especial consigo; seria um alvo pobre, de fato, se, por acaso, aquele motorista de táxi com rosto de bandido fosse realmente o que aparentava ser — um criminoso contratado, talvez, pela Pantera do Beco Peacock.

Um apelido extravagante, sem dúvida, mas esse era Marston: suave, sinistro, elegante — um socialite e manipulador igualmente habilidoso. Ele havia ganhado o nome naturalmente, pois a maioria de suas operações acontecia em hotéis e clubes.



Marston tinha um escritório perto do “Beco”, e era de seu esplendor ornamental que ele surgia, às vezes, com um cravo na lapela, a bengala apoiada no braço, seu rosto sombrio com um sorriso enigmático que apenas ele sabia o que significava. E ele não escolhia dizer.

E Marston queria aqueles documentos; eles faziam a diferença entre a prisão e a liberdade — sim, entre a vida e a morte...

Pois Hubert Marston havia cometido o único erro que, cedo ou tarde, o criminoso mais cauteloso comete: ele, cedendo a um raro impulso de ódio, encomendou o assassinato de um homem que estava em seu caminho e — pagou por isso, como achava que devia, com notas do tesouro, legítimas, com certeza! Mas o pagamento foi feito em segunda — ou terceira — mão, como era o jeito de Marston. E, dessa vez, isso o traiu.

Pois os documentos — como ele descobriu, tarde demais—eram notas falsas. O intermediário tinha garantido isso, pagando o assassino contratado com dinheiro falso e ficando com as genuínas. E Quarrier, que era o guardião dos interesses que Marston pretendia despojar (ele já havia sido contratado por eles há algum tempo como investigador particular), encontrou, primeiro, o matador insatisfeito, obteve as notas falsificadas junto com a confissão do homem, rastreou-as até Marston e, agora, estava prestes a pegá-lo na manhã seguinte.

Quarrier deu ao motorista um endereço no West Eighties, mas agora, ao olhar pela janela, seus olhos se estreitaram com uma súbita e rápida preocupação.

“Mas que diabos!” exclamou, em voz baixa. “Agora, se eu pensasse—”

Mas a frase nunca foi completada. Eles estavam em uma rua estreita e desconhecida; uma rua silenciosa, aparentemente deserta, exceto por algumas sombras furtivas passando, com fachadas de armazéns altos, com janelas cegas para a noite, silenciosos e ameaçadores.

O rugido estrondoso do motor ecoava, reverberando em um clamor rápido contra aquelas paredes de ferro — e, de repente, com um clique, ele se lembrou de onde tinha visto aquele semblante lupino — o rosto sombrio do motorista separado dele apenas pela espessura de um único vidro.

Foi através de um vidro que ele o tinha visto. Cerca de um mês antes, a convite de seu amigo, Gregory Vinson, capitão da polícia (com quem ele havia trabalhado antes de sua atual função), ele visitara a central; e foi lá, na galeria reservada aos criminosos, que ele tinha reparado naquele rosto, suas feições, mesmo entre os muitos golpistas, bandidos, brutamontes, ladrões de cofres, assaltantes de lojas, batedores de carteira, invasores de residências e outros marginais. E agora ele se lembrava, mas já era tarde demais!

Sua mão direita pousou sobre a coronha de uma pistola automática de cano curto, que ele nunca ficava sem, enquanto com a esquerda ele puxava com força a maçaneta da porta. Mas a porta estava trancada; ele não conseguia abri-la.

Quarrier já havia enfrentado situações difíceis antes; o perigo não era novidade para ele. Ele já havia estado cara a cara com a morte, à luz do dia e na escuridão, sorrindo enquanto lidava com facas ou pistolas nas ruas e becos de Criminópolis. Ele era um lutador — do contrário, não teria conseguido obter posse daqueles documentos — os documentos tão desejados por Hubert Marston — a prova do único erro cometido pelo Mestre da Trapaça, o único deslize que, antes do pôr do sol, o colocaria em segurança.

Agora, com os lábios comprimidos em uma linha sombria, Quarrier estava levantando a coronha de sua pistola automática para quebrar o vidro, quando, com um ranger de freios, o táxi parou repentinamente com um rangido.

A porta se abriu — para a ventania noturna lá fora, e o brilho de um rosto sombrio no meio-fio.

“Aqui estamos, senhor,” disse uma voz, com uma cadência que ele tinha certeza, continha uma nota de zombaria disfarçada de deferência. Mas ele só conseguia ver o rosto, enquanto atrás dele havia um abismo de escuridão, negro como veludo, exceto pela silhueta escura de um prédio alto do outro lado.

Quarrier não sabia quantos poderiam estar à espreita naquela escuridão, nem se importava. A porta trancada; o rosto do motorista; a rua desconhecida — comandada por um pirata urbano, sem dúvida. Não havia dúvida disso.

Mas não era hora de hesitar. Se estivesse errado e fosse tudo um engano — bem, ele poderia se explicar depois. Mas — o rosto de Marston surgiu em sua mente, suave, sinistro, sorridente... O que aquele homem havia dito na última vez que se encontraram nos escritórios da Intervals?

“Posse, meu caro Quarrier — a posse é o que conta. Lembre-se disso!”

Quarrier se lembrou, e com essa lembrança veio uma raiva súbita e intensa. Mas era uma raiva controlada, como uma chama mantida sob rédeas — embora não menos mortal por isso.

“Aqui estamos, senhor,” repetiu a voz, e agora havia algo mais nela além de zombaria. Havia uma urgência, um tom áspero; quase parecia uma ordem.

Quarrier então sorriu — apenas um leve movimento dos lábios. E num impulso fulminante, corpo e mente em sincronia, ele se lançou pela porta, em um mergulho feroz.

O rosto pálido com seu sorriso irônico desapareceu; em seu lugar, veio o som surdo de um golpe certo, seguido por um xingamento abafado. Quarrier, se levantando dos joelhos, observou com um sorriso torto a figura estirada nas pedras; então se virou, espiando por entre as sombras um longo túnel de escuridão, onde, ao longe, uma luz fraca tremulava, como uma chama convidando-o.

Ele não sabia onde estava. Em algum lugar na altura da rua 40, ele imaginava — provavelmente em Hell’s Kitchen — embora houvesse uma estranha ausência de vida e movimento característicos daquele bairro sombrio, repleto de violência, assassinatos e mortes súbitas.

Mas, à medida que seus olhos se ajustavam à escuridão opressora, ele percebeu o motivo. Era uma rua de armazéns, edifícios abandonados; e mais adiante, como uma fita pálida de fogo contra o céu violeta, ele avistou o rio.

Ele se afastou em direção oposta, caminhando com cuidado, escolhendo seu caminho no chão irregular. Duas vezes, enquanto avançava, teve a sensação de estar sendo observado — olhos o seguiam da escuridão; e duas vezes ele virou a cabeça rapidamente, apenas para encarar o vazio e o silêncio da longa e deserta rua.

Também lhe parecia que, à medida que caminhava, o eco sussurrante de seus passos acelerados o acompanhava, tanto à frente quanto atrás. Ele começou a contar os ecos — e de repente percebeu. Não eram ecos. Eles estavam à sua frente — e atrás. Ele estava em uma armadilha.

Um rugido estrondoso ecoou atrás dele, e uma voz gritou entre as paredes altas:

“Lá está ele! Agora, peguem-no!”

E foi nesse momento que Quarrier, ao procurar sua pistola, descobriu que ela havia sumido; provavelmente perdida no encontro com o motorista. Mas ele se preparou, abrindo os braços como um urso pardo pronto para enfrentar um ataque de lobos. Mas os lobos eram muitos, e agora vinham em massa; o primeiro, à frente dos outros, avançou como uma sombra negra contra o brilho das estrelas, acompanhado de um rosnado.

Os outros ainda estavam um pouco atrás. Quarrier mal conseguia ver o homem à sua frente, mas sentia a proximidade daquela figura encurvada, braços e pernas abertos como um morcego contra a penumbra... Então veio o impacto repentino de um soco — uma explosão de força — e Quarrier, mergulhando sob o corpo arremessado, endireitou-se e o lançou para longe.

O homem voou entre os outros, que ainda avançavam, gritando xingamentos e imprecações. Mas eles não paravam, atacando sem piedade; um deles chegou perto o

suficiente para que Quarrier sentisse o bafo da arma quase em seu rosto... Ouviu-se uma voz gritar:

“Não atire, seu idiota! O Big Gun disse—”

O resto foi perdido quando a pistola caiu com um estrondo nas pedras. No centro de uma luta caótica de punhos e pés, Quarrier sentiu-se preso em um pesadelo interminável. Ele havia caído de joelhos com o impacto de um soco, quando, ao longe, o som retumbante de um cassetete de polícia ecoou, acompanhado do clangor da patrulha.

Algo agarrou seu tornozelo — algo ao mesmo tempo mole e rígido. Ele deu um chute com toda a força, como um jogador de futebol no último ato desesperado de resistência. Então ele estava de pé, correndo, desviando, lutando com a habilidade desesperada de um atleta em fuga, desarmando os adversários com força para ambos os lados.

Logo à frente, a entrada escura de um beco se aproximava — uma sombra ainda mais profunda na noite. Em seu interior, uma fraca luz tremeluzia, como o brilho de um fogo oculto; pelo canto do olho, Quarrier avistou a silhueta de uma casa e uma porta entreaberta.

Ele chegou à curva — e uma figura enorme surgiu diante dele, mesmo na escuridão bruta, corpulenta como um urso. O grande braço se ergueu uma vez, e depois desceu com a força de um martelo.

Quarrier cambaleou, sentiu seus joelhos cederem, e caiu, desajeitado, no chão frio.

## II

Quarrier voltou a si, com todos os seus sentidos em alerta.

Era uma escuridão sufocante — não apenas da noite, mas de uma prisão, silenciosa, mofada com o cheiro estagnado de decadência e morte. Perto dali, após um momento, ele ouviu um gotejar lento e incessante, como o bater de um coração, ou o gotejar de uma vida que se esvaía, gota a gota.

A imagem parecia lógica o suficiente; não havia nada de fantástico nela. Quarrier esperava, ali na escuridão sufocante, pela rápida estocada de uma faca que significaria o fim — ou o impacto brutal de uma clava.

Por mais destemido que fosse, como alguém que havia acabado de sair da mesa de cirurgia, ele temia se mexer, temia sentir, mesmo enquanto se assegurava de que não estava ferido, exceto pela dor latejante em suas têmporas e os hematomas que sentia em seu corpo, mas que não ousava tocar.

Mas havia algo mais. Depois de um tempo, seus dedos hesitantes e exploradores encontraram o que era. Um laço de corda apertado em forma de laçada corria por seus

ombros e braços. E atrás dele, preso a um gancho na parede, a corda pendia, deslizando como uma cobra na espessa escuridão.

Ele moveu a cabeça lentamente, com cuidado, como um homem testando o próprio corpo para algum ferimento invisível. E então—

“Ha!” ele exclamou baixinho, quase um sussurro. Se tivesse movido a cabeça um pouco mais para a direita, o laço teria se apertado, estrangulando-o ali, sufocando-o até perder a consciência.

Corajoso como era, Quarrier tremeu, seu ombro se contraiu com o pensamento. E não estava frio. Movendo-se com uma cautela infinita, ele passou os dedos ao longo das fibras da corda.

Quem quer que tivesse feito aquele nó sabia o que estava fazendo. Somente um marinheiro poderia desfazê-lo.

E ali no escuro, amarrado como estava, à mercê de algum outro perigo desconhecido, Quarrier permitiu-se um sorriso fantasmagórico. Sua mão subiu, lentamente, cuidadosamente, os dedos trabalhando na corda; houve um puxão, e, como uma cobra, a laçada deslizou para o chão de pedra com um som sibilante.

Quarrier não era um homem religioso no sentido tradicional, mas agora enviou aos céus uma silenciosa prece de gratidão pelo impulso que, anos antes, o havia levado a se alistar como marinheiro nos mares da China. E aquelas longas horas no mar, durante a calmaria abaixo da linha do Equador, haviam, como se provou, sido qualquer coisa, menos desperdiçadas.

Agora, aliviando os músculos contraídos num alongamento cauteloso, ele se levantou cuidadosamente, movendo-se com a furtividade e cautela de um indígena. Estava livre daquela corda constrictiva, mas, enquanto avançava, tateando, ouviu de repente o murmúrio de vozes à sua frente, baixo, como o rosnado de bestas selvagens. Havia uma nota feroz e ávida naquele som. E logo, ao avançar, conseguiu captar uma ou outra palavra.

“O Chefão... É bom você tomar cuidado... Mar—”

Quarrier encontrou-se em um tipo de corredor, ao final do qual as vozes continuavam. Tudo havia sido feito no escuro, por assim dizer. O táxi, o motorista com o rosto familiar e, ao mesmo tempo, estranho, o ataque, e agora isso. Mas o tempo estava correndo. Por que ainda não o tinham matado, ele não se deu o luxo de pensar; só sabia que Marston — e ele tinha certeza de que era Marston quem estava por trás disso — estaria a caminho do esconderijo dos documentos. Talvez até já estivesse lá.

Quarrier sentiu-se mecanicamente em busca de sua pistola; mas logo sua mão caiu, desanimada, ao lembrar que estava desarmado.

Ele prendeu a respiração, ouvindo atentamente, enquanto as vozes se afastavam — ou melhor, uma delas. Ele ouviu a outra seguir o homem que partia com reclamações.

Aparentemente, haviam deixado dois guardas. Um estava indo embora; o outro ficava, não muito contente com a tarefa.

Uma curva brusca do longo corredor trouxe o homem de repente à vista.

Quarrier piscou, ofuscado pela luz de uma lâmpada solitária, achatando-se contra a parede; então, com o passo ágil de uma pantera, ele cobriu o espaço entre eles em três rápidos movimentos.

O homem, um sujeito forte de rosto marcado e cor acinzentada, virou a cabeça; sua boca se abriu, sua mão foi rapidamente ao bolso, num movimento relâmpago.

Mas Quarrier não perdeu tempo. Mesmo enquanto o gigante tentava alcançar sua arma, o punho de Quarrier descreveu um arco curto, e havia muita força naquele golpe. O soco, percorrendo apenas poucos centímetros, acertou em cheio; o homem corpulento, com os olhos vidrados, balançou, escorregou e caiu em um montículo desajeitado.

“Bem, um nocaute!” ofegou Quarrier, pegando a arma do chão.

Marston era o “Chefão”, claro. Quarrier nunca havia duvidado; mas até agora, o presidente da Intervale Steel havia conduzido seus negócios sem recorrer à violência. E Intervale Steel... você só sabia realmente sobre ela quando se arriscava nela; depois disso, sabia o suficiente, e mais do que o suficiente.

Quarrier, lançando um último olhar para o homem inconsciente e colocando a pistola no bolso, saiu sem mais demora; continuando pelo corredor, encontrou, sem mais incidentes, uma porta estreita, através da qual as estrelas pálidas o observavam, vindas, ele julgou, de um horizonte de meia-noite.

Mas, ao olhar para o relógio, percebeu que eram apenas nove e meia; ainda havia tempo para chegar ao esconderijo dos documentos antes de Marston, se, como agora estava convencido, foram os capangas de Marston que o emboscaram.

Correndo pelo beco sombrio, após cinco minutos de caminhada rápida, ele encontrou uma avenida movimentada e um táxi noturno, cujo motorista, inclinando-se, acenou para o passageiro que surgia das sombras.

Quarrier não hesitou. O sujeito poderia ser um criminoso ou algo pior; ele teria que arriscar.

“Vinte e três, Jones!” ele gritou com firmeza, entrando rapidamente no carro; então, com a cabeça para fora da janela, enquanto o táxi se afastava do meio-fio:

“E dirija como se o inferno todo estivesse atrás de você!”

### III

Quarrier chegou ao seu destino sem incidentes, mas ao subir a escadaria sinuosa do prédio até seu santuário particular, foi tomado por uma sensação inquietante de que algo não estava certo. Aqueles elevadores... eles raramente ficavam fora de serviço. Talvez...

Mas, ofegante pela subida, ele finalmente alcançou o andar e a porta de seu escritório privado.

Por uma fração de segundo, ele hesitou; então, destrancou a porta e a abriu de uma vez.

E foi aí que, pela terceira vez naquela noite, Quarrier levou outro susto: quase no momento em que entrou naquela sala à prova de som, soube que não estava sozinho.

Por um instante, iluminado pelo brilho do lustre aceso com a abertura da porta, ele ficou imóvel, ouvindo, prendendo a respiração; curvado, inclinado para frente como um corredor pronto para partir.

Quarrier era um homem grande e bem musculoso; nos seus dias de juventude, tinha sido um boxeador amador respeitável. Para um homem de seu porte, ele era rápido, bem equilibrado, ágil e controlado.

Uma mente fria e nervos de aço — era isso que Quarrier possuía. E naquele momento, precisava deles.

Ele não ouviu nada, não sentiu nada, não viu ninguém — e ainda assim sabia, sem a menor dúvida, que havia alguém ou algo com ele naquela câmara à prova de som, trinta andares acima da rua. E essa certeza — tão real quanto o fato de que ele, Quarrier, ainda estava vivo e respirando — não era reconfortante. Era fantástico, era inacreditável — mas era verdade!

Tudo naquele escritório privado estava à vista; não havia abrigo para nenhum intruso possível; e ainda assim, pelos claros sinais de seus olhos, ele sabia — e seus batimentos aceleraram com o pensamento — que não estava sozinho.

Era do gosto de Quarrier alugar aquela pequena suíte no último andar de um prédio discreto. Ele gostava da vista; os quartos eram remotos; serviam a seus propósitos; eram privados. Qualquer coisa podia acontecer ali, e ninguém ficaria sabendo; o estrondo de um pesado revólver .45, por exemplo, não penetraria uma polegada além daquelas paredes à

prova de som. E um grito, um berro, se perderia ali como uma pedra jogada em um poço profundo de silêncio — e de esquecimento.

Agora, se o homem de Quarrier, Harrison, um criado eficiente e de passos silenciosos, não estivesse de chapéu; ou se, por exemplo, ele não tivesse uma farta cabeleira, somado ao fato de que, embora excelente no serviço, era um pouco surdo; e se, também, ele não estivesse, por uma vez, agindo com dissimulação — esta crônica teria um desfecho muito diferente, ao menos para Quarrier.

Com a mão no bolso do casaco, os dedos enrolados em torno do cabo da automática que ele havia tomado do segurança lá no porão, Quarrier, franzindo a testa, examinou o ambiente com um olhar atento. Ele precisava garantir que os documentos estivessem seguros.

De esquerda para a direita, enquanto seus olhos percorreram o cômodo, ele viu uma estante de livros, uma pintura em tamanho real, feita a óleo, as janelas duplas, uma porta trancada com uma enorme chave antiquada que levava a um depósito, um pequeno cofre embutido na parede e sua mesa — completando o círculo.

A sala em si era como um cofre. Era como uma fortaleza: as janelas eram protegidas por chapas de aço, semelhantes às grades contra assaltantes usadas por caixas de banco; a porta principal, pela qual Quarrier havia entrado, e que dava para o corredor e os elevadores, era de aço, com uma tranca de combinação com mola; a outra porta, que levava ao depósito, também era de aço, trancada com uma chave antiquada, mas essa porta nunca fora usada desde que Quarrier ocupava o local.

Nada menos que um maçarico de acetileno poderia ter penetrado nas paredes, no teto ou no piso, mas tudo estava liso, sem qualquer arranhão ou mancha suspeita.

Agora, para entender os eventos como ocorreram:

Quarrier estava em seu santuário particular, seu escritório; que ficava ao lado do depósito, à direita. Um simples diagrama serviria talvez melhor do que uma longa explicação: o lustre, irradiando luz de suas quatro lâmpadas de nitrogênio, iluminava cada canto daquele escritório, derramando seu brilho incandescente sobre Quarrier, que permanecia como uma estátua diante daquele cofre embutido na parede. E, enquanto ele estava ali, pela primeira vez em sua existência bem-ordenada, foi tomado pelo medo. Um rosto surgiu em sua mente; ele ouviu novamente a voz de Marston, presidente da Intervale Steel:

“Você os tem, meu caro Quarrier; mantenha-os em segurança.”

Quarrier nunca gostou de Marston; o homem era escorregadio como uma enguia; você nunca via o que ele realmente estava planejando: era impossível adivinhar o que se passava por trás daquela máscara de mármore em seu rosto, sempre inexpressivo, frio, contido.



Mas Quarrier tinha os “documentos”, ou melhor, eles estavam lá, naquele cofre na parede, uma pequena fortaleza de aço cromo-níquel e manganês contra a qual nenhum “abre-latas” comum poderia prevalecer — nem mesmo um maçarico.

Agora, ao girar a combinação do cofre, ele foi subitamente tomado por uma estranha sensação de tensão; um choque; os pelos na nuca se arrepiaram como se ao toque de um dedo invisível e gelado. E, por um momento, ele poderia jurar sentir uma Presença logo atrás dele — algo em emboscada sorrindo às suas costas — um perigo, real e ameaçador, tanto maior por ser desconhecido e incalculável.

Mas com os dedos sobre o dial do cofre, Quarrier meio que se virou como se fosse sair. Ele estava ficando nervoso, suas emoções fora de controle — muito café e muitos charutos fortes, talvez. Era isso. O sequestro talvez, no final das contas, não tivesse nada a ver com Marston. Os documentos estavam seguros — tinham que estar. A menos que Marston tivesse estado lá, e já ido embora; mas ele mal teria tido tempo.

Talvez, também, Quarrier tivesse obedecido ao impulso de se virar e sair da sala, e, nesse caso, esta história nunca teria sido escrita. Quarrier poderia ter feito isso, não fosse pelo fato de que, naquele momento, pelo canto do olho, ele viu a evidência inescapável de uma presença além da sua própria.

#### IV

Quarrier era um homem grande e musculoso, um adversário perigoso em uma briga, um “bom homem com as mãos”, como já vimos; jovem e de raciocínio rápido.

Em meio segundo, passou-lhe pela mente que Marston poderia ter delegado sua autoridade (em segunda ou terceira mão, certamente) a algum especialista em cofres, algum criminoso experiente, para obter posse daqueles documentos. Mas esse sujeito teria que ser um expert no ofício; aquele cofre era o ápice da segurança, e Quarrier tinha certeza de que era o último modelo.

Nenhum ladrão comum conseguiria arrombar aquele cofre, e o invasor precisaria contar com um dedo lixado até a carne viva, uma audição microscopicamente sensível para captar, através daquela barreira de aço e bronze, o suave clique das super-travas.

E, de repente, um segundo pensamento, mais assustador, se intrometeu: e se — só e se — o plano deles não envolvesse um ataque ao cofre? E se o objetivo do plano, o propósito daquela presença invisível e sem nome, fosse ele — Quarrier? Caso ele, afinal, tivesse conseguido escapar da armadilha na adega? Nesse caso, eles o forçariam a abrir o cofre. Era

simples; havia até uma pitada de humor sarcástico, mas esse tipo de humor não agradava a Quarrier.

Num instante, ele se virou, agachado, a mão indo ao bolso em um movimento rápido, emergindo com a pistola automática de cano curto.

Então, sua boca se torceu em um sorriso sem alegria quando seus olhos se fixaram na sala quadrada, vazia sob as luzes.

Por um momento, ele ficou ali parado, o rosto forte e atento marcado por novas linhas de preocupação, os ouvidos atentos ao silêncio quase ensurdecedor, os olhos varrendo de porta em porta, de parede a janela, uma pulsação na têmpora latejando de acordo com sua respiração presa. Ele começou a circular pela sala. Caminhando na ponta dos pés, aproximou-se da porta pela qual havia entrado, empurrou o grande ferrolho em seu lugar. O ferrolho parecia desnecessário; a fechadura em si, com um mecanismo de mola, foi projetada para segurar ainda mais firme com pressão de fora para dentro.

O estalo do aço contra o aço ecoou surpreendentemente alto no silêncio pesado; por um momento, Quarrier teve uma curiosa impressão, quase uma premonição, de que aquela precaução era inútil — que, na prática, ele estava trancando e reforçando a segurança de uma sala vazia — uma caixa-forte vazia. No entanto, com a pistola em punho, ele continuou sua ronda.

Passou pela estante com um exame rápido; nada ali. Depois, o quadro; um retrato de seu tio-avô; os olhos sempre o prendiam; eram daqueles que “seguiam você”; e por um momento pareceu a Quarrier que eles traziam um aviso, uma mensagem, uma ordem. Mas ele seguiu em frente. . .

Um grande sofá de couro pesado foi o próximo. Com um sorriso constrangido, ele parou, espiou debaixo dele e, em seguida, se endireitou, indo em direção às janelas duplas. O sofá estava inocente, mas a janela — ele parou por um instante enquanto testava as travas de aço. Estavam bem fechadas, as janelas eram quadrados negros e brilhantes contra a noite ventosa lá fora.

Soltando as fechaduras, uma após a outra, ele levantou a primeira janela, liberou a grade externa de aço e, no ato de inclinar-se para fora no poço escuro abaixo, recuou, com um olhar rápido por cima do ombro, enquanto um arrepio percorria sua espinha com um pensamento súbito e perturbador.

O que foi aquilo?

Por um segundo, às suas costas, ele achou ter ouvido um farfalhar, um movimento, como o som furtivo de um pé ligeiro sobre o pesado tapete de Kermanshah.

Mas, mais uma vez, não havia nada — ninguém.

Eram trinta andares até a rua lá embaixo, e, enquanto ele se inclinava na janela, sua imaginação, no mesmo instante, desceu até o pavoroso perigo da queda vertiginosa.

Quão simples teria sido para alguém atrás dele — quão fácil. . .

Ele estremeceu, o suor cobrindo sua testa em uma fina camada de medo. Uma mão em seu tornozelo — um rápido empurrão — e então um borrão azul contra a noite — a queda — no vazio. . .

Virando-se à direita, ele observou a pesada porta que levava ao depósito. Tentou a grande chave, chacoalhando a maçaneta. A porta estava trancada; era pesada, sólida, substancial. Uma carranca rápida franziu sua testa.

“Absurdo!”, murmurou, mas havia uma estranha falta de convicção na palavra. “Impossível!” disse novamente. “Não há ninguém na sala além de mim; não poderia haver.”

Mas, mesmo enquanto falava, ele sabia, sem sombra de dúvida, que alguém ou algo havia ocupado aquela sala meros segundos antes de sua entrada, e se esse alguém, ou seja lá o que fosse, não estava lá agora, onde estava essa presença invisível?

A presença de outra pessoa na sala era fisicamente impossível, a menos que, de fato, houvesse, afinal, uma quarta dimensão, para a qual, como um homem que passa da luz do sol para a sombra, o intruso tivesse ido, talvez agora o observando com sarcasmo de algum plano invisível: um fantasma vivo!

Absurdo! E, ainda assim, havia aquele outro fato — ele o havia visto: o testemunho silencioso, sem voz, mas inegável — a prova positiva e irrefutável de uma presença além da sua própria.

Ali, em uma sala trancada, trancada e reforçada, sem o menor sinal de entrada — uma porta principal que não tinha chave, respondendo apenas a uma combinação conhecida apenas por ele — uma porta secundária obviamente trancada, e por dentro; janelas de vidro grosso, triplamente trancadas com as últimas travas patenteadas — alguém ou algo havia entrado, passando, ao que parecia, por ferrolhos e trancas, por paredes, por aço, pedra e concreto, como um djinn, ou um espectro — pelo buraco da fechadura?

Por mais prático e cabeça-dura que fosse, Quarrier sentiu por um instante um lampejo de medo quase supersticioso. Mas — bobagem! Dentro daquele espaço limitado por quatro paredes, teto e chão, não havia lugar para esconder algo, nem mesmo — um gato, por exemplo — para nada humano, pelo menos. Isso o ultrapassava, assim como a Coisa que havia entrado o ultrapassava, embora estivesse ali, ao seu redor.

Quarrier não acreditava no sobrenatural com sua mente; mas, por mais corajoso que fosse, naquele momento ele conheceu o medo. Mas preferiu, com sua inteligência, atribuí-lo a Marston; Marston, no que dizia respeito à moral, poderia ser qualquer coisa: via-se isso em seus olhos curiosos, com suas íris pálidas, a cor morta de sua pele, como a barriga de uma cobra; em sua boca firme e cruel. Quarrier nunca se iludiu quanto ao presidente da Intervale Steel. A coisa era fantástica, irreal — e ainda assim. Poderia facilmente ser uma armadilha, e pior. O perigo, mais sutil por ser desconhecido, estava ao seu redor; ele sentia isso, como uma emanção. Como os psicólogos chamariam isso? Uma aura, como a de uma presença invisível e mortal, que via, embora não fosse vista.

## V

O cômodo, ou escritório, como já foi descrito, era impenetrável para qualquer coisa exceto um ataque em massa; as portas eram invencíveis, exceto pela explosão de um forte explosivo, e as janelas quase igualmente resistentes.

Nem mesmo Harrison, o homem de Quarrier, poderia entrar na sala na ausência de seu empregador; de modo que, mesmo conhecendo a combinação do cofre, ele não poderia retirar nada de lá, nem colocar nada dentro. Ele saía, nas raras vezes em que Quarrier permitia seus serviços, sempre acompanhado de seu mestre, retornando da mesma forma, se retornava, na companhia de Quarrier.

O recluso havia se cercado de cuidados. Marston, com seu cérebro astuto e engenhoso, enfrentaria um grande desafio para recuperar aqueles documentos.

Mas foi quando, por uma súbita inspiração, Quarrier tirou o fone do gancho, que ele teve certeza de que aquilo era uma armadilha.

“Dê-me Schuyler 9000,” ele sussurrou, com a voz rouca na abafada quietude. Mas, mesmo ao pronunciar as palavras, ele soube que a linha estava morta, ainda assim era típico de Quarrier que, uma vez convencido disso, ele retomasse seu inventário do escritório de onde havia parado.

Ele tinha completado o circuito do cômodo, com exceção do cofre na parede e da pequena escrivaninha de tampo plano perto da porta. De onde estava, podia ver a mesa com facilidade; não havia nada nem ninguém sobre ou debaixo dela. E agora, antes de girar a combinação, ele colocou a mão nas portas, puxando as alças em um teste de rotina. E então—

Ele recuou, tropeçando para trás, enquanto as portas se abriam com um estrondo metálico. Tremendo, ele puxou uma gaveta — colocou a mão dentro. Retirou-a — vazia.

Diante da verdade inacreditável — o que ele temia, mas não acreditava — ele ficou paralisado. Os documentos haviam sumido!

Mesmo em meio à excitação e consternação, Quarrier permitiu-se um leve, pálido sorriso. Apenas algumas horas antes, ele próprio havia guardado aqueles papéis em seu local específico, e, como uma precaução extra, ele havia posicionado guardas no nível da rua, homens em quem confiava. Pois, pela manhã, ele pretendia transferir aqueles documentos para um cofre na região dos West Eighties, de onde Marston jamais seria capaz de recuperá-los. Com a recepção dos papéis, viria o golpe final ao presidente da Intervale Steel. E foi por isso que Quarrier havia chamado aquele número, que não atendeu.

Agora, os documentos haviam desaparecido e Marston estava seguro. Mas ainda restava uma última esperança, embora tênue, e era esta:

O prédio, recém-construído, estava isolado; Quarrier era o dono; seus inimigos, de alguma maneira obscura, haviam conseguido o que procuravam. E, se assim fosse, eles ainda estavam no prédio.

As ordens de Quarrier aos guardas não incluíam deter qualquer um que buscasse entrar. Ao entrar, ele foi informado de que talvez meia dúzia de pessoas, no máximo, tivessem passado por lá antes dele. Eles o haviam encurralado — talvez até pudessem eliminá-lo, juntamente com as evidências, mas eles — Marston e os outros — alguns ou todos estavam no edifício; eles tinham que estar.

Ele sorriu novamente, um sorriso rápido e feroz, ao considerar a pista insignificante que os havia traído. Não fosse por isso, ele jamais teria descoberto o saque do cofre.

Foi então, enquanto ele estava de costas para o cofre e olhando para a pesada porta que dava para o depósito, que ele se endireitou, tenso, inclinando-se para a fechadura.

A porta era à prova de som, assim como as paredes, mas de repente, como um som ouvido em sonhos, ele escutou: Na fechadura, um som, ou a sombra de um som, fraco e fino, mas inconfundível, como o bater de um coração.

E aquele som continuou, fraco e fino, como se abafado por camadas de algodão, persistente, regular — o fraco e quase inaudível tique-taque de um relógio.

Por um momento, ele até considerou e descartou a ideia de que eles pudessem ter plantado uma bomba-relógio naquela porta. Quarrier hesitou. E então, de repente, soube: Eles estavam no depósito; ele os havia surpreendido; sem dúvida, eles aguardavam escondidos, esperando que ele saísse. Ele tinha sido rápido demais para eles; não contavam com sua fuga daquele porão, e se isso fosse verdade, ele, Quarrier, teria algo a dizer sobre a fuga deles.

Silencioso, com a pistola automática pronta, ele abriu a porta para o corredor com uma cautela lenta e furtiva. Então ele estava no corredor, examinando as sombras espessas, onde, no extremo oposto, uma luz pendia entre o chão e o teto como uma estrela. Um silêncio reinava, espesso, pesado, sombrio, ameaçador, enquanto ele começava a avançar — um silêncio carregado com uma maré de ameaça, sinistro, sussurrante, vivo.

Logo à frente, estava a primeira das grandes baterias de elevadores. Uma pressão no botão de chamada, e em um momento ele teria ao seu lado homens em quem podia confiar, homens que executariam suas ordens sem questionar. E então, lembrando-se, ele parou.

Pois lhe parecia fácil acreditar que a mesma agência que havia silenciado seu telefone poderia também tê-lo cortado de qualquer comunicação ali, mas seu dedo, ao alcançar o botão, recuou abruptamente, quando, pelo canto do olho, ele viu um feixe de luz surgir subitamente do travessa empoeirada da porta do depósito.

Eles estavam saindo?

“Ha!” ele sussurrou, com a respiração pesada.

Ele não parou para considerar quantos deles poderiam ser, ou que seus fiéis guardiões do portão, trinta andares abaixo, provavelmente haviam sido silenciados pela mesma mão sinistra.

Silenciosamente, com a arma firme como uma rocha, ele se aproximou da porta do depósito; então, a um passo de distância, ele parou, respirando fundo.

Ali, seis passos à sua esquerda, um corredor estreito levava a uma caixa de alarme de incêndio e a uma janela com vista direta para a entrada principal e a rua. Quarrier, encostando-se à parede, levantou uma mão tateante até onde, logo acima de sua cabeça, pendia um conjunto de lâmpadas. Ele desrosqueou três das lâmpadas; depois, foi até a janela, abriu-a, inclinou-se para fora e, com intervalos entre uma e outra, deixou-as cair na escuridão.

Então, com a pistola em punho, seus pés silenciosos sobre o chão de concreto do corredor, ele se aproximou da porta do depósito.

De joelhos, ele ouviu por um momento na fechadura e, ainda ajoelhado, seus dedos, tateando, giraram a maçaneta lentamente, com uma cautela infinita. Seu rosto agora estava marcado por novas rugas, linhas rígidas. Seu semblante amargo, severo, a boca dura, ele se levantou, empurrou a pesada porta com um movimento relâmpago e entrou no depósito, sua arma balançando em um curto arco, cobrindo os dois homens que o encaravam do outro lado do cômodo.

“Aqueles documentos, Marston,” ele ordenou bruscamente, “eu posso... usá-los.”

Seu olhar, por um breve instante, se voltou para o outro homem, que, com as mãos cerradas ao lado do corpo e os olhos arregalados de terror e descrença, olhava, mudo, para a aparição na porta.

Mas Marston, com o rosto pálido e a mão escondida no bolso, deu de ombros e sorriu com desdém, sua mão emergindo e se erguendo com a velocidade da luz.

Mas, pela diferença entre o tempo e a eternidade, ele não foi rápido o suficiente. Houve um duplo disparo, ressoando quase como um só: o sorriso de Marston se transformou em uma careta rígida e congelada; ele oscilou, inclinando-se para a frente, com o rosto subitamente vazio; então, em uma queda brusca, ele despencou no chão.

Quarrier se abaixou, pegou os papéis que haviam caído do bolso do homem morto; então, ele se virou de forma abrupta para seu servo.

“Pode ir, Harrison,” ele disse, como se estivesse dispensando o homem casualmente no fim de um dia de trabalho.

Mas se Harrison sentiu alguma gratidão pelo indulto implícito, ele se virou para Quarrier com um gesto ansioso, sua fala quebrada e angustiada:

“Ele... você precisa ouvir, senhor... Sr. Quarrier,” ele implorou. “Ele... o Sr. Marston... ele me conhecia quando... ele sabia sobre...”

Sua voz falhou.

“E então?” perguntou Quarrier, friamente, com o rosto inexpressivo.

“O Sr. Marston,” continuou o homem, “ele sabia... do meu passado... Eu tive medo de lhe contar, senhor. Ele... ele descobriu, de alguma forma, que eu... já tinha sido preso, senhor... Ele me assustou, admito... ele me ameaçou... ameaçou contar para o senhor... O senhor não sabia, claro...”

“Sim... eu sabia,” explicou Quarrier, simplesmente, e ao ver a expressão no rosto de seu mestre, o semblante do servo brilhou de repente, como se iluminado por dentro.

“O senhor... sabia...” ele murmurou.

## VI

“Mas há uma coisa que você pode me dizer,” disse Quarrier. “Você tinha a combinação do cofre, claro; não vamos falar mais sobre isso —mas — como você entrou?”

Harrison baixou a cabeça.

“Bem, senhor,” ele explicou, depois de um momento, “foi simples, mas eu nunca teria pensado nisso se não fosse por ele.” Apontou para a figura silenciosa no chão.

“Bem — há apenas três portas, como o senhor sabe,” continuou. “A porta de entrada do seu escritório, com a fechadura de combinação; a porta de entrada do depósito aqui, ambas dando para o corredor; e a porta interna entre o depósito e seu escritório. Não podíamos entrar no escritório pela porta de entrada do corredor por causa da fechadura de combinação, mas conseguimos e entramos no depósito facilmente do corredor — a porta nem sequer estava trancada, como o senhor sabe. E foi assim que entramos no escritório particular — pelo depósito, através da porta que liga os dois.”

“Mas como—?” começou Quarrier. “Aquela porta é de aço; estava trancada — posso jurar. Você não forçou a fechadura; não tinha uma Quarta Dimensão à disposição, tinha, Harrison? Mas —continue; isso me escapa, confesso.”

Harrison permitiu-se um leve sorriso.

“Por quê — bastou um jornal e um pedaço de arame, senhor — foi assim que fizemos. Eu não me atrevi a destrancar a porta que liga os dois — antes, senhor — pelo lado do escritório; nunca tive a chance. Eu nunca fiquei sozinho no escritório, senhor, nem por um segundo, como o senhor sabe; mas há uma folga de quase meio centímetro, senhor, embaixo daquela porta que conecta os dois — só o suficiente para o jornal. Do depósito aqui, empurrei o jornal por debaixo da porta, até o escritório, e depois, com o arame, não foi tão difícil empurrar a chave para fora da fechadura; a porta estava trancada pelo lado do escritório, claro.

“A chave caiu no jornal; puxamos o jornal com a chave de volta por debaixo da porta, senhor, para o depósito aqui, e — simplesmente destrancamos a porta que conecta os dois, e entramos no escritório. Depois, tranquei a porta novamente, pelo lado do escritório, e só consegui sair pela porta da frente do escritório quando ouvi seus passos na escada. Ele estava me esperando no depósito; disse que era mais seguro. De qualquer forma, consegui voltar pelo corredor e entrar no depósito pela entrada do corredor antes de o senhor chegar.”

Ele parou, com uma expressão estranha no rosto.

“Mas eu não entendo como o senhor soube, se me permite, senhor — como suspeitou. Depois, do corredor, o senhor viu nossa luz quando estávamos prontos para sair; achávamos que o senhor tinha ido embora de vez, claro. . . Mas nada foi tocado, senhor, exceto — quero dizer—claro—” Ele gaguejou.

Quarrier o silenciou com a mão erguida.

“Eu não suspeitei, Harrison — eu sabia,” disse ele. “E ouvi, através da fechadura daquela porta que conecta os dois, o tique-taque daquele seu relógio; é alto o suficiente. Isso



ajudou, claro. Mas isso foi depois. Houve uma coisinha que você ignorou, e, para ser honesto, eu também — por pouco.”

Ouviam-se passos pesados no piso de concreto do corredor, vozes: seus guardas, convocados pelas “bombas de luz” de Quarrier.

Quarrier continuou, como se não tivesse ouvido:

“Bem — estava bem diante dos meus olhos, mas quase deixei passar. Eu vi aquilo se mexer, e soube que algo deve ter feito aquilo se mexer.”

Ele pausou, com uma leve careta de lembrança.

“Veja — você estava de chapéu no escritório, não estava? . . . Sim, eu achei que sim. Você é um pouco surdo, também. . . Bem, você devia ser — em relação ao Marston. Mas isso já passou. E você ainda tem um bom e denso cabelo — por enquanto.”

Quarrier sorriu friamente. “Bem, você esbarrou naquilo e fez com que se mexesse — foi só isso. Você nem percebeu. Porque era — a corrente do lustre, Harrison, e foi assim que—”

“Você nos pegou, senhor! Eu — estou feliz. Você poderia chamar isso de—”

“—Corrente de circunstâncias,” completou Quarrier, com os olhos voltados para fora, fitando o novo amanhecer.

## O Lugar da Loucura

Merlin Moore Taylor

“Bobagem. A penitenciária não é um lugar para mimar e acariciar aqueles que quebraram a lei.”

Stevenson, o presidente da Comissão Prisional, acenou com uma mão gorda na direção do prisioneiro que estava ao pé da mesa.

“Esse homem,” ele continuou, “descobriu de alguma maneira que os jornais estão atacando o diretor da prisão, e está aproveitando a oportunidade para fazer um jogo de simpatia em seu próprio benefício. Admito que essas histórias que ele conta sobre a brutalidade contra os prisioneiros são bem contadas, mas acredito que ele está exagerando os fatos. Não podem ser verdade. A disciplina precisa ser mantida em um lugar como este, mesmo que às vezes isso exija medidas severas.”

“Mas não há necessidade de brutalidade,” exclamou o prisioneiro, quebrando a regra de que os detentos não devem falar a menos que sejam chamados.

Ignorando a mão erguida do presidente, ele continuou: “Nós fomos tratados como animais aqui! Se um homem abre a boca para fazer uma pergunta necessária e civilizada, a resposta é um golpe. Derrubar uma faca, garfo ou colher à mesa é punido com a perda da próxima refeição. Homens doentes demais para trabalhar são levados às fábricas à força, com coronhadas de armas. Pequenas infrações das regras mais triviais resultam na cela escura e uma dieta de pão e água.

“Vocês sabem o que é a cela escura? Aqui eles chamam de 'solitária'. 'Inferno' seria um nome melhor. Aço por todos os lados: paredes de aço, porta de aço, teto de aço, chão de aço. Não há cama para se deitar, nem mesmo um banco para se sentar. Apenas o chão frio. E escuridão! Nem um raio de luz penetra a cela escura uma vez que a porta se fecha. Nenhum ar entra, exceto por um pequeno respiradouro no teto. E até esse tem uma curva para evitar que a luz entre.

“É de se admirar que até o prisioneiro mais insubordinado saia de lá quebrado – quebrado de corpo, mente e espírito? Alguns enlouquecem – completamente insanos – depois de apenas algumas horas lá dentro. E por quê? Eu passei dois dias na 'solitária' porque desmaiei de fraqueza na minha bancada da fábrica de sapatos.

“Vejam essa cicatriz?” Ele apontou para uma marca profunda sobre um dos olhos. “Um guarda fez isso com o cano do rifle porque eu não consegui me levantar e voltar ao trabalho

quando ele mandou. Ele me deixou inconsciente, e quando acordei, estava na 'solitária'. Insurreição, eles chamaram. Fiquei dois dias lá quando deveria estar no hospital. Dois dias de inferno e tortura porque eu estava doente. Falam em reformar homens na prisão. É o contrário. Isso cria criminosos piores – se não enlouquecerem primeiro.”

O presidente se mexeu na cadeira e pigarreou impacientemente.

“Escutamos você por tempo suficiente,” ele disse pomposamente, “mas, por mim, já chega. Mais de uma dúzia de prisioneiros testemunharam aqui hoje, e nenhum deles fez declarações que corroborassem suas acusações.”

“E por quê?” perguntou o prisioneiro. “Porque têm medo de dizer a verdade. Sabem que seriam espancados, privados de comida e de seus 'dias de remissão', sob algum pretexto, se ousassem sugerir o que sabem. De qualquer forma, vocês não acreditariam. Não acreditam em mim, e provavelmente sofrerei por ter dito o que disse aqui. Mas isso não importa. Não podem tirar meus 'dias de remissão'. Estou aqui para o resto da vida.”

Sua voz se tornou amarga.

“E é por isso que estou entrando em detalhes – por mim e por aqueles que nunca poderão deixar este lugar. A lei decretou que viveremos e morreremos aqui, mas a lei não disse nada sobre nos torturar.”

“Esta comissão garantiu proteção a todos os que foram chamados para testemunhar aqui,” respondeu o presidente. “Não temos desejo de encobrir ninguém em relação à investigação que está sendo conduzida, e para que não haja qualquer suspeita sobre a forma como esta audiência é realizada, nem o diretor, nem seus subordinados ou guardas foram permitidos a participar. A menos que você tenha provas concretas para nos oferecer e possa dar os nomes daqueles que podem apoiar suas alegações, pode se retirar.”

“Um momento.” Foi um dos membros da comissão que interrompeu. Ele se virou para o prisioneiro e perguntou: “Você disse, creio, que apenas algumas horas na cela escura podem enlouquecer um homem. No entanto, você passou dois dias lá. Você não está louco, está?”

“Não, senhor.” O prisioneiro falou com respeito. “Minha consciência estava limpa e eu consegui cumprir meu tempo lá sem quebrar. Mas mais um dia teria me destruído. O senhor depôs contra mim no meu julgamento, não foi? Não guardo rancor por isso, senhor. Dou-lhe crédito por apenas fazer o que achava ser seu dever. Seu testemunho selou o caso contra mim. No entanto, sou inocente—”

O presidente bateu na mesa com força.

“Não vejo como isso tem qualquer relação com a investigação em andamento,” protestou irritado. “Não estamos aqui para julgar o caso deste homem. Os tribunais já

decidiram. Ele é como todos os outros. Qualquer um deles está pronto para jurar que é inocente. Vamos continuar com esta investigação.”

O prisioneiro se curvou em silêncio e se virou em direção à porta, onde os guardas aguardavam para levá-lo de volta à cela. Uma mão em seu braço o deteve.

“Sr. Presidente,” disse Blalock, o membro que havia questionado o prisioneiro, “eu peço que este homem seja autorizado a continuar com o que estava dizendo. Não farei mais perguntas. Você estava dizendo...” ele sugeriu ao prisioneiro.

“Eu estava dizendo que sou inocente,” retomou o prisioneiro. “Estava prestes a acrescentar que nem mesmo um homem sem culpa conseguiria suportar os terrores da solitária por muito tempo. Você, por exemplo, é médico, um homem de reputação impecável, contra quem nunca houve qualquer acusação. No entanto, duvido que você aguentasse várias horas na cela escura. Se você experimentasse, saberia que estou falando a verdade. Senhores, imploro que façam tudo o que puderem para abolir a cela escura. Os homens podem suportar até um certo ponto antes de enlouquecerem, e se investigarem os fatos, descobrirão que, nove em cada dez vezes, são os homens que saem quebrados da 'solitária' que causam os distúrbios na prisão. Isso é tudo.”

Ele fez uma reverência respeitosa e saiu.

“Tagarela esperto, aquele sujeito,” comentou o secretário da comissão, quebrando o silêncio. “Quase me convenceu. Quem é ele, Blalock? Foi você quem o chamou, certo?”

O médico assentiu.

“Confesso que foi mais por interesse pessoal no homem do que por qualquer esperança de que ele pudesse fornecer evidências valiosas aqui,” ele disse. “Me surpreendeu com seu desabafo. É um bom orador. O nome dele é Ellis — Martin Ellis — e vem de uma família respeitável e rica. Formado pela universidade e totalmente capaz de ter construído uma carreira brilhante. Mas ele foi mimado em casa e recebeu mais dinheiro do que deveria. Isso o tornou um ocioso e um jovem irresponsável. No entanto, tudo o que fez foi às claras, e nunca ouvi falar de algo realmente grave até que ele foi condenado pelo crime que o trouxe aqui.”

“Assassinato, suponho?” Stevenson, o presidente, estava interessado, apesar de tudo. “Ele mencionou estar cumprindo pena perpétua.”

“Sim, o assassinato de uma garota. Agnes Keller era o nome dela. Pobre, mas bem vista. Trabalhava na igreja, membro do coral, e coisas assim. Durante o julgamento, foi revelado — na verdade, o próprio Ellis contou — que ele estava apaixonado por ela e que passaram muito tempo juntos. Não às claras, é claro, porque o velho Ellis, o pai dele, teria ficado furioso. O caso terminou como todos esses romances clandestinos terminam,

especialmente se a garota é jovem, bonita e pobre. A acusação sustentou que, quando ela descobriu sua situação, entrou em desespero e exigiu que Ellis se casasse com ela, e a alternativa seria contar tudo ao pai dele. Alegaram que ele a matou para evitar essa escolha. As evidências contra ele eram puramente circunstanciais, mas o júri considerou conclusivas.”

“Ellis admitiu no tribunal que costumavam sair de carro à noite. Um fato condenatório contra ele foi que o viram dirigindo sozinho e rapidamente por uma estrada rural próxima ao local onde o corpo dela foi encontrado. Ele não tinha nada para corroborar sua alegação de que estava se sentindo mal e saiu para dirigir tentando aliviar uma dor de cabeça. Claro, ele negou categoricamente ser o responsável pela condição dela ou mesmo saber disso, mas o júri deliberou por menos de uma hora. O único impasse, soube depois, foi decidir se aplicavam a pena de morte ou não.”

“Ele disse que você foi uma testemunha contra ele. Que papel você desempenhou?” perguntou Stevenson.

“Um papel relutante,” respondeu Blalock rapidamente. “Eu não acreditava que Ellis era culpado naquela época. Ainda não estou convencido. Mas, como médico da garota, e presumivelmente alguém a quem ela recorreria nessa situação, fui questionado assim que o legista fez a autópsia. Admiti que ela havia confiado em mim e que eu concordei que o homem responsável deveria se casar com ela. Ela não me disse o nome, mas meu testemunho reforçou a teoria de que Ellis a matou para evitar o casamento.”

A porta da sala se abriu, e o diretor da prisão apareceu no limiar.

“Posso entrar?” ele perguntou. “O jantar está quase pronto e pensei em avisar vocês.”

Ele atravessou a sala e sentou-se em uma cadeira vazia.

“Terminamos de ouvir as testemunhas há um bom tempo,” disse o presidente. “Desde então, o Dr. Blalock está nos entretendo com a história do crime daquele sujeito, Martin Ellis, que foi uma das testemunhas. Bastante incomum.”

“Sim, o xerife que o trouxe me contou tudo,” respondeu o diretor. “Ele é difícil de lidar. Teve problemas com um dos guardas recentemente, e tivemos que discipliná-lo.”

“Dois dias na solitária com pão e água, não foi?” perguntou Blalock. “Ele não gostou nem um pouco.”

O diretor corou.

“Poucos gostam, depois de experimentar,” admitiu. “É muito mais uma questão de ser deixado sozinho com seus pensamentos e sua consciência. Eles te punem tanto quanto qualquer outra coisa. Bem, que tal encerrarmos e irmos jantar? Querem fazer a inspeção regular da prisão depois?”

“Oh, claro,” bocejou o presidente. “Sem dúvida, tudo está em ordem, como de costume, mas se omitirmos a inspeção, os jornais vão reclamar.”

Ele se levantou, e, com o resto da comissão seguindo atrás, acompanhou o diretor até a sala de jantar.

“Bem, vamos fazer a inspeção e acabar logo com isso,” sugeriu Stevenson, após o jantar. “Por onde começamos, diretor?”

“Primeiro pelas oficinas e prédios menores, depois pelas celas. Assim, vocês terminam mais perto do prédio da administração e podem voltar para a conferência com menos atraso.”

Guardas uniformizados mantinham-se firmes em posição de sentido enquanto o diretor guiava a comissão. Presos de confiança rondavam ansiosamente o grupo, prontos para serem úteis. Grandes portas de aço com barras se abriam ruidosamente à medida que a comissão avançava e se fechavam com estrondo às suas costas. A luz do sol da tarde, inclinada pelas grades, aliviava a austeridade dos blocos de celas e revelava a ordem e a limpeza preparadas para a ocasião.

“Bem, parece que tudo está em ordem,” disse o presidente, enquanto o grupo se aproximava dos escritórios novamente. “Alguém tem mais alguma sugestão?”

“Sim, eu gostaria de ver a cela escura,” respondeu o secretário. “Não me lembro de já ter visitado, e aquele tal de Ellis me deixou curioso. Ele disse que era uma versão em miniatura do inferno. Onde fica, diretor?”

O diretor assumiu um tom jocoso.

“Você vai se decepcionar,” alertou. “Fica no porão, onde os prisioneiros que quiserem podem gritar e espernear à vontade sem incomodar ninguém. Um pouco escura, claro, mas se para alguns parece o inferno, é porque eles escolhem ver assim. Se realmente quiser ver, vamos lá. Mas aviso que não está ocupada.”

Ele não mencionou que havia providenciado para que estivesse vazia. Com toda aquela polêmica sobre a administração da prisão, não era seguro arriscar. A comissão, ele previra, poderia decidir fazer uma investigação real, e nunca se sabe em que estado um homem pode estar após várias horas na “solitária”.

“Aqui estamos, senhores,” disse, com um gesto grandioso, quando um preso de confiança acendeu as luzes no porão. “Não apenas uma cela escura, mas meia dúzia delas.”

Ele recuou enquanto os membros da comissão avançavam e olhavam para os recessos sombrios. Sobre cada porta, uma única lâmpada elétrica brilhava fracamente, muito fracamente para que seus raios penetrassem nos cantos. As portas maciças, com pinos e trancas, estavam abertas, imponentes e assustadoras.

“Alguém quer experimentar?” perguntou o diretor ao fundo.

“Claro, vamos deixar o Blalock dar uma volta em uma delas,” sugeriu o secretário. “A consciência dele deve estar limpa o suficiente para não incomodá-lo. Vai lá, doutor; experimente e nos diga como se sente. Eu faria isso, mas não ousa arriscar a minha consciência.”

Blalock, parado na soleira de uma das celas, virou-se e, por um momento, observou-os em silêncio.

“Seu comentário, claro, foi feito em tom de brincadeira,” ele disse. “Mas,” sua voz ganhou um tom firme, “vou aceitar o desafio! Não,” ao ouvir uma série de exclamações dos outros, “minha decisão está tomada. Diretor, quero que isso seja o mais realista possível. Por favor, me providencie um uniforme de prisioneiro padrão.”

“Bom, mas que tolice,” exclamou o presidente, e então deu de ombros. “Vá em frente e arranje uma roupa listrada, diretor. Só espero que isso não chegue aos jornais.”

Um preso de confiança foi enviado para buscar o uniforme listrado. Quando foi trazido, Blalock já havia tirado suas roupas, enquanto os outros faziam piadas. Ele não se dignou a respondê-los até abotoar a jaqueta do uniforme e colocar o pequeno boné listrado.

“Acho que estou pronto,” disse então. “Vocês ridicularizaram o experimento que estou prestes a fazer. Mas eu digo a vocês que estou fazendo isso com total seriedade. Não acredito que a 'solitária' seja tão ruim quanto Ellis descreveu. Vou descobrir. Diretor, por favor, faça com que as condições aqui sejam exatamente como as de um prisioneiro neste lugar.”

Ele se virou abruptamente e entrou na cela.

“Quanto tempo você quer ficar aí?” perguntou o diretor. “Uns quinze minutos?”

“Ellis disse acreditar que eu não aguentaria uma ou duas horas,” veio a resposta do fundo da cela. “Vamos fazer duas horas. Ao fim desse tempo, você pode voltar e me soltar. Mas nem um minuto antes.”

“Muito bem, Número 9982,” respondeu o diretor. “Agora você está sozinho com sua consciência.”

A pesada porta se fechou com um estrondo, e um leve clique indicou a Blalock que a luz acima da porta havia sido apagada. Então o som de passos, cada vez mais distantes, o so. da porta do porão — depois silêncio. Blalock estava sozinho.

Apalpando com as mãos, ele foi até um canto da cela e sentou-se no chão duro e frio.

Fechou os olhos e tentou concentrar sua mente em outro assunto, diferente do fato de que era um prisioneiro, ainda que por sua própria vontade, mas prisioneiro, mesmo assim.

Sempre se orgulhara de sua capacidade de afastar de seus pensamentos todos os tópicos, exceto aquele no qual desejava focar. Agora, escolheu, aleatoriamente, começar a preparar o esboço de uma palestra que ele daria em duas semanas, num congresso de médicos.

Em sua casa, no escritório, Blalock costumava se deitar em uma cadeira confortável, com os pés em um banquinho e um travesseiro sob a cabeça. Ali, suas pernas estavam esticadas no chão, em ângulo reto com seu corpo, mantido ereto pela parede de aço atrás de si. Tentou aliviar o desconforto mantendo os joelhos elevados, mas o chão não oferecia suporte firme e seus calcanhares escorregavam.

Irritado, Blalock afastou-se do canto e tentou deitar-se de costas, olhando para a escuridão acima. Imediatamente essa posição também ficou desconfortável, e ele se virou primeiro para um lado, depois para o outro, até que, por fim, levantou-se e encostou-se na parede. Assim passou mais quinze ou vinte minutos, calculou. Descobriu que era impossível concentrar seus pensamentos, então resolveu deixá-los vagar.

Encostar-se na parede rapidamente se tornou desconfortável, e Blalock começou a andar em círculos pelas estreitas dimensões da cela. Quatro passos em uma direção, dois em ângulo reto, depois quatro, depois dois. Isso o fez lembrar de um grande urso que ele havia visto uma vez no zoológico, caminhando de um lado para o outro atrás das grades, mas nunca se afastando muito da porta que o separava do mundo exterior e da liberdade.

De repente, Blalock percebeu que, após tantas voltas no escuro, ele havia perdido a noção de onde estava a porta da cela. Ele começou a procurá-la, passando as mãos pelos cantos com a sensibilidade de um cirurgião, tentando identificar onde a porta se encaixava na parede.

Ficou irritado ao dar duas voltas completas sem conseguir localizar a porta. Ele podia contar os cantos à medida que chegava a eles, mas a porta se encaixava tão perfeitamente na parede que ele não conseguia distingui-la das junções entre as placas de aço da cela.

Isso logo se tornou uma obsessão. Ele pensou em bater nas paredes, esperando que algum ponto ecoasse de forma diferente, revelando assim a localização da porta que ele tanto queria encontrar.

Agora, isso se transformava em uma mania. Suavemente, ele começou a bater com os nós dos dedos no aço, aqui e ali, em um ponto, depois em outro. Em seguida, pressionou seu ouvido contra as paredes, treinado para captar variações mesmo sem o auxílio de um estetoscópio, mas novamente falhou. Cada ponto emitia o mesmo som oco.



Enfurecido, Blalock chutou a parede de aço com força. A dor lancinante em seus dedos do pé o recompensou, e ele se jogou no chão com um gemido de angústia para massagear os dedos machucados.

Foi então que percebeu que suas mãos estavam cobertas de sangue, e ao examinar seus nós dos dedos, descobriu que estavam esfolados e ensanguentados. Desesperadamente, ele tentou recuperar o controle de si mesmo, forçando-se a permanecer calmo para quando o carcereiro viesse soltá-lo, como Blalock tinha certeza de que aconteceria a qualquer momento.

Ele se pegou escutando atentamente, esperando ouvir passos se aproximando. Esticou os ouvidos para tentar captar o distante som de uma porta se abrindo no porão, mas apenas o som de sua própria respiração quebrava o silêncio tenso. Como o mundo podia ficar tão quieto, ele pensou. Não era difícil imaginar-se como um prisioneiro de verdade, jogado na solitária para refletir sobre seus erros.

Lembrou-se de uma história que havia lido há muito tempo, sobre um homem que se viu como o último ser humano vivo, depois de uma força misteriosa ter aniquilado todos os outros num piscar de olhos.

Por que o carcereiro ainda não o havia libertado? Certamente as duas horas já haviam passado, e ele já estava farto disso tudo!

Mas não seria prudente demonstrar esse estado de espírito quando fosse libertado. Ele deveria sair dali sorrindo, pronto para desmentir Ellis, aquele falador esperto.

Mais uma vez, ele começou a caminhar em círculos ao redor das paredes. Sentia-se novamente no controle de si mesmo, e talvez não houvesse mal em tentar resolver o mistério da porta que não queria ser encontrada.

Talvez o carcereiro tivesse sido atrasado por algum imprevisto. Ah, bem, alguns minutos a mais não fariam diferença. E se ele estivesse no lugar de Ellis? Preso para o resto da vida! Ele não queria pensar em Ellis, mas o rosto do condenado insistia em aparecer em sua mente — seu rosto e suas palavras.

O que foi que Ellis disse? “Você, por exemplo, é um médico, um homem de reputação impecável, contra quem ninguém jamais ousou levantar uma acusação. Mesmo assim, eu duvido que você aguentaria algumas horas na cela escura.”

E o carcereiro havia acrescentado que, na cela escura, o homem ficava sozinho com sua consciência. Maldito carcereiro! Onde ele estava, afinal? Blalock começou a desgostar dele. Talvez houvesse algo de verdade naquelas histórias de brutalidade que os jornais haviam publicado.

A antipatia pelo carcereiro logo deu lugar ao ódio. Blalock se perguntou se o carcereiro e aquele pequeno e pomposo Stevenson, presidente da comissão, não tinham combinado de prolongar sua estadia como uma brincadeira. Quando saísse, ele mostraria a eles que não achava graça nenhuma naquilo, que ele não era um homem com quem se brincava.

Assim, mais uma hora passou, segundo seus cálculos, e sua raiva e frustração tomaram conta de si. Ele chutou as paredes e socou-as com os punhos cerrados, sem se importar com o fato de estar se machucando.

Então veio o medo — o medo de que ele tivesse sido esquecido!

E se houvesse um motim na prisão, e os detentos tivessem tomado o controle? Eles o libertariam? Ou descarregariam nele sua vingança, na ausência de outra vítima?

Ele começou a chamar, moderadamente a princípio, fazendo pausas frequentes para escutar alguma resposta; depois, mais alto e mais alto, até que estava gritando ininterruptamente.

Ele xingou e praguejou, implorou e usou de persuasão, ameaçou e tentou subornar, alternando entre esses comportamentos, exigindo apenas que o tirassem daquele lugar terrível. Ele estava completamente alheio ao fato de que era impossível que alguém o ouvisse, que apenas a reverberação de sua própria voz, trovejante naquele espaço estreito, respondia a ele. O som, batendo no teto, subindo do chão e sendo devolvido pelos muros, sobrecarregava-o, esmagava-o.

O terror agudo agora o mantinha preso em seu aperto gelado. Seus pensamentos martelavam em seu cérebro como água em um moinho. O suor escorria dele em torrentes enquanto ele esmurrava e golpeava as paredes. Sua mente estava em chamas. Ele começou a perceber que o que Ellis havia dito poderia muito bem ser verdade. Os homens enlouqueciam naquele lugar! Por que, ele estava enlouquecendo — louco pela tortura que seu corpo estava sofrendo, louco por estar sozinho com seus próprios pensamentos.

Havia momentos de maior lucidez em que a razão tentava desesperadamente se afirmar. Os gritos de Blalock tornaram-se menos violentos e, gemendo e soluçando suavemente, ele começou novamente seu interminável circuito pela cela em busca da porta. Falhando, ele delirou outra vez e cambaleou de parede a parede ou saltou loucamente em direção ao teto, como se, por algum milagre, a fuga pudesse estar naquela direção.

Finalmente exausto, ele se deixou cair no chão, ciente de que noites e dias intermináveis estavam passando por sua cabeça e que a sede e a fome, agudas e excruciantes, o mantinham em seu domínio.

A intervalos, a força retornava a ele, uma força apoiada por uma vontade indomável que o levava a se levantar e retomar sua batalha contra as paredes, seus gritos e grunhidos frenéticos, numa última tentativa de fazer-se ouvir.

Seus nós dos dedos estavam quebrados e sangrando, seus lábios rachados e inchados; sua voz saía aguda de sua garganta seca e destroçada, seu corpo e suas pernas sucumbiam a uma grande fadiga que não poderia ser negada.

Finalmente chegou o momento em que sua própria voz não mais soava em seus ouvidos, quando suas pernas se recusaram a obedecer à vontade que as ordenava a se erguer, quando ele não conseguiu mais levantar suas mãos. Seu espírito estava finalmente quebrado, e ele desistiu da luta, afundando-se de volta no chão. E ao seu redor, a escuridão desceu — a escuridão e o silêncio.

Então, a porta se abriu de repente, e, emoldurado em silhueta contra a luz que vinha de fora, estava o diretor.

“Já teve o suficiente, doutor?” ele chamou alegremente. “Suas duas horas terminaram... Por que você não me responde? Dr. Blalock! O que há de errado, homem?”

Ele espiou para dentro da cela em uma vã tentativa de forçar os olhos a penetrar na escuridão. Falhando, ele tateou suas roupas em busca de um fósforo e, com as mãos tremendo, riscou-o contra a porta.

Então, seu rosto ficou pálido como um lençol, ele vacilou onde estava, e o fósforo queimou até a carne de suas mãos e a queimou. Pois, no canto mais distante, ele avistou, deitado de costas, uma criatura desgastada, ensanguentada e com cabelos brancos que piscava e revirava os olhos vazios para ele, murmurando e balbuciando incoerentemente.

A razão voltou a Blalock muitos dias depois.

Ele abriu os olhos com a luz da compreensão neles, e eles lhe disseram pelo que o cercava que ele estava em um hospital. Do lado de fora, o sol brilhava intensamente, e em um pequeno parque logo além, pássaros cantavam e a brisa lhe trazia o som de crianças brincando.

“Finalmente acordou, não é?” perguntou a enfermeira de touca branca que entrou no quarto naquele momento.

“Sim,” disse Blalock, em um sussurro rouco. Ele não sabia então, mas a voz calma e suave que antes tinha como seu melhor trunfo em um quarto de enfermo, havia desaparecido para sempre. A pressão terrível à qual havia submetido suas cordas vocais durante seus acessos de desespero na cela escura as havia destruído.

“Você está se saindo muito bem,” a enfermeira o assegurou com entusiasmo. “Você esteve gravemente doente, mas agora está se recuperando rapidamente.”

“Não,” disse Blalock, com firmeza, como quem sabe. “Nunca vou me recuperar. Me dê um espelho, por favor.”

“Não acredito que tenha um à mão,” ela evitou, relutante em deixá-lo ver a destruição em seu rosto.

Mas ele insistiu.

“Por favor,” ele implorou. “Estou preparado e não acho que serei dominado. Serei corajoso.”

Relutantemente, então, ela começou a colocar o vidro prateado em sua mão. Ao estender a mão para pegá-lo, ele parou, com a mão na metade do caminho. A mão que estava acostumado a ver, com dedos afilados e unhas bem cuidadas, a mão que tão habilmente havia realizado operações delicadas, havia desaparecido. Em vez disso, havia uma coisa esguia, semelhante a uma garra, com nós e articulações distorcidas.

Finalmente, Blalock a estendeu, pegou o espelho e, lentamente, mas com firmeza, o trouxe para alinhar com seus olhos. Ele esperava algumas mudanças, mas não o que o aguardava. O cabelo negro e ondulado havia dado lugar a mechas de um branco neve. Seu rosto estava marcado e enrugado, e olhos sem brilho o encaravam de cavidades profundas. Ele olhou longamente para essa aparição, depois, em silêncio, deixou o espelho cair sobre a coberta e fechou os olhos.

“Não leve isso tão a sério, doutor,” implorou a enfermeira. “Você passou por uma experiência aterrorizante e seu rosto mostra isso agora. Mas em pouco tempo—” A mentira não lhe saiu facilmente, e sua língua hesitou.

“Não se preocupe com isso,” sussurrou Blalock. “Não importa mais. Chame Stevenson, por favor.”

O presidente da Comissão Prisional chegou sem demora. Forçando-se a esconder a repulsa que sentia ao ver o homem quebrado na cama, ele entrou agitado, cumprimentando-o com cortesia forçada.

“Stevenson,” disse Blalock, quando finalmente o outro tomou assento e a enfermeira se retirou. “Tenho algo a te contar. Naquele dia em que entrei na cela escura—”

“Agora, agora, velho amigo,” acalmou Stevenson, colocando uma mão restritiva sobre o braço do outro. “Vamos parar de falar sobre isso. Nós abolimos essa prática naquele mesmo dia. Por que trazer à tona essa experiência horrível? Ninguém sabe sobre isso, exceto a comissão, o warden e o seu médico e a enfermeira aqui. Todos nós prometemos não comentar

sobre isso, e os jornais não publicaram uma linha, exceto que você adoeceu. Deixe o passado cuidar de si mesmo, Blalock, velho amigo, e vamos falar de outras coisas.”

Um lampejo do antigo poder de vontade brilhou nos olhos do homem doente.

“Não,” disse ele firmemente. “Não, Stevenson, o passado não pode se cuidar sozinho. Aproxima-se mais, Stevenson, preciso te contar algo, e parece que ainda não estou forte o suficiente para falar em voz alta.

“Naquele dia, quando exigí de maneira tão arrogante que fosse trancado na 'solitária', pensei que me conhecia e conhecia minha força de vontade. Acreditei que tinha controle suficiente sobre minha mente e meu corpo para desafiar qualquer tortura que o homem pudesse inventar, sem vacilar — apesar do conhecimento de que minha consciência não era a coisa pura que eu fizera os outros acreditarem. Porque, Stevenson, minha consciência era negra — tão negra quanto o inferno! Ela carregava o conhecimento de um grande pecado da minha parte, uma enorme injustiça que fiz a outra pessoa.

“Mas eu a reprimi com minha força de vontade até acreditar que era algo morto, que nunca poderia se livrar da escravidão a que a condenei e erguer-se para me acusar. Foi para provar que eu era superior a ela que escolhi deliberadamente me trancar com ela, onde, sozinho com meus pensamentos, poderia provar que era o mestre, de uma vez por todas.

“Pois Martin Ellis havia abalado minha confiança. Onde antes eu estava certo, agora estava duvidoso; queria prová-lo um mentiroso e, ao mesmo tempo, satisfazer a mim mesmo que eu era um homem livre e não um escravo daquela coisa que chamamos de consciência culpada.

“Naquela cela, aquela consciência que acreditava ter matado ergueu-se para me mostrar que estava apenas adormecida. Em outras circunstâncias, poderia ter permanecido adormecida indefinidamente. Lá dentro, ela me sobrecarregou com uma sensação de seu poder e me fez sentir que estava prestes a encontrar meu Deus, sem nem mesmo um véu atrás do qual me esconder de meus pensamentos culpados. Não importava para onde eu olhasse, via um dedo acusador apontando para mim saindo da escuridão, e a solidão foi estilhaçada por uma voz que clamava que aqueles que pecam devem pagar, e pagar até que a conta seja zerada. E eu havia pecado, mas não havia pago.

“A consciência é uma coisa terrível uma vez que é despertada, Stevenson. Ela é viva, vibrante, e açoita e flagela até que exija seu preço. Foi isso que ela fez comigo lá na escuridão, sozinho e à mercê dela, sem chance de escapar. E em minha agonia e medo, eu amaldiçoei o Deus que me criou e me sobrecarregou com isso. No entanto, aprendi minha lição, antes que tudo acabasse. Eu, que me atrevi a colocar minha frágil vontade acima da

Grande Vontade Eterna; eu, que ousei acreditar que a grande ordem das coisas, o plano pelo qual todos devemos viver e morrer, deveria fazer uma exceção pra mim, aprendi que estava errado.

“Martin Ellis é inocente, Stevenson, e confio em você para que a justiça seja feita. Ele não matou Agnes Keller, e eu sabia disso. E eu fiquei parado e deixei que ele fosse condenado. Mais, eu depus contra ele e ajudei a tornar essa condenação certa. Eu disse apenas a verdade em meu testemunho, mas não contei tudo o que sabia, e o que omiti teria salvo Ellis. Eu não queria testemunhar de forma alguma, mas a acusação se recusou a me deixar aproveitar a relação confidencial que se supõe existir entre médico e paciente.

“O estado estava certo em sua teoria de que o homem que estrangulou Agnes Keller o fez porque era responsável por sua condição e não queria se casar com ela. Ela veio até mim no meu escritório na noite em que encontrou a morte e me disse que havia descoberto que estava prestes a se tornar mãe.

“Ela se recusou a tomar quaisquer providências que sugeri e disse que seu filho, quando nascesse, deveria ter o direito legal de portar o nome do pai. E naquela mesma noite, ela foi atraída para um automóvel com a promessa de que o homem que era o culpado a levaria para uma cidade próxima e a tornaria sua esposa. Mas naquele caminho rural solitário, ele se voltou contra ela e a matou com suas próprias mãos.

E como eu sei dessas coisas? Porque, Stevenson, eu fui o homem responsável pela condição dela, e fui eu quem a matou!”

## A Mão Fechada

Farnsworth Wright

Solitária e ameaçadora, a casa observava espectralmente através das árvores retorcidas que pareciam encolher-se ao seu toque.

O musgo verde da decadência cobria seus telhados úmidos, e as janelas, situadas em cavidades profundas, espiavam cegamente para o mundo como se fossem órbitas vazias. Tão intimidante era seu aspecto que os meninos, ao se aproximarem de seus telhados sombrios, paravam de assobiar e cruzavam a rua.

Através dos campos, algumas cabanas amontoadas observavam a chuva que caía, como se se perguntassem que família poderia ser tão ousada a ponto de habitar as paredes sombrias daquela velha mansão, cujos pisos sem carpete não sentiam a passagem de pés humanos há dois anos.

Em um quarto no sótão da casa, duas irmãs estavam deitadas na cama, mas não dormindo. A irmã mais nova encolhia-se sob o medo inspirado pelo lugar sombrio. A mais velha ria de seus medos infantis, mas a mais nova sentia o feitiço do velho edifício e estava apavorada.

“Eu suponho que realmente não há nada para me assustar nesta casa velha e triste,” ela admitiu, sem convicção na voz, “mas a sensação deste lugar é horrível. Mamãe não deveria ter nos deixado sozinhas neste lugar macabro.”

“Estúpida,” a irmã a repreendeu, “com toda a prataria lá embaixo, alguém precisa estar aqui, com medo de ladrões.”

“Oh, não fale sobre ladrões!” suplicou a irmã mais nova. “Estou com medo. Fico imaginando que ouço passos fantasmagóricos.”

A irmã riu.

“Vá dormir, Goosie,” ela disse. “‘Casas assombradas’ não passam de superstição. Elas existem apenas na imaginação.”

“Por que ninguém viveu aqui nos últimos dois anos, então? Dizem que durante cinco anos cada família saiu logo após se instalar. A atmosfera da casa é horrenda. E não consigo esquecer como a filha mais velha dos Berkheim foi encontrada esfaqueada em sua cama, e ninguém jamais soube como aconteceu. Pode ser que ela tenha sido assassinada neste mesmo quarto!”

“Vá dormir e não se assuste com essas bobagens. Mãe estará conosco amanhã à noite, e papai voltará no dia seguinte. Agora, durma.”

A irmã mais velha logo caiu em sono profundo, mas a mais nova permaneceu com os olhos abertos, encarando o quarto escuro e estremeceu a cada grito sufocado do vento ou trovão distante. Começou a contar, esperando hipnotizar-se até o sono, mas a cada leve barulho ela se assustava e perdia a contagem.

De repente, virou-se e sacudiu a irmã pelo ombro.

“Edith, alguém está se movendo lá embaixo!” ela sussurrou. “Escute! Oh, o que faremos?”

A irmã mais velha acendeu um fósforo e iluminou a vela. Então, vestiu seu roupão e calçou os chinelos.

“Você não vai descer, vai? Edith, diga que não vai descer! Pode ser a Berkheim assassinada! Edith, não—”

Edith lançou um olhar de desprezo à irmã, que estava na cama com o rosto pálido e os olhos arregalados de medo.

“Há algo se movendo lá embaixo, e eu vou descobrir o que é,” ela disse.

Pegando a vela, deixou o quarto. Sua irmã ficou na escuridão, ouvindo a chuva batendo no telhado e se esforçando para captar o menor som. O barulho lá embaixo cessou, mas o vento aumentou, e a chuva golpeou o telhado em rajadas furiosas que fizeram seu coração disparar. . . .

Dez minutos se passaram — vinte minutos — e Edith não havia retornado.

Uma porta bateu, e a irmã mais nova achou que ouviu algo se movendo novamente, mas o vento começou a gemer e abafou todos os outros sons. Entre as rajadas, ouviu um som portentoso, e cada vez parecia mais próximo.

Então — ela se assustou ao perceber que algo estava subindo as escadas. Uma vez, achou que ouviu um grito, ao qual o vento se juntou em um dueto estranho e lamentoso.

Mais perto e mais perto, o estranho barulho se aproximava. Subiu as escadas, passo a passo, ouvido apenas quando o vento e a chuva suavizavam suas vozes. Passou pelo primeiro andar e subiu lentamente o segundo, enquanto a garota aguardava temerosamente sua chegada.

O vento uivava até a casa tremer; ele assobiava pelo beiral e fugia pelos campos como um fantasma perseguido.

E agora os batimentos do coração da garota abafavam os gritos do vento, pois a presença havia invadido seu quarto!



Ela se encolheu sob as cobertas, uma fria transpiração gelando seu corpo até seus dentes tremerem. Sua imaginação convocava coisas horrendas — um espírito desencarnado vindo para destruí-la — um cadáver da sepultura, gritando de terror porque não conseguia arrancar os panos que cobriam seu rosto — ou a Berkheim assassinada, com a faca ainda cravada em seu coração — ou algum monstro escapado, lambendo os lábios em antecipação à refeição que seu corpo trêmulo iria proporcionar. Ou seria um assassino que, tendo matado sua irmã, agora se preparava para completar seu trabalho sangrento?

Um relâmpago rasgou o céu, e o trovão rugiu seu aviso aterrorizante. A garota jogou as cobertas para trás e se encolheu contra a parede, os olhos saltando das órbitas, temendo que outro relâmpago revelasse uma visão muito horrenda para contemplar.

Devagar, a entidade se arrastou pelo chão, ergueu-se na cama e soltou um som sufocante de agonia.

A garota ficou petrificada. Então, timidamente, estendeu uma mão trêmula, mas rapidamente a retirou com medo de algum contato horrível.

Novamente, ela estendeu a mão trêmula na penumbra, mais longe, mais longe, até tocar algo peludo e úmido.

Uma mão fria fechou-se sobre a dela, e ela se levantou, horrorizada, gritando.

A mão gelada apertou-a com um tremor nauseante e arrastou-a para baixo. Então seus sentidos torturados cederam, e ela desmaiou sobre a cama. . . .

Quando acordou, era dia. Ao seu lado, na cama, jazia o corpo sangrante de sua irmã, Edith, esfaqueada no peito pelo ladrão que ela tentara assustar.

A irmã mais nova estava agarrando as mechas emaranhadas de cabelo que haviam caído sobre o peito da irmã, cuja mão fria havia se fechado sobre a dela na última convulsão da morte.

## A Fera Desconhecida

Howard Ellis Davis

Na borda da pequena aldeia de Bayou le Tor, as águas negras que deram nome à vila se agitam. A um quilômetro ao sul, elas se perdem no som do Mississippi. Para o norte, serpenteiam entre pântanos sombrios, até desaparecerem nas marés mais acima.

Gigantescos ciprestes se amontoam até a beira da aldeia, como se estivessem ciumentos do pequeno espaço de terra desmatada que ocupava ao lado do bayou. Para alguém não acostumado ao lugar, parecia que um mau presságio pairava eternamente nas profundezas daqueles pântanos sombrios.

Mas até que a Fera desconhecida fez sentir sua presença misteriosa, nenhum mal tinha vindo daquelas águas, exceto a mortal malária, que agarrava suas vítimas em agitações e febres ardentes, consumindo a vida como um incêndio florestal poderia consumir um trecho de capim seco.

Antes dessa estranha morte que começou a assombrar os pântanos noturnos, as pessoas se encolhiam em terror impotente. As vacas eram trazidas do pasto enquanto o sol ainda estava alto. As mães chamavam seus filhos de rostos pálidos para dentro de casa assim que as sombras começavam a se alongar.

A primeira vítima foi Swan Davis, um velho pescador que vivia sozinho na beira do bayou, acima da aldeia. Ele foi encontrado morto no pântano. A princípio, pensou-se que ele tinha sido espancado até a morte, pois seu corpo estava tão machucado.

No entanto, finalmente decidiu-se que ele havia sido esmagado por alguma força misteriosa e desconhecida. Algo o pegou e o apertou até que seus ossos estalasse como juncos secos.

Depois, os três irmãos Buntly, que levavam um grupo de bois dos pântanos, foram surpreendidos pela noite na estrada do pântano. O gado estava indo tranquilamente, quando de repente ficou assustado e disparou, berrando loucamente. Eles, apavorados com o comportamento esquisito dos animais, correram atrás o mais rápido que puderam.

Quer dizer, dois deles fizeram isso; pois quando Jard e Peter Buntly saíram das sombras da estrada do pântano, perceberam que seu irmão, Sims, não estava com eles.

Aterrorizados, voltaram ao pântano, chamando seu nome. Quando não encontraram nada dele e ele não respondeu, voltaram rapidamente para casa e contaram o que havia acontecido. A noite toda, levando tochas acesas, os homens da aldeia vasculharam o pântano.

Ao amanhecer, encontraram o corpo do jovem, machucado e quebrado, mas não havia vestígios do que o havia matado.

Quando o povo de Bayou le Tor se reuniu para discutir as circunstâncias que cercavam essas duas mortes misteriosas, os negros e alguns outros afirmaram que um espírito maligno assombrava as sombrias profundezas ao norte da aldeia, enquanto os mais conservadores concordavam que alguma criatura estranha àquelas paragens, alguma fera desconhecida, estava perambulando pelos pântanos noturnos, uma criatura que matava por amor ao assassinato.

Armados com espingardas e rifles, eles a caçaram. Colocaram armadilhas para ursos, iscas com um quarto de carne pendurado sobre elas. Mas ninguém se atreveu a entrar nos pântanos após o anoitecer, até que, uma noite, dez dos melhores homens da aldeia formaram um grupo e montaram a cavalo pela estrada do pântano.

Armados com pistolas e facas, foram dois a dois, joelho a joelho, seus cavalos seguindo um ao outro, nariz a cauda, para que, se qualquer um do grupo fosse atacado, todos pudessem se virar e lutar em conjunto.

Nada aconteceu até que estavam voltando; então Walter Brandon — que, por ser um dos mais corajosos, estava na retaguarda — ficou descuidado e se afastou. De repente, seu cavalo veio disparando entre os outros, sem cavaleiro.

Não conseguiram encontrar vestígios de Walter, e os outros nove só puderam voltar e dar a notícia à sua jovem esposa, que carregava um bebê no peito.

No dia seguinte, o pai da garota, o velho Arner Horn, conseguiu os serviços de um pequeno automóvel surrado e cruzou dois condados para ver Ed Hardin e implorar que ele viesse e os livrasse daquela fera desconhecida que, um a um, estava matando os homens de Bayou le Tor.

Em seu próprio condado, Ed Hardin era um delegado, e sua reputação de destreza já havia se espalhado. Todo verão, quando a pesca era melhor no Som, ele vinha a Bayou le Tor. Todo inverno, ele vinha caçar perus selvagens nos pântanos que cercavam a aldeia. As pessoas aprenderam a conhecê-lo bem, e sabiam que ele não temia nem homem, nem besta, nem o diabo.

Ele voltou no automóvel com Arner, trazendo consigo seu jovem amigo, Alex Rowe. Quando chegaram a Bayou le Tor, a notícia os aguardava: o corpo de Walter, que apresentava as mesmas marcas que os outros que haviam sido mortos, foi encontrado flutuando nas águas do bayou, e estava sendo mantido à beira da água para que Ed Hardin pudesse ver por si mesmo a natureza da morte que essa criatura infligia sobre suas vítimas.

Depois de ver, Ed Hardin saiu sozinho, com a boca fechada em uma expressão sombria. Quando entrou no quintal de Arner, já estava escurecendo, a brisa noturna farfalhando nos carvalhos-de-vida acima. Ele foi até o celeiro e selou a égua castanha de Arner. Tendo-a levado até a cerca da frente, ele a prendeu ali e entrou na casa.

No corredor, que dividia a casa ao meio, ele parou ao ouvir, na sala ao lado, o baixo soluçar de uma mulher. Em seguida, passou para o quarto que lhe fora designado, ele e Alex Rowe. Uma pequena lamparina a querosene estava acesa sobre a cômoda, e à luz dela ele estava colocando um cinto com uma ampla faca de caça e uma pistola quando Alex irrompeu.

“Ed Hardin,” gritou o jovem, “o que essa égua está fazendo na cerca da frente? Para onde você vai?”

“Eu vou caçar essa besta, Alex.”

“Você não vai fazer isso, Ed! Você não sabe o que é. Como—”

“Eu vou, Alex.”

“Mas, Ed, está de noite. Espere até o dia clarear. As duas últimas vezes que as pessoas saíram pela estrada do pântano à noite, um homem foi morto.”

Com os ombros largos e corpo esguio, o grande delegado ergueu-se à sua altura máxima e virou-se para encarar seu jovem amigo por um momento.

“Eu vou agora,” disse ele calmamente.

“Mas, Ed, você ouviu o que disseram sobre o barco no bayou. Ele está lá há duas semanas, sem que ninguém se aproxime. Você ouviu o que Rensie Bucker, o velho negro que costumava ser marinheiro, disse. Ele afirmou que remou até aquele barco em sua canoa e que as pessoas a bordo eram índios. Ele diz que em sua terra existem bestas e répteis estranhos, e que talvez tenham soltado uma delas no pântano, talvez para vigiar a estrada do pântano.”

“Se foi colocado para vigiar a estrada do pântano à noite,” disse Ed, “é exatamente lá que eu quero ir. Quero encontrá-la.”

“Espere, Ed. Espere até eu conseguir um cavalo. Eu vou com você.”

Um sorriso suave apareceu por um momento nos lábios sérios de Ed Hardin.

“Não, Alex,” disse ele. “Acho que vou sozinho.”

Enquanto ele desatava a égua, aqueles que haviam retornado à casa se reuniram ao seu redor e, assim como Alex, tentaram impedi-lo de entrar sozinho no pântano à noite.

Mas ele montou tranquilo na sela e galopou para fora da vila, em direção às sombras das gigantescas árvores de cipreste.

A égua era um animal nervoso e cheio de energia, e ela pulava e se esquivava enquanto dançava entre as poças estagnadas que se espalhavam escuras na estrada do pântano.

Ao sair deliberadamente para usar-se como isca para a Besta Desconhecida, Ed sentiu que poderia contar bastante com a agilidade e rapidez dela para evitar ser surpreendido por um ataque repentino das trevas. Ele tirou seu pesado revólver Colt da sua cintura e o colocou à frente, ao alcance da mão.

O túnel escuro da estrada era tão opaco que ele não conseguia ver nada à sua frente, e deixou as rédeas caírem soltas no pescoço da égua, para que ela pudesse escolher o seu caminho sem perturbações. E enquanto se aprofundava no pântano, experimentou uma sensação de solidão e apreensão que era nova para ele.

Várias vezes, ele havia saído destemidamente sozinho em busca e captura de homens desesperados. Agora, no entanto, ele não sabia que tipo de criatura era aquela que procurava e teve que convidar um ataque das sombras para entrar em contato com ela.

A noite estava turva, quase pegajosa por seu peso, e o pântano parecia estranhamente silencioso. Apenas o ocasional chamado de alguma ave noturna perfurava o silêncio. Ele conhecia bem a estrada, tendo a percorrido com frequência, e os locais onde a violência tinha ocorrido haviam sido descritos a ele em detalhes.

A algumas centenas de metros à esquerda da estrada, onde ele agora estava montado, o pescador havia encontrado a morte. Ele passou pelo local onde Brandon havia sido visto pela última vez e, logo depois, entrou na parte mais profunda do pântano, onde o pastor havia sido arrancado para a escuridão da morte. Claramente, esta vizinhança de violência era o esconderijo da criatura.

De repente, a égua se esquivou, resfolegou e ficou tremendo, com a cabeça voltada como se visse ou sentisse algo ao lado da estrada. Ele ergueu sua pistola, que agora segurava pronta e engatilhada na mão, e disparou rapidamente na escuridão. Como estava com apenas uma mão nas rédeas, levou alguns momentos após o disparo antes que pudesse acalmar o animal assustado o suficiente para continuar seu caminho.

Mais duas vezes, ao perceber sinais de terror de sua montaria, guiado pelas orelhas voltadas para frente da égua, Ed Hardin disparou nas sombras negras ao lado da estrada, as explosões iluminando a escuridão com flashes vívidos.

A Besta Desconhecida evidentemente estava próxima, seguindo-o pela vegetação — ou sobre as copas das árvores. Se estivesse no chão, ele esperava a remota chance de matá-la ou feri-la antes que tivesse a oportunidade de atacar.

Após cada tiro, tão bons quanto podia em meio aos solavancos da égua, ele escutou atentamente por algum grito de dor, algum movimento dos arbustos; mas o silêncio das sombras permaneceu inalterado. A tensão era exaustiva, e ele sentiu um desejo selvagem de

girar a égua e fugir em uma corrida desenfreada. Ele não conseguia fazê-la sair de um passo lento e hesitante, e ela frequentemente se esquivava de um lado da estrada para o outro, com aquelas paradas periódicas de medo tremendo.

Então, a estrada saiu do abrigo das árvores do pântano e passou por uma travessia de madeira, ladeada de densa vegetação de titi. A égua estava agora mais calma, e Ed começou a esperar que alguns de seus tiros tivessem surtido efeito. Ele respirou mais livremente, agora que os galhos não pesavam sobre sua cabeça.

No entanto, logo ele se viu sob grandes carvalhos. Estas, flanqueando a estrada de cada lado, estendiam seus enormes galhos horizontalmente. Ele olhou de um lado para o outro, seus olhos esforçando-se para penetrar a penumbra, cada tronco de árvore indistinto assumindo um contorno sinistro. Acima, as árvores se erguiam em profundidades cavernosas e, de repente, com um estalar de folhas e galhos, um grande objeto escuro caiu sobre ele!

A égua assustada saltou para frente, mas a criatura sem nome aterrissou atrás da sela.

Hardin puxou a pistola, mas logo percebeu que não poderia usá-la. Ele estava preso em um abraço gigante que imobilizava seus braços ao lado do corpo, uma apreensão contra a qual sua própria força não era nada.

A égua corria desesperadamente, seu corpo ágil perto do chão, o pescoço esguio esticado para a frente. Ela saiu do pântano, cruzando uma extensão de terras planas, que antes eram cobertas por pinheiros. A madeira havia sido cortada há muito tempo, restando apenas os tocos, queimados por incêndios florestais — hordas de fantasmas negros se amontoando à beira da estrada de ambos os lados.

Era uma corrida selvagem para o homem, com a morte montada atrás dele. Os grandes braços que o envolviam estavam lentamente espremendo o ar de seu corpo, e sob aquele abraço, ele sentia suas costelas se curvarem a ponto de estalar. Desesperado, ele mantinha o aperto na sela com os joelhos.

Então, justo antes que a consciência o abandonasse, levantou as pernas e se jogou para o lado. A sela escorregou para baixo da barriga da égua. Carregados pelo impulso, mas com aquele aperto esmagador nunca se relaxando, o homem e a terrível criatura que o segurava foram arremessados pelo ar.

Eles colidiram com um baque contra um toco quebrado à beira da estrada, enquanto a égua assustada seguia em frente. A criatura assassina estava ao lado do toco, e no impacto seu controle sobre Ed Hardin se afrouxou. Conseguindo escapar dos grandes braços, Ed se lançou para o lado e rolou por vários metros.

A pistola já havia caído de seus dedos sem força; mas ele rapidamente puxou sua faca de caça. Esperando um ataque imediato com garras e presas, ele se deitou de costas, com os pés encolhidos, numa posição semelhante àquela que um gato assume ao se defender. Ele sabia que seria inútil usar sua força contra a do enorme ser, e o melhor que poderia fazer seria afastar um ataque com os pés e observar a oportunidade de alcançar e cravar a faca.

Então, de repente, a criatura se materializou acima dele. Por um instante, pareceu hesitar, então recuou lentamente. Com um movimento rápido e hesitante, caminhando ereta como um homem, começou a dar voltas ao redor dele. Seus braços longos balançavam abaixo dos joelhos. Uma cabeça redonda estava situada em um pescoço tão grosso e curto que parecia emergir dos próprios ombros. À medida que a criatura girava ao seu redor, Ed também se virou, mantendo sempre os pés à mostra.

Novamente a criatura se afastou, subindo pela estrada. Então virou-se e caminhou lentamente para longe.

Por um momento, Ed Hardin ficou observando-a, relutante em mudar de posição. Então, timidamente, levantou-se para sentar.

De repente, como se, sem olhar, a criatura adivinhasse seu movimento, virou-se a uma distância de talvez quinze metros.

E então, com um grito de raiva estranhamente humano, lançou-se em sua direção.

E ela veio pela escuridão, essa criatura enlouquecida, com sua corrida desajeitada, saltando e balançando os braços longos de um lado para o outro.

O homem voltou para sua posição anterior, com os pés erguidos e o braço pronto para atacar com a faca.

Antes que a criatura o alcançasse, ela se lançou para frente, sem pausar, e, impulsionada por ambos os braços e pernas, deu um grande salto semelhante ao de um sapo pelo ar. O choque, ao aterrissar sobre ele, fez os joelhos de Ed Hardin se dobrarem contra o peito. Seu braço direito, que estava pronto para atacar com a faca, foi preso e torcido dolorosamente.

A faca escorregou de sua mão. Um longo braço se esticou à frente, e dedos parecidos com garras agarraram seu cabelo. Com as pernas encolhidas daquela forma, ele foi novamente apreendido no abraço gigante, sentindo os joelhos sendo pressionados contra o peito até que logo se esmagariam como uma casca de ovo quebrada.

Então a consciência o abandonou.

. . . Quando seus sentidos lentamente voltaram, ele percebeu luzes piscando, cavalos pisando e o som de vozes de homens.

Jonas Keil estava falando, e Ed teve a rara experiência de ouvir a si mesmo sendo discutido após ser considerado morto.

“—Fiquei quase de joelhos para que ele não fizesse isso. Mas ele disse que não se sentiria bem deixando a Morte solta, sem impedimentos, enquanto estivesse vivo e com força para lutar. E quando ele saiu sozinho, montado e desarmado, o homem mais corajoso que já respirou foi morto.”

De sua posição, ele percebeu que havia sido colocado na grama ao lado da estrada. Perto dele havia alguém que, por uma ocasional respiração trêmula, parecia ter estado chorando.

Ele tentou se virar para ver quem era, mas não conseguiu mover nem mesmo um dedo.

Ouviu três novas chegadas se aproximando pela estrada: um homem a cavalo e dois corredores, os dois evidentemente segurando as rédeas do cavalo do cavaleiro. Assim que o cavaleiro parou, disse:

“Viemos assim que soubemos que vocês foram atrás do Ed. O Arn está trazendo a carroça. Ela deve estar aqui logo; passamos por ela um pouco mais atrás. Mas o Arn não conseguiu a direção certa com o Cy quando veio buscar a carroça que matou o Ed. Coitado do Ed!”

O velho Rensie Bucker, o negro que um dia foi marinheiro e falava com o sotaque de alguém de outro país, respondeu:

“É o Jonas, o negro com mente de criança que foi sequestrado da cabana da mãe dele lá na ponta há dez anos. Ele tinha a mente de uma criança e a força de cinco homens, com os ombros largos e pesados e o pescoço curto; com a corcunda nas costas e os braços quase até os tornozelos. Ele era gentil naquela época; mas o povo das Índias Orientais o pegou e o trouxeram de volta como uma besta. Ele é do barco, pelas roupas, e devem ter colocado ele na estrada do pântano à noite para vigiar e matar.

“Aí ele está, morto. O toco em que ele ficou preso quando puxou o Mestre Ed Hardin do cavalo tinha uma lasca que atravessou quase todo ele. Então, quando ele lutou com o Meester Ed, o ferimento deve tê-lo matado, porque não há outro ferimento.”

O homem ao lado de Ed Hardin falou, e Ed o reconheceu.

“Alex,” ele disse com dificuldade.

Houve um grito de espanto. Alex pediu uma luz. Alguém, visivelmente assustado com a voz que vinha do que todos achavam ser um homem morto, começou a correr, derrubou uma lanterna e foi xingado pelos outros que estavam se aglomerando.



Quando a carroça chegou, Ed já havia se recuperado o suficiente para, com a ajuda dos outros, conseguir subir dolorosamente e se afundar nos cobertores no fundo, com cada junta do corpo doendo.

Os dois Buntlys chamaram os jovens para um lado e estavam sussurrando animadamente. Logo, os cavalos foram amarrados ao lado da estrada e, quando a carroça rangeu, fazendo seu caminho de volta, Ed estava acompanhado apenas por Alex, que se recusou a deixá-lo, e pelo velho Arner. Rensie tinha ido com os outros.

Dois dias depois, ele conseguiu sair e se arrastar até a varanda da pequena casa de Arner e sentar-se na brisa fresca que soprava do pântano. Após um momento de silêncio, ele perguntou:

“Arn, o que aqueles caras fizeram na outra noite? Não consigo tirar nada deles.”

“Eles encontraram uma boa quantidade de coisas em caixas, que o Rensie disse ser algum tipo de droga, sendo descarregada do barco. Mas eles jogaram tudo na água.”

“Não estou interessado em droga, Arn. Estou perguntando o que eles fizeram?”

“O líder da gangue confessou, depois de ser interrogado pelo Rensie, e quando viu que a coisa estava perdida de qualquer forma. Eles colocaram o Jonas para manter as pessoas com medo da estrada do pântano à noite, matando quem aparecesse por lá. Eles iam conseguir um caminhão e levar essas coisas para algum lugar.”

“Bem, o que os rapazes fizeram?”

Reflexivamente, Arner acariciou sua barba curta e pesada. Ele cuspiu no quintal. Então, virou-se para o auxiliar:

“Ed,” ele disse lentamente, “sua vinda aqui, e, sozinho e desarmado, caçando a criatura que nos estava matando será lembrada e comentada por gerações futuras — quando esses pântanos forem limpos e drenados e estiverem produzindo milho e batatas. Mas uma coisinha pequena como um barco no fundo do pântano juntando cracas logo será esquecida, e vamos, você e eu esquecer essa parte também.”

## A Cesta

Herbert J. Mangham

A Sra. Buhler, a princípio, disse-lhe que não tinha vagas, mas quando ele estava prestes a sair, ela lembrou-se de um quartinho no porão.

Ele se virou ao ouvir o chamado dela.

“Na verdade, tenho um quarto”, disse ela, “mas é muito pequeno e no porão. Posso fazer um preço razoável, se quiser dar uma olhada.”

O quarto era um problema. Ela sempre hesitava em mostrá-lo às pessoas, pois muitas vezes elas se sentiam insultadas com a sugestão de que se contentariam com um ambiente tão humilde. Se alugasse para o primeiro interessado, ele provavelmente seria uma pessoa de má índole, o que poderia prejudicar a respeitabilidade de sua pensão, e depois ela teria que enfrentar o constrangimento de se livrar dele. Assim, ela preferia, por semanas, abrir mão do pequeno valor que o quarto lhe rendia.

“Quanto é?” perguntou o homem.

“Sete dólares por mês.”

“Deixe-me ver.”

Ela chamou o marido para tomar conta da recepção, pegou um molho de chaves e foi para o porão. O quarto era uma cela estreita, com uma janela ligeiramente abaixo do nível de um pequeno quintal nos fundos, cercado por uma cerca de madeira.

Um velho armário de carvalho, já instável, estava encostado à janela, e uma pequena mesa quadrada, com uma jarra e uma bacia de porcelana, ficava ao lado. Uma cama de ferro encostada na parede oposta deixava apenas espaço suficiente para uma cadeira reta e um caminho estreito da porta até a janela. Uma cortina pendurada em um canto e alguns ganchos na parede serviam como substituto para um armário.

“Você pode usar o banheiro do primeiro andar”, disse a Sra. Buhler. “Não há aquecimento no porão, mas posso te dar um aquecedor a óleo se quiser. O óleo não vai te custar muito. Claro que nunca faz muito frio em São Francisco, mas quando o nevoeiro chega da baía, é bom ter algo para aquecer o quarto.”

“Eu fico com ele.”

O homem tirou um pequeno maço de dinheiro e contou sete notas de um dólar.

“Você deve ser do leste”, observou a Sra. Buhler, sorrindo ao ver as notas de papel.

“Sim.”

Ao ver o cabelo claro, os olhos pálidos e o bigode desbotado do homem, a Sra. Buhler nunca pensou em pedir referências. Ele parecia incapaz de causar qualquer problema, como um cavalo de bombeiros aposentado, pastando tranquilamente e sonhando com antigas aventuras

Ele lhe disse que seu nome era Dave Scannon.

E essa foi toda a informação que ele voluntariou para alguém na pensão.

Uma hora depois, ele se mudou. Com uma única mala, ele transferiu seus pertences para as gavetas do armário e estava instalado.

Os outros hóspedes mal notaram sua chegada. Ele sempre atravessava o pequeno saguão sem olhar diretamente para ninguém, só parando para pagar o aluguel, o que fazia pontualmente no dia cinco de cada mês.

Ele não deixava a chave na recepção quando saía, como era costume da casa, mas a carregava no bolso. A empregada nunca tocava no quarto dele. A pedido de Scannon, ela lhe entregou uma vassoura, e todo domingo de manhã ela deixava toalhas, lençóis e uma fronha pendurados na maçaneta da porta dele. Quando voltava, encontrava as toalhas e roupas de cama usadas empilhadas ao lado da porta.

Movida pela curiosidade, a Sra. Buhler entrou uma vez no quarto com a chave mestra. Não havia sequer um fio de cabelo para perturbar a impecável organização do local. Um pente e uma escova sobre o armário e uma pilha de jornais eram as únicas evidências visíveis de que alguém vivia ali. O aquecedor a óleo estava coberto de poeira num canto; nunca havia sido usado. Ela o levou embora; seria perfeito para aquela senhora idosa no quarto norte que sempre reclamava do frio nas tardes, quando o resto da casa não estava frio o suficiente para justificar o aquecimento a vapor.

A senhora idosa estava sentada no saguão uma tarde quando ele chegou do trabalho.

“Aquele é seu hóspede do porão?” ela perguntou.

Ela o observou até ele desaparecer no fim do corredor.

“Ah, eu não conseguia me lembrar de onde o conhecia. Mas agora lembro — ele é uma espécie de porteiro e ajudante geral naquela grande padaria na Market Street.”

“Eu realmente não sabia onde ele trabalhava”, admitiu a Sra. Buhler. “Pensei em perguntar várias vezes, mas ele é um homem muito difícil de se conversar.”

Ele estava na pensão havia quatro meses quando recebeu sua primeira carta. O envelope indicava ser uma propaganda de cura para febre do feno.

Como ele não tinha o hábito de deixar sua chave na recepção, a carta ficou em sua caixa por três dias. Finalmente, o Sr. Buhler entregou a ele enquanto ele passava pela recepção a caminho do quarto.

Ele parou para ler o remetente.

“Você nunca recebe correspondência”, comentou o Sr. Buhler. “Você não tem família?”

“Não.”

“De onde você é?”

“Catawissa, Pensilvânia.”

“Que nome engraçado. Como se soletra?”

Scannon soletrou, e seguiu para o corredor.

“C-a-t-a-w-i-duplo-s-a”, repetiu o Sr. Buhler para a esposa. “Não é um nome engraçado?”

No quarto, Scannon tirou o anúncio do envelope e o leu atentamente de ponta a ponta.

Ao terminar, dobrou-o e o colocou em sua pilha de jornais. Então, penteou o cabelo e saiu novamente.

Jantou em uma das lanchonetes perto do Civic Center. O resto da noite passou na sala de jornais da biblioteca pública. Pegava jornais do leste e do oeste com o mesmo interesse, lendo cada página inteira, religiosamente e sem mudar a expressão, até o sino de fechamento soar.

Ele nunca subia para as salas de referência, circulação ou revistas. Às vezes, levava os jornais locais para casa e os lia estendido na cama, sem parecer notar que suas mãos estavam azuis por conta do frio penetrante que todas as noites soprava do oceano.

Nos domingos, vestia uma camisa de seda com listras vermelhas e um terno de serge azul, e pegava o bonde até o Golden Gate Park. Lá, ficava sentado por horas no sol, observando impassivelmente os inúmeros piqueniques, os esquilos, ou um pedaço de papel sendo levado pelo vento. Ou, talvez, caminhava em direção ao oceano, parando por alguns minutos em cada uma das jaulas dos animais, e pegava o bonde de volta para casa a partir do Cliff House.

Por dois anos os dias se repetiram, em uma monótona rotina, com os ocasionais anúncios de cura para febre do feno fornecendo os únicos toques de novidade.

Então, uma tarde, enquanto penteava o cabelo, ele ofegou e levou a mão à garganta. Uma forte náusea o jogou ao chão.

Centímetro por centímetro, ele se arrastou até a mesinha e a derrubou, quebrando a bacia e a jarra em dezenas de pedaços.

Sua energia se esvaiu com o esforço, e ele ficou imóvel.

A Sra. Buhler aceitou acompanhar sua amiga ao encontro com a espiritualista somente após muita insistência, e logo se arrependeu de sua decisão assim que chegou ao local.

A sala empoeirada era voltada para o norte, de onde o sol jamais penetrava, o que a tornava fria e úmida. A médium, uma mulher gorda e desleixada, cujos movimentos faziam ecoar o farfalhar de seda e o tilintar de ornamentos baratos, estava sentada de frente para ela, com uma mão pressionada contra a testa, enquanto transmitia informações misteriosamente adquiridas sobre parentes e amigos.

“Quem é Dave?” perguntou finalmente.

A Sra. Buhler rapidamente tentou lembrar de todos os parentes vivos dela e de seu marido.

“Eu não conheço nenhum Dave,” respondeu ela.

“Sim, sim, você o conhece,” insistiu a médium. “Ele está no mundo espiritual agora. Há morte à sua porta!”

Ela levou a mão à garganta e tossiu de maneira grotesca, simulando estrangulamento interno.

“Mas eu não conheço nenhum Dave,” repetiu a Sra. Buhler.

Ela deixou o local com uma sensação de grande alívio.

“Eu nunca mais vou a esses lugares!” afirmou, ao se despedir da amiga. “É muito assustador!”

Uma grande camada de neblina estava se aproximando majestosa do oeste, encobrindo o sol e deixando uma fina garoa nas calçadas. Puxando o colarinho do casaco para mais perto do pescoço, a Sra. Buhler mergulhou na neblina e começou a subir a longa colina que levava até sua pensão.

Os olhos arregalados e o rosto pálido de seu marido indicavam más notícias.

“Dave Scannon está morto!” sussurrou ele com a voz rouca.

Dave Scannon! Então esse era o “Dave!”

“Ele está morto há dois ou três dias,” continuou o Sr. Buhler. “Eu estava batendo um tapete no quintal quando notei um enxame de grandes moscas azuis zumbindo em torno da janela dele. Imediatamente me ocorreu que não o via há alguns dias. Não consegui abrir a porta porque a chave estava do lado de dentro, então chamei o legista e um policial, e nós arrombamos a porta. Ele estava deitado entre a cama e a cômoda, e a jarra e a bacia estavam quebradas no chão, onde ele as derrubou ao cair. Eles estão o levando agora.”

A Sra. Buhler correu até a escada dos fundos e desceu para o corredor inferior. Dois homens carregavam uma longa cesta de vime subindo os degraus que ligavam a entrada dos fundos ao quintal. Ela ficou observando sobre o corrimão até que a cesta desapareceu.

O legista não encontrou nada no quarto dele além de roupas, cerca de cinco dólares em moedas, e uma foto desbotada em uma moldura de prata manchada, de uma mulher anêmica que poderia ser mãe, esposa ou irmã.

A Sra. Buhler respondeu às perguntas dele com nervosismo. Sim, o homem morto estava com eles havia cerca de dois anos. Sabiam pouco sobre ele, pois era muito peculiar, nunca falava e nem permitia que a empregada entrasse no quarto para limpá-lo. Ele dissera, no entanto, que não tinha família e que sua casa era em Catawissa, Pensilvânia. Ela se lembrava da cidade por ter um nome tão estranho.

O legista escreveu para as autoridades em Catawissa, que responderam que não encontraram nenhuma pista de alguém chamado Scannon. Nenhuma outra correspondência chegou para o homem, exceto os ocasionais folhetos de cura para febre do feno.

O gerente da padaria telefonou para perguntar se o obituário no jornal se referia ao mesmo Dave Scannon que trabalhava para ele. Ele não sabia nada sobre o homem, exceto que era muito pontual em seus deveres até o último dia, quando não apareceu.

Várias semanas depois, a pequena Sra. Varnes, que ocupava um quarto nos fundos do segundo andar, parou no balcão para deixar sua chave. Ela hesitou por alguns minutos, depois inclinou-se impulsivamente.

“Sra. Buhler, eu só quero lhe perguntar uma coisa,” disse ela, baixando a voz. “Uma tarde, há algumas semanas, vi alguns homens carregando uma longa cesta pela porta dos fundos, e fiquei me perguntando o que era.”

“Provavelmente era roupa suja,” arriscou a Sra. Buhler.

“Não, era uma dessas cestas longas que os agentes funerários usam para carregar os mortos. Eu pensei muito sobre isso, mas não consegui descobrir quem poderia ter morrido nesta casa, então decidi perguntar. Eu contei para meu marido, e ele disse que eu estava sonhando.”

“Você deve ter sonhado,” disse a Sra. Buhler.

# A Voz Acusadora

Meredith Davis

## I

“Nós, o júri, consideramos o réu, Richard Bland, culpado de assassinato em primeiro grau, conforme acusado.

Allen Defoe, o presidente dos doze jurados, ouviu com uma expressão impassível enquanto o juiz lia a sentença que tirava a vida do réu no banco dos acusados — o homem cuja sentença de morte Defoe acabara de assinar minutos antes. Quando o juiz terminou, Defoe olhou cautelosamente em direção ao prisioneiro. De alguma forma, ele preferia evitar encontrar o olhar de Bland.

Bland, um homem magro e de aparência pouco interessante, estava com a cabeça baixa; Defoe então voltou seu olhar diretamente para ele.

“O réu tem algo a dizer por que a sentença não deveria ser proferida?”

A voz do juiz, após uma breve pausa, enviou um estranho calafrio ao coração de Allen Defoe, jurado. Ele esperava que o advogado do réu fizesse as moções habituais para um novo julgamento ou para ganhar tempo para entrar com um recurso. Mas o advogado não o fez: evidentemente, Bland acreditava que o veredicto era inescapável — ou talvez estivesse sem dinheiro.

Agora o juiz se levantava, ajustando com um gesto nervoso o capuz preto que acompanha o momento mais trágico no desempenho dos deveres de um tribunal. O juiz parecia desconfortável com o capuz. Era a primeira vez que ele o usava. Um pensamento grotesco passou pela mente de Defoe: talvez o juiz tivesse pedido o capuz emprestado a algum colega para a ocasião.

Os quase horizontais raios do sol poente lançavam um brilho sombrio e dourado sobre o banco do juiz, de modo que a figura escura do homem em pé estava envolta numa indistinta mística além da faixa de luz vinda da janela. De vez em quando, uma mosca tomava o centro das atenções e flutuava preguiçosamente entre a crescente escuridão da sala e a avenida de luz que se esvaía, entrando pelo oeste. E sempre havia uma constante agitação de partículas de poeira, visíveis apenas quando entravam no claro relevo da luz solar.

O pequeno grupo de espectadores mexia-se inquieto enquanto o juiz fazia seus preparativos. Os sons monótonos da noite de verão se aproximando em uma cidade do interior eram abafados pelo zumbido de vozes mal contidas. Talvez por isso o juiz, no meio

de ajustar seu capuz, tenha batido três vezes com força o martelo — ou talvez fosse apenas o seu excesso de nervosismo.

Defoe pensava que o juiz nunca iria parar de mexer no capuz. Finalmente, o juiz perdeu o fio do veredicto do júri e teve que vasculhar os papéis à sua frente até encontrá-lo. Ele não precisava realmente do papel para proferir a sentença de morte ao homem no banco dos réus. Procurá-lo, porém, atrasava o inevitável por alguns segundos; e Defoe se perguntou, já próximo de gritar de impaciência, como o prisioneiro conseguia suportar sem enlouquecer de repente.

“Pelo amor de Deus, leia logo a sentença de morte!” exclamou Defoe em voz baixa, mas alta o suficiente para provocar um aceno de aprovação dos dois jurados mais próximos dele.

Um momento depois, o juiz encontrou sua voz:

“O réu, por favor, se coloque diante do tribunal.”

Lentamente, deliberadamente, o prisioneiro deu um passo à frente no banco, inclinando-se levemente contra a grade e deixando uma mão repousar sobre ela. Ele olhou diretamente para o juiz agora, embora mal conseguisse distinguir seus traços na penumbra.

Novamente o juiz falou, desta vez com voz apressada e tensa:

“A sentença deste tribunal é que o réu seja levado, entre as sete da manhã e as seis da tarde da terça-feira, na semana que se inicia no dia 22 de outubro próximo, do local de sua detenção ao local da execução, onde será enforcado pelo pescoço até que esteja morto — morto — morto!... E que Deus, em sua infinita sabedoria, tenha misericórdia de sua alma!”

O juiz desabou pesadamente na segurança de sua cadeira. Sua mão subiu para enxugar a testa e, com o mesmo movimento, tirou rapidamente o detestável capuz preto.

O prisioneiro continuou olhando para o juiz como alguém que está intrigado com uma visão estranha. Talvez tivesse ficado ali por minutos sem fim se uma risada histérica de uma mulher, sufocada por uma mão que se levantou repentinamente, não tivesse quebrado a tensão da sala. Um oficial aproximou-se da mulher, e, como se despertado para o dever pelo mesmo motivo, um guarda da prisão avançou para conduzir o condenado embora.

Defoe poderia ter estendido a mão e tocado Bland enquanto ele passava pelo júri a caminho da cela, do outro lado da rua. Mas Defoe não tinha o menor desejo de olhar para Bland: de fato, ele não o fez, até que as costas de Bland estavam desaparecendo do outro lado da porta, após o júri. Mecanicamente, então, Defoe saiu junto com os outros jurados enquanto o juiz anunciava o fim da sessão.



E o capuz preto ficou esquecido na borda da lixeira do juiz, onde o zelador o encontrou naquela noite e, com um gesto de cruzar-se fervorosamente, o resgatou timidamente de sua indigna ruína.

## II

DEFOE despertou com um sobressalto.

Houve um momento ou dois, como sempre acontece quando se acorda de um sono pesado e repleto de sonhos, em que Defoe não conseguia distinguir onde terminava o sonho e começava a realidade. Ele piscou, experimentando fixar os olhos no fogo bruxuleante na lareira à sua frente; sim, ele estava consciente. Para confirmar isso, puxou seu relógio e verificou as horas. O brilho do fogo mal era suficiente para ler o mostrador, então Defoe se inclinou para frente, tentando enxergar melhor. Estava ainda tão sonolento que não se incomodou em se virar para acender o abajur sobre a mesa atrás dele.

Ainda assim, não estava certo de que não estava sonhando até que—

“Não se mexa, Defoe! Eu estou apontando para você!”

A Voz soou perto de seu ouvido esquerdo. Sua acidez autoritária reprimiu o impulso de Defoe de se levantar de imediato; e, agarrando firmemente os braços da poltrona, ele conseguiu desafiar o intruso invisível:

“Quem é você? O que quer aqui?”

A Voz se moveu um pouco para cima e para trás antes de responder:

“Você acabou de ter um sonho ruim, Defoe. Talvez eu—”

“Como você sabe que tive um sonho?” interrompeu Defoe.

“Você teve, não teve?” insistiu a Voz.

“Sim, mas como soube?” repetiu Defoe.

“Não importa como,” disse a Voz. “Aposto que você tem o mesmo sonho há pelo menos uma dúzia de anos. Deve ser um inferno ter uma cena dessas sempre à frente da sua mente, de forma que você vive com medo de sonhar com isso.”

“Que cena?” perguntou Defoe. “Você é algum tipo de vidente — um feiticeiro — o que é você?”

A Voz deu uma risada baixa.

“Não sou nada disso,” disse. “Como eu dizia, deve ser terrível deitar para dormir à noite sabendo que pode sonhar com o fato de ter mandado um homem inocente para a forca.”

“PARE!” gritou Defoe. “Maldito seja, venha até aqui onde eu possa te ver!” Ele fez um movimento instintivo para se virar e encarar seu atormentador.

A pressão firme de um cano de revólver em sua têmpora o deteve.

“Não cometa o erro de se virar!” avisou novamente a Voz incisivamente.

Então, em um tom mais leve, continuou:

“Se eu fosse você, Sr. Defoe, sabe o que eu faria?”

Uma pausa. Defoe murmurou um fraco “Não.”

“Bem, eu confessaria tudo o que sei sobre o assunto — ou — me suicidaria!”

Defoe estremeceu. Era estranho, sinistro, a maneira como essa Voz misteriosa colocava em palavras o pensamento que o atormentava nos últimos doze anos de sua vida.

“Claro, você provavelmente já contemplou essas alternativas muitas vezes,” continuou a Voz. “Mas já pensou em fazer as duas coisas? Ou seja, já considerou confessar primeiro, limpando o nome de um homem inocente, e depois trapacear a justiça cometendo suicí—”

“Pelo amor de Deus, pare com essa maldita conversa de suicídio!” gritou Defoe. “Em primeiro lugar, não sei de qual ‘caso’ ou de qual ‘homem inocente’ você está falando.”

A Voz riu novamente. Defoe começava a odiar aquela risada mais do que o toque frio do revólver em sua cabeça. Se a Voz continuasse rindo, ele poderia se desesperar e tentar enfrentar seu inquisidor armado, mesmo que isso significasse uma morte certa.

“Bem, não há necessidade de explicar o óbvio,” respondeu a Voz. “Seu sonho já deveria te dizer isso. Falando no seu sonho, Sr. Defoe, me faz lembrar de uma pergunta que sempre quis te fazer: Você viu Bland depois da condenação?”

“Não, claro que—” Defoe se sentiu pego. Foi uma armadilha sutil, mas ele tentou corrigir-se. “O que — quem é esse Bland de quem você está falando?”

“Vamos, Sr. Defoe,” disse a Voz. “Pense no seu sonho por um momento. Com certeza você se lembra do homem no banco dos réus — o homem que aceitou sua sentença de cabeça erguida, enfrentando o juiz como um espartano! Certamente você se lembra de Richard Bland. Mas você o viu depois daquele dia?”

“Não,” respondeu Defoe. “Por que eu o veria depois que minha conexão com o caso terminou?”

“Mas nem ao menos escreveu uma nota a ele expressando seu pesar por ter que cumprir o dever de—”

“Certamente não!” interrompeu Defoe. “Quem já ouviu falar de um chefe de júri fazendo isso? Além disso, ele mereceu a punição.”

A Voz ficou em silêncio por alguns momentos antes de responder:

“Discutiremos os méritos do caso mais tarde... E você nem mesmo foi ver sua execução?”

“Que tipo de homem você acha que sou?” exclamou Defoe. “Claro que não! Nem estava em Chicago, onde ele foi enforcado.”

“Não?” disse a Voz. “Onde você estava?”

“Algumas semanas depois do julgamento, tive que ir para a Europa em uma longa viagem de negócios. Fiquei fora por cerca de um ano. Quando voltei ao país, me mudei para Nova York.”

“Então você nunca leu nada sobre Bland nos jornais,” a Voz insistiu. “Imagino que os jornais europeus não se importariam com uma notícia americana dessas.”

“Não. Nunca li nada sobre o caso depois que saí do país,” respondeu Defoe.

“Isso é curioso. Eu pensaria que você seguiria o caso até o fim,” disse a Voz, pensativa. “Mas, ainda assim, se tivesse seguido, talvez não estivesse aqui hoje à noite.”

“Por quê? Que diferença isso faria?”

“Não sei. É só uma suposição minha,” disse a Voz.

Um leve ruído de passos ecoou pelo corredor fora da sala de estar.

“É você, Manuel?” perguntou Defoe, imaginando o que aconteceria quando seu criado cubano encontrasse o intruso atrás da cadeira.

Os passos pararam.

“Sim, senhor,” respondeu o criado a uma distância respeitosa da poltrona de seu patrão. “Vim ver por que ainda está acordado tão tarde, senhor.”

Defoe riu secamente. “Bem, para dizer a verdade, Manuel, estou preso em um negócio,” e ele se perguntou como Manuel não havia percebido a presença de outra pessoa na sala.

“Você quer dizer que adormeceu, senhor?” perguntou o criado.

“Sim, mas algum visitante amigável me manteve bem acordado nos últimos dez minutos.”

“Mas ele já foi? E o senhor vai para cama agora?” inquiriu o cubano.

Defoe, após uma pausa, disse: “Sim, acho que vou para a cama.”

A Voz atrás da cadeira interrompeu:

“Diga ao seu criado que você vai fumar mais um charuto antes de se deitar.”

Defoe se acomodou novamente na poltrona.

“Ouviu, Manuel?” perguntou ele. “Veja, meu visitante quer que eu fume mais um charuto.”

“Mas não vejo nenhum visitante, senhor,” disse o cubano.

“Mas ouviu o que ele disse,” insistiu Defoe.

“Não, senhor. Só ouvi o senhor dizer que ele quer que fume outro charuto,” explicou o criado.

“Bem, deveria fazer um exame de ouvido, Manuel. Pegue a caixa de charutos na mesa e entregue ao meu visitante.”

Manuel bateu na escuridão até encontrar a caixa e a entregou a Defoe. Este a estendeu em direção à Voz atrás dele.

“Meu convidado primeiro, Manuel,” corrigiu ele.

O cubano permaneceu imóvel. “Não vejo mais ninguém,” insistiu.

A Voz interrompeu:

“Diga a ele que eu não quero fumar, Sr. Defoe.”

“Não vejo mais ninguém, senhor,” repetiu o cubano.

“Mas não acabou de ouvir ele falar?” exclamou Defoe, inclinando-se nervosamente.

“Não, senhor, não ouvi mais ninguém além do senhor,” respondeu o criado.

Defoe encarou seu criado, depois se levantou meio hesitante da poltrona.

“Sente-se, Defoe!” ordenou a Voz severamente.

Defoe afundou novamente.

“Agora me diga que não ouviu alguém me mandar sentar agora mesmo!”

Defoe levantou-se e foi rapidamente até a porta que conectava os dois cômodos, ligando a luz elétrica na entrada da sala de jantar.

O cômodo estava vazio, não havia ninguém além dele mesmo.

Tudo o que ele pôde ver foi o leve movimento da cortina de renda na janela da sala de jantar — e quando ele examinou a janela, percebeu que estava trancada.

### III

NO DIA SEGUINTE, Defoe foi ao seu médico. Ele queria fazer uma avaliação de si mesmo; talvez estivesse se dedicando demais ao trabalho.

“Você está muito desgastado, Allen”, disse o médico, quase antes de se sentar com seu paciente. “Você parece mentalmente abalado.”

“Estou”, admitiu Defoe. “Tenho trabalhado demais, acho.”

O médico o observou atentamente.

“Algo mais está incomodando você?” ele perguntou.

Defoe insistiu que, além do trabalho, não havia nada que o estivesse afetando. Então, o médico deu o diagnóstico de sempre: tensão nervosa demais, falta de sono e uma dieta inadequada. Ele terminou recomendando mais descanso e tranquilidade.

“E evite emoções fortes”, advertiu. “Aquela antiga palpitação no coração pode voltar, sabe.”

Era fácil para o médico recomendar mais descanso e sono, mas como um homem poderia dormir sob uma espada de Dâmocles de mistério e pressentimentos sombrios?

Levaram-se três semanas para que Defoe sentisse que estava conseguindo seguir, ao menos parcialmente, as recomendações do médico. Então...

Aconteceu tarde da noite. Defoe estava deitado na cama, de costas para o abajur aceso na mesa: ele havia adormecido enquanto lia. De repente, ele se mexeu ao sentir um toque no ombro.

“É você, Manuel?” ele perguntou, sonolento. “Tudo bem, apague a lu—”

“Não, não é o Manuel — e nem pense em se virar, Defoe!” disse uma voz afiada, quando Defoe tentou se levantar na cama.

“Você de novo!” exclamou Defoe. “O quê — como você entrou?”

“Esse é o meu problema, não o seu”, disse a Voz. “Só vim novamente para saber se você pensou mais sobre o que sugeri.”

Defoe lutou contra um desejo insano de pular da cama e correr para a porta — qualquer coisa para escapar daquele tormento às suas costas! Mas ele se lembrou da arma automática...

Ele conseguiu se controlar minimamente antes de responder:

“Suas sugestões são ridículas. Por que eu teria algo a confessar sobre o julgamento de Bland, ou por que eu cometeria suicídio por causa disso?” Ele até tentou uma risada que deveria ser debochada.

Mas o intruso ignorou as evasivas de Defoe. Sua próxima frase foi tão surpreendente quanto reveladora:

“Você sabia”, disse a Voz, “que dos outros onze jurados que condenaram Bland, apenas sete ainda estão vivos?”

“Não; eu não acompanhei a vida dos outros onze homens”, respondeu Defoe, inconscientemente irritado pela frieza com que a Voz disse a palavra “ainda.”

“Bem, eu acompanhei”, disse a Voz. “Dois dos sete sobreviventes estão em manicômios; dois dos quatro mortos cometeram sui—”

Defoe não aguentou mais. Ele se virou bruscamente na cama para enfrentar seu antagonista, esquecendo-se, em sua loucura, da arma. Mas antes que ele pudesse se livrar das cobertas, a luz foi apagada, e Defoe foi deixado caído no escuro, de forma humilhante, no chão.

Uma risada, vinda da direção da porta do quarto, indicou-lhe a saída de seu visitante...

Quando a manhã chegou, após a noite perturbadora, Defoe achou difícil acreditar que suas duas experiências com a Voz realmente tivessem acontecido. No entanto, ele sabia que elas estavam corroendo sua vitalidade e suas funções mentais.

Repetidas vezes, ele pensou que tudo não passava de um sonho, como sua lembrança do julgamento de assassinato do qual ele havia despertado na noite da primeira visita da Voz. Mas sempre, contra a teoria do sonho, estava a lembrança do toque da arma automática; além disso, o fato de que ele havia conversado com Manuel e com a Voz ao mesmo tempo argumentava contra a explicação do sonho.

Restava, então, a culpa — isso se as visitas da Voz fossem apenas alucinações de uma mente perturbada. Mas por que a culpa esperaria doze anos para assombrá-lo e atormentá-lo?

Quanto mais ele refletia sobre tudo, maior se tornava o medo de outra visita da Voz. Crescia também o temor de perder a razão, à medida que tentava analisar a situação de todos os pontos de vista possíveis. A cada nova tentativa de raciocínio, Defoe sentia-se mais próximo da melancolia, que sabia ser frequentemente o prelúdio da insanidade. Seria possível, ele se perguntava, que a consciência de um homem pudesse levá-lo à imbecilidade?

Defoe finalmente aceitou o inevitável.

“Manuel,” ordenou, na manhã seguinte ao confronto no quarto, “arrume minhas coisas. Vamos embora.”

“Embora, senhor? Para onde?”

O cérebro de Defoe vagou por um instante, depois se agarrou à única chance.

“O mar — uma viagem marítima. Meus nervos...”

Manuel começou a organizar as roupas de Defoe. “Vai precisar de muitas coisas, senhor? Vai para longe — talvez Europa?”

“Não, não. Apenas pela costa — Old Point Comfort, acho. Isso mesmo. Uma semana ou mais de descanso. Só o baú e uma mala de mão serão suficientes.”

O dia da viagem pela costa foi perfeito para o que Defoe desejava. Durante toda a manhã, o vapor da Old Dominion contornou a costa de Jersey, e Defoe sentou-se no convés, aproveitando o sol e já se sentindo melhor pelo ar salgado que respirava profundamente. À tarde, ele dormiu a maior parte do tempo, e quando o anoitecer esfriou o convés, ele desceu com os demais para o salão de jantar.

Foi enquanto estava sentado no salão de fumantes, após o jantar, que Defoe teve pela primeira vez a impressão de que estava sendo observado. Um jogo de pôquer acontecia, sem muito entusiasmo, em um canto do salão; espalhados em cadeiras e poltronas ao longo das

janelas estavam talvez uma dúzia ou quinze homens. Mas, por mais que tentasse, Defoe não conseguiu identificar ninguém que pudesse estar observando-o.

Depois de terminar um charuto, Defoe decidiu dar uma caminhada no convés antes de se recolher. Estava frio e úmido, com o início de um nevoeiro, o que tornava impossível ficar sentado no convés, então ele caminhou de um lado para o outro, perto da torre do piloto. O nervosismo dos poucos momentos no salão de fumantes, quando imaginou estar sendo observado, transformou-se em um arrepio à medida que a umidade fria penetrava até os ossos. Ele acendeu outro charuto e o fumava nervosamente, como se tentasse gerar calor corporal. Logo o arrepio se transformou em um verdadeiro calafrio, como os que precedem febres.

Defoe, sentindo-se miserável e agora alarmado pelo medo de adoecer a bordo, esfregou as bochechas com as mãos e, a caminho da entrada dos camarotes, agitou os braços em volta de si para conter o frio crescente. Assim que entrou no corredor dos camarotes, ele se sentiu mais aquecido, e quando chegou à porta de seu camarote, o calafrio quase havia desaparecido completamente.

Ainda assim, ele estava desconfortavelmente frio quando abriu a porta. Com uma das mãos, desabotoou o casaco, e com a outra tentou tatear o interruptor da luz elétrica na parede. Ele procurou por alguns segundos, depois murmurou irritado por não ter notado durante o dia onde o interruptor estava localizado.

Procurando com ambas as mãos agora, ele se arrastou pelo pequeno quarto, tateando em busca do botão. Pausou uma vez para verificar os bolsos e xingou sua sorte por não ter outro fósforo.

Então, voltou a procurar no escuro — até que sua mão tocou algo... um corpo vivo...

#### IV

O CORPO se moveu, escapando do contato de Defoe.

Defoe voltou a tremer, mas desta vez não era o frio que o fazia estremecer. Ele abriu a boca para desafiar o intruso, mas tudo o que conseguiu foi engolir em seco, engasgado pelas palavras que se prendiam em sua garganta.

Uma pressão contra seu estômago — a firmeza de uma mão em seu ombro — e Defoe se viu recuando, como se tivesse andado o comprimento inteiro do navio. Mas claro que não — ele nem sequer havia saído da cabine — e de repente se viu jogado à beira da cama, com a pressão sobre seu abdômen aumentando.

Uma náusea vaga o dominou. Ele apertou o abdômen com as mãos, que se fecharam ao redor do cano de uma pistola automática. A pressão em seu corpo tornou-se insuportável, perfurante... Defoe desabou de volta na cama, e o esforço convulsivo restaurou sua voz.

“O que diabos você está fazendo?” explodiu. “Saia daqui! Está tentando me esfaquear com uma pistola?”

A incongruência de sua pergunta provocou um riso abafado da presença invisível.

“Não, eu só queria ter certeza de que você não estava tentando fugir.”

Aquela Voz novamente! — ali! Defoe encolheu-se em um medo abjeto.

“O que é você — quem é você?” Defoe lutava para manter a voz firme, lutava, na verdade, para manter a sanidade, que parecia à beira de despedaçar-se em mil fragmentos de loucura.

“Chame-me do que quiser,” respondeu a Voz na escuridão.

“Eu não acredito que você seja — nada de verdade! Acho que você é apenas um sonho, um pesadelo, uma maldita alucinação da qual não consigo me livrar! Vá para o inferno! Vou descer à sala para fumantes e — fumar até você sair da minha mente! Vou ficar na luz agora, de dia e de noite, até superar esse sonho mórbido!”

Defoe realmente pensou que estava falando sério, até que a pressão contra seu estômago fez sua coragem e desafio vacilarem.

Talvez fosse a náusea — quem sabe enjoo do mar; ele nunca havia pensado nisso! — que estava apertando suas entranhas como a insistente pressão de uma arma de aço.

“Sente-se, Sr. Defoe!” ordenou a Voz. “Tenho algo a dizer a você.”

“Vá para o inferno!” repetiu Defoe, quase histérico agora. Suas mãos agarraram novamente a pressão — e mais uma vez o cano da pistola o fez se encolher de volta no recanto da cama.

“Quero falar mais sobre o caso Bland,” continuou a Voz, imperturbável pelos gritos de Defoe. “Quando você vai confessar?”

“Confessar?” Defoe rebateu. “Confessar o quê?”

“Confessar que sabia que Bland era inocente quando o condenou,” disse a Voz.

“Mas eu não sabia.” Era como lutar com sua própria consciência, pensou Defoe, essa interminável negação da inocência de Bland. Ele estava se cansando de tudo aquilo; sua mente se revoltava com o repetido “terceiro grau” daquela misteriosa Voz. Logo, temia, seu cérebro se recusaria a funcionar.

“Mas você já disse que sabia,” a Voz insistiu.

“Quando? É mentira!” exclamou Defoe.



A Voz riu, provocando um arrepio no homem que se encolhia no canto da cama.

“Você provavelmente não sabe, Sr. Defoe, que por muitos anos você teve o hábito traiçoeiro de falar enquanto dorme — falar de forma eloquente, agitada, às vezes quase reconstruindo incidentes inteiros para quem estiver escutando.”

“E daí?” perguntou Defoe.

“Simplesmente isso: Manuel ouviu o suficiente para—”

“Manuel?” interrompeu Defoe. “O que ele tem a ver com isso?”

“Esqueci de te contar,” a Voz se desculpou. “O cubano é meu cúmplice — antigo membro da Polícia Secreta de Havana, sabe. Salvei a vida dele durante a guerra espanhola e — bem, ele está pagando uma antiga dívida, como ele chama. Ele me deixou entrar e sair da sua casa e me avisou sobre essa viagem. Veja, Manuel ouviu você dizer, enquanto dormia, que havia condenado um homem inocente por assassinato. Então eu sabia que sua consciência—”

“Você está tentando ser minha consciência? Está tentando me atormentar para confessar? Você é—”

“Não,” respondeu a Voz, “a menos que queira me chamar de sua consciência. Estou à disposição. Parece que você está precisando de uma. Sabe, Sr. Defoe,” e a Voz assumiu um tom mais afável, “você tem estado terrivelmente distraído nas últimas semanas ou meses. Você precisa de descanso — um longo descanso!”

Defoe ficou em silêncio, encolhido no recanto da cama. Ele não tinha mais uma luta dentro de si. Logo, começou a soluçar baixinho, como uma criança que é punida além de sua resistência e tem medo de chorar. A Voz, parecia, sentia falta da combatividade de antes, desaparecida tão rapidamente após o último surto de Defoe, então cutucou o homem acudado com sua principal arma — não a pistola, mas sua risada. Desta vez, riu de maneira diabólica, irritante, e aquilo feriu as sensibilidades fragilizadas de Defoe como sal em uma ferida aberta.

Então algo se rompeu dentro de Defoe. Ele saltou, como um gato, para a borda da cama e investiu contra o braço que segurava a pistola. No escuro, sua cabeça bateu contra a estrutura da cama de cima e ele desabou para a frente, atordoado pelo golpe.

Mais uma vez, a risada soou em seus ouvidos, agora zunindo com o impacto da pancada; e mais uma vez Defoe se lançou para a frente, apenas para cair, tonto, no chão. Ele se levantou desajeitadamente, agarrando a cama para se apoiar por um momento.

Logo sua cabeça começou a clarear. Ele começou a reunir alguma ideia coerente de onde estava e do que havia acontecido.

“Agora eu sei o que tudo isso significa!” explodiu de repente. “Você — você, maldita consciência encolhida e risonha, saia daqui! Vou te vencer, mesmo que eu precise me tornar um bêbado ou viciado para o resto da vida! Não vou deixar uma consciência, ou uma voz, ou uma risada me levar à loucura — ou à confissão — ou ao suicídio!”

Defoe estava mais firme agora, apoiado contra a cama de cima. Sua voz cresceu em intensidade.

“Não, não vou deixar minha consciência vencer! Você achou que poderia me perseguir sem fim, mas eu vou me livrar de você. Nunca mais vou ser atormentado por você ou sua voz! Nunca! Agora saia daqui! Saia daqui, eu disse!”

A risada — agora uma gargalhada crocante, sepulcral — respondeu a ele na escuridão.

“Você poderia me dizer, antes de eu ir, se sabe quem realmente matou o homem pelo qual Bland foi condenado,” disse a Voz. “Estou curioso o suficiente para querer saber o nome dele.” E a Voz riu mais uma vez.

“Maldita risada! Eu vou te contar, se você parar com essa maldita risada! Vou contar — sim! Posso te contar, porque fui eu! Eu cometi aquele assassinato, entendeu? Fui eu! Agora ria o quanto quiser! E eu condenei Bland por isso! Ria, sua maldita consciência encolhida! Ho, ho, ho-ho-ho! Acho que é minha vez de — rir — agora!”

As palavras do homem histérico subiram a um grito ridículo que reverberou agudamente na pequena cabine.

“Agora saia daqui de uma vez!” gritou o delirante Defoe, recuperando a coerência da fala depois de algum tempo. “Saia — antes que eu—”

Uma luz cegante inundou o quarto quando Defoe estendeu a mão para a porta. O intruso havia encontrado o botão de luz.

Defoe ficou boquiaberto — então tombou no chão.

“Bland! Bland! Você! É você...”

E antes que o estranho que era Bland sáísse do quarto, ele tocou novamente o coração da figura abatida a seus pés. O médico estava certo: o tumulto no peito do décimo segundo jurado havia sido demais.

Se ao menos Defoe soubesse que o Governador havia perdoado Bland, seu segredo poderia ter ficado seguro para sempre.

## A Sequência

Walter Scott

*A história de Walter Scott oferece um novo desfecho para “O Barril de Amontillado” de Edgar Allan Poe.*

Fiquei sóbrio no mesmo instante — o cadeado tinha clicado quando Montresor passou a corrente ao redor da minha cintura e me prendeu à parede — eu me levantei de imediato na pequena masmorra, o sangue gelando em minhas veias.

Com uma risada maníaca, ele se afastou do nicho, sacou uma colher de pedreiro debaixo de sua capa e começou a selar a abertura estreita. Eu sabia que aquilo não era uma piada, uma brincadeira de bêbado. Percebi que sua embriaguez tinha caído por terra. A tocha moribunda caiu da minha mão trêmula e lançou um brilho sangrento e vacilante nas paredes brancas e úmidas. Chacoalhei as correntes freneticamente.

“Pelo amor de Deus, Montresor!” eu gritei.

Ele respondeu com uma risada horrível, zombeteira, e, como um demônio saído do inferno, ergueu a voz junto à minha, mostrando que era inútil chamar por socorro.

Eu sempre desconfiei de Montresor. Sabia que ele era uma serpente. Ele me temia e tinha ciúmes da minha pessoa e das minhas conquistas. Apesar de todas as suas bajulações e sorrisos, eu sabia que ele me odiava profundamente pelos insultos que eu lhe impus e pelas afrontas abertas que acrescentei a eles. E, no entanto, juro que ele nunca suspeitou que não era Giovanna, o tenor, quem era bem-sucedido com sua esposa, mas sim eu!

“Fortunato!” ele chamou, e seu tom rouco ecoou de forma horrível pelas sombrias catacumbas de seus ancestrais e reverberou ao longo da cripta tortuosa.

Eu não respondi. O suor frio brotava da minha testa enquanto eu me debatia contra a corrente e ouvia o suave som das pedras que ele estava colocando na abertura para formar um túmulo e o tinido constante da colher de pedreiro. Mesmo naquele momento, eu admirei, por necessidade, a inteligência com que ele havia garantido sua vingança.

Era a noite do carnaval. Ele me encontrou nas ruas, atordoado pelo vinho, e, fingindo que queria minha opinião sobre um barril de xerez, conduziu meus passos cambaleantes pelos sombrios corredores sob seu palazzo. E me levou a esse nicho estreito nas paredes do castelo para me enterrar vivo, onde ninguém jamais me encontraria. Foi astuto!

Minha memória falha agora, mas não duvido que gritei muitas vezes por piedade e misericórdia; e não tenho vergonha de pensar que isso possa ter acontecido. Lembro-me de

suas palavras e de suas falas horríveis enquanto trabalhava com mais pressa e zelo do que habilidade.

Mas eu sempre fui um homem corajoso. Não me entregaria ao destino. Era impensável. Eu, Fortunato, morrer sepultado por Montresor! Eu amaldiçoei ele e a sua linhagem. Debati-me com a corrente com força feroz, mais ansioso por ter suas mãos em meu pescoço do que por estar livre para viver. Clamei a todos os santos e, em particular, ao meu santo padroeiro. Você verá que não fiquei sem resposta.

A parede subia — até o seu peito — e à luz de sua tocha, colocada em algum lugar na parede externa, eu podia ver o rosto suado de Montresor enquanto ele trabalhava com as pedras.

De repente, ele enfiou a tocha pela abertura, agora não maior que sua cabeça — e para enganá-lo, prostrei-me no chão e ri como um homem à beira da morte.

Ouvi o som de outra pedra, e olhei rapidamente para cima. Minha tocha havia se apagado: a de Montresor também desaparecera. E não havia mais nenhuma abertura! Eu estava em uma tumba de pedra!

A escuridão absoluta me envolveu, e as paredes pareciam me pressionar como mantos gelados. E o silêncio, tão absoluto quanto a escuridão, reinava.

Saltei de pé. Silêncio! Silêncio absoluto, exceto pela minha própria respiração pesada. Maria! Suponha que o cimento endurecesse antes que eu pudesse jogar meu peso contra a frágil parede que ele havia construído. Então eu estaria perdido!

Clamei em voz alta ao meu santo padroeiro. Sorte a minha que eu tivesse a força de dois homens. Estiquei-me sobre a corrente, enlouquecido; agarrei-a com as mãos e a rasguei com determinação selvagem. Eu não morreria assim! Em desespero, frenético de raiva e medo, fiz um último esforço violento e prodigioso para me libertar, com força suficiente para fazer o palazzo tremer, e nesse último grande esforço os grampos da corrente se soltaram da pedra meio apodrecida em que estavam presos.

Lágrimas quentes de alegria brotaram dos meus olhos. Prometi cem velas à Virgem, mas naquele momento não tive tempo para agradecimentos.

Lançando-me contra a parede que Montresor acabara de erguer, meus pés firmemente apoiados no chão áspero, lutei pela liberdade como um tigre. Céus! A parede cedeu! — a parede cedeu!

Ela cedeu como uma lona resistente diante do empurrão de uma mão, lentamente, mas com certeza — abaulou-se para fora, depois desmoronou com um estrondo! Me lancei pela abertura irregular nas catacumbas. Estava livre!

Que alegria se Montresor estivesse ali, mesmo que empunhasse sua espada e eu tivesse apenas meu punhal!

Estava muito escuro, e, no entanto, consegui ver um brilho de luz na direção de onde viemos. Montresor, enlouquecido pela ideia de doce vingança, e eu, embriagado de vinho. Parei e pensei. Deveria encontrá-lo nas ruas naquela época alegre e matá-lo? Não! Ri insanamente, mas com clareza. Não! Havia algo melhor a fazer.

Com pressa e não pouca habilidade, ergui novamente a parede, fechando a abertura do que poderia ter sido meu túmulo — se eu fosse um homem fraco — e contra essa nova parede ergui uma barreira de ossos antigos; então, colocando os pedaços soltos da corrente dentro do meu casaco, comecei a refazer meus passos rumo à liberdade.

Tropecei em algo pequeno e macio e parei de repente. Abaixei-me. Eu havia chutado a máscara de Montresor, e a coloquei no meu rosto.

Sabia que todos os seus servos estavam fora, aproveitando o carnaval, mas não faria mal algum usar essa máscara — e ela servia ao meu propósito. Passei pela cripta e caminhei de volta rapidamente e com firmeza pelas fileiras de arcos baixos pelos quais eu havia passado cambaleando para um destino terrível.

Logo estava acima, nas ricas suítes do meu falso amigo, no calor alegre de muitas luzes. Mas tudo estava quieto. Ninguém se movia. Eu estava sozinho — a salvo!

Caminhei de leve pelo casarão deserto — podia ouvir os gritos e risadas das pessoas alegres na rua — até chegar ao corredor que levava à praça.

Ali parei, com o sangue pulsando em minhas veias como fogo. Nesse corredor, em um canto sobre um pequeno divã, estava Montresor, jogado em um estupor pesado, tão embriagado quanto eu estava quando entrei em sua casa confiante. Parei sobre seu corpo. Dentro do meu casaco estava o punhal que nunca abandono. E, ainda assim, deixei-o lá, ileso.

Quando passei pelo meio da multidão, mascarado, era meia-noite. Eu ainda estava em tempo de cumprir meu compromisso com sua esposa! Eu ri. Que piada!

E a esposa de Montresor me esperava no lugar de sempre. Que mulher linda! Eu realmente a amava — e espero que ele também a amasse.

Eu era tão astuto quanto corajoso — de fato, um homem extremamente inteligente. Vendo meus credores se aproximando e todas as coisas caminhando para a ruína, converti tudo que podia em ouro e pedras preciosas.

Naquela noite, entrei despercebido em minha própria casa, de onde meus servos, como os de Montresor, haviam fugido para aproveitar o carnaval, e, recolhendo toda a riqueza que eu havia escondido, fugi, com a corrente retirada por um armeiro obscuro. Não tenho dúvida

de que meu servo foi executado pelo roubo da minha fortuna — como deveria ter sido por vigiar tão mal meus pertences. Mas não sei.

Então deixamos a cidade enquanto as ruas ainda estavam cheias de festa — a esposa de Montresor e eu — e fomos para a Inglaterra, onde vivemos uma vida longa e muito feliz.

Anos atrás, ouvi um boato vago de que Montresor acreditava que sua bela esposa havia fugido com Giovanna, o tenor, que desapareceu naquela época. Mas não foi assim. Quanto a Lady Fortunato — talvez ela tenha adivinhado a verdade.

E Montresor acreditará até morrer que meus ossos estão apodrecendo na pequena masmorra abaixo de seu palazzo.

## As Sombras Tecidas

W. H. Holmes

Chet Burke estava preguiçosamente reclinado em sua poltrona favorita, absorvido em um raro livro sobre alquimia e magia negra, quando sua irmã atendeu à campainha da porta.

Além de cuidar dos afazeres domésticos no apartamento onde ela e Burke moravam sozinhos, seus deveres incluíam examinar cuidadosamente as muitas visitas. A maioria podia ser persuadida a ir até a livraria que Burke mantinha, quando não estava envolvido em algum mistério criminal que o ocupava até ser resolvido. Outros, cujos casos eram urgentes, eram admitidos no apartamento, invadindo assim o único momento de lazer de Burke: leitura e estudo.

Os visitantes eram o chefe Rhyne, amigo de Burke, da Agência de Detetives Rhyne, e um desconhecido.

Burke colocou seu livro de lado e cumprimentou os visitantes com um aceno amigável. Rhyne, um homem corpulento e corado, acomodou seu corpo robusto em uma cadeira conveniente. O estranho, um homem de aparência inteligente, parecia desconfortável. Ele ficou de pé, um tanto constrangido ao lado de Rhyne, passando distraidamente a aba de seu chapéu macio por entre os dedos marrons e musculosos.

“Burke”, resmungou Rhyne pesadamente, “este é o Sr. Hayden. Ele está preocupado com um caso muito misterioso. A situação afetou tanto seus nervos que ele decidiu consultar um especialista. Está além das minhas capacidades, então o trouxe até você.”

Rhyne suspirou de alívio e se recostou na cadeira.

Hayden estendeu uma mão áspera e calejada para Burke. Seu rosto bronzeado corou levemente com a declaração de Rhyne.

“Estou mais preocupado”, disse ele, em uma voz surpreendentemente agradável, “com a maneira como você receberá o que tenho a relatar. Ainda mal posso acreditar que essas coisas existam, embora as tenha visto por três noites seguidas.”

Ele balançou a cabeça em dúvida e sentou-se mecanicamente na cadeira que Burke puxou.

Enquanto Hayden organizava seus pensamentos, Burke o observava silenciosamente. Hayden parecia ser um homem de cerca de quarenta e cinco anos. Seu rosto estava profundamente bronzeado, e sua aparência sugeria muitas horas passadas ao ar livre. Burke notou de imediato seu traço de encarar diretamente com olhos castanhos calorosos. Ele estava

vestido de forma simples, evidentemente com sua melhor roupa. Seu terno escuro era complementado por sapatos de bico quadrado, acima dos quais brilhavam meias brancas. Uma gola baixa e macia, com uma gravata preta fina, completava sua habitual concessão ao vestuário. No geral, Hayden parecia um tipo prático de mecânico

“Agora, Sr. Hayden”, disse Burke pensativamente, com os olhos meio fechados e vagos, “conte sua história completa. Tentaremos não interromper.”

O detetive se acomodou em sua cadeira, os lábios pesados ligeiramente caídos, e as longas pernas cruzadas de forma indolente à sua frente. Seus olhos tinham o olhar vago habitual através dos óculos de armação de tartaruga que os escondiam.

Hayden respirou fundo e depois soltou um longo suspiro. Com um movimento brusco, endireitou os ombros e disse:

“Sou carpinteiro. Até recentemente, ou, para ser exato, até quatro dias atrás, morava em Nova Orleans. Sou solteiro e não me importo muito com onde moro, desde que consiga trabalho em meu ofício. Por isso, vim para cá, para Sunken Mine, nas Terras Altas do Hudson, para morar com minha irmã viúva e sua filha.”

Ele fez uma pausa, e seus olhos ficaram pensativos. Por um momento, parecia medir suas palavras. Com uma rápida inspiração, continuou:

“Minha irmã mora em uma casa antiga, da época pré-Revolução, nas montanhas. É um lugar solitário e uma moradia isolada. Em outra época, provavelmente foi uma tranquila casa de fazenda. Hoje é um edifício de madeira envelhecido, situado em um bosque de castanheiras mortas e branqueadas.

“A casa tem um andar e um sótão, com lareiras de pedra bruta nas laterais e um telhado inclinado que desce baixo na parte de trás. Devido à sua idade e estado de conservação, é um local desolador para alguém acostumado à cidade. Minha irmã prefere mobília antiga, o que não diminui a impressão de estar vivendo no passado. Assim que cruzei a soleira da porta, fui tomado por uma vaga e nebulosa sensação de já ter estado ali antes.

“Pode parecer estranho que minha irmã tenha escolhido um lugar desse tipo para passar o resto de seus dias. Mas ela e minha sobrinha têm uma boa razão. Ambas são espiritualistas fervorosas. Recebem mensagens e, de fato, são médiuns sinceras. Por alguma razão, minha irmã afirma que a atmosfera da velha casa as ajuda a materializar os que já se foram. Eu, por minha vez, tenho certa fé nessas coisas, embora as trate de forma prática. Só acredito no que vejo de fato. E o que estou prestes a relatar, eu tanto vi quanto senti.”

Hayden fez uma pausa para olhar fixamente para Burke. O detetive acenou para que ele continuasse.



“Li muito”, prosseguiu Hayden, “e, no meu tempo livre, poderia ser chamado de rato de biblioteca. Trabalho no meu ofício, mas vivo muito no passado, especialmente nos livros. Por isso, posso simpatizar com a ideia da minha irmã de viver próxima ao que ela chama de sua ‘missão’.

“Há mais uma razão pela qual minha irmã comprou o lugar há seis semanas. Era o local original onde a nossa família se estabeleceu, antes da Revolução. Como resultado de uma tragédia familiar, há mais de cem anos, o lugar passou para outras mãos. Poucas novas construções são erguidas naquela região escassamente povoada e infértil, e a maioria das casas tem estado lá por gerações. Consequentemente, a velha casa dos Hayden nunca foi perturbada. No momento em que voltou para a família, estava desocupada e à venda.

“Elas já moravam lá há cerca de dois meses quando fui viver com elas. O quarto que ocupei na noite de domingo fica no segundo andar. É um quarto semi-sótão, iluminado por uma janela. Antes de eu chegar, o quarto era ocupado por minha sobrinha. Quando cheguei, o quarto foi preparado para mim, e a garota e sua mãe passaram a ocupar um quarto no andar de baixo.

“Era cerca de onze e meia da noite de domingo quando fui dormir e logo peguei no sono. Acordei com a sensação de que algo me sufocava. Era como se estivesse com um forte resfriado e tivesse dificuldade para respirar. Essa sensação estranha de sufocamento acabou me despertando completamente. O sufoco estranho diminuiu à medida que eu ficava mais acordado. Incapaz de voltar a dormir, fiquei olhando para as estrelas pela janela. A cama está no final do quarto, e a janela estava bem à minha frente.

“A casa estava intensamente silenciosa. Notei isso em particular, pois percebi a ausência dos ruídos da cidade aos quais estava acostumado. Não me lembro de ter ouvido sequer um inseto. Minha própria respiração, como se ainda estivesse lutando por ar, era o único som. Parecia encher o quarto com um murmúrio rouco e áspero. Eu me sentia como um homem morrendo, lutando para dar seu último suspiro. Essa ideia, para alguém prático como eu, era desconcertante. No entanto, nos momentos antes das coisas aparecerem, meus pensamentos pareciam estar voltados para ideias estranhas. Ao mesmo tempo, senti uma sensação peculiar de formigamento pelo corpo.

“Enquanto olhava fixamente para a luz fraca do céu, comecei a perceber uma ilusão singular, ou, como às vezes penso, uma visitação surpreendente. As sombras escuras do quarto pareciam dançar rapidamente diante dos meus olhos. Elas se formavam em longos laços, se enrolando em espirais fantásticas e atravessando o quarto como nuvens de fumaça.”

“Eu não sei como pude ver isso, mas era claramente visível. No entanto, o quarto, exceto pela fraca luz que vinha do céu claro e sem lua, estava em uma escuridão bastante profunda. Parecia que as sombras em movimento que se formavam diante dos meus olhos só eram discerníveis por causa de sua densidade maior. A única comparação que posso fazer para esse movimento estranho das sombras é com nuvens de fumaça de tabaco flutuando, quando se está fumando lentamente e despreocupadamente.

“Por alguns momentos, observei os movimentos das sombras. Então percebi que estavam se organizando de maneira mais definida. Agora, elas estavam dispostas em longos rolos horizontais de escuridão, girando rapidamente pelo quarto. Por vários momentos, ficaram imóveis, exceto por sua rotação veloz, até que, como se agitadas por uma brisa firme e direta, ondularam em direção à escada. Esse movimento trouxe várias camadas horizontais em contato. No momento em que se tocaram, as sombras pareciam se entrelaçar em enormes rolos, que desapareceram rapidamente escada abaixo. O quarto agora parecia mais iluminado, e o ar mais claro. Além disso, toda a sensação de sufocamento tinha me deixado.

“Fiquei deitado em silêncio após o desaparecimento das sombras, refletindo sobre o estranho acontecimento. Até aquele ponto, eu estava relativamente calmo, exceto pela perplexidade diante daquilo. O retorno das sombras foi o que despertou meu medo e a ansiedade quanto ao desfecho final.

“Meus olhos estavam voltados para a janela, já que eu não havia desviado o olhar da escada depois que os rolos negros desceram por ela. Lentamente, tão lentamente que mal parecia se mover, vi uma forma humana negra surgir acima do parapeito da janela. Consegui ver apenas a parte superior enquanto ela subia as escadas. Observei com a sensação nítida de que aquilo tinha algo a ver com as sombras.

“De maneira muito lenta, quase imperceptível, a forma redonda, parecida com uma cabeça, continuou a subir. Agora eu podia vê-la claramente, delineada contra o céu mais claro. A forma se ergueu até sua altura completa. Tinha o formato de uma figura humana disforme. Ou seja, eu conseguia distinguir a sombra menor da cabeça acima e algo que poderia corresponder a um corpo, se fosse um pouco imaginativo. A coisa passou pela janela e desapareceu na escuridão no final do quarto. Mesmo assim, eu ainda conseguia perceber sua forma vaga por causa de sua escuridão mais intensa.

“Meus olhos voltaram para a janela. Outra figura estava bloqueando lentamente a luz alegre do céu. Novamente, uma forma negra emergiu até sua altura total. Ela se juntou à primeira. Eu não sou covarde. Fiquei deitado, quieto, me perguntando qual seria a intenção daquilo.

“As duas figuras avançaram até o centro do quarto. Agora, estavam relativamente discerníveis. Uma delas foi até uma cômoda antiga de um lado do quarto, ficou ali por um momento, e depois voltou a se juntar à outra figura. Com isso, ambas as formas se viraram e desceram as escadas.

“Enquanto estavam desaparecendo, eu chamei. As formas estavam tão claras, e a essa altura eu estava tão longe do sono, que minha mente logo encontrou uma explicação lógica para aquilo. Era, evidentemente, minha irmã e minha sobrinha. Elas precisavam de algo da cômoda e, sem querer me incomodar, subiram silenciosamente, pegaram o que queriam e voltaram para o quarto delas.

“Sem obter resposta ao meu chamado, pulei da cama para me convencer de que minha suposição estava correta. Desci as escadas e fui até o quarto delas. Ambas estavam dormindo profundamente. Acordei-as. Nenhuma das duas havia se levantado desde que tinham ido se deitar. Não contei a elas sobre as formas negras, mas inventei uma desculpa por tê-las acordado. O restante da noite passei na cozinha, dormindo em uma grande cadeira de balanço.”

Hayden fez uma pausa e encarou Burke.

“Continue,” disse Burke secamente. “Isso não seria motivo suficiente para você me procurar.” Hayden balançou a cabeça.

“Não,” disse ele, “foi o que aconteceu depois. Naquela mesma noite, quando me levantei da cama, logo após o desaparecimento das duas figuras pela escada, ao chegar ao centro do quarto, percebi que estava pisando em algo molhado. Estava descalço, e quando olhei para meus pés, vi que estavam sujos de sangue.

“Naturalmente, pensei que tinha me cortado; mas uma inspeção minuciosa não revelou nenhum corte ou ferimento. Acendi uma lamparina e voltei para o andar de cima. Meu primeiro olhar foi para o lugar onde senti a umidade. Um olhar revelou a causa. Bem no centro do piso de madeira havia uma grande poça de sangue fresco. Ela estava se espalhando lentamente e afundando na madeira seca. Limpei o máximo que pude e, em seguida, vasculhei o quarto completamente. Não havia absolutamente nada que explicasse o sangue.

“Na manhã seguinte, tanto minha irmã quanto minha sobrinha reclamaram de se sentirem fracas e cansadas. Minha sobrinha, uma menina muito pálida e frágil, estava ainda mais sem cor do que o normal, e sua mãe, que sempre tinha olhos intensos e profundos, com círculos escuros, parecia apática e indiferente a tudo. Percebendo isso, esfreguei as manchas de sangue antes que elas arrumassem o quarto e não disse nada sobre o que havia visto.

“As coisas ficaram normais até a noite de segunda-feira. Novamente, por volta do mesmo horário, fui acordado por uma sensação de sufocamento. Mais uma vez, ouvi minha própria respiração, ofegante por ar. À medida que fui despertando completamente, a sensação de sufocamento aumentou. Sentei-me na cama, curvado, como alguém com asma, tentando encher os pulmões de ar. Mas isso não aliviou meu desconforto.

“Inconscientemente, meus olhos estavam fixos no quarto escuro. Mais uma vez, vi as sombras se formando e se entrelaçando. Ofegante, sufocando, e aparentemente incapaz de me levantar da cama, observei a repetição da cena da noite anterior. Assim que as correntes horizontais de sombras se formaram, minha respiração se normalizou, e recuperei a capacidade de me mover e pensar com clareza.

“Então, esperei deliberadamente para ver o desfecho da situação. As camadas de sombras torcidas desapareceram pela escada, e as duas figuras repetiram sua aparição. Assim que desceram além da janela, saltei da cama e acendi a lamparina. Meus olhos foram direto para o chão. A poça de sangue fresco estava lá pela segunda vez. Deixei-a lá e fui até o quarto das mulheres. Ambas dormiam profundamente, mas fui imediatamente atingido pela aparência abatida de seus rostos.

“Não as acordei. Pegando uma bacia com água, voltei para o andar de cima. Esfreguei o chão novamente, desta vez com muito cuidado, pois a mancha havia penetrado profundamente nas tábuas envelhecidas. Deixando a lamparina acesa, voltei para a cama. Finalmente, adormeci. Nada mais ocorreu durante o restante da noite.

“Na manhã seguinte a essa segunda visitação,” continuou Hayden, “mais uma vez notei a palidez extrema de minha sobrinha e o rosto magro e abatido de sua mãe. Mesmo assim, permaneci em silêncio, determinado a resolver o mistério por conta própria

“Na noite passada, me preparei melhor e tomei algumas precauções. Primeiro, peguei uma lanterna elétrica. Depois, cobri as escadas com farinha. Também espalhei farinha no chão do sótão. Agora, eu tinha uma armadilha que nenhum ser humano ou figura mecânica poderia atravessar sem deixar rastros. Feito isso, apaguei a lamparina e fui para a cama.

“Fiquei acordado por umas duas ou três horas. Estava decidido a permanecer acordado até as sombras começarem a se formar, ou até eu começar a sentir a sensação de sufocamento. Dessa maneira, eu teria controle desde o início até o fim. Mas, apesar da minha resolução, acabei adormecendo.

“Mais uma vez, fui acordado por uma sensação estranha. Mãos firmes, ou, melhor dizendo, alguma força peculiar, pareciam segurar meus braços na cama. Tentei encolher as pernas para sair da cama, mas senti que estavam presas por um poder inabalável. Finalmente,

percebi que não conseguia mover nenhuma parte do meu corpo. Eu estava completamente acordado, mas tão impotente quanto alguém em um pesadelo, que imagina que seu corpo está totalmente paralisado.

“Impedido de me mexer, vi as sombras negras surgirem de várias partes do quarto. Desta vez, elas se formaram sobre a minha cama. Eu podia senti-las passando pelo meu rosto, girando, ondulando e se contorcendo. Era uma sensação sobrenatural, estar ali deitado, sem poder fazer nada para impedir o que pudesse acontecer. Não há nada que eu possa descrever que se compare à sensação dessas formas negras, em movimento incessante. Talvez fosse parecido com alguma força invisível pressionando alguém, ou com uma neblina pesada que parece ter uma presença material, com uma forte impressão de umidade e frio.

“Essa impotência e o entrelaçamento das sombras continuaram por cerca de cinco minutos. Então, assim que os rolos torcidos começaram a descer pela escada, senti meu corpo recuperar sua força. Com o desaparecimento das formas materializadas, voltei a ser fisicamente e mentalmente eu mesmo.

“Peguei a lanterna elétrica em minha mão, pronta para acendê-la no momento certo. As figuras surgiram no topo da escada, e eu direcionei o feixe de luz para elas. Esperei até que avançassem para o centro do quarto, então liguei a luz.

Hayden enxugou a boca com a mão trêmula. Seus lábios estavam secos, e seu rosto, corado.

Então, com um leve estremecimento, ele continuou:

“No momento em que a lanterna brilhou, as figuras desapareceram. Em vez delas, vi dois rostos. Eram desumanos, horríveis e impossíveis de descrever. Eles me encaravam com suas faces sombrias e diabólicas, mal discerníveis na luz da lanterna. Pareciam estar zombando de mim. Tinham uma aparência cadavérica e repulsiva, mas os olhos eram terríveis. Eram reais, cheios de uma fúria infernal, brilhando com um fogo vingativo. Mas, apesar da aparência horrível dos rostos, não foi isso que me deixou imóvel.

“Foi nesse momento que descobri a origem do sangue. Ele escorria do ar e caía em um gotejar constante. Olhei para o teto, mas ele estava intacto. Enquanto observava — foi uma questão de segundos —, as gotas pareciam se formar no ar, acima do chão. Elas estavam diminuindo rapidamente quando meus nervos cederam por um momento, e soltei um grito involuntário. Com o grito, o sangue parou de pingar subitamente, e os rostos desapareceram.

“Isso me trouxe de volta à realidade. Pulei da cama, determinado a enfrentar a situação. Meu primeiro ato foi verificar a armadilha. Segui a trilha de farinha até as escadas, mas ela permanecia intacta, espalhada no chão como eu a havia deixado. Naquela noite, também

observei as mulheres. Ambas dormiam profundamente. Mas fiquei profundamente chocado com a aparência distorcida de seus rostos. Abalado tanto mental quanto fisicamente, passei o restante da noite sentado na cadeira da cozinha.

“E agora, eu quero que alguém vá lá comigo, examine a casa e passe a noite no quarto. Estou perturbado, nervoso e com medo, tanto por mim quanto pelas pessoas com quem moro.”

“Eu irei com você”, respondeu Burke calmamente, “e acho que nós dois devemos conseguir resolver algo. Provavelmente podemos lidar com essas duas formas sombrias.”

Hayden sorriu melancolicamente.

“Elas me dominaram na noite passada”, disse ele com pesar. “Eu sou um homem forte, mas algo me deixou tão impotente quanto um bebê.”

Burke desembarcou em uma estação desolada, situada em uma faixa de terra entre um vasto pântano e o rio Hudson.

O pântano se estendia até a base das montanhas e estava seco e agitado pela brisa de setembro. Hayden havia mencionado que a casa ficava nas colinas, a cerca de oito quilômetros de distância. Seguindo a sugestão de Burke, eles começaram a caminhar. Burke queria observar a região e, incidentalmente, estudar seu companheiro.

A área era pouco povoada. A estrada serpenteava por colinas rochosas cobertas de floresta. A casa ficava ao lado de uma vasta extensão de floresta, com campos abertos ao norte.

Burke examinou a casa ao se aproximar e viu que era o tipo comum de fazenda de um século atrás, cercada por árvores mortas.

O interior da casa condizia com o exterior. Molduras ovais abrigavam gravuras antigas; móveis escuros e pesados estofados com crina de cavalo contrastavam com mesas e estantes cobertas com mármore branco. As cadeiras pareciam sentar-se sombriamente nos silenciosos cômodos, repousando sobre tapetes desbotados de retalhos. A mulher e sua filha causaram em Burke a impressão de seres transportados de um passado nebuloso.

A mãe era uma mulher alta e magra, com pesados círculos negros ao redor dos olhos. Os olhos, negros e sonhadores, fixaram-se em Burke com um olhar firme e sem piscar. A filha era o oposto de sua mãe, que era escura e pálida. Ela parecia uma figura frágil e sem vida, aparentemente viva apenas pela força e vigor de sua mãe mais intensa. Ela tinha cerca de vinte anos, embora seu rosto esbranquiçado, suas mãos finas e sem cor, e sua estrutura esguia e movimentos indolentes dessem a impressão de mais idade, ou de alguma doença

debilitante. Ambas tinham um jeito sonhador, falavam suavemente e de forma breve, e se moviam silenciosamente pela casa tranquila, ambas vestidas com trajes de tecido branco.

A primeira atitude de Burke foi visitar o quarto no andar de cima. Não havia nada que merecesse sua atenção, exceto o chão manchado. Ele arrancou algumas lascas de madeira e as colocou no bolso. Em seguida, anunciou sua intenção de visitar a cidade mais próxima, a vários quilômetros ao sul.

Hayden não fez perguntas, aparentemente confiando o caso inteiramente às mãos de Burke. Ele mencionou que “caminharia um pouco” com o detetive e esperaria seu retorno.

As duas mulheres ainda desconheciam a profissão de Burke e aceitaram sem comentários a afirmação de Hayden de que Burke era um amigo que passaria a noite.

Assim que Burke chegou à cidade, foi direto ao Chefe de Polícia. Lá, ele perguntou por alguém qualificado para fazer uma análise das lascas de madeira manchadas de sangue. Foi direcionado a um médico que mantinha um laboratório. O médico, após uma longa análise, confessou-se intrigado. Algo estava faltando na composição. Ele não conseguia explicar os resultados peculiares que obteve. Era sangue humano, e, ao mesmo tempo, não era.

Burke voltou ao Chefe de Polícia e perguntou sobre os Haydens. O Chefe não pôde dar-lhe nenhuma informação satisfatória, mas o direcionou a um antigo morador da região que poderia fornecer as informações desejadas.

Burke encontrou a família sem dificuldades. Eles estavam dispostos a conversar, mas sabiam muito pouco sobre os Haydens — embora sabiam sobre a casa.

Mais de cem anos antes, eles disseram, uma viúva e sua sobrinha moravam na então nova casa. O local, uma fazenda próspera, que desde então fora dividida e vendida, era administrado pelo meio-irmão da mulher. A família era mais ou menos reclusa e raramente vista.

Com o passar das semanas, notou-se que ninguém havia visto as duas mulheres. O irmão estava sozinho na casa e se recusava a falar. Isso levou a uma investigação. Nenhum vestígio das mulheres foi encontrado. O irmão nunca foi levado a julgamento, continuou vivendo no local até morrer de velhice, e prosperou. Seus herdeiros assumiram o lugar, que foi gradualmente sendo dilapidado, até restarem apenas a casa e um pequeno pedaço de terra.

Burke ouviu educadamente e, agradecendo ao casal de idosos, retornou à casa dos Hayden. Hayden o aguardava.

Naquela noite, Burke sentou-se ao lado da lareira, ouvindo a conversa baixa e séria dos outros. Observava de perto a mulher e sua filha. Pareciam possuídas por alguma emoção inquieta que as fazia vagar sem rumo pela casa. Ao contrário, Hayden parecia apático e

incapaz de falar por muito tempo. Isso chamou a atenção de Burke, pois ele lembrava da descrição vívida que Hayden havia dado do quarto no sótão.

Às dez horas, as mulheres anunciaram sua intenção de se retirar. Desejando boa-noite aos dois homens, elas foram para seus quartos. Burke e Hayden, este último quase estúpido e letárgico em seus movimentos, subiram a estreita escada até o quarto no andar de cima.

Ambos se deitaram na cama, completamente vestidos. Burke viu Hayden tirar um revólver do bolso e colocá-lo debaixo do travesseiro.

“O que faremos?” perguntou Hayden pesadamente, aparentemente inconsciente de tudo ao seu redor e olhando fixamente para o teto.

“Bem,” respondeu Burke calmamente, “primeiro vamos apagar o lampião.”

Ele saiu da cama e apagou a luz. Voltando, deitou-se no lado mais distante de Hayden, deixando-o do lado de fora. Burke não queria estar no lado do disparo do revólver, caso Hayden começasse a atirar.

O detetive ficou por uma hora, refletindo sobre o estranho caso. Finalmente, falou com Hayden. Este não respondeu. Parecia estar profundamente adormecido. No entanto, enquanto Burke ouvia com atenção, não conseguia perceber sinais de respiração.

Burke agora sentiu uma emoção singular despertada pelo silêncio intenso do quarto. Quanto mais ele permanecia ali, mais impressionante aquilo se tornava. Lá embaixo, ele ouviu o baixo badalar de um relógio. Soou onze horas. Os minutos se arrastaram naquele silêncio opressor.

O relógio soou meia hora depois. Quinze minutos se passaram. Hayden, agora respirando pesadamente, começou a se mover. Burke ergueu-se parcialmente sobre o cotovelo e escutou. Hayden estava murmurando em seu sono.

Burke examinou as sombras escuras do quarto com olhos atentos. Nada chamou sua atenção. Ele olhou para a janela. Nada ali. Hayden estava sofrendo tormentos em sua luta para respirar.

O detetive estava prestes a sacudi-lo, quando, com um suspiro longo e pesado, Hayden se sentou. Burke sentiu o horror do homem, mas permaneceu imóvel. Seus olhos estavam fixos no quarto escuro e silencioso, vagando frequentemente para a janela.

Nada incomum era visível, e ele observou a vaga forma de seu companheiro de cama. Este agora estava rígido, lutando com o peso que oprimia seus pulmões e aparentemente olhando para o quarto. Então, para o espanto de Burke, Hayden começou a respirar normalmente.

“Burke,” ele sussurrou roucamente, “você viu? Você os viu descer as escadas?”



“Eh?” grunhiu Burke, sonolento.

“Meu Deus!” murmurou Hayden, “você deveria vigiar, e caiu no sono. Eles desceram as escadas. Eles voltarão novamente em quatro ou cinco minutos. Fique de olho!”

Burke não respondeu. Ele, com seu companheiro agora bem acordado, olhava atentamente para a janela. De repente, ele sentiu Hayden se enrijecer.

“A cabeça está subindo as escadas!” sussurrou Hayden.

Burke sentiu o movimento do braço de Hayden deslizando sob o travesseiro. Então veio o clarão cegante do revólver e seu estrondo. Hayden puxou o gatilho duas vezes. Nesse momento, Burke acendeu sua lanterna elétrica. O quarto estava vazio. Burke olhou para o chão. Não havia sangue visível.

Hayden estava ofegante e balançando para frente e para trás.

“Eu me sinto terrivelmente estranho,” gemeu ele. “Algo está me puxando.”

Mecanicamente, ele se levantou da cama e tropeçou no chão.

“Isso me diz para matar, matar!” murmurava ele. “Matar com meu revólver. Matar — quem devo matar?”

Burke seguiu silenciosamente a figura cambaleante do outro. Com passos medidos, Hayden seguiu direto para o quarto de sua irmã e sobrinha. Sem hesitar, seus dedos agarrando um cassete carregado, Burke o seguiu de perto e aguardou o momento em que seria necessário.

Hayden parecia inconsciente da luz fornecida pela lanterna de Burke, nem uma vez se virou durante a curta caminhada. Ao chegar ao lado da cama onde as mulheres dormiam, ele parou e ficou olhando rigidamente para baixo.

Burke se juntou a ele. Sua luz agora iluminava as duas mulheres. Ele ficou chocado com as horríveis contorções dos rostos, aparentemente distorcidos em agonia.

Com uma súbita premonição, ele se abaixou e tocou os corpos imóveis. A mão da garota estava fria e sem vida. Ele sentiu o pulso da mulher mais velha.

Ambas estavam mortas!

O detetive se virou para Hayden.

Ele estava olhando para baixo, com os olhos secos.

“Eu vejo,” disse ele, estupidamente, “ambas estão mortas. Matar, matar — quem eu deveria matar? Não elas. Elas estão mortas. Algo ainda me diz para matar!” Ele afundou em uma cadeira e enterrou o rosto nas mãos.

Burke acendeu uma lâmpada que estava em uma pesada cômoda e apagou a lanterna. Ele ficou olhando para as duas mulheres. Em seguida, notou que o ambiente estava ficando

sombrio. Ele olhou para a lâmpada. Estava cheia de óleo e o pavio parecia queimar livremente, mas a luz continuava a diminuir.

Burke olhou novamente para as duas mulheres. Lentamente, quase de forma invisível, ele teve a impressão de que os traços de agonia estavam se transformando em um repouso de morte.

Hayden se levantou e veio para o lado do detetive. Ele estava murmurando e gemendo suavemente. Burke o observou.

Hayden, com um sobressalto repentino, olhou para o outro lado do quarto.

“Eles estão voltando!” murmurou, “se contorcendo e torcendo.”

Seus olhos se moveram lentamente para o lado oposto do quarto, como se ele estivesse seguindo algum objeto em movimento. Eles pararam nos rostos das mulheres.

“Escorrendo pelas bocas delas!” murmurou. “Elas estão sugando. Elas estão voltando à vida!”

Burke olhou para as mulheres. À luz fraca, ele poderia jurar que viu vestígios de vida retornando. Nesse momento, houve um estampido alto ao seu lado e um clarão ofuscante.

Com isso, a luz brilhou intensamente, e os rostos mortos foram revelados. Burke se virou.

Hayden estava caindo no chão, com um buraco de bala na cabeça, de onde o sangue começava a escorrer lentamente. Burke se ajoelhou ao lado do homem e levantou sua cabeça.

Devagar, o corpo pesado se relaxou. Hayden abriu os olhos, encarando o detetive com uma expressão de confusão.

Em um momento, ele estava morto.

Burke colocou o corpo no chão e foi até a cama. Mais uma vez, ele tentou encontrar um sinal de pulso nas formas inanimadas. Ambas estavam sem vida. Ele imaginou que os rostos mortos tinham uma expressão pacífica, e nos lábios levemente abertos da mulher mais velha parecia pairar um sorriso triunfante.

Fechando a porta do quarto, Burke pegou seu casaco e seus pertences, então trancou a casa. Algumas horas depois, ele estava sentado com o Chefe de Polícia, relatando a tragédia. O Chefe levou Burke até o Xerife do condado, e juntos foram até a casa. O Xerife havia chamado um legista, e eles o encontraram esperando por eles.

Uma breve análise das mulheres revelou que ambas haviam morrido de falência cardíaca, provavelmente induzida por algum choque inexplicável. Burke puxou o Xerife para um lado. A pedido do detetive, eles destruíram o quarto do sótão em uma busca minuciosa. Burke queria localizar a origem do sangue que caía.

No final de sua busca, o mistério estava resolvido, pelo menos para Burke. Mas foi a Rhyne que ele confessou seu fracasso.

Ao retornar ao seu apartamento em Nova York, ele encontrou Rhyne lá.

“Bem,” gritou este, assim que ele apareceu, “você resolveu o mistério?”

“Não,” respondeu Burke. “Eu não resolvi.”

Os olhos de Rhyne se abriram. “Bem — o que você descobriu?”

“Acima do quarto do sótão,” disse Burke pensativamente, “encontramos um pequeno espaço, semelhante a uma cripta, entre o teto do sótão e o telhado da casa. Estava envolto em gesso. Quando rompemos o teto, uma massa de ossos humanos caiu. O legista pronunciou que eram os esqueletos de uma mulher e de uma menina. Ambas estavam mortas há gerações.

“Pela omoplata do esqueleto da menina havia um buraco irregular. Quando os ossos caíram, o crânio da mulher mais velha rolou até os meus pés. Eu a peguei. Algo tilintou dentro e eu consegui tirar pela órbita do olho. Era uma bala de chumbo.

“Tanto a mulher quanto a menina haviam sido assassinadas.”

## **Nimba, a Garota das Cavernas**

R. T. M. Scott

Há muitos milhares de anos, quando os polos da Terra eram as regiões mais agradáveis e os trópicos eram quentes demais para a vida humana, Nimba cresceu até sua altura total e ainda era uma donzela.

Muitos tinham sido seus pretendentes, mas, desde o momento em que ela derrubou seu primeiro animal selvagem, ela vivia afastada dos outros de sua espécie e ficou conhecida como uma grande viajante e caçadora. Nimba conseguia correr cem milhas em um único dia, atravessando os piores tipos de terreno, e usava sua inteligência com sucesso contra a astúcia mais impressionante dos animais. Sozinha, era capaz de se sustentar e não queria um companheiro — pelo menos, não ainda.

Em algum lugar, não muito ao sul do que hoje é chamado de Baía de James, existe um belo lago entre colinas íngremes cobertas de árvores. Em uma das extremidades deste lago, uma enorme rocha se erguia, com sua imensa massa alcançando cem pés acima da água. Atrás dela, a encosta íngreme permitia o acesso ao topo. Na frente, a água ondulava ou se chocava contra uma parede vertical de cem pés.

Mas essa parede não era completamente perfeita. Bem no centro, ligeiramente suspensa sobre o lago, havia uma pequena caverna, uma cavidade irregular grande o suficiente para abrigar duas ou três pessoas. Cinquenta pés acima da água e cinquenta pés abaixo do topo da grande rocha, esse abrigo natural contra a chuva ou inimigos parecia inacessível para qualquer coisa sem asas. No entanto, a pele de um animal de pelo longo estava esticada para secar contra o fundo da caverna, presa nas rachaduras e fendas por espinhos enormes. Espalhados aqui e ali estavam ossos branqueados — restos de refeições antigas consumidas por Nimba.

Era uma tarde quente, e o sol castigava a terra com sua fúria implacável. Ao sul, enormes nuvens de vapor subiam e giravam sobre si mesmas em forma de chuva, apenas para evaporar novamente e subir uma vez mais. O ar estava parado, em uma quietude sufocante, que prenunciava a continuidade do bom tempo, sem perigo de a umidade quente do sul ser soprada para o norte. No horizonte oriental, uma montanha imensa vomitava fogo e lançava uma coluna de chamas ao céu que rivalizava com o brilho do sol.

De repente, os arbustos se abriram atrás do grande rochedo que guardava o lago. Nimba saltou e correu para o ponto mais alto. Lá, ela ficou imóvel, observando a montanha em erupção. O fogo não a assustava como assustava os animais de quatro patas; ao contrário, ele a atraía.

Ela ficou um bom tempo admirando a nova magnificência no horizonte oriental. Sua pele bronzeada pelo sol reluzia, e seus seios jovens e firmes subiam e desciam, como se também contemplassem aquele espetáculo em sonho. Seus braços e pernas eram ágeis, e sua cintura era esguia, com quadris grandes, mas que, em sua forma, pareciam ainda de um menino. Seus cabelos estavam amarrados em pequenos tufos que desciam abaixo de sua cintura e eram dobrados para não tocar o chão. Queimados pelo sol, seus cabelos tinham um brilho dourado. Uma cicatriz profunda marcava seu rosto, mas isso apenas acentuava sua beleza bárbara.

De repente, ela se inclinou como se estivesse escutando algo e, em seguida, correu de volta para os arbustos, retornando com um pequeno animal que havia matado, arrastando atrás de si uma longa trepadeira de grande comprimento. Amarrando uma das extremidades da trepadeira a uma rocha saliente, ela lançou a outra extremidade sobre a face da grande pedra e, segurando com uma das mãos a perna do animal, desceu para a caverna com a agilidade de um macaco.

Mal tinha entrado em sua pequena morada quando percebeu que sua escada improvisada estava sendo violentamente sacudida de cima. Ela se inclinou perigosamente

para fora da caverna e viu que um longo par de pernas peludas estava descendo em sua direção, seguido pelo corpo de um homem.

Pegando um grosso porrete do fundo da caverna, Nimba esperou até que as pernas estivessem ao alcance e então golpeou a coxa do homem com tanta força que ele soltou um grito estrondoso e subiu rapidamente alguns pés. No entanto, ele não recuou completamente; girando como uma lagarta em um fio, começou a descer novamente, dessa vez de cabeça para baixo, para manter um olhar atento.

Agora, Nimba viu o rosto do homem, e gostou ainda menos do que tinha visto de suas pernas. Suas pequenas feições se contorceram de raiva, e ela cuspiu nele, batendo na parede com o porrete em um frenesi. Ela o conhecia bem.

Era Oomba, um dos homens mais fortes e cruéis de sua tribo. Aos quinze anos, ele havia matado o avô com um porrete com ponta de pedra. Pegou o velho desprevenido, e aquele ato de cautela foi interpretado como covardia, de modo que tinha poucos amigos, até se tornar forte demais para ser desafiado.

Quando Oomba desceu até seu rosto ficar a doze polegadas além do alcance do porrete da garota, ele ficou pendurado ali, contemplando-a com olhos gananciosos e cheios de luxúria. Durante meia hora, ele ficou pendurado de cabeça para baixo, entoando sensualmente para a enfurecida Nimba.

“Comigo caçar! Comigo comer! Comigo dormir!”

Ao final da meia hora, Nimba ainda estava cuspiendo nele e batendo na parede com energia inabalável.

“Oomba vai! Oomba vai! Você não vai me tocar!” ela gritava, repetidamente.

Finalmente, Oomba subiu de volta ao topo da rocha, mas não desistiu. Ele puxou a grande trepadeira, pensando que prenderia a pequena gata selvagem e assim a domaria.

Mas ele não conhecia Nimba.

Assim que o objeto de seu ódio desapareceu de vista, Nimba se acalmou. Quando viu sua corda de fuga ser retirada, esperou em silêncio por algum tempo. Então, ela se aproximou da borda de sua caverna — e seu corpo brilhou no ar ensolarado como um relâmpago dourado. Por cinquenta pés, o brilho curvou-se, depois penetrou silenciosamente a água como uma lâmina. Quinze jardas de onde ela mergulhou, o rosto de Nimba emergiu à superfície, olhando para o topo da rocha.

Oomba, espiando por cima da rocha, testemunhou o mergulho poderoso de Nimba. Por um momento, ele a observou com uma carranca, antes de correr para os arbustos, enquanto Nimba nadava para as águas rasas.

NIMBA emergiu perto da margem, com seu porrete gotejando em suas mãos. Ela saltou ao longo da linha irregular da costa, mantendo-se pelo menos com os tornozelos dentro d'água. Contornando uma pequena enseada arborizada, ela chegou a um galho pendente, no qual subiu.

Lá, ela quebrou dois ou três pequenos ramos e seguiu para a próxima árvore, atirando-se de galho em galho e quebrando pequenos ramos à medida que avançava. Finalmente, ela quebrou um galho muito pequeno e saltou para uma árvore de folhagem densa sem amassar uma única folha. E ali se ocultou da vista.

Sua armadilha estava pronta. Ela se agarrava a um galho, tão silenciosa e vigilante quanto qualquer animal predador, com seu longo porrete entre o corpo jovem e a casca da árvore.

Os minutos se passaram enquanto os olhos escuros de Nimba permaneciam atentos, observando por entre as folhas verdes que a camuflavam. De repente, enquanto observava, um jovem surgiu e parou sob sua árvore. Era forte e esguio. Seus olhos brilhavam e os pelos em seu rosto eram curtos e macios. Não havia o menor farfalhar enquanto Nimba o observava com crescente interesse. Abaixo dela, o homem estava quieto, farejando o ar.

De repente, um galho estalou, e o jovem se virou num piscar de olhos, apenas para receber o poderoso golpe do porrete de Oomba diretamente na cabeça. Tão silencioso havia sido o avanço de Oomba que a atenta Nimba não havia detectado o menor som. Agora ele se erguia olhando para sua vítima, girando desdenhosamente a cabeça ensanguentada com o pé, totalmente alheio ao perigo à espreita.

Segurando-se apenas pelos pés ao galho em que estivera deitada, Nimba se inclinou e desferiu um golpe violento com seu porrete contra a lateral da cabeça de Oomba. Ele caiu ao lado de sua própria vítima, enquanto Nimba descia levemente ao chão, girando no ar como um gato e aterrissando de pé.

Rapidamente, ela arrastou Oomba para o lado, onde duas pedras se uniam, e prendeu sua cabeça firmemente entre elas. Então, bateu repetidamente em sua cabeça com o porrete até que não restasse forma alguma, e as folhas e o chão ao redor ficassem salpicados de sangue. Não havia dúvida: Oomba estava morto.

Um grande sentimento de satisfação apareceu no rosto de Nimba quando sua tarefa sangrenta foi concluída.

Ela lavou o sangue de seu corpo no lago e voltou para examinar o jovem que havia sido atingido primeiro. Aparentemente satisfeita com sua condição, ela o ergueu e, arrastando seu porrete ensanguentado, retornou à sua grande rocha à beira do lago. Ali, encontrou o cipó que

Oomba havia deixado, e não teve dificuldade em descer até a privacidade de sua caverna com o homem desacordado sob um de seus braços.

Fez duas viagens para buscar água, que carregou em uma cabaça e armazenou em um buraco no chão da caverna. Terminada essa tarefa, Nimba lavou o rosto do jovem, molhou seu cabelo e o acomodou em um canto para que recuperasse os sentidos.

Seu trabalho de misericórdia terminado, Nimba voltou sua atenção ao animal que havia matado mais cedo naquele dia. Arrastando-o para fora de um canto, colocou os dois pés sobre o corpo e arrancou uma perna com um único puxão feroz. À medida que o sol se punha e as colinas se tornavam roxas e bordadas de dourado, Nimba iniciou a única refeição do dia a que estava acostumada. Logo seria hora de dormir.

Quase ao mesmo tempo em que o último raio de sol atravessava as colinas distantes, o jovem começou a recobrar a consciência enquanto estava recostado no canto da caverna. Lentamente, olhou ao redor. Levantou-se e caminhou até a beira da caverna, onde olhou para o lago e examinou o cipó pendurado pelo qual havia sido levado.

Finalmente, o jovem se aproximou de Nimba, que havia parado de comer e o observava silenciosamente, com a boca ainda suja de seu banquete cru. Ele puxou o animal para longe dela e a empurrou para um canto, onde uma pedra afiada cortou seu ombro, fazendo o sangue escorrer. Tendo saciado sua fome, o homem deitou-se para dormir.

A grande lua surgiu, prateando o lago adormecido. Um pássaro noturno gritou ao passar pela entrada da caverna, e Nimba rastejou para fora de seu canto. Ainda sangrando, ela se deitou ao lado do homem adormecido. Seu corpo tocou o dele, e um pouco de sangue de seu ombro se misturou com o dele em uma pequena poça.

Abaixo deles, na água, um réptil chapinhava entre os juncos. Nimba e seu mestre dormiram.

Nimba havia escolhido seu companheiro.

# O Jovem Que Queria Morrer

Autor ???

## PRIMEIRO EPISÓDIO

EM UM QUARTO miserável de dois dólares por semana em uma pensão de Chicago, um jovem se preparava, calma e deliberadamente, para tirar a própria vida.

Ele tinha juventude, saúde, riqueza e beleza — e, mesmo assim, estava se preparando para se matar. Calma e deliberadamente. No quarto desleixado de uma casa decadente.

Com um canivete, ele estava rasgando a roupa de cama em tiras e as enfiando nas frestas e rachaduras. Satisfeito, afinal, que o quarto estava o mais vedado possível, ele tirou as roupas até ficar apenas de roupa íntima, sentou-se na escrivaninha velha e começou a escrever:

“Assim que meu corpo morto for encontrado, os jornais vão querer saber o motivo. Vou lhes contar. E podem espalhar manchetes à vontade, não me importo. Destruí todas as pistas sobre minha identidade, e, embora eu seja rico o suficiente para ser apontado e reconhecido, não há uma só pessoa nesta vasta cidade que me conheça, ninguém que se importe se eu estarei vivo amanhã de manhã ou morto.

“Um motivo amoroso? Sim. Mas há também algo mais — algo igualmente poderoso para mim, por mais fraco e insignificante que possa parecer para os outros. Eu amava e ainda amo uma garota que conheço desde a infância, mas sempre houve algo que se interpôs entre nós, e isso é o principal motivo do que estou prestes a fazer. Não é bebida — nem jogo, nem doença hereditária.

“É uma Curiosidade. Uma terrível, avassaladora, incontrolável Curiosidade. Desde que me lembro, sempre tive um desejo terrível de saber o que vem após a morte. À medida que fui crescendo, essa ânsia aumentou até se tornar uma verdadeira obsessão. Devorei todos os livros sobre teosofia e assuntos afins que pude encontrar; frequentei reuniões de sociedades psíquicas; na faculdade, meu interesse por psicologia era notado por todos. Finalmente, cheguei ao ponto em que ansiava por rasgar o véu negro da morte e descobrir seu segredo. Por que esperar? Perguntei a mim mesmo. Já que você está destinado a ir algum dia, por que não ir agora?



“Um dia, meio que brincando, mencionei algo do tipo a ela. Isso levou a uma discussão, que se transformou numa briga violenta; naquela noite, Ela deixou a cidade onde nós dois vivíamos.

“Eu a rastreei até Chicago, e aqui a perdi. Faz três anos que procuro por ela nesta cidade, mas não encontrei um só vestígio. Então desisti. É inútil. Nunca a verei novamente.

“Assim como eu, ela está sozinha no mundo, mas, ao contrário de mim, é muito pobre. E em algum lugar desta cidade imensa e monstruosa ela está vivendo enquanto escrevo estas palavras — talvez a quilômetros de distância — talvez no próximo quarteirão —talvez... Só Deus sabe, e que Deus a proteja!”

Ele parou, abaixou o lápis e colocou a mão sobre os olhos. Assim ficou por vários minutos. As chamas amareladas do gás tremeluziram estranhamente de cada lado da velha escrivania; o barulho de um bonde distante chegou fracamente até ele; um caminhão passou roncando pesadamente pela rua abaixo; um casal briguento discutia incessantemente no quarto ao lado.

Depois de um tempo, ele pegou o lápis novamente e continuou:

“Bem, de qualquer forma, vou satisfazer essa Curiosidade. Em poucas horas estarei em um país desconhecido que sempre desejei explorar. Tenho a ideia de que encontrarei lá uma felicidade que nunca conheci nesta terra.

“De qualquer modo, deixarei algum material de primeira página para os jornais. Deve render uma história interessante: ‘Jovem rico, em busca de sua amada perdida na grande cidade, cede ao desespero e se mata.’ Se a garota for encontrada na porta ao lado, sem dinheiro para comprar comida ou pagar o aluguel do quarto—”

Ele se levantou bruscamente com um xingamento e rasgou o que havia escrito. Depois, apagou os dois bicos de gás e os abriu totalmente. Em seguida, deitou-se na cama no canto do quarto...

“Lily May!” murmurou com a voz rouca. Depois, mais roucamente ainda, “Lily May — perdoe — Lily May!”

...Seu corpo estava se contorcendo e torcendo horrivelmente agora. Suas mãos agarravam o ar, suas roupas, o colchão; suas pernas se contraíam e relaxavam espasmodicamente. Seu rosto ficou roxo: ele sufocava e arfava.

“Lily May” sussurrou com dificuldade, tentando erguer os braços.

Mas não conseguiu, e seus lábios pararam de se mover, sua cabeça tombou para trás, e ele ficou muito quieto.

## SEGUNDO EPISÓDIO

QUANDO os vapores mortais alcançaram o jovem na cama, ele virou-se de costas, esticou os braços e respirou longa e profundamente o ar envenenado.

Sua cabeça latejava e pulsava; seu coração bombeava loucamente; seus olhos saltaram das órbitas. Ainda assim, ele permanecia com os braços estendidos, inalando de maneira uniforme e constante.

Então tudo dentro dele pareceu se distorcer e se desalinhar. Suas veias se ataram em nós. Seu sangue sufocava e emperrava. Um peso esmagador oprimia seu peito.

Mas ele cerrou os dentes e apertou os punhos, continuando a engolir o ar assassino.

Então sentiu-se caindo, suavemente, suavemente — para baixo, para baixo, para baixo — como se mãos invisíveis o estivessem abaixando em um abismo sem fundo, completamente negro.

Mas, de repente, uma luz dourada ofuscante explodiu diante de sua visão, e muito acima dele, ele viu um trono resplandecente, cintilando e brilhando com uma estranha luminosidade, e no trono, uma garota, seus cabelos soltos, seu corpo vestido com um manto virginal. E ela o olhou com olhos cheios de tristeza e reprovação. E ele tentou chamá-la, tentou erguer os braços em sua direção...

E a escuridão demoníaca varreu tudo e o envolveu, esmagando-o, e ele não soube mais de nada.

## TERCEIRO EPISÓDIO

Eras de tempo haviam se passado.

Tudo era escuridão impenetrável. Com uma velocidade incrível, ele estava sendo lançado pelo espaço infinito. Nada o sustentava: nada o tocava. Alguma Força invisível, intangível e inimaginável o arremessava para fora, em um vazio estigiano e ilimitado.

Então, tão gradualmente que era quase imperceptível, a escuridão foi tingida com uma tonalidade pálida e fantasmagórica. E, com uma súbita surpresa, ela se encheu de horríveis larvas. Eram coisas sem sangue e translúcidas, parecendo preencher o ar com uma magnitude rastejante e repugnante de vida abominável. E ele fazia parte disso!

Ele estendeu a mão: e, embora não sentisse toque algum, viu a massa contorcida de vermes atravessar sua carne como se ela não estivesse lá. E ele soube que seu corpo estava infestado com aqueles vermes, como se fosse queijo apodrecido, e uma náusea indescritível e revoltante o dominou.

Então, a palidez desapareceu, assim como as larvas, e ele continuou sendo arremessado através da horrível escuridão.

Outro éon havia se passado.

Sua terrível jornada não havia cessado. Ele continuava sendo lançado pelo vazio iluminado, incansavelmente. Agora, sons sobrenaturais preenchiam o ar — vozes gritando em agonia, gritos e lamentos de tortura. De repente, com um rugido e um silvo, um dragão do ar uivante passava rugindo por ele. E, ao seu redor, ele podia ouvir o grito e o berro de monstros aéreos em terrível combate.

Então tudo se transformou em um oceano de sangue vivo: e grandes vagalhões carmesins se lançavam sobre ele, onda após horrenda onda. E os horríveis mamíferos aéreos, invisíveis até um momento antes, agora podiam ser vistos saltando e mergulhando naquele mar escarlate.

Abaixo dele e sobre ele, eles se moviam e saltavam — monstros gigantescos de cor esverdeada, extravagantemente hediondos. De tempos em tempos, um deles investia contra ele, com a boca escancarada. Mas, no segundo seguinte, ele já estava longe, com a criatura medonha em perseguição inútil.

Lentamente, a vermelhidão líquida se transformou em um arco-íris cintilante de cores vívidas. Amarelo e verde, roxo e azul, laranja, tingiam o ar com uma glória prismática, cintilando com uma beleza maravilhosa.

Então, com uma terrível rapidez, como um trovão silencioso, a escuridão voltou correndo e apagou o brilho iridescente, envolveu tudo em escuridão cimmeriana.

## QUARTO EPISÓDIO

Outro éon.

Tão distante que parecia uma estrela longínqua, o solitário viajante pelo infinito Vazio discerniu um brilho vermelho opaco. Maior e maior ele se tornou à medida que ele avançava em direção a ele com velocidade relâmpago.

E agora parecia uma grande massa de fogo sem chamas, irradiando seus raios frios por milhões de milhas. A cada segundo crescia em tamanho até atingir proporções inimagináveis. E então pareceu murchar, tornar-se cinzento e enrugado, e se transformar em um sol morto e desintegrado.

Mas, de repente, a casca se rompeu, e o viajante avistou, vagamente no início, o que parecia ser o limite externo de algum mundo primevo e magnífico.

Por um tempo, parecia que ele o estava observando de longe; mas ele atravessou milhares de léguas em segundos, e rapidamente o mundo tomou forma definitiva à medida que ele se aproximava cada vez mais.

E então sua jornada pelo espaço ilimitado chegou ao fim, e ele havia pousado sobre esse mundo desconhecido, vagando por uma densa selva de fungos maravilhosos que atingiam uma altura impressionante.

Sem aparentemente exercer qualquer vontade própria, ele acabou se encontrando deitado em um monte verdejante, com vista para um vasto pântano tropical que se estendia infinitamente em todas as direções.

Enquanto estava deitado, ele presenciou naquele deserto inexplorado um espetáculo diabólico, tão aterrorizante quanto o próprio inferno!

Coisas horrendas e indescritíveis — sátiros, ogros, demônios e monstros — apareceram em incontáveis números e realizavam orgias que eram a própria loucura intensificada. Agora, eles se entregavam a uma diversão desenfreada; em seguida, lutavam entre si com uma ferocidade assassina.

Depois de um tempo, ele viu algo ainda mais horrível. À sua direita, ele avistou a cabeça monstruosa de uma serpente, tão grande quanto o corpo de um hipopótamo, erguer-se do pântano e olhar com voracidade para a orgia selvagem.

Um instante depois, a festa licenciosa se transformou no mais puro terror. A floresta estava viva com répteis aterrorizantes — coisas gigantescas e colossais que ultrapassavam toda imaginação. Eles desciam sobre suas presas apavoradas, seus corpos enormes e escorregadios ondulando em grandes saltos contorcidos.

A horda de criaturas sobrenaturais, que momentos antes se divertia em devassidão infernal, foi rapidamente engolida pelas serpentes. Elas permaneceram no pântano, se debatendo venenosamente por um tempo, destruindo e devastando tudo ao seu redor.

Em seguida, começaram a lutar entre si em um combate indescritível, contorcendo-se e entrelaçando-se de forma nojenta, seus corpos repulsivos de cor verde-preta entrelaçados como minhocas gigantescas. E elas se mataram e devoraram umas às outras, até que restou apenas um monstro hediondo, inchado.

Ele saltava e se lançava de um lado para o outro, batendo furiosamente com sua cauda enorme, derrubando árvores gigantes como se fossem ervas daninhas. E enquanto o jovem observava, a coisa incrível parecia inchar mais e mais. E então ele a viu parar de repente em seu gigantesco cambalear e, rigidamente, erguer a cabeça horrenda. E ele olhou diretamente em seus olhos apavorantes!

Eles estavam fixos nele. Por um momento, permaneceu assim; então, a cabeça caiu, e ele viu seu corpo colossal se movendo rapidamente em sua direção através do pântano.

Ele tentou gritar, mas nenhum som saiu. Ele tentou se mover, mas seu corpo estava pesado como chumbo.

A criatura se aproximava com rapidez assustadora; partes de seu corpo se afundando no lodo, outras partes surgindo acima. Agora ele podia ver a cabeça maciça se movendo de um lado para o outro. Agora, apenas uma massa verde-escura e escorregadia, descrevendo um arco sobre o pântano, mostrava sua localização.

Agora, ela estava muito próxima. A enorme cabeça se ergueu a uma curta distância. Seus olhos horrendos brilhavam com um fogo furioso. Suas grandes mandíbulas caídas se abriram. Elas estavam repletas de presas venenosas.

A monstruosa criatura se preparou, com uma dúzia de gigantescas voltas em suas curvas, e saltou pelo ar——

“DEUS!” ele gritou.

“Calma, calma,” disse uma voz suave. “Não se excite. Você vai ficar bem logo. Apenas fique quieto, é só isso.”

Uma mão fria foi gentilmente colocada em sua testa. Ele olhou para a jovem enfermeira que estava sentada ao lado de seu leito.

Sem dizer uma palavra, ele a fitou por um longo tempo, até que suas bochechas ficaram tão vermelhas quanto a fita em sua garganta. Quando finalmente falou, ele estava meio rindo, meio soluçando, e a sintaxe de suas palavras certamente não agradaria a um professor de inglês de Harvard.

“Bem, eu fui, garota,” disse ele. “Comprei um bilhete de ida e volta. Mas nunca mais, nunca mais. Por que você fugiu? Sim, já tive o suficiente; nada de mais metafísica. Puxa! Que répteis! Alguns eram tão grandes quanto esta sala. Procurei por três anos e isso me deixou louco. Argh! aquelas cobras e lagartos. Até contratei detetives, mas não adiantou. E eu pensei que seria tudo sol, flores e música doce. Você não vai fugir de novo, vai? Você poderia me trazer um pouco de conhaque, Lily May? Estou me sentindo um pouco fraco.”

## ÚLTIMO EPISÓDIO

O jovem se enganou sobre os jornais. Conseguiu apenas uma pequena nota de uma polegada, bem encaixada entre um anúncio de remédio patenteado e o aviso de um leilão do xerife. A nota dizia:

“Um jovem não identificado tentou tirar a própria vida em uma pensão no lado norte da cidade na noite passada, inalando gás. A proprietária sentiu o cheiro do gás e chamou a polícia. A Srta. Lily May Kettering, enfermeira do Hospital Nacional de Emergências, que parece conhecer o jovem, embora tenha se recusado a revelar sua identidade, relatou que ele está no caminho da recuperação.”

## A Noite Escarlate

William Sanford

O Dr. Langley estava apaixonado pela minha esposa.

Isso ficou muito evidente para mim por várias semanas. Também estava claro que o sentimento era completamente recíproco.

O médico era jovem e atraente, e tinha a reputação de ser, no mínimo, sem escrúpulos. Uma história desagradável o seguia de outra cidade — a história do afogamento de uma jovem. Embora o veredicto do legista tivesse sido de afogamento acidental, havia quem acreditasse que o médico sabia muito mais sobre o ocorrido do que foi revelado, e diziam que ele havia deixado o lugar por não ser mais bem-visto por lá.

O Dr. Langley tinha uma personalidade cativante, uma forma de desarmar qualquer preconceito contra ele. Em resumo, era um homem que agradava as mulheres, cheio de pequenas atenções e galanteios que encantavam o coração feminino. E ele oferecia tudo isso com uma sutileza que transmitia sinceridade, tornando essas atitudes ainda mais eficazes.

O consultório do doutor era bem movimentado, e ele havia conseguido também a nomeação de médico legista local. Ele era profundamente interessado na sua profissão, ainda fascinado pela sala de dissecação. Além disso, possuía um carro de passeio elegante, com o qual, como eu sabia, minha esposa estava bastante familiarizada.

Minha esposa tinha vinte e cinco anos — quinze anos mais jovem que eu — era bonita e tinha muito charme, embora possuísse uma certa frieza de caráter e falta de empatia pelo sofrimento alheio, algo incomum em uma jovem de boa educação. Ela vinha de uma excelente família, era bem instruída e sempre havia convivido com boas pessoas.

Antes do casamento, eu tinha certa inclinação para a bebida, mas conseguia esconder isso dela até certo ponto. Ela sabia que eu bebia, mas achava que era algo normal, como muitos homens fazem em seus clubes. Dos meus excessos em viagens, ela nunca soubera.

Estávamos casados há dois anos quando o Dr. Langley começou a clinicar em nossa cidade, e, desde sua primeira visita à minha esposa, por uma doença menor, eles se tornaram intensamente interessados um no outro.

Meus hábitos com a bebida só haviam piorado desde o casamento, e eu já não fazia mais nenhum esforço para esconder de minha esposa meus momentos de embriaguez. O álcool se tornara tão comum em minha vida quanto comer ou dormir. Minha posição como

gerente assistente em uma grande empresa atacadista era relativamente segura, e talvez fosse essa dificuldade de substituição que explicasse o fato de ainda me manterem no emprego.

Em uma noite fria e sombria de novembro, enquanto jogava cartas no meu clube — e, graças aos contrabandistas que prosperavam na cidade, bebia uísque — ouvi uma voz familiar me chamando, e, ao levantar os olhos, fiquei extremamente feliz ao ver um velho amigo de outros tempos, a quem não via havia anos. Ele estava de passagem para outra cidade.

Era o momento perfeito para uma celebração em honra ao nosso reencontro. Meu amigo tirou de sua mala um frasco de uísque, dizendo que era o segundo que possuía e que já havia provado o outro, elogiando sua idade, força e a alta qualidade. Depois de falar do preço elevado, me presenteou com o frasco. Agradei com entusiasmo, abri o uísque, e tomamos algumas rodadas. Eu já vinha bebendo muito naquele dia e no anterior.

Voltamos ao jogo de cartas e jogamos até depois da meia-noite, quando, após muitos apertos de mão, me despedi do meu amigo, que precisava pegar um trem no dia seguinte. Com o fim da partida, bebemos mais uma rodada de despedida, e eu cambaleei pela noite.

O ar frio rapidamente clareou minha mente um pouco confusa. Além disso, logo comecei a tremer de frio. Lembrando do frasco generoso de uísque no meu bolso, presente do meu amigo, abri-o e tomei um longo gole, satisfeito ao ver que ainda estava quase dois terços cheio.

Ao chegar em casa, fui direto para o quarto. Minha esposa estava sentada em uma cadeira perto da janela, usando seu roupão. Quando entrei, ela se levantou e, sem nenhuma introdução, pediu que eu lhe concedesse o divórcio imediatamente para que pudesse se casar com o Dr. Langley. Disse que não havia razão para eu não fazer isso, pois eu poderia, então, me casar com uma mulher que realmente gostasse de mim, e ela, por sua vez, seria feliz com o homem que havia aprendido a amar.

A brusquidão do pedido, junto com o tom frio e prático com que ela o fez, me atordoou, mas, recuperando-me rapidamente, recusei veementemente. Disse a minha esposa que ela devia ser fiel aos seus votos de casamento e que nada me faria conceder o divórcio. Além disso, falei que o doutor era um canalha — que muitas pessoas acreditavam que ele havia matado uma garota antes de vir para nossa cidade.

Ao ouvir isso, minha esposa ficou furiosa, me acusou de manchar deliberadamente a reputação do médico por ciúmes e declarou que nunca mais viveria comigo.

No dia seguinte, no entanto, ela parecia muito mudada. Estava bastante amável, até carinhosa. Caminhamos juntos pelo pequeno jardim de nossa casa, como fazíamos nos



primeiros dias do casamento, e me senti confiante de que ela havia decidido esquecer o médico e seguir com nossa vida conjugal.

Conversamos de forma agradável à mesa de jantar naquela noite, e, como de costume, tomei uma xícara de café forte após a refeição.

Poucos momentos depois, uma forte sonolência tomou conta de mim, e eu não soube de mais nada...

Acordei com uma sensação de sufocamento — como se mil toneladas estivessem sobre meu peito.

Eu arfava por ar, sofrendo uma tortura inimaginável. Ao meu redor, tudo era escuridão — uma escuridão impenetrável. Movi minhas mãos e toquei tábuas, acima e de todos os lados. Gradualmente, a terrível realidade começou a tomar forma em minha mente entorpecida, e um suor frio brotou no meu corpo — eu tinha sido enterrado vivo!

Aterrorizado, percebi tudo de uma vez. Minha esposa havia colocado alguma droga poderosa no meu café, obtida com o médico. Eles haviam tramado e planejado tudo, caso eu me recusasse a consentir o divórcio.

Provavelmente, sabiam que eu ainda estava vivo quando fui enterrado. O médico, como examinador local, deve ter forjado algum relatório falso de morte por causas naturais, e eles haviam arranjado um funeral apressado. Como eu havia conseguido respirar por tanto tempo no caixão, enquanto estava sob o efeito da droga, eu não sabia. Agora que estava completamente consciente, sentia-me sufocar.

Nenhuma imaginação poderia descrever o horror e a tortura mental que minha terrível situação me forçava a suportar. Eu morreria de uma morte lenta e horrível, enquanto aqueles que eram responsáveis por esse crime monstruoso continuariam vivendo sem punição. Os minutos se arrastavam como se fossem horas, enquanto eu lutava para respirar.

De repente, no meio da horrível escuridão, ouvi um ruído acima de mim. Ouvindo com todos os nervos à flor da pele, percebi que o som estava se aproximando — cada vez mais perto. No início, não consegui entender o que era, e então, subitamente, a verdade me atingiu com uma intensidade horrível: os ladrões de corpos estavam vindo me buscar para a sala de dissecação!

Tentei gritar, mas fui incapaz de emitir qualquer som devido à minha condição sufocante. Eles chegaram até o caixão, e ouvi a pá raspando contra ele. Logo senti o caixão sendo lentamente levantado, e depois foi jogado no chão.

Agora ouvi uma voz, e meu sangue gelou, pois era a voz do Dr. Langley.

“A droga era oriental,” ele dizia. “Ela causa algo semelhante a morte e dura muito tempo, mas ele provavelmente morreu alguns minutos depois de ser enterrado. Estou ansioso para dissecar e ver o efeito dessa droga no corpo humano!”

E então, com um choque terrível, ouvi a voz da minha esposa:

“Eu não me importo. Faça o que quiser. Eu o odiava desde o momento em que ele se recusou a me dar o divórcio. Eu poderia até assistir você cortar o corpo dele!”

Lutei para me levantar no caixão, arfando por uma nova lufada de ar, e então a tampa foi arrancada. Reunindo todas as minhas forças moribundas, levantei-me, agitando o braço freneticamente, e respirei profundamente o ar da noite, que me devolveu à vida.

O médico deixou a pá cair no chão sem dizer uma palavra, cambaleou para trás e caiu de joelhos, enquanto minha esposa soltava um grito horrível de terror. Então, ela pegou uma faca do kit de instrumentos cirúrgicos dele e passou a lâmina afiada em sua própria garganta. Ela então jogou-se sobre o corpo prostrado do médico, com seu sangue encharcando o corpo dele.

Com os sentidos vacilantes, cambaleei para frente, tropecei no meu próprio caixão e caí desmaiado no chão.

Ninguém acredita na minha história. Nem você vai acreditar. Contei a todos, mas ninguém acredita.

Estou em um hospital, onde dizem que estive por vários dias. É um hospital-prisão, onde guardas uniformizados patrulham os corredores, caso até mesmo os doentes tentem fugir.

Eles me perguntam se não consigo lembrar de que cheguei em casa naquela noite, vindo do clube em uma fúria cega de álcool, e encontrei minha esposa e o Dr. Langley juntos. Dizem que o estrangulei com tanta ferocidade e força que meus dedos penetraram na carne de seu pescoço. Também dizem que minha esposa, gritando de terror, tentou fugir, e que, justo quando as pessoas do apartamento ao lado arrombaram a porta, eu peguei uma navalha da cômoda e cortei sua garganta de orelha a orelha, jogando seu corpo, com o sangue jorrando da ferida, sobre o do médico.

Eles vão me enforcar por esse crime duplo que não cometi?

Ninguém acredita na minha história. Contudo, cada detalhe está claro para mim, tão claro quanto as estrelas que brilham no céu.

# A Extraordinária Experiência do Dr. Calgroni

Joseph Faus e James Bennett Wooding

## I

Há muito sobre o estranho Dr. Calgroni que não posso revelar ao mundo.

Deve-se lembrar que eu nunca havia estado dentro de sua casa até aquela noite chuvosa, quando o vi sair freneticamente pela grande porta da frente. Seu rosto enrugado estava tão pálido quanto a morte, e, mal vestido, ele correu desabaladamente em direção à estação de trem.

Reconheço que ele era um cirurgião de habilidade extraordinária. No entanto, Belleville era o último lugar onde alguém esperaria encontrar um homem com tal destreza cirúrgica, e, sem dúvida, o último lugar que escolheríamos para ser o cenário dos eventos surpreendentes que resultaram da compra do macaco “Horace” por parte do doutor, vindo do famoso SHOW MUNDIALMENTE FAMOSO DE 3 ANÉIS DO BARBER.

Se o doutor tivesse apenas se hospedado no hotel, eu poderia acreditar que ele, como eu, estava apenas passando o verão em Belleville. Era uma vila tranquila, situada em um vale montanhoso, a mais ou menos um dia de viagem de Nova York. Mas o fato de ele alugar a mansão Thornsedale despertou suspeitas em mim, provavelmente incitadas por um estranho artigo que eu havia lido na revista *Surgical Monthly*.

Grande o suficiente para um hotel ou pensão, mas isolada e com um aluguel exorbitante, a propriedade Thornsedale havia ficado desocupada desde que o último membro da família Thornsedale morreu, dez anos atrás. Suas portas estavam trancadas com cadeados, e as janelas, barricadas.

Tinha sido a residência mais grandiosa da cidade em seus tempos áureos, mas agora era vista como uma espécie de curiosidade histórica. Ao todo, ela exibia uma aparência formidável, agachada sob suas enormes olmeiras, imensa e desgastada pelo tempo, com suas janelas fechadas por tábuas que pareciam carrancudas. Contudo, era exatamente o tipo de lugar onde o excêntrico Dr. Calgroni poderia trabalhar sem ser perturbado.

Eu vi o peculiar doutor certa manhã, quando estava saindo do pequeno correio. Era logo após a chegada do trem, e muitos dos moradores estavam por ali, entre eles um jovem chamado Jason Murdock.

Murdock era daquele tipo de pessoa que todo mundo conhece em uma pequena comunidade — o “diabinho” da vila. Ele vinha de uma boa família e tinha bastante dinheiro,

mas, apesar de sua herança de sangue nobre, conseguia acender mais fogueiras de encrenca do que todos os cinco pregadores da vila juntos conseguiam imaginar. Ele era rude, mas atraente, e grande e forte.

Embora fosse um patife aristocrático, todos secretamente o admiravam, provavelmente porque ele injetava um pouco de animação na pacata cidade.

Vi Jason Murdock apontando para uma figura encolhida de um homenzinho, com ombros arqueados.

“Olha ele lá, o tal do Dr. Can-groan-ee, que tá se mudando pra mansão Thornsedale. Será que tem bebida boa na adega dele? Aquele casarão dos Thornsedale tem uma adega de vinho boa.”

O Dr. Calgroni não deu a mínima atenção às provocações insolentes de Jason, mas continuou andando rapidamente, seu rosto enrugado e bem barbeado não se virando nem para a direita nem para a esquerda.

“Quem é aquele homem?” perguntei ao carteiro, que agora havia saído para tomar ar.

“Não sei, só sei que a correspondência dele vem endereçada ao Dr.— vou soletrar — C-A-L-G-R-O-N-I, e a maioria vem do exterior, de Viena, e é encaminhada de Nova York para cá.”

“Um homem meio misterioso, não?” sugeri.

“Eu diria que é meio tolo por alugar aquele velho casarão dos Thornsedale, que está desocupado há dez anos, para Deus sabe o quê.”

Assenti e segui na direção que o doutor havia tomado.

Havia ali um elemento de mistério; pois eu, sozinho entre os moradores, sabia que a presença daquele cirurgião eminente em Belleville pressagiava algo sombrio.

Logo avistei o doutor.

Para um homem de sua idade e físico, ele caminhava com uma rapidez impressionante — como se estivesse sendo impulsionado por uma energia nervosa.

Acelerando o passo, mantive uma distância segura entre nós, até que ele abriu o alto portão de madeira e desapareceu rapidamente entre a vegetação alta e as árvores baixas da mansão Thornsedale. Parei fora de sua vista e acendi meu cachimbo.

Encostado em uma árvore, repassei mentalmente a estranha relevância daquele notável artigo que eu havia lido recentemente na sempre respeitável *Surgical Monthly*.

Este Dr. Calgroni, pelo que parecia, havia declarado ao entrevistador que estava nos Estados Unidos de férias — e para sondar a opinião dos cirurgiões americanos sobre sua nova teoria. Um tal de Herr von Meine, renomado cirurgião de Viena, havia ridicularizado a ideia

absurda e não ortodoxa da teoria inédita proposta por Calgroni, e declarado que a operação do doutor era extremamente impossível, para não dizer tola — e que jamais teria sucesso.

Dr. Calgroni afirmava que poderia prolongar a vida humana indefinidamente através da inserção de uma glândula viva da coxa de um jovem mamífero quadrumano, como o Pitecoide.

Muita discussão e polêmica haviam sido provocadas no mundo médico por essa teoria sensacional do doutor, e o consenso era de que ele era um teórico impraticável, à beira da loucura.

E agora, aqui estava o Dr. Calgroni, vivendo na tranquila cidade de Belleville, onde ninguém conhecia sua hipótese sensacional, alugando esta enorme e decadente mansão, com seus intentos conhecidos apenas por ele.

Eu havia me sentado em um toco de árvore, em frente ao portão, onde havia um anel usado antigamente como suporte para amarrar cavalos. O tempo passava devagar em Belleville, mas este novo elemento de mistério prometia algum interesse e emoção

Depois de algum tempo, meu cachimbo estava vazio e frio, e fui despertado pelo som do portão se abrindo atrás de mim, seguido pelo batido de um martelo. Virei-me.

Lá estava o doutor, em mangas de camisa, pregando uma placa no poste do portão. Pintado de maneira grosseira em preto sobre um papelão branco, eu lia:

ENTRADA ESTRITAMENTE PROIBIDA!

Quem entrar aqui o faz por sua conta e risco.

T. Calgroni.

Sem sequer lançar um olhar na minha direção, o doutor fechou o portão atrás de si e parecia prestes a subir pelo caminho de cascalho coberto de ervas, quando, olhando para a rua sombria, ele parou.

Segui o olhar dele. Um carroção se aproximava. Ele parou ao meu lado. Carregado com grandes caixas, as mulas estavam suadas do esforço. O condutor carrancudo parou a vinte pés de distância e se virou para o doutor:

“Eu sei que estou atrasado,” ouvi-o resmungar, “mas manuseei as caixas com cuidado, como o senhor pediu. Devo entrar?”

“É melhor,” respondeu Calgroni em inglês impecável, sem me notar. “E lembre-se, se algo estiver quebrado, você não verá um centavo.” E voltou-se em direção à casa.

“Maldito homem!” praguejou o cocheiro, voltando-se para mim. “Já viu sujeito mais mal-humorado?”

“Tem vidro dentro das caixas?” sugeri.

O sujeito me olhou desconfiado, depois fechou os lábios como uma armadilha e voltou-se para as mulas. Eu o observei enquanto ele guiava a carroça pelo portão, avançando entre as árvores cobertas de musgo em direção à casa.

## II

Na manhã seguinte, levantei cedo, com a intenção de passar pela velha propriedade dos Thornsedale. Encontrei a Rua Principal deserta, exceto por dois homens ocupados colando anúncios chamativos sobre a chegada do:

“SHOW MUNDIALMENTE FAMOSO DE 3 ANÉIS DO BARBER”

Parei por um momento para observar enquanto eles mergulhavam os longos papéis multicoloridos no balde de cola e os pregavam no painel de anúncios. Aos poucos, uma pequena multidão de crianças de olhos arregalados e desocupados começou a se reunir ao redor dos animados homens do circo.

O pôster mais chamativo e conspícuo mostrava dois gorilas espiando furiosamente por entre as grades de sua jaula. Abaixo, em enormes letras vermelhas, estava escrito:

“MIMMIE E HORACE

“OS ÚNICOS GORILAS SELVAGENS EM CATIVEIRO!”

Virei-me para sair e, por um momento, levei um susto ao me deparar com o que parecia ser um dos gorilas à solta! Só que esse usava roupas. Observando o pôster com uma expressão de curiosidade vazia, estava um homem, baixo, de ombros imensos e peito largo, com o cabelo cobrindo a testa quase até as sobrancelhas espessas. Ele era horrível de se olhar. No entanto, reconheci, após um instante, que era o simplório da vila, conhecido como “Will, o Simples”.

Eu já o tinha visto antes, uma pobre criatura de mente fraca, vagando sem rumo pela vila, sempre com pena, mas evitado, exceto quando alguém precisava de mãos fortes e um corpo robusto para trabalhar.

Babando e murmurando, Will seguiu os homens do circo quando eles começaram a se afastar.

Caminhei sem rumo pela primeira rua e, ao chegar nos arredores da cidade, encontrei-me nos fundos da propriedade dos Thornsedale. Para minha surpresa, vi outro aviso semelhante ao que o Dr. Calgroni havia colocado no portão na noite anterior. Não apenas um,

mas em muitos lugares, nas árvores e na cerca alta, vi placas de aviso de “Proibida a Entrada”. O próprio doutor não estava à vista.

Uma semana passou sem que nada acontecesse, exceto rumores sobre o estranho doutor. De vez em quando, o Dr. Calgroni, pessoalmente, comprava suprimentos e pegava sua correspondência. Embora eu me esforçasse para estar perto dele sempre que possível, ele raramente pronunciava mais de meia dúzia de palavras — e nunca comigo. Uma vez, porém, achei que ele me observou disfarçadamente de maneira esquisita.

Obviamente, o doutor era seu próprio servo, caseiro e cozinheiro. Ninguém se arriscava a entrar em sua propriedade — nem mesmo o ousado Jason Murdock.

Alguns dias antes da chegada do circo, notei o que considereei um acontecimento peculiarmente significativo: o Dr. Calgroni caminhando em direção à sua casa, com Will, o Simples, seguindo-o, feito um cão, a poucos passos de distância.

Segui-os a uma distância discreta. Ao chegar à propriedade dos Thornsedale, fiquei surpreso ao ver o doutor fechar o portão atrás de si, deixando Will do lado de fora. O simplório ficou ali até que o Dr. Calgroni desapareceu.

No dia anterior à chegada do circo, vi o doutor batendo no ombro de Will e conversando com ele

Naquela noite, uma terrível conclusão se formou em minha mente quanto ao significado das caixas estranhas, os avisos hostis, a atitude de Will em relação ao doutor e o interesse deste nele, a ponto de me manter acordado.

De mau humor comigo mesmo, levantei assim que o sol surgiu. Lembrando-me do circo, fui até os trilhos para assistir à sua chegada.

Alguns moradores haviam se reunido ao redor dos poucos vagões gastos e marcados pela viagem, que compunham o trem do circo de segunda categoria, especialmente em frente ao vagão que continha a jaula de Mimmie e Horace.

O Dr. Calgroni estava lá, e, ao seu lado, Will, o Simples. O doutor estava conversando de maneira muito séria com o treinador.

“Você disse que o Sr. Barber ofereceu-se para vender um desses animais?” o doutor dizia, enquanto eu me aproximava da borda externa da multidão curiosa.

“Sim, senhor. Ele venderá um porque eles brigam o tempo todo. É preciso vigiá-los de perto, ou podem se matar. Você não faz ideia de como esses gorilas são ferozes—”

O doutor sorriu.

“Eu gostaria de falar com o Sr. Barber,” ele interrompeu.

O treinador de gorilas hesitou, e então, fechando as portas deslizantes do vagão dos animais:

“Claro, é só me seguir,” disse ele.

O doutor, ao lado do homem, caminhou até um vagão mais à frente, que servia de bilheteria e escritório executivo do circo Barber. Por um instante, Will, o Simples, parecia hesitar, mas não seguiu o Dr. Calgroni — as coisas invisíveis dentro da jaula gigantesca pareciam prender sua atenção como um hipnotizador. Algumas grandes gotas de chuva caíram sobre o chão coberto de cinzas. O céu estava negro e sombrio; o sol havia desaparecido completamente.

Observei Will, o Simples. Ele estava desconfortável, rondando inquieto o vagão dos gorilas. As outras pessoas por perto não prestavam atenção ao simplório. Logo o treinador e o Dr. Calgroni retornaram, acompanhados de outro homem, que contava um maço de notas.

“Você disse,” o último comentou enquanto passavam por mim, “que quer o ‘Horace’ entregue imediatamente?”

“Sim,” respondeu o doutor concisamente.

“Certo. Hank, chame a equipe, descarregue a jaula e coloque Horace naquela jaula vermelha separada. O Dr. Calgroni o comprou!”

Com isso, Will, o Simples, se aproximou do cirurgião e tocou sua manga.

“Você comprou o animal peludo-homem?” ele murmurou.

O doutor colocou sua mão velha, azulada e fina sobre o ombro largo de Will.

“Sim, Will, e vou te dar um trabalho — um trabalho como seu criado!” Os homens do circo trocaram olhares e, do vagão, rolou uma jaula vazia, com barras de ferro. As feições sem expressão de Will se contorceram em algo que, em seu rosto de idiota, parecia um sorriso de prazer.

O Dr. Calgroni fez um gesto para o homem que eu tinha visto entregar as caixas estranhas naquela primeira tarde.

“Trouxe sua carroça?”

O sujeito assentiu.

Uma cena de agitação tomou conta de mim. Uma multidão grande e excitada de moradores havia se reunido.

A jaula grande contendo Mimmie e Horace foi baixada ao lado dos trilhos. Eles eram dois dos melhores animais de seu tipo que eu já tinha visto.

Horace foi transferido para a jaula separada e a porta foi duplamente trancada com cadeados. A equipe de mulas chegou com a carroça.



“Aqui, Will,” disse o doutor ao simplório, “suba na carroça. Vamos embora antes que nos molhemos.” O doutor parecia bastante satisfeito.

Will, o Simples, que havia ficado parado como se estivesse em transe, subiu seu pesado corpo atrás da jaula do gorila.

Assim que a carroça desapareceu de vista, o céu pareceu se abrir em fúria. A chuva caiu torrencialmente, levando a multidão a correr para se abrigar. Quando cheguei ao hotel, com as roupas encharcadas e pingando água, a tempestade intensificou sua fúria. Choveu o dia todo — e no dia seguinte também.

Enquanto me deitava na cama naquela noite, ouvindo o vento rugindo e a chuva batendo no telhado e nas janelas, minha mente não parava de vagar para os habitantes da propriedade dos Thornsedale — o estranho doutor, Will, o Simples, e seu novo protegido, Horace, o gorila gigante.

### III

Foi três dias depois que soube que o Dr. Calgroni havia enviado um telegrama para Nova York, e na manhã seguinte um estranho excepcionalmente bem-vestido, cuja barbicha, postura e maleta lembravam a de um médico, desceu do trem.

Ao me avistar, perguntou:

“Pode me indicar o caminho para a propriedade dos Thornsedale?”

Eu lhe disse a melhor maneira de chegar à casa do Dr. Calgroni sem se enfiar na lama, e ele partiu com um breve “Obrigado.”

Na noite seguinte, vi o estranho, com o rosto pálido e visivelmente abalado por dentro, apressadamente comprar um bilhete e partir no trem das 9h45 para Nova York.

Imediatamente fui até o despachante do telégrafo.

“Você está a par das atitudes estranhas do Dr. Calgroni?”

“Eu diria! Ele é um maluco.”

“Nada posso dizer quanto a isso, mas para quem ele enviou aquela mensagem na outra noite?”

“Você não vai contar que eu te falei?”

Solenemente, levantei a mão direita.

“Bem,” ele sussurrou, “ele enviou um telegrama para um hospital pedindo o melhor cirurgião que tivessem.”

Então o assistente tinha ido embora, assustado. E por quê?

Várias semanas depois, o Famoso Circo de Três Anéis do Barber fez uma nova apresentação em Belleville. Naquela noite, caminhei em direção à propriedade dos Thornsedale.

Novamente as nuvens se juntavam para uma tempestade, com raios de lua surgindo ocasionalmente, apenas para serem absorvidos pela neblina.

Ao me aproximar da frente da velha casa, erguendo-se sombria por trás das árvores envoltas em sombras, sentei-me no toco que servia de poste de amarração. Fiquei satisfeito que no meu bolso repousava uma pistola automática. Não sei dizer por que permaneci ali em frente àquela velha e silenciosa casa. Não havia nenhuma luz na casa, nenhum som vindo de suas profundezas abafadas.

Então, ouvi um grito e, para meu espanto, uma luz brilhou dentro da casa. Vi vagamente que uma figura apareceu à porta aberta. Olhou para trás por um instante e depois correu em minha direção.

Sobre o cascalho molhado, ouvi passos apressados, e o portão diante de mim se abriu abruptamente. Na luz enevoadada, consegui ver o Dr. Calgroni, com o chapéu e o sobretudo nas mãos, os músculos do rosto tremendo, e seu rosto mortalmente pálido. Ele saiu e começou a correr desesperadamente em direção à cidade.

Recuado, com a arma em mãos, esperei pelo que pudesse estar seguindo o médico. Nada aconteceu. Obedecendo a um impulso, saí correndo atrás do cirurgião fugitivo. Atravessando o solo encharcado, segui-o por curvas, descendo a rua principal até a estação. Cheguei a tempo de vê-lo subir na plataforma do último vagão do trem das 9h45 para Nova York.

Palpitando de excitação, mal sabendo o que fazia, voltei em direção à casa dos Thornsedale. Algumas quadras antes de chegar, vislumbrei uma figura de ombros largos, corpulenta e desgrenhada, trajando apenas um saíote, correndo — ou, melhor, saltitando — em direção ao terreno do circo. Com a arma em mãos, segui-o.

A uma quadra do circo, sob a luz de um poste, vi uma figura a cavalo que reconheci como Jason Murdock, aparentemente indo para casa.

Então, rosnando, a coisa que eu havia visto saltou de trás de um tronco de árvore, nas quatro patas. Levantando-se sobre as patas traseiras, deu um salto em direção a Jason, derrubando-o do cavalo. No chão, eles rolaram, com o poderoso Jason impotente nas garras da criatura. Seus dedos se fecharam, sufocando o homem.

Tentei atirar, mas minha arma falhou; tentei gritar, mas não consegui.

Naquele instante, a banda do circo começou a tocar “*There’ll Be A Hot Time In The Old Town Tonight!*” Assim que as notas rápidas e dançantes invadiram o ar, a criatura interrompeu o ato de estrangular Jason, olhando atentamente para cima. Havia um olhar responsivo e obediente em sua horrível face. Eu pude ver seus olhos selvagens e seu rosto barbudo — Deus! Era Will, o Simples!

Saltando primeiro nas quatro patas, depois semiereto, Will correu enlouquecido em direção ao circo, enquanto as nuvens se abriam em um aguaceiro. Nos fundos da grande tenda, Will correu enquanto a multidão se dispersava por causa da chuva.

Como se familiarizado com o ambiente, ele seguiu em direção a uma tenda menor, na frente da qual tremeluzia uma tocha a gás. A multidão, fugindo da chuva, não percebeu o meio-idiota e eu correndo atrás dele. Mas vários homens estavam me seguindo enquanto Will arrancava as abas da entrada.

Lá dentro, embora mal iluminado, pude ver claramente a jaula de Mimmie, a gorila fêmea. O treinador virou-se ao ouvir o barulho de nossa entrada e rapidamente alcançou seu bastão com ponta de faca — mas tarde demais. Soltando um grito, penetrante e hostil, Will se jogou na jaula de Mimmie, que, com um grito de batalha como resposta, estendeu seus braços longos pelas grades, arranhando e rasgando o homem que lutava ferozmente do lado de fora.

O treinador avançou com seu bastão, espetando Mimmie. Por um instante, ela recuou; então, rapidamente, puxamos Will, que sangrava profusamente, para longe da enfurecida gorila, que mais uma vez avançou, como se reconhecesse em Will a reencarnação de seu companheiro, Horace.

Espumando pela boca, Will caiu inerte no chão. Pela cor do sangue, escorrendo do lado de seu pescoço, vi de imediato que ele estava acabado — Mimmie havia cortado sua veia jugular com as garras.

Entre os homens que me ajudaram a afastar o pobre sujeito do alcance de Mimmie estava o xerife do condado.

“O que significa isso?” ele exigiu, agarrando meus ombros.

“Me siga!” gritei.

Um grupo de homens excitados, liderado pelo xerife e por mim, correu em direção à propriedade dos Thornsedale. A luz ainda iluminava fracamente o hall através da porta aberta.

“Eu entro primeiro, xerife,” me ofereci. “Faça seus homens cercarem o lugar.”

Entreí silenciosamente no hall. Um terrível cheiro me atingiu. Descobri que vinha de uma porta que dava para o corredor. Uma fraca luz queimava lá dentro. Ao meu redor, havia várias caixas, com as laterais rasgadas, e palha pendendo e espalhada por elas.

Diante de mim, completamente montado em todos os detalhes, estava o que as caixas continham — uma mesa de operações e todos os seus muitos acessórios cirúrgicos. De uma caixa longa no canto, se projetavam os membros peludos de Horace, o gorila macho, já em estado de decomposição.

Pegando uma pequena lamparina a óleo do aparador, virei-me para examinar o corpo morto; e notei um papel que caiu no chão. Um rápido olhar para o lado da cabeça da criatura revelou um grande corte, apodrecendo nas bordas, pelo qual era evidente que o cérebro havia sido removido.

Lembrei-me rapidamente das teorias do Dr. Calgroni. Poderia ser—

Meus olhos caíram no chão. Levantando a lamparina, vi que havia algo escrito no pedaço de papel.

Peguei-o e li a nota, que, mesmo no último momento, Calgroni havia dirigido a Von Meine, o maior crítico de suas teorias malucas:

“Herr Von Meine, de Viena, você disse que eu não conseguiria. Você me criticou por meus esforços para aliviar o sofrimento dos insanos e deficientes mentais. No entanto, agora sei que consegui, sem matar o sujeito, como você afirmou que seria o resultado de tal operação. Foi por isso que te segui até aqui, para te mostrar! Foi um sucesso, Von Meine. Eu pude perceber pelo olhar que ele me deu quando finalmente recobrou os sentidos. Mas pude ver que o cérebro que substituí pelo de Will era vigoroso demais — aquele olhar não pertencia a Will, o Simples. Estou fugindo antes que ele recupere suas forças. Eu admito meu medo; pois, após essa operação, o antigo meio-idiota será um cliente perigoso, com o cérebro vigoroso e feroz do gorila Horace em sua cabeça!”

## O Retorno de Paul Slavsky

Cpt. George Warburton Lewis

De Petrogrado veio Paul Slavsky, com o que seus associados niilistas poderiam chamar de um histórico impecável, sem falhas. Já Larry Brandon o classificava como um registro criminal de luxo.

Era natural que tal histórico levasse Slavsky a um encontro precoce com o Inspetor Brandon, do Escritório Central, e que, inevitavelmente, o terrorista se tornasse alvo da vigilância mais astuta que o Chefe de Polícia pudesse planejar.

Se Paul Slavsky realmente descobriu ou apenas suspeitou que estava sendo seguido, pouco importava. Uma anotação em um velho bloco de notas mostra que ele ousadamente tentou pavimentar o caminho para futuros empreendimentos criminosos ao visitar o Escritório Central na pele de um cidadão perseguido, que tinha fugido de sua terra natal para escapar do inferno que, segundo ele, a Polícia Secreta Russa havia transformado sua vida.

Foram necessários três meses de intensa investigação para convencer Larry Brandon de que Slavsky era tudo o que a Polícia Secreta havia pintado — e mais. Além disso, o terrorista não havia emigrado para a América com a intenção mais remota de se reformar. Foram necessários mais três meses para o detetive se certificar de que Slavsky, de maneira extraordinária, havia estabelecido um ramo ativo de sua antiga ordem e estava, sem dúvida, espalhando a doutrina de Górgias e Fichte debaixo dos narizes dos especialistas do Escritório Central. No entanto, faltavam provas para uma condenação, então nada pôde ser feito.

Logo depois, os homens da mesma nacionalidade que o nihilista, usados por Brandon com grande sucesso no caso, começaram, um a um, a desaparecer silenciosamente. Isso não era apenas misterioso — era macabro. Finalmente, os corpos em decomposição de alguns desses operadores foram encontrados e identificados sem sombra de dúvida.

Em cada caso, a cabeça havia sido completamente separada do corpo.

Lembrando que a ordem terrorista à qual Paul Slavsky pertencia costumava decapitar suas vítimas, Brandon conseguiu elaborar planos que, no devido tempo, culminaram na captura de seu homem.

Mas Paul Slavsky nunca viu a cadeira elétrica nem cumpriu pena. Ele escolheu o outro caminho. Ele havia decidido viver em rebelião contra as instituições da sociedade e, nesse mesmo espírito de revolta, decidiu morrer. Como a maioria de seus pares, o terrorista, em combate físico, era um homem perigoso e realmente lutou uma grande batalha, mas enfrentava um mestre na arte de derrotar homens como ele, e, inevitavelmente, perdeu, com várias balas de Larry Brandon cravadas em seu corpo forte, restando-lhe apenas tempo de vida suficiente para saudar — e logo se despedir — de sua irmã favorita, Olga, que chegara da Europa, um pouco tarde, como se viu, para se juntar ao irmão em sua sinistra missão.

Olga Slavsky, muitos anos mais jovem que seu falecido irmão, era um pequeno e encantador exemplar de feminilidade de olhos escuros que enfeitiçava os olhares masculinos mais exigentes. Ainda assim, a tigresa também é bela.

Mas isso não é exatamente o que quero dizer. Se você conseguir imaginar uma mulher, em repouso, tão bela quanto uma tigresa e, em ódio e desprezo latentes, tão repulsiva e

horrível quanto um vampiro à espreita, você estará mais próximo do que quero transmitir. Olga, como seu irmão, era uma defensora ferrenha da doutrina terrorista.

O que Brandon previu logo aconteceu. A estranha garota, que os homens chamavam de bela e as mulheres invejavam, foi rapidamente eleita para o lugar de seu irmão naquilo que era conhecido no submundo das ordens secretas ilegais como a “Liga”. Desta forma, ela imediatamente cruzou espadas com o homem que havia encerrado a carreira de seu irmão Paul, e logo soube, através de espiões da Liga, que outro criminologista notável, Joe Seagraves, estava perigosamente em seu encalço.

Mas Olga não se intimidou. Em ousadia e astúcia, ela superava em muito seu engenhoso e ardiloso irmão, que havia pavimentado o caminho de sua peregrinação iconoclasta.

Como pouco podia ser provado contra Olga até então, Seagraves acreditava que talvez fosse melhor declarar uma espécie de trégua e, se possível, tentar trazê-la gradualmente para o lado da lei e da ordem. Para isso, ele a visitou abertamente e apresentou suas ideias. Ela zombou de seu interesse implícito por seu bem-estar, mas mostrou um espírito de compromisso ao oferecer ao especialista em crimes um cigarro.

Nesse estado de ânimo, Olga parecia um dócil gatinho tigre, embora nunca se esquecesse de suas garras. Seagraves descobriu que ela era altamente supersticiosa; mas, então, todo o seu caráter era tão anômalo e repleto de traços inesperados e crenças absurdamente ilógicas que era quase de se esperar que ela acreditasse em fantasmas.

Ela se apegava tenazmente à crença, segundo Brandon contou a Seagraves, de que um dia Paul voltaria e acabaria com a vida do homem que — o terrorista dissera à irmã pouco antes de morrer — o havia assassinado.

“Você ainda acredita, Olga, que Paul vai voltar um dia e levar Brandon para o Desconhecido com ele?” perguntou Seagraves.

Os olhos escuros de Olga ficaram ainda mais escuros enquanto ela lentamente tirava o cigarro de seus lábios vermelhos.

“Não apenas ele vai voltar,” ela respondeu, “mas ele virá em breve. Apenas duas noites atrás, eu falei com ele. Eu disse para ele se apressar. Veja, o espírito dele não pode descansar até que seu assassinato seja — ah, meu inglês tão ruim! — vingado.”

“Você é uma mulher muito tola, Olga,” advertiu Seagraves. “Se você se recusar a ouvir meu aviso, vai se meter em muitos problemas. Quero que você entenda isso.”

Então, a tigresa adormecida mostrou suas garras.

“Você me ameaça!” ela praticamente sibilou, jogando o cigarro fora e se levantando. “Sou uma mulher livre. Você é, afinal, como o meu povo. Querem fazer escravos de todos que não podem comprar sua liberdade de pensamento e ação.”

Ela olhou ao redor estranhamente antes de concluir:

“Não se interesse demais. Você pode ser grande, mas lembre-se: não sou mais alguém a ser desprezada. Você esperou muito tempo. Se eu quisesse, por exemplo, poderia ter atirado em você enquanto estava sentado.”

Joe Seagraves pulou da cadeira, com um revólver automático em sua mão experiente, apontando firmemente para a mulher misteriosa.

Mas o “vampiro” alegórico, que o detetive havia visto refletido nos olhos penetrantes de Olga e ouvido nas suas palavras estudadas, mas cortantes, já havia estendido suas asas magras e voado. Olga ria com uma zombaria tão sincera — ou tão bem fingida — que o dignificado detetive se sentiu momentaneamente embaraçado.

Mesmo assim, ele guardou sua arma apenas depois de uma olhada cuidadosa na sala comum onde a mulher extraordinária o havia recebido. Ele lembrou que a última vítima do irmão de Olga, mutilada, sem cabeça e repulsiva, havia sido encontrada naquela mesma vizinhança, se não naquela mesma casa.

“Por favor — por favor, me perdoe,” implorou a estranha garota. “Veja, esqueci que você não é como Brandon. Para ele não há perdão. Ele deve perecer. Mas nós — você e eu — por que devemos ser inimigos?”

“Há apenas uma razão, Olga,” respondeu Seagraves seriamente, “e ela é forte. É simplesmente a natureza de nossas respectivas profissões.”

“Então, só posso lamentar,” disse ela em voz baixa. “Ainda assim, meus princípios são mais — qual a palavra? — mais sagrados que sua amizade.”

Quando a mulher fez uma pausa, Seagraves juraria ter ouvido vozes sussurrantes através de uma porta entreaberta a poucos passos de seu cotovelo. De repente, ele avançou e escancarou a porta com um estrondo.

Uma sala de paredes cinzentas, completamente vazia, foi tudo o que ele encontrou. Ele se virou e viu Olga sorrindo novamente.

“Você os surpreendeu?” ela perguntou docemente.

“Surpreendi quem?” exigiu o detetive.

“Os ratos,” ela disse ingenuamente, ainda sorrindo.

“Eu vi apenas um rato aqui,” murmurou Seagraves num tom impessoal; “eu o vejo agora. Ele tem asas que se dobram como um guarda-chuva. Ele se chama vampiro.”

Olga continuou a sorrir placidamente, mesmo depois que Joe Seagraves fechou a porta atrás de si e foi embora.

Na linguagem do homem que fez o nó, Olga, como é certo que sua espécie faria, finalmente chegou ao fim de sua corda.

Conspiração, chantagem e extorsão, por fim, foram comprovadas contra ela; e aconteceu que o mesmo renomado especialista em crimes que acelerou o fim inglório da carreira de seu irmão também foi destinado a ser o instrumento do destino na queda de Olga.

Com o tempo, a perseguição se afinou para o fim de um dia imperfeito tanto para a presa quanto para os caçadores. Então, durante toda a noite, enquanto Brandon e Seagraves apertavam cada vez mais o cerco em torno da terrorista fugitiva, ela os enganava a cada esquina e curva com a astúcia de uma raposa, e foi somente após três dias e noites sem dormir que os dois famosos detetives conseguiram capturá-la a mais de oitocentos quilômetros de distância do local de suas operações.

“Ela será escorregadia como uma enguia”, Brandon advertiu Seagraves quando estavam prontos para voltar com a prisioneira. “Não vou concordar com nenhum Pullman<sup>7</sup> para ela, mesmo que ignoremos a lei e a algememos ao assento. Um de nós terá que ficar de olho nela o tempo todo.”

“Apenas um de nós poderia dormir por vez, de qualquer forma,” disse Seagraves; “e certamente podemos aguentar mais uma noite, você não acha? Suponho que devemos vigiar juntos.”

Por fim, decidiram “aguentar juntos” com sua prisioneira, e com esse entendimento a levaram para o trem.

No momento de entrar no trem, um telegrama foi entregue a Brandon, e assim que os três se acomodaram em sua seção, o inspetor o leu com os lábios comprimidos e os olhos estranhamente semicerrados. Em seguida, entregou a mensagem a Seagraves, que leu:

“Registro policial de Olga Slavsky recebido. Procurada em três países por cumplicidade em nove assassinatos. Fugiu da Polícia Secreta Russa três vezes. Atualmente foragida. Mantenha vigilância constante. Renfrow, Inspetor-Chefe.”

Seagraves devolveu o telegrama a Brandon, piscando um olho em descrédito e sorrindo do que o Inspetor-Chefe aparentemente havia considerado uma precaução necessária.

---

<sup>7</sup> Pullman é uma referência aos vagões de trem de luxo desenvolvidos pela Pullman Company, fundada por George Pullman no século XIX. Esses vagões eram conhecidos por oferecer conforto e serviços de alta qualidade, como camas e cabines privativas, em viagens de longa distância.



A tarde passou. No início da noite, o trem estava com três quartos de hora de atraso. Se isso continuasse, não chegariam antes das duas da manhã.

Olga sentava-se ao lado de Seagraves, de frente para Brandon.

“Eu daria muito por um cigarro”, ela anunciou após um longo silêncio às dez da noite, dirigindo-se a Seagraves.

“Este não é um vagão de fumantes,” observou o especialista em crimes, olhando ao redor, “mas há apenas dois outros passageiros no carro. Experimente.”

Ele ofereceu sua caixa, e ela pegou um cigarro e o acendeu. Enchendo os pulmões com a fumaça reconfortante, ela a exalou em uma grande nuvem e, após uma pausa meditativa, murmurou:

“Finalmente verei o pobre Paul.”

Ela olhou fixamente nos olhos de Seagraves e acrescentou em um tom estranho que sentia que seu irmão estava muito perto naquela noite.

Era um trem misto, e os vagões diurnos pareciam estar muito mais ocupados do que os vagões-leito. Seagraves notou casualmente que, além deles, seu vagão tinha apenas dois outros passageiros, e embora pudessem estar confortavelmente dormindo em seus respectivos compartimentos, aparentemente preferiram sentar durante o curto percurso, evidentemente preferindo permanecer reclinados a se levantar e se vestir à 1:30 ou 2:00 da manhã.

“Você vê o homem sentado sozinho no último assento com o lenço sobre o rosto, para bloquear a luz?” A voz meditativa de Olga finalmente interrompeu o monótono barulho das rodas sobre os trilhos.

“Sim — o que tem ele?” perguntou Seagraves.

“Nada, apenas que ele — ele parece com Paul,” respondeu ela em um tom cauteloso, como se temesse que Brandon, cochilando agora, pudesse ouvir sua estranha linguagem.

“Olga!” ridicularizou o detetive, “se controle.”

Tendo assim aconselhado a prisioneira, Seagraves ficou pensativo por um bom tempo; então olhou para Olga, viu uma expressão estranha e inquieta em seu belo rosto e rapidamente disse:

“Aqui — pegue outro cigarro, Olga. Fume o quanto quiser!”

À meia-noite, o condutor passou pelo vagão.

“Chegaremos à cidade pouco antes das duas horas,” ele disse em resposta a uma pergunta sonolenta de Brandon, que parecia ter afastado o sono e estava piscando ao redor do vagão.

“O quê — estamos sozinhos?” ele perguntou a Seagraves. Então ele avistou os dois passageiros solitários no final do vagão. “Não; dois outros,” murmurou, respondendo à própria pergunta.

Ele estava desviando o olhar do homem com o lenço no rosto quando algo, Seagraves notou, fez com que seus olhos voltassem inquiridores à figura curvada do dorminhoco. O movimento fez Seagraves seguir o olhar de Brandon. Ele notou que o lenço havia caído do rosto do passageiro, e — seria por causa da sugestão de Olga, ou era apenas uma fantasia boba da madrugada — ele certamente parecia detectar uma certa vaga semelhança entre o passageiro solitário e o notório Paul Slavsky, morto há muito tempo.

A ideia trouxe com ela uma sensação estranha, embora distinta, de desconforto. A voz trovejante de Brandon, rompendo sua desagradável linha de pensamento, foi altamente reconfortante.

“Ha!” riu o Inspetor, “achei que reconhecia aquele sujeito.”

Às 00:45, Seagraves sacudiu Brandon de um cochilo e disse: “Faça companhia à senhora por alguns minutos. Vou para o vagão de fumantes.”

“Tudo bem, Joe,” disse Brandon, abrindo seus olhos levemente avermelhados e parecendo perfeitamente desperto.

Seagraves desapareceu na sala de fumantes, retornando uns dez ou quinze minutos depois. Para sua surpresa, notou que Brandon, evidentemente não querendo correr o risco de Olga escapar pela janela aberta, a algemou ao assento e voltou a dormir. Olga, por sua vez, parecia um pouco mais animada. Ela até sorriu, embora um tanto cansada, quando Seagraves retomou seu lugar ao lado dela.

“Eu te disse que seria Paul,” a mulher sussurrou para Seagraves, como se estivesse determinada a não compartilhar seu segredo com o desprezado Brandon. “Veja,” insistiu, quase jubilante, “é meu irmão Paul — voltou para mim finalmente!”

“Pelo amor de Deus, Olga,” exclamou Seagraves, com desgosto, “pare com essa bobagem. Isso está me irritando.”

Silêncio então por vários minutos.

De repente, Seagraves sentiu frio. Ele levantou a gola do casaco e, de algum modo deprimido, ficou olhando para a figura encapotada de Brandon que, aparentemente também tendo sentido o frio da noite, enrolara um cachecol em torno do pescoço e puxara seu chapéu Stetson baixo sobre o rosto. Seagraves refletiu que este seria um caso apropriado para coroar uma longa lista de sucessos de seu velho amigo. Amanhã o parabenizaria.

Um longo e selvagem apito da locomotiva assustou Seagraves como um golpe inesperado.

“Ha!” ele disse, “devo estar ficando nervoso depois de todos esses anos. De qualquer forma, estamos chegando.”

Então ele levantou os olhos e viu que o homem que ele havia imaginado se parecer com Paul Slavsky havia desaparecido. Assim como o único outro passageiro que ocupava um assento próximo a ele. Isso lhe pareceu singular.

Outro longo apito da locomotiva se misturou dissonantemente com o monótono clac-clac, clac-clac das rodas do trem, e, no mesmo instante, a porta do vestibulo foi violentamente aberta. Por ela entrou cambaleando, coberto de sangue, com as roupas rasgadas, o mesmo homem que se assemelhava a Paul Slavsky.

Suas mãos estavam devidamente algemadas, e ele estava sendo parcialmente empurrado e parcialmente arrastado pelo corredor, como se fosse um boneco de cera. Seu captor não era outro senão o viajante que o detetive havia visto sentado perto do sócia do Terrorista morto.

“Ele lutou como um tigre, Sr. Seagraves, mas eu finalmente o peguei. Ele é um dos cúmplices de Olga – na verdade, um segundo irmão dela. Ele soube que ela estava em apuros e acabou de desembarcar da Europa para ajudá-la a escapar.”

Joe Seagraves permaneceu atônito. Jim McLean, do Escritório Central, habilmente disfarçado como um caipira inocente, havia capturado um terceiro Slavsky. Mas como – onde?

“Está tudo bem,” McLean estava explicando. “Veja, Renfrow descobriu o plano desse sujeito, conseguiu uma foto dele e me mandou para voltar com você, Brandon e a dama. Eu adormeci de verdade, fingindo que estava, e acordei justamente quando meu homem estava saindo do vagão. Então, vi bem o rosto dele e, reconhecendo-o, iniciei uma briga que durou por seis vagões até o carvão da locomotiva.”

“Por que o homem estava saindo?” perguntou Seagraves, perplexo.

“Ah! é isso. Eu notei sua ausência no vagão e suspeitei de algo errado. Brandon parecia estar dormindo e a mulher estava rindo. Isso foi o suficiente. Eu agarrei meu homem.”

Joe Seagraves se inclinou e sacudiu Brandon gentilmente, que, ainda dormindo como uma rocha, havia deslizado para baixo no ângulo formado entre o assento e a janela.

“Saia dessa!” o detetive gritou para seu companheiro, “estamos chegando.”

Mas Brandon continuou dormindo. Seagraves esperou um momento, então o sacudiu novamente, quase violentamente.

“Vamos, Larry!” ele disse, levantando-se.

Mas Brandon não se mexeu, e Seagraves lançou um olhar interrogativo para Olga, ainda algemada ao assento. Para sua surpresa e alarme, a mulher estava sorrindo, triunfantemente, de forma terrível. Uma suspeita vaga, que havia surgido na cabeça de Seagraves horas antes, agora se confirmava.

Não havia como duvidar daquele sorriso horrível e ameaçador. Ela havia mordido os lábios até sangrar. Olga Slavsky havia enlouquecido completamente!

Nos anos que se seguiram, Joe Seagraves nunca conseguiu se livrar da memória do horror que presenciou quando, após Brandon não reagir a sacudidas violentas, ele ficou desconfiado e levantou o grande chapéu de seu amigo – ou melhor, levantou da cabeça... uma cabeça de manequim de olhos vazios e fixos!

PAUL SLAVSKY não havia retornado, como Olga havia predito, mas um último lembrete macabro de seus atos horrendos estava, ainda assim, presente.

Quando o primeiro choque de horror passou, e Seagraves e McLean focaram novamente seus olhos incrédulos em Olga Slavsky, eles sabiam que, mesmo algemada, a mulher havia participado daquele último ato de terrorismo na América. Era inacreditável, mas, diante dos olhos dos detetives, estavam os próprios fatos.

Com o sangue escorrendo de seus lábios mordidos manchando seu queixo aristocrático, Olga sentava-se calmamente, dobrando e desdobrando suas delicadas mãos, tal como um vampiro dobra e desdobra suas repulsivas asas; brincando, como uma criança, com as algemas polidas que supostamente a mantinham presa, e – diante dos olhos atônitos de seus observadores – deslizando as algemas trancadas para dentro e para fora de suas pequenas e flexíveis mãos!

## A Casa Da Morte

Por F. Georgia Stroup

AS TRÊS mulheres olharam ao redor da pequena cozinha. Por algum motivo, cada uma parecia evitar o olhar da outra.

“Meu Deus, mas está quente aqui!” A Sra. Prentis se moveu até a janela ao norte para abri-la.

Enquanto ela sustentava o pesado caixilho com uma fina tábua que estava no parapeito, uma rajada de vento quente varreu a sala, vinda de um campo de milho seco do Kansas, castigado pela seca.

Buscando alívio na ação, sua filha, Selina, apressou-se até a janela oposta e a empurrou para cima, enquanto uma nuvem de poeira engrossava na estrada em frente à casa. Um pequeno rebanho de gado mugindo passava diante da casa sob o calor e o brilho do sol de agosto. Suas cabeças pendiam desanimadas, e suas línguas balançavam das bocas ressecadas.

“Minha nossa, Selina, lá vai outro grupo de gado pro oeste. É incrível como é difícil conseguir água por aqui. Às vezes, parece que vou morrer de saudade de montanhas, coisas verdes e um riachozinho que corra e murmure o verão todo.”

A materna Sra. Collins enxugou o suor de seu grande rosto vermelho e abanou-se com seu chapéu de sol azul.

“A Mamie Judy não veio das montanhas?” perguntou.

“Sim, fomos para a mesma escola. Quando era moça, ela tinha os olhos mais pretos e as bochechas mais rosadas que você já viu. Não parecia nada com o que é agora! A vida de esposa de fazendeiro logo acaba com a gente. Ela era tão animada também — tão cheia de alegria. E agora, só de pensar no que aconteceu com ela!”

Mais uma vez, as três mulheres evitaram se olhar. Então, Selina falou nervosamente:

“Você acha que ela fez isso, mãe?”

“Lá vai você com seus ‘achismos’ de novo! É melhor se mexer e arrumar essa casa. Não foi para isso que viemos?”

A Sra. Collins levantou-se pesadamente de sua cadeira, desenrolou e vestiu um avental xadrez azul cuidadosamente passado.

“Parece meio estranho fazer o velório aqui, não parece?”

“Ah, eu não sei. O cemitério é perto e é longe demais pra levar até a igreja.”

“Sim, é verdade: o cemitério é perto. Sempre me pareceu que a Mamie achava meio assustador ver o cemitério — logo pela janela ali, acima do fogão. Ficar em cima daquela elevação, e só a meio quilômetro de distância, pra mim, seria como viver dentro de um cemitério.”

“Selina, pega esse balde e traz um pouco de água. Meu Deus, não sei como a Mamie conseguiu fazer todo o trabalho dela e cuidar do bebê. Ela já era velha, e sendo o primeiro filho, tornava tudo mais difícil. Nunca achei que ela e o Jed teriam filhos.”

“As coisas aqui precisam de uma boa arrumada,” falou a Sra. Collins, pegando algumas roupas espalhadas em um canto, onde haviam acumulado uma camada de poeira acre.

“Meu Deus, olha o revestimento dessa caixa de fogo! Como você acha que a Mamie conseguia cozinhar com isso?”

“Deve ter sido muito difícil. Ela não tinha as coisas tão arrumadas como algumas de nós, pelo menos. Sabe, eles não tinham muito dinheiro pra gastar. Ser fazendeiro no Kansas não tem dado lucro nos últimos anos. Quando não é muito molhado, é muito seco, ou muito quente, ou muito frio, ou outra coisa qualquer.”

“Sim, parece que sempre tem alguma coisa. Pronto, já terminei de varrer. Deixa a Selina esfregar, enquanto a gente arruma a sala da frente.”

As duas mulheres abriram a porta para a “sala da frente”. As persianas estavam fechadas com força, e o cheiro de mofo denunciava seu longo abandono.

“MINHA NOSSA! Olha só pra isso!”

A Sra. Prentis apontou para um vaso barato de vidro colorido sobre a mesa central, que segurava um buquê triste de uma sempre-viva<sup>8</sup>, seis espigas pálidas de uma erva daninha e uma cabeça de carta cuidadosamente recortada com uma ilustração de flores de laranjeira.

“Quem pensaria em fazer um buquê disso? Eu lembro quando a gente ainda morava no Tennessee, a Mamie sempre encontrava as primeiras flores do campo. Nós, as mais velhas, sempre ajudávamos a encher as mãozinhas dela. Parecia que ela nunca conseguia pegar todas as que queria. E agora, pensa em viver aqui, onde não tem nem água suficiente pras coisas que precisam, muito menos pras flores. Lembro de um verão que até guardamos a água da louça pra usar várias vezes e ainda demos pros porcos, de tão escassa que era a água.”

---

<sup>8</sup> "Sempre-viva" é uma planta perene bastante conhecida no Brasil, particularmente pelas flores que, mesmo após serem colhidas, mantêm sua aparência fresca por um longo tempo. Em inglês, essas flores são chamadas de "immortelle," o que reflete essa característica de longa durabilidade.

“É, com o tanto que as esposas de fazendeiros têm que enfrentar, não é de se admirar que muitas enlouqueçam. Li num jornal que vinha embrulhando um pacote da loja que a maior parte das mulheres de fazendeiros enlouquecem.”

“Sim, já ouvi isso também. Vamos dar uma olhada no quarto, pegar tudo e varrer essas duas salas juntas. O vento tá soprando do lado certo.”

“Isso, vem comigo. A gente termina mais rápido, trabalhando juntas. Acho que esse é o colchão e esse é o travesseiro. Dizem que o bebê já estava morto há várias horas quando o Jed encontrou.”

“Sim, e a Mamie sentada lá na porta do celeiro, com a cabeça no colo. Nem chorando nem nada.”

As duas mulheres hesitaram, prolongando a tarefa. Algo as impedia de mexer nas coisas que o legista havia deixado em uma posição tão rigorosamente exata.

“É, tem algo muito estranho nisso tudo. Meu Deus, imagina só, ela pode ser —ENFORCADA!” sussurrou uma, rouca.

Os rostos das duas mulheres empalideceram diante dessa possibilidade até então não mencionada. Uma mulher — vizinha e amiga, e conhecida de infância de uma delas —estava presa sob a acusação de ter matado seu próprio bebê.

Sentiam que deveriam se horrorizar. Era um crime terrível, aparentemente com apenas uma explicação possível, mas ambas tinham visões do inesperado preenchimento do desejo maternal do coração cansado de uma camponesa; de sua aparente felicidade ao sentir a cabecinha se aninhando no braço, os lábios suaves no peito, enquanto o corpinho era apertado contra o coração da mãe.

“Eu não me importo com o que o legista disse, eu não acredito que a Mamie poderia ter feito isso. Mas ainda assim — se ela não fez, quem fez?”

“Sim, e se ela não fez, por que não diz nada? Ela sabe que podem enforcá-la.”

“Dizem que ela não disse uma única palavra desde que o Jed a encontrou lá na porta do celeiro. Meu Deus, mas tá quente!”

“É, sem árvores por aqui, parece que o sol assa direto pelo telhado. Bom, acho melhor começarmos a arrumar. O velório é às dez da manhã. Eu posso vir mais cedo; você pode?”

“Sim, eu estarei aqui. Vou ficar e fazer companhia esta noite. O Sr. e a Sra. Shinkle disseram que viriam. Selina pode fazer o jantar pro pai e pros meninos.”

“É melhor a gente trocar aqueles panos.”

As mulheres foram em silêncio até o pequeno anexo, com aquela expectativa solene que a presença da morte sempre traz.

Em uma mesa improvisada, uma pequena forma jazia coberta por um lençol, sobre uma caixa de gelo que derretia lentamente. Os serviços fúnebres oferecidos pelos vizinhos estavam completos, e as mulheres deixaram o quarto e voltaram à tarefa de limpar a frente da pequena casa de fazenda.

“Meu Deus, mas é silencioso aqui! Tão longe da estrada principal, parece que a gente nunca vê ou ouve ninguém. É o suficiente pra enlouquecer alguém.”

A mulher mais velha havia estado em pé por vários minutos, com a mente ocupada por pensamentos confusos. Finalmente, ela falou:

“Veja aqui, dona Prentis, se esse travesseiro estivesse de pé assim, poderia ter caído em cima do bebê. Vê?”

As duas mulheres se inclinaram sobre a roupa de cama cuidadosamente dobrada, colocada no chão em busca de uma camada de ar um pouco mais fresca, além de evitar a possibilidade de o bebê rolar da cama enquanto a mãe estava ocupada com algumas das muitas tarefas da vida de uma esposa de fazendeiro sem ajuda.

Pouco a pouco, o quarto foi arrumado, e os dois cômodos foram varridos e espanados. Então, a senhora Prentis parou, deu uma última olhada ao redor e caminhou até uma das janelas ao sul, passando o dedo especulativo sobre o vidro. Estava tão coberto de poeira que era praticamente opaco. Em seguida, foi até as duas janelas no lado leste do cômodo e as observou. Os vidros de ambas estavam limpos e cuidadosamente polidos.

“Por que você acha que é assim?” ela perguntou.

“Por que você acha que é assim?”

A senhora Collins, que estava acompanhando seus movimentos, balançou a cabeça.

“Não sei,” respondeu ela. “Você notou que a janela da cozinha, do lado sul, acima do fogão, também não foi lavada? Percebi isso quando fui olhar o fogão quando você comentou.”

“Sim, é verdade,” disse a senhora Prentis, parada na porta da cozinha e olhando para as janelas do sul de um cômodo e do outro.

“Veja aqui, você acha — quero dizer, essas duas janelas do lado sul ficam voltadas para o cemitério — você acha que a Mamie as deixou assim de propósito?”

“Bem, há muito o que fazer numa fazenda, talvez ela tenha começado a lavar as janelas do lado sul um dia e teve que parar por algum motivo.”

“Sim, mas essas não foram lavadas há meses. Pobre da Mamie! Talvez ela simplesmente não suportasse ficar vendo as lápides o tempo todo.”



“Eu gostaria, ah como eu gostaria, de ter vindo aqui mais vezes! Não moramos tão longe; mas parece que nunca tenho tempo para terminar todo o meu trabalho, e quando tenho, não há tempo para caminhar, ou estou muito cansada, e claro que os cavalos sempre estão ocupados.

“Com a colheita de frutas, os trabalhadores da ceifa, a debulha e os pintinhos, o verão passa num piscar de olhos, e então o inverno é muito frio e cheio de neve, ou muito úmido e lamacento para sair, e quando você percebe, mais um ano se foi.”

A maternal senhora Collins acenou com a cabeça em simpatia. Uma mulher mais velha e mais pesada, tudo o que a senhora Prentis disse se aplicava melhor ainda a ela.

“Não é de admirar que a Mamie amasse tanto o bebê,” — disse ela — “embora ela não estivesse muito forte desde que ele nasceu. Pense nos anos e anos que ela passou aqui sozinha, porque o Jed costumava trabalhar fora o tempo todo, e ela fazia todo o trabalho aqui. Anos e anos de silêncio — e então o bebê que ela nunca desistiu de querer e esperar.”

“Sim, quando penso no que uma mulher tem que passar aqui na fazenda, nunca quero que a Selina se case. Às vezes parece que seria melhor uma mãe desejar que sua filha morresse quando ainda é pequena—”

Ela engasgou. Ambas as mulheres deram um salto assustado.

“Não; claro que não quero dizer isso,” acrescentou apressadamente. “Só quero dizer que você as ama tanto que não parece justo que elas tenham que crescer para enfrentar o que você vê pela frente.”

“Bem, é melhor pararmos de falar e preparar as coisinhas do bebê. Vamos ver na cômoda do quarto.”

Elas se moveram novamente para o quarto e abriram a gaveta superior da cômoda antiga de mármore.

Algumas camisas, uma pilha de roupas íntimas cuidadosamente remendadas e alguns pares de meias, enrolados e amarrados em pares, foram encontrados.

“Essa é a gaveta do Jed. Vamos ver o que tem na próxima.”

A segunda gaveta revelou uma blusa branca recém-passada, cuidadosamente dobrada, acima de uma pequena pilha de roupas íntimas femininas. Sem dizer uma palavra, a senhora Prentis fechou a gaveta.

A terceira gaveta era a que elas queriam. Pequenas pilhas de roupas de bebê cuidadosamente feitas de material barato, mas com um trabalho minucioso, surgiram à vista.

A senhora Collins enxugou as lágrimas da bochecha com a ponta do avental.

“Veja — quase todas feitas à mão e todas brancas. A maioria delas só sacos de farinha, mas veja como a Mamie os clareou. E, veja esse trabalho de bordado.”

Enquanto falava, colocou uma mão calejada de trabalho por baixo de uma faixa estreita de bordado vazado.

“Sim, pode ir para casa agora,” respondeu a uma pergunta da Selina, que estava na cozinha.

“Meu Deus, quanta dedicação ela teve com essas coisinhas! Parece que ela estava preparando tudo durante todos esses anos, e agora—” Sua voz foi se apagando.

As roupinhas foram colocadas na cama, prontas para o dia seguinte, e as mulheres olharam ao redor, como se procurando algo mais para fazer. Acostumadas às horas ocupadas da vida na fazenda, sentiam-se impelidas a alguma tarefa para ocupar o tempo que passava.

“Vamos ver se tem algo que devemos fazer no andar de cima.”

Subiram a escada estreita, parecida com uma escada de sótão, para um cômodo inacabado, semelhante a um sótão, no andar superior.

“Meu Deus, ela estava fazendo faxina nesse calor!”

Metade do pequeno quarto abafado havia sido completamente limpo, e a outra metade estava por começar. Um baú velho de crina de cavalo estava no meio do chão, com parte do seu conteúdo espalhado ao redor.

“Aposto que ela estava planejando esvaziar isso para as coisas do bebê. Eu mostrei o meu pra ela, igualzinho a esse, que arrumei para a Selina quando ela era pequena.”

“Bem, podemos muito bem recolher as coisas e colocá-las de volta,” disse a ordenada senhora Collins, que imediatamente pôs a palavra em prática, curvando-se com um leve gemido.

A senhora Prentis a empurrou para trás.

“Aqui, deixa que eu pego. Não tem motivo pra você ficar se abaixando nesse calor. Daqui a pouco você acaba tendo uma insolação.”

Algumas roupas e pequenos objetos foram recolhidos, e vários pacotes de velhas cartas amareladas estavam no chão. De um dos pacotes, a corda havia se rompido, aparentemente quando foi retirado do baú. Uma carta estava amassada perto do envelope vazio, onde havia sido deixada.

Com um olhar curioso, as duas mulheres alisaram a carta. O primeiro parágrafo estava tão amarelado e desbotado que era ilegível, mas parte do segundo parágrafo havia sido protegida pelo papel dobrado e elas conseguiram ler:

“... informamos que sua esposa está irremediavelmente insana. Ela pode viver por anos, mas nunca recuperará sua sanidade, pois casos como o dela são incuráveis. Descobrimos, após investigação, que as mulheres da família dela, por várias gerações, tornaram-se irremediavelmente insanas na mesma idade.

“Considerando que sua filha pequena está marcada por essa hereditariedade de insanidade, recomendamos fortemente que a leve para um novo ambiente e, quando crescer, explique a ela por que o casamento deve ser considerado impossível.

“Como vemos a situação agora, é uma pena que sua mãe não tenha sido avisada do mesmo fato, e com todas as informações que temos, parece que teria sido melhor se não tivéssemos a salvo daquela doença grave. Se você—”

O restante da carta estava ilegível. As duas vizinhas se entreolharam, seus olhos arregalados de horror. Finalmente, a senhora Prentis exclamou roucamente:

“Você acha que esse pacote se abriu e a Mamie leu essa carta? O pai dela morreu antes que ela tivesse idade para se casar e deixou esse lugar parcialmente pago, e eu me lembro de quando ela e o Jed se casaram, como eles planejavam pagar o resto o mais rápido possível.”

“Mas,” interrompeu a senhora Collins, “o júri do legista disse ontem que não havia dúvida de que ela não estava louca. Ela simplesmente ficou sentada, com aqueles olhos grandes e solenes, olhando direto para frente e sem dizer uma palavra.

“Eu me pergunto como uma mulher se sentiria sabendo que a filha que ela amava mais do que a própria vida teria que crescer nessa dura realidade e, no fim das contas, passar seus últimos anos em um hospício?”

“Sim, e se a Mamie ficou louca muito antes de a filha crescer?”

“Eu me pergunto se uma mulher que realmente amasse sua filha não preferiria—” ela parou mais uma vez com um olhar assustado.

Ouviram-se rodas descendo pela estrada.

A senhora Prentis falou rapidamente: “Sarah Ann Collins, vamos descer agora e enfiar essa carta no fogão o mais rápido possível!”

Na pequena cozinha abaixo, as mulheres estavam preparando o jantar quando o advogado do condado e outro homem entraram.

“Boa noite, senhoras,” disse o advogado. “Decidimos vir aqui novamente e examinar cuidadosamente o campo para ver se conseguimos encontrar alguma evidência. Vocês não encontraram nada, por acaso, encontraram?”

A Sra. Prentis olhou discretamente para a Sra. Collins e respondeu:

“Não; só estávamos limpando. Não estávamos procurando por evidências.”

“Bem, Walters,” disse o advogado, “você sabe como são os jurados quando se trata de mulheres. Se nunca for encontrada uma razão definitiva para ela querer que o bebê morresse, nenhum júri acreditará que ela é culpada.”

## A Forca

I.W.D. Peters

AMANHÃ de manhã, ao nascer do sol, serei enforcado pelo assassinato de um homem.

Ao nascer do sol, no dia 9 de junho, aniversário do meu casamento, serei enforcado pelo pescoço até a morte.

Estou feliz que este estado ainda não adotou o uso da eletricidade nas execuções. Prefiro passar meus últimos momentos ao ar livre, sob o céu.

A construção da forca está terminada; os trabalhadores se foram, e parece certo que a execução ao amanhecer ocorrerá; mas cada passo no corredor faz meu coração saltar pela boca. Gladys está tentando obter um perdão. Estou rezando para que ela não consiga.

O governador está em uma viagem de pesca, longe de trens e telégrafos. Se não o localizarem nas próximas horas, serei enforcado. Que Deus permita que eles não o encontrem!

É a vontade de Gladys contra a minha. Ela costuma vencer, mas a cada minuto que passa, suas chances de conseguir o que quer diminuem. Agora são dez para a meia-noite. O Dr. Brander, o capelão da prisão, acabou de me deixar, satisfeito, pobre coitado, por ter conseguido me reconciliar com meu destino. Se ele soubesse que o alto esqueleto de madeira lá fora, com sua longa corda, para mim é um refúgio, ele teria se afastado de mim horrorizado.

As próximas cinco horas serão as mais longas da minha vida. Cada passo no corredor me enche de medo. Não é porque sou culpado do crime pelo qual fui condenado que estou ansioso para morrer. Sou culpado, mas isso não significa que eu mereça morrer.

Vou ser enforcado amanhã ao amanhecer porque eu quero ser enforcado!

Eu poderia ter me salvado, mas recusei, unicamente porque a vida perdeu o sabor. Uma grande onda de desgosto com a vida me dominou e ainda me domina. Estou escrevendo estas palavras agora para que Gladys saiba a verdade. Ela tem tentado me ver desde que fui trazido para cá, e eu recusei ser visto. Esse é um direito que o condenado tem — recusar visitas.

DESDE o dia em que nos casamos, Gladys exigia saber cada pensamento meu, cada ato meu, cada hora do dia.

Se todos eles não fossem sobre ela, ela criticava, condenava ou chorava. Ela ressentia, com palavras amargas e atos igualmente amargos, os pequenos recantos da minha alma que eu, por respeito próprio, mantinha para mim mesmo.

Finalmente, ela decidiu me mostrar que havia outros homens que a apreciavam, se eu não o fazia. Por um tempo, depois disso, a casa ficou infestada de galanteadores. Eu suportei isso sem dizer uma palavra, o que a enfurecia.

Lester Caine, um jovem honesto e simples, foi sua primeira vítima. Na primeira vez que o encontrei sentado perto dela na varanda mal iluminada, o recebi calorosamente. Fumamos e conversamos sobre nossos dias no exército juntos. Senti que Gladys poderia flertar com alguém como Lester, se era isso que ela queria. Mas Lester só voltou poucas vezes depois disso.

Por dois meses, houve uma sucessão de jovens pela casa. Nossa casa não ficava longe do Westmoor Country Club, e os campos de golfe quase chegavam ao nosso quintal. Nossa varanda era um lugar conveniente para “aparecer”.

De repente, tudo isso cessou. Gladys começou a sair muito, mas como a mãe dela morava em uma cidade próxima, não pensei nada sobre isso. Ela ficou muito quieta, pensativa, distraída, corava facilmente e parecia não ser ela mesma.

No início, fiquei bastante confuso, depois, de repente, uma explicação para a mudança dela me ocorreu. A alegria encheu minha alma. Fui extremamente gentil com ela, comprei-lhe um pequeno automóvel de presente de aniversário, fiz tudo que pude para seu conforto e prazer.

Afinal, pensei, a fase emocional que ela passou era natural. O casamento é uma readaptação mais difícil para alguns do que para outros. Evidentemente, havia sido assim com Gladys. Se um filho viesse para nós, tudo ficaria bem.

Um filho — nosso filho! Era maravilhoso pensar nisso. Ela sempre se recusou a considerar o assunto, dizendo que queria aproveitar a vida enquanto era jovem. Mas ela sabia que eu queria um filho para carregar meu nome, uma filha para herdar sua beleza, e ela aceitou o inevitável. Uma onda de exaltação me fez sentir como se estivesse pisando nas nuvens. Eu ansiava por mencionar o assunto a ela, mas sentia que a primeira palavra sobre isso deveria vir dela.

Passei horas pensando em coisas carinhosas e amorosas para fazer por ela. Ela aceitava tudo em silêncio, às vezes com o rosto desviado e as faces coradas. Eu a puxava para meus braços e a segurava perto, mas ela não respondia ao meu carinho demonstrativo.

Nessa fase dos acontecimentos, minha empresa me enviou em uma viagem de dez dias para fechar um negócio no Oeste. Foi difícil deixar Gladys, mas agora, mais do que nunca, sentia que precisaríamos de dinheiro, e muito.

Combinamos que Gladys iria para a casa da mãe, e eu a encontraria lá quando voltasse.

É a mesma velha história. Voltei para casa antes do esperado e fui direto para nosso chalé, com a intenção de redecorar o quarto de Gladys antes de trazê-la de volta.

No portão estava o carro de Gladys. Corri para dentro da casa, mas não havia ninguém no andar inferior, nem no quarto de Gladys, nem no meu. Eu estava prestes a descer as escadas quando ouvi uma risada baixa — uma risada de homem — vindo do terceiro andar. Corri para lá e fiquei olhando para a porta fechada do quarto de hóspedes.

“Qual é a ideia de fugir de mim?”, perguntou o homem. “Você não pode brincar comigo assim.”

“Eu te disse para não voltar aqui. Não é seguro.”

“Eu não tenho medo do seu marido. Você é minha, e vai continuar sendo minha.”

Ouvi atentamente, mas não consegui reconhecer a voz do homem.

“Vá embora agora,” implorou Gladys, “e irei ao seu quarto esta noite.”

“De jeito nenhum! Estou aqui agora e vou ficar.”

“Solte-me — você está machucando meu ombro.”

Houve um som de luta. Tentei a porta. Estava trancada. Coloquei meu ombro contra ela. A fechadura quebrou.

Gladys deu um grito e se afastou do homem — um homem que eu nunca tinha visto antes. Do tipo de lábios cheios, sobrancelhas grossas, grande e macio. Ao observar a cena — a mulher desarrumada, o homem de rosto avermelhado — uma grande onda de desgosto quase me dominou.

“Bem,” disse o homem, com desprezo, “o que você vai fazer a respeito?”

“Se você a levar agora e tratá-la bem — nada.”

“E se eu não a levar?”

“Eu lidarei com isso quando acontecer.”

“Já aconteceu,” ele disse, com uma risada, e saiu.

Sou alto, esguio, de aparência delicada, mas sabia que poderia enfrentar aquele bruto superalimentado.

Ouvi o barulho dos pés dele na escada. Então, eu o segui.

O homem estava se apressando em direção a um bonde.

Liguei o carro de Gladys e o segui. Era fácil manter o bonde à vista e observar sua cabeça negra brilhante.

Ele desceu do bonde na Hanson Street. Sem olhar para ele, continuei em frente. Virei a esquina, a tempo de vê-lo entrar em um prédio comercial. Eu não estava longe quando ele pegou o elevador. O homem no elevador me deu o número de seu escritório.

Ele estava contando uma piada para sua secretária quando entrei, mas sua risada morreu ao me ver.

“Seu ladrão sujo! Você nunca mais enganará outro homem por dinheiro!”

Seu olhar de espanto, quando gritei essas palavras, era divertido. Ele tentou revidar, mas eu estava determinado quando gritei “Eu vim aqui para matá-lo!”

Chocar a vida de uma besta superalimentada não é tão difícil para um homem enfurecido. Em menos de um quarto de hora, ele estava morto. A polícia, que a secretária havia chamado, encheu a sala antes mesmo de eu ter endireitado minhas roupas desarrumadas.

Praticamente conduzi meu próprio julgamento, e fui habilidoso o suficiente para fazer cada palavra, aparentemente dita em minha defesa, soar contra mim.

Gladys tentou me salvar contando a verdadeira história do caso, mas eu a retratei como uma esposa devotada e abnegada, disposta a manchar até mesmo seu nome impecável para salvar seu marido. Eu gostei de vê-la encolher-se enquanto fazia isso.

Tão habilmente ela e o grande bruto haviam manipulado a situação que não havia uma única prova para corroborar sua história. Por outro lado, havia o relato da secretária para me ajudar, e, além disso, sabiam que eu havia especulado no passado e perdido algum dinheiro.

Aproveitei tudo contra mim, e foi o suficiente. Fui condenado a ser enforcado no nono dia de junho ao amanhecer.

Gladys veio me ver na prisão enquanto o julgamento estava em andamento, mas eu consegui agir como se a minha história fosse a verdadeira e a dela fosse a falsa. E, embora ela implorasse para que eu deixasse a verdade vir à tona, eu não admiti que a verdade não havia sido revelada. A sentença foi um choque terrível para ela. Sua mãe a carregou para fora do tribunal desmaiada. Antes que ela se recuperasse, eu já estava na prisão.

EU VOU receber a hora do amanhecer como nunca recebi qualquer momento da minha vida.

Só nesse momento o medo irá embora. Gladys está movendo céus e terra para localizar o Governador. Que Deus permita que ela não tenha sucesso!



São quatro e quarenta e cinco. Passei muito tempo na janela, olhando para a escuridão. O que vem depois da morte? Essa é a pergunta, suponho, que todos os homens fazem no final da vida. Eu nunca fiz essa pergunta. É uma questão inútil – uma que nenhum de nós pode responder. Mas acredito que haverá alívio para o enjoo que vem àqueles que conhecem a desilusão e a decepção.

Dez para as cinco – agora, com certeza, estou a salvo até de uma chance de indulto!

Passos no corredor! Será minha escolta para a forca ou – o que eu mais temo na Terra?

DECLARAÇÃO do diretor da Penitenciária de Larsen:

“Se Traylor tivesse usado o breve período, sempre concedido a um condenado para suas últimas palavras, o indulto teria chegado a tempo para impedir a execução; mas ele caminhou calmamente, sem hesitar, até a forca e nos ajudou, com mãos firmes, a ajustar o capuz e as cordas — e estava morto dois minutos antes de a mensagem do Governador nos alcançar.”

# O Crânio

Harold Ward

## I

Kimball ergueu a mão em sinal de alerta.

“Escute!” exclamou em um sussurro.

Em seguida, ele afastou a garrafa de rum que estava ao seu lado e pegou o revólver pendurado logo acima da mesa. Colocando o cinturão na cintura, correu até a porta e a abriu de uma vez.

A casa, erguida sobre pilares a uns três metros do chão, tremeu com o som de passos apressados. Como um animal selvagem, ele se preparou para o salto — e aterrissou diretamente nas costas do último dos nativos que tentava fugir do local.

O peso do homem branco fez o nativo cair no chão. Segurando-o pelos cabelos, Kimball o puxou para cima, mantendo o corpo nu entre ele e o grupo que se escondia nas sombras, logo além do círculo de luz que descia pela porta aberta.

“Qual é seu nome?” ele exigiu, falando no pidgin das ilhas. “Por que você veio até minha casa? Eu acabo com você rapidamente!”

Ainda segurando os cabelos do homem com a mão esquerda, a direita disparou, acertando um golpe violento no rosto do nativo. O negro, cuspidando sangue e dentes quebrados, contorcia-se de dor e tentava olhar de lado para seus companheiros. Vendo que ninguém ia ajudá-lo, ele virou a cabeça para tentar escapar, mas Kimball o endireitou com outro soco.

“Qual é o seu nome?” perguntou novamente.

“Eu sou um bom rapaz,” respondeu o nativo com dificuldade. “Eu sou missionário!”

“Então é melhor rezar bem rápido!”

Kimball desferiu golpe após golpe em seu rosto. O homem gritava de agonia. Nas sombras, os outros nativos se mexiam inquietos, como um rebanho prestes a fugir, mas Kimball parecia não lhes dar atenção.

Depois de finalmente terminar a surra, ele arrancou o arco e as flechas das mãos do homem indefeso e, girando-o de repente, deu-lhe um chute e o empurrou, fazendo-o cair de quatro no meio dos outros. Em seguida, sem dar importância ao grupo claramente apavorado, Kimball voltou para dentro da casa.

Jogando o arco e as flechas sobre a mesa, serviu-se de um gole generoso de gim e o engoliu de uma vez. Então, sentando-se à mesa, pegou a arma e a examinou cuidadosamente.

“Envenenadas!” comentou casualmente para o homem deitado na cama. “Dei uma boa lição em Tulagi para servir de exemplo. Eles estão ficando insolentes, só tem um de nós para controlá-los. Queria que você estivesse de pé novamente.”

“No pórtico, hein?” o homem doente perguntou desanimado.

Kimball assentiu.

“Estão ficando ousados,” respondeu secamente. “Quinhentos nativos são demais para um homem controlar sozinho. Desde que você adoeceu tem sido um inferno — e ainda por cima o cachorro morreu. Quando Donaldson chegar semana que vem com o Scary-Saray, vamos ter que mandar buscar um novo capataz. Chipin tem dois bons, bem treinados em Berande.”

O homem doente se virou com um gemido.

“Graças a Deus eu fiquei doente!” comentou amargamente. “É duro, mas ao menos me deu a chance de descobrir que tipo de canalha você é, Kimball.”

Kimball franziu a testa. Ele abriu a boca como se fosse responder, mas, pensando melhor, serviu-se de outro gole de gim e continuou a examinar a arma que havia tirado do nativo. Balançava-se levemente na cadeira, pesado pela bebida, mas sua voz estava firme quando, após um momento de silêncio, ele olhou para o outro.

“Você ainda está com isso na cabeça, Hansen?” comentou. “Estou começando a me cansar.”

Hansen se ergueu sobre o cotovelo, balançando o punho com raiva.

“Ah, você está cansado, é?” imitou ele. “Imagino que esteja mesmo! Acha que estou ferindo seus sentimentos delicados ao falar disso, hein? É normal, não é? Descobrir que seu melhor amigo fez uma sujeira dessas!”

Kimball serviu-se de mais um gole. Sua mão tremia levemente ao levar o copo aos lábios.

“Esqueça isso e vá dormir!” rosnou.

“Esquecer? Você, desgraçado, mentiroso, traidor! Como posso esquecer que você escreveu para Gladys dizendo que eu tinha me casado com uma nativa? Você queria ela para você, não é, seu rato beberrão? Se não fosse por eu ter ficado doente e você ter tido que cuidar da plantação, eu nunca teria recebido aquela carta dela me explicando por que me rejeitou.”

“Estou te dizendo pela última vez, que eu não escrevi aquilo para ela!” Kimball rugiu de volta. “Estou dizendo que é mentira! Mostrei para você a carta que escrevi, dizendo que alguém estava te difamando.”

“Quem mais aqui nas ilhas conhecia ela?” Hansen perguntou, caindo de volta sobre os travesseiros. “E quem mais sabia que estávamos noivos?”

“Como diabos vou saber?” Kimball respondeu com a voz pesada, pegando a garrafa instavelmente. “Você está doente, Hansen, ou eu te daria uma surra por falar assim comigo.”

O homem doente ergueu-se de novo, com o rosto avermelhado e os olhos febris.

“O mundo dá voltas!” murmurou. “O dinheiro nessa plantação é meu, Kimball — meu dinheiro contra sua experiência. E vire essa flecha para outro lado, seu idiota! Você está bêbado — bêbado demais para brincar com armas. Você me mataria sem pensar. Se o fizer, vou te pegar, nem que tenha que voltar do túmulo! E lembre-se disso, Kimball: assim que eu melhorar, vamos acertar as contas. E você vai sair desta plantação—”

Ninguém sabe se foi acidente ou assassinato. Kimball estava bêbado — completamente. A flecha estava pronta no arco e presa entre seus dedos trêmulos, a corda esticada. E Hansen o irritou, insultou, provocou. De qualquer forma, quando ele desabou para frente em sua cadeira, a corda escapou de seus dedos e—

Hansen caiu de volta sobre os travesseiros com um grito abafado, a flecha cravada profundamente em sua têmpora!

## II

Já passava da meia-noite quando Kimball despertou de seu torpor alcoólico.

Por um instante, ele não se lembrava do que havia acontecido. A lamparina a óleo ainda queimava intensamente, lançando a silhueta do homem na cama em um forte contraste.

Kimball se levantou cuidadosamente, tentando não acordar Hansen. Seu pé tocou o arco no chão. Então, uma onda de consciência o atingiu. De repente, lembrou-se de que era um assassino.

Se havia matado Hansen intencionalmente ou não, ele não conseguia recordar. Sua memória havia falhado no instante em que se lançou para frente, com o cérebro entorpecido pelo álcool que consumira durante a noite. Sabia que tinham discutido — que Hansen fora mais abusivo que de costume e o insultara.

Ele foi até a cama. Um único olhar para o rosto inchado, já começando a ficar negro — para os olhos vidrados que o encaravam fixamente — confirmou sua suspeita: a flecha estava

envenenada. Ele estremeceu enquanto empurrava as outras flechas, que havia pegado em Tulagi, para o fundo da mesa e serviu-se de mais uma dose de bebida.

Precisava agir imediatamente. Donaldson e o *Scary-Saray* chegariam em alguns dias. E Donaldson não era nenhum tolo. Nem Svensen, seu imediato. Ambos sabiam que havia desavenças entre os sócios. E se algum dos criados encontrasse o corpo pela manhã, logo se espalhariam rumores entre os nativos. Alguns certamente falaria com Donaldson. O grande comerciante poderia juntar as peças e levar suas suspeitas às autoridades.

Kimball puxou o revólver e, prendendo o cinto ao redor da cintura, foi até a porta na ponta dos pés. A chuva caía em torrentes, e o som das ondas ressoava alto. O céu era rasgado por relâmpagos, enquanto o trovão rugia e ecoava.

Era uma típica tempestade tropical; ele sabia que não duraria muito. Porém, enquanto durasse, os nativos ficariam abrigados, o que o manteria seguro de olhos curiosos, se agisse rapidamente.

Mas o medo — medo do que ele não sabia ao certo — o fez abaixar as cortinas, de modo que nenhuma luz pudesse escapar pelas bordas.

Então, nervoso, tomou mais um gole da garrafa e reduziu a chama da lamparina até que o quarto ficasse semi-escuro. Novamente, ele se aproximou da porta e a abriu apenas uma fresta, ouvindo.

Satisfeito, voltou para a cama e levantou o corpo de Hansen, jogando-o sobre os ombros com grande esforço. Apagou a lamparina com um único sopro ao passar pela mesa.

Sentindo o caminho com cuidado para não bater em algum móvel no escuro, ele foi até a porta.

Curvando o corpo contra a força do vento, ele desceu os degraus e contornou a casa, longe dos aposentos dos nativos. Na beira do coqueiral, ele parou novamente para ouvir.

Nenhum som vinha da direção dos alojamentos dos negros. Logo, lutando contra o vento, ele avançou pelo coqueiral por cerca de meio quilômetro.

Satisfeito por estar longe o suficiente da casa, ele deixou o corpo macabro cair ao chão e voltou. A tempestade apagaria seus rastros pela manhã. Com o nascer do sol, ele daria o alarme, como se tivesse acabado de descobrir a ausência de Hansen.

Ele havia planejado tudo na cabeça enquanto caminhava. Seria fácil convencer os nativos de sua história. Diria que o homem doente se levantara durante a noite e vagara para longe. Delírios e febres eram comuns nas ilhas. E, quando o corpo fosse encontrado com a flecha cravada no crânio, acreditariam que seu mestre fora vítima de alguma selvagem errante.

Havia meia dúzia de desertores escondidos na mata — fugitivos da plantação — que temiam subir as colinas por causa dos ferozes homens da montanha e, ao mesmo tempo, temiam o castigo que lhes seria infligido caso voltassem à plantação. Um deles seria responsabilizado pela morte de Hansen. Os nativos confirmariam essa história quando ele a contasse a Donaldson e Svensen ao chegarem.

Ele havia percorrido parte do caminho de volta para a casa, com a cabeça baixa em pensamentos, quando um farfalhar entre as palmeiras à sua direita o fez virar bruscamente. No instante seguinte, uma lança passou zunindo ao lado de sua cabeça, cravando-se na árvore ao lado.

Virando-se rapidamente, ele sacou o revólver e disparou todos os cartuchos na direção de onde a lança havia sido atirada. Estava escuro demais para atirar com precisão; e, um instante depois, um relâmpago revelou a silhueta de uma figura nua se escondendo atrás de uma árvore ao longe. Tarde demais, ele percebeu que havia saído de casa sem um carregador extra. Desarmado, ele começou a correr, zigzagueando entre as longas fileiras de árvores até chegar à borda do coqueiral.

Os nativos já estavam saindo de seus alojamentos, conversando animadamente.

“Ornburi!” ele gritou para um dos criados. “Você diz aos outros que o mestre doente fugiu. Está com o diabo na cabeça. Eu fui atrás dele e encontrei um selvagem perigoso. Talvez o selvagem o tenha matado. Vocês vão procurar o selvagem, e terão muita comida de manhã, nenhum trabalho, muito fumo — tudo em abundância!”

Ornburi, orgulhoso de ser escolhido entre os demais, explicou aos recém-chegados o que havia acontecido. Kimball correu de volta para a casa e, momentos depois, retornou com seu rifle e um cinturão de munição. Encontrou os nativos se armando com suas armas, excitados com a perspectiva da caçada e do feriado que se seguiria em caso de sucesso.

Apesar de seus esforços para manter alguma ordem, auxiliado pelo entusiasmado Ornburi, já era quase manhã quando a expedição estava pronta para partir. A chuva quase cessara, mas um rápido olhar mostrou a Kimball que o aguaceiro da noite havia apagado completamente seus rastros. Avançando cautelosamente entre as árvores, atentos aos inimigos ocultos, levou quase uma hora para os nativos percorrerem a distância que Kimball, carregando o corpo, havia coberto em vinte minutos.

O corpo de Hansen estava onde ele o havia deixado.

Mas a cabeça tinha sido arrancada!

## III

Na mente de Kimball, não havia dúvida quanto à identidade do negro que havia lançado a lança contra ele na escuridão, pois ao verificar os trabalhadores, Tulagi estava desaparecido.

Amargurado pela surra que Kimball lhe dera, o nativo fugira. Escondido na escuridão, alimentando sua raiva, o destino colocou em seu caminho o homem que o havia castigado. E o mesmo destino o fez errar o alvo ao lançar a lança.

E Tulagi pertencia a uma tribo que acreditava em colecionar cabeças como troféus.

Com a chegada de Donaldson e Svensen no *Scary-Saray* três dias depois, dando-lhe ajuda suficiente de brancos para controlar a plantação sem medo de uma revolta, Kimball renovou a busca pelo fugitivo. Tulagi, à solta, seria uma ameaça constante, não apenas para sua própria segurança, mas para a paz e ordem entre os negros. O fugitivo tinha considerável influência sobre os outros, e já havia muita insatisfação entre os trabalhadores para permitir que mais problemas surgissem.

O corpo do assassinado Hansen foi decentemente enterrado perto da orla do coqueiral sob a direção de Kimball.

Donaldson e Svensen nunca duvidaram de sua história, que foi corroborada por Ornburi e pelos negros. Coisas assim não eram incomuns nas Ilhas. Ambos se ofereceram para ajudá-lo a capturar o suposto assassino. Pois a supremacia do homem branco deveria ser mantida para o bem comum de todos.

Perto do fim do segundo dia, eles encontraram o que procuravam. Ao lado de um esqueleto, havia um crânio, com a ponta de uma flecha cravada na têmpora. Um grande formigueiro próximo contou uma história macabra.

Não havia dúvida de que uma das balas de Kimball tinha acertado o alvo. Tulagi, ferido quase até a morte, havia parado por tempo suficiente para cortar o troféu grotesco, depois seguiu seu caminho de volta para as colinas o melhor que pôde.

Exausto pela perda de sangue, ele caiu, apenas para se tornar vítima das formigas.

## IV

Enquanto os três homens brancos caminhavam em direção à clareira, avistaram uma escuna ancorada perto do *Scary-Saray*. Puxado para a praia, próximo à casa, estava um bote baleeiro.

“Deve ser o *Dolphin* do Capitão Grant, vindo de Malatita,” comentou Donaldson, protegendo os olhos do brilho do sol. “Não sabia que ele chegava tão longe. Já a viu, Kimball? Ela é um espetáculo!”

Antes que Kimball, caminhando um pouco atrás dos outros e carregando o crânio, pudesse responder, um homem e uma mulher saíram da casa para encontrá-los. Donaldson virou-se rapidamente.

“É ela!” exclamou. “A garota mais bonita das Ilhas. Esconde esse maldito crânio, Kimball! Não é uma visão que uma mulher de boa família deva ver.”

Agora estavam a menos de cem metros de distância, e a garota acenava com seu lenço para eles.

“É um milagre você não ter ficado em casa para receber seus convidados, Karl,” ela chamou. “E Fred Hansen — onde está ele?”

Kimball apressou-se à frente dos outros.

“Gladys!” exclamou.

“Esconde esse maldito crânio, eu estou te dizendo!” rosnou Donaldson em um tom baixo.

Eles estavam quase juntos agora. Kimball enfiou o crânio sob o casaco. Enquanto fazia isso, ele quase o deixou cair de suas mãos suadas e, num esforço para segurá-lo, seus dedos escorregaram para dentro de uma das órbitas vazias.

A ponta da flecha, que sobressaía do osso, arranhou sua pele. Por um momento, ele esqueceu isso na felicidade de encontrar a mulher que amava.

“Papai quis fazer uma viagem de comércio por aqui e me trouxe junto para fazer companhia,” ela dizia, enquanto ele se aproximava para apertar sua mão estendida. “Diga que está surpreso em me ver.”

Antes que ela pudesse alcançá-lo, suas pernas dobraram sob ele, e ele caiu para a frente. O crânio, caindo debaixo de seu casaco, rolou e saltou meia dúzia de metros até parar aos pés de uma pequena colina.

Eles correram para segurá-lo enquanto ele caía. Mas era tarde demais. Com um esforço tremendo, ele se levantou de joelhos.

“Hansen!” gritou. “Eu o matei! Ele jurou que se vingaria, e conseguiu! A — maldita — coisa — estava envenenada!”

Ele tombou para a frente, caindo de bruços.

Aos pés da colina, o crânio sorria de maneira sarcástica.



## O Homem-Macaco

J. B. M. Clarke, Jr.

### I

“Vamos chamá-lo agora então”, disse Norton de forma impulsiva, levantando-se e indo até a janela.

A chuva fina, que batia intermitentemente contra os vidros a cada rajada de vento, já havia parado fazia algum tempo, e enquanto Norton levantava a persiana e espiava para fora, ele avistou pela primeira vez a lua pálida lutando para aparecer entre uma abertura irregular nas nuvens, com bordas de cobre, que se moviam rapidamente.

“Eu devia ter ido até lá esta noite,” disse ele, “mas cancelei o compromisso por causa da tempestade. No entanto, ainda não é tarde...”

Não foi preciso muito para convencer Meldrum a aceitar, pois, embora fosse um ou dois anos mais velho que Norton e inclinado, por consequência, a lhe dar conselhos paternos de vez em quando, ele geralmente se deixava levar pelos caprichos do amigo.

“Não dá para quebrar o hábito de professor de querer dar uma palestra,” foi o que Norton disse.

Ele mesmo era arquiteto, e ambos eram homens solteiros, embora Norton estivesse se esforçando muito para construir uma carreira que lhe permitisse se casar com uma das moças mais bonitas da cidade, com quem estava “namorando.” Meldrum trancou a porta de seu apartamento atrás de si, e os dois saíram para o ar fresco e úmido da noite de início de primavera

“Depois de tudo que você me contou, estou curioso para ver seu amigo sul-africano novamente,” disse Meldrum, acompanhando o ritmo de Norton. “Embora o interesse por animais seja algo saudável, o gosto particular dele por macacos e símios me parece um tanto desagradável. Alguns daqueles experimentos dos quais você falou parecem sem propósito — como embebedar babuínos, por exemplo...”

“Se você o visse contando sobre essa história dos babuínos, também teria antipatizado com ele,” disse Norton, fazendo um gesto de desagrado com a mão. “Embora eu admita que senti uma aversão por ele desde o começo — sem saber exatamente o porquê. Ele tinha o hábito de colocar a mão quente e pesada no meu ombro, o que me irritava profundamente quando trabalhávamos juntos no Departamento de Inspeção em Washington.”

“O que ele estava fazendo lá?” perguntou Meldrum.

“Ele estava inspecionando madeira de avião na Colúmbia Britânica,” respondeu Norton, “e tinha uma mesa no nosso escritório. Eu fiquei lá por cerca de três meses, depois de ter sido enviado para casa por problemas de saúde, antes de ser transferido para Nova York.”

Depois de um momento de silêncio, Norton acrescentou:

“Ele é mais do que esquisito. Ele é um retrocesso.”

“Um o quê?” perguntou Meldrum, confuso.

“Um retrocesso — um espécime atávico,” disse Norton firmemente. “Uma mistura de antigo e moderno, e uma combinação ruim, para ser honesto.”

“Isso é uma acusação bem pesada, Harry,” disse Meldrum.

“Pode ser que você ache isso,” disse Norton teimosamente, “mas estou te dizendo que não é só suposição. Além de sua constituição peculiar, com braços e pernas desproporcionalmente longos, corpo curto e cabeça pequena, e suas teorias e experimentos estranhos com símios, há uma evidência que eu vi com meus próprios olhos quando fomos juntos a Nova York um fim de semana e visitamos o zoológico. Não foi imaginação minha, eu te garanto, Meldrum, que fez os próprios animais se interessarem por meu companheiro. Digo mais: mal havia um daqueles bichos que não mostrava algum tipo de excitação, alguns de raiva, outros de medo, mas geralmente de fúria.

“Um chimpanzé grande ficou simplesmente alucinado por um tempo — a ponto de um atendente aparecer para ver qual era o problema. Ele começou a pular furiosamente, batendo nas grades da jaula, e depois fez uma espécie de dança bizarra, batendo as mãos e os pés no chão com uma velocidade extraordinária. E tudo o que Needham tinha feito era emitir um som peculiar com a garganta e sorrir com aquele sorriso sinistro. Aposto que os bichos o reconheceram como um dos seus. Alguns deles pareciam esperar que ele fosse abrir as portas das jaulas...”

“O que ele está fazendo aqui em Burlington agora?” perguntou Meldrum.

“Algo relacionado à madeira, acredito,” disse Norton, enquanto eles entravam na North Avenue e seguiam em direção ao parque. “Ele alugou uma casinha aqui nesta rua e vive sozinho. Parece que prefere sempre estar só.”

Caminharam por algum tempo, e então Norton disse: “É aqui,” indicando uma pequena residência de dois andares, cercada por um jardim bem cuidado, a cerca de vinte metros da rua.

A casa estava completamente escura, exceto por uma janela iluminada no andar de cima. Os dois seguiram pela trilha até a porta da frente, e Norton, após procurar um pouco,

encontrou e apertou o botão da campainha elétrica, sem, no entanto, obter qualquer resultado visível.

“Parece que a campainha não está funcionando,” disse Norton, apertando novamente várias vezes. “Talvez esteja quebrada.”

Ele bateu na porta e escutou. Tudo estava quieto lá dentro. Gotas pesadas de água caíam do telhado, intensificando o silêncio. Um bonde passou pela rua, lançando uma luz brilhante sobre as árvores e arbustos do jardim, e logo em seguida os deixou ainda mais escuros. Norton bateu novamente, desta vez com mais força, mas sem resposta.

“Aquele não é o quarto dele, eu sei,” disse ele, acenando para a janela iluminada. “Ele me disse que odiava o barulho dos bondes passando embaixo de sua janela. Ele deve ter adormecido com um livro ou algo assim. Talvez eu devesse jogar uma pedra na janela.”

“Não, eu não faria isso,” disse Meldrum, recuando alguns passos e olhando para cima. “Acho melhor irmos embora. Posso encontrá-lo em outra ocasião.”

“Mas eu gostaria que você o visse, já que veio até aqui,” disse Norton. “Espere um minuto.”

Ele tentou a porta e a encontrou destrancada. Entrando no hall, ele chamou:

“Needham, ei. Needham!”

Eles escutaram novamente, mas nada aconteceu. Enquanto tateava no escuro, a mão de Norton encontrou o interruptor de luz, que ele acendeu. Uma escada estreita foi revelada, levando para o andar de cima.

“Espere um minuto,” disse ele a Meldrum. “Vou subir rapidinho. Tenho certeza de que ele está lá.”

Ele desapareceu rapidamente, e depois de alguns momentos retornou silenciosamente.

“Suba,” disse ele, acenando para o amigo. “Ele está dormindo profundamente na cadeira. Venha dar uma olhada.”

## II

Juntos, eles se aproximaram cautelosamente. A porta do cômodo estava entreaberta, e entraram silenciosamente no que parecia ser uma sala de estar. Needham estava sentado em uma grande poltrona, de costas para a janela, dormindo tranquilamente. Uma luminária sobre a mesa era a única fonte de iluminação, e, como possuía uma pesada cúpula vermelha, a parte superior da sala estava imersa em sombras.

No entanto, a luz da lâmpada caía diretamente sobre o homem adormecido, que havia escorregado profundamente na cadeira, assumindo uma postura estranha. Seu livro estava

caído no chão, e seus longos braços pendiam dos lados da poltrona, com as mãos repousando com as palmas voltadas para cima sobre o tapete. Suas enormes coxas inclinavam-se para cima, a partir das profundezas da poltrona, até os joelhos, enquanto suas longas canelas desapareciam sob a mesa.

Norton lançou um olhar para Meldrum, que observava o sono de forma curiosa.

“Ei, Needham!” disse Norton, em voz alta. “Acorde!”

O adormecido despertou de maneira brusca e assustadora. Com um movimento fulminante, ele se sentou ereto, agarrando os braços da poltrona, enquanto seu rosto se contorcia de forma convulsiva, e uma torrente de palavras incompreensíveis e horríveis, ditas em um tom agudo e penetrante, escapava de seus lábios. Norton empalideceu como a morte, enquanto Meldrum permaneceu imóvel no lugar onde estava.

Então, recuperando-se, Norton correu em direção a Needham, segurou seu braço e o sacudiu violentamente, exclamando:

“Está tudo bem, Needham! Sou eu, Norton, vim te ver.”

O homem na poltrona recuperou a compostura tão rápido quanto a havia perdido e, como se nada de anormal tivesse acontecido, levantou-se e disse:

“Ah, Norton, velho amigo! Sente-se. Acho que adormeci e tive um sonho horrível ou algo assim. Sente-se.”

Ele se dirigiu à parede perto da lareira e acendeu algumas luzes que iluminaram toda a sala. Só então ele percebeu Meldrum e avançou em sua direção para apertar-lhe a mão.

“Não é exatamente o mais apropriado invadir a casa de alguém dessa maneira, eu sei,” disse Meldrum. “Desculpe se o assustamos. Tocamos a campainha e fizemos uma bagunça lá embaixo, mas sem sucesso. Eu estava caminhando com Norton após a tempestade, e ocorreu-lhe vir aqui te ver e pedir desculpas por sua ausência esta noite. Então viemos juntos.”

“Não tem problema,” disse Needham, com seu peculiar tom nasal. “Fico feliz que tenham vindo. Eu durmo profundamente e estava tendo um sonho terrível quando vocês entraram. Sonhei que estava de volta na África.”

Enquanto falava, ele se movimentava pela sala, colocando uma caixa de charutos, uma garrafa de uísque, alguns copos e uma garrafa de soda sobre a mesa, e Meldrum o observava atentamente. Sua estrutura peculiar não era tão notável quando estava de pé, já que o design de seu terno de tweed largo parecia equilibrar sua silhueta. Às vezes, ele até parecia quase bonito, mas em outros ângulos, a extraordinária extensão de seus braços e pernas se tornava evidente, enquanto sob outras perspectivas, sua aparência era quase grotesca, com a forma

singular de sua pequena cabeça, coroada por cabelos curtos e negros, perturbando o senso de proporção. Seus olhos eram castanhos, com escleróticas amareladas, e o efeito sinistro de sua risada aguda e cacarejante (bastante frequente), acompanhada pelo movimento para baixo de seu grande nariz adunco e pela torção ascendente de seu pequeno bigode preto, não passou despercebido ao professor atento.

A sala em si era imunda e extremamente desorganizada. O ar estava impregnado de fumaça de tabaco velha, e peças de roupa estavam espalhadas por todos os lados. Havia pratos sujos sobre uma pequena mesa perto da lareira, e restos de comida estavam jogados no chão. Livros, papéis e revistas estavam espalhados de forma caótica, e as enormes botas enlameadas de Needham estavam abandonadas debaixo da poltrona onde Norton se sentava.

“O que você estava fazendo de volta na África?” perguntou Meldrum com um tom amigável, pegando um charuto.

“Entre aqueles malditos babuínos,” disse Needham, soltando sua risada desagradável, enquanto enchia os copos. “Uma vez topei com um grupo deles durante uma caçada, e vi uma cena curiosa. Estava acontecendo uma grande briga entre eles — devia haver uns vinte, acho. Vi toda a confusão, e foi uma briga e tanto, posso te garantir. Pedras e pedaços de madeira voavam para todos os lados, e eles estavam se golpeando de maneira feroz. Pelo que pude perceber, estavam divididos em dois grupos, mas era uma bagunça generalizada.

“Havia, no entanto, um velho de pelo grisalho que chamou minha atenção. Ele parecia ser o instigador. Sempre que as coisas pareciam estar se acalmando, ele os agitava de novo com uma série de gritos estranhos. Não consegui entender muito bem que papel ele desempenhava, nem de que lado estava, pois ele se mantinha afastado da briga, só se preocupando com os que caíam. Ele os eliminava de maneira metódica, e, se dois estavam atacando um, ele se juntava aos dois para acabar com o adversário — e depois parecia fazer os dois se atacarem entre si. Acho que ele dava sinais falsos às vezes. No final, ele era um dos poucos sobreviventes, e parecia o mais forte de todos. Depois disso, sentaram-se e fizeram uma espécie de reunião.”

Norton lançou outro olhar para Meldrum, que sorriu ligeiramente e disse a Needham:

“Interessante! Que extraordinário você ter testemunhado tudo isso. Eles não tentaram te atacar?”

“Não,” disse Needham com um sorriso maléfico. “Não pareciam se importar comigo — o que é incomum, pois geralmente são ariscos com humanos. Eu estava em uma grande pedra observando tudo. O velho grisalho me viu, mas ou ele entendia sobre armas de fogo (eu estava com meu rifle e revólver, claro), ou eu tive sorte ao imitar alguns de seus sons. Ele

parecia assustado quando repeti um dos seus chamados favoritos. Quando eles finalmente foram embora, depois de cobrirem os mortos com galhos e folhas, ele me lançou um olhar significativo — como se estivesse pedindo para eu não delatá-lo.

“Foi assim que me senti. E, curiosamente, mais tarde fui instrumental na captura desse mesmo animal, junto com outros, durante uma caçada. Atraí-os para um local específico usando aquele mesmo chamado.”

Needham sentou-se novamente em sua poltrona e, ao rir mais uma vez, seus dentes amarelados e tortos se revelaram, enquanto seus pequenos olhos brilhavam de maneira desagradável. Meldrum sentiu uma forte sensação de repulsa.

“Que tipo de som era esse?” Norton interrompeu, falando pela primeira vez.

Needham colocou o copo sobre a mesa, inclinou ligeiramente a cabeça para trás e emitiu um curioso tipo de gorgolejo na garganta. Imediatamente, de um canto atrás da cadeira de Norton, surgiu um grito agudo de terror, e uma pequena figura vermelha correu pelo chão, mergulhando sob a mesa. Norton quase derrubou seu copo, e Meldrum soltou uma exclamação de surpresa. Apenas Needham permaneceu calmo.

“Ah, Fifi, sua safadinha!” ele disse. “Te assustei de novo? Que pena. Venha cá.”

Um pequeno macaco de cauda longa, vestindo uma jaqueta vermelha, apareceu lentamente de debaixo da mesa e avançou timidamente em direção a Needham, que falou com doçura para o animal, emitindo um som ondulante com a língua que parecia tranquilizá-lo. O macaco saltou para o braço da cadeira, piscando os olhos para os visitantes. Needham acariciou a cabeça do bichinho com seu enorme dedo indicador.

“Comprei a Fifi de um italiano,” disse ele, notando o olhar de espanto de seus convidados. “Ela me faz uma boa companhia — pega moscas, apaga e acende as luzes e faz outras coisas úteis — não é, Fifi?”

O pequeno animal olhou para ele com inteligência, e, com um movimento repentino, Needham envolveu o pescoço do macaco com seus grandes dedos. Com um grito lamurioso, a criaturinha tentou em vão afastar a mão forte de seu pescoço, puxando freneticamente com suas pequenas patas.

“Não faça isso!” disse Norton com voz aguda. “Não suporto ver animais sendo maltratados.”

“Não estou machucando ela,” disse Needham, soltando sua mão. “Ela é nervosa e precisa aprender a não se assustar tanto. Acho que o italiano deve tê-la maltratado. Mas ela é esperta, de qualquer forma,” continuou Needham, rindo. “Ela está aprendendo a tocar piano.”

Levantando o pequeno macaco, Needham atravessou o cômodo com passos largos até o canto, onde havia um pequeno piano vertical, e sentou-se no banco. “Agora toque, Fifi”, disse ele.

A criatura inteligente se inclinou para frente e começou a bater com as patas nas teclas, produzindo um som curioso, uma espécie de tilintar que lembrava alguns acordes de “Old Black Joe”. Meldrum sentiu um estranho arrepio percorrer sua pele — sem entender exatamente o motivo.

Após alguns momentos, Needham se levantou novamente e, colocando o macaco em uma caixa no canto do quarto, voltou para sua cadeira.

### III

Era tarde quando os amigos finalmente se despediram, com Needham mantendo o interesse deles com histórias de suas aventuras em diferentes partes do mundo. Na verdade, foi só quando Meldrum percebeu, pelos movimentos inquietos de seu amigo, que Norton não estava se divertindo, que ele lembrou da hora avançada e sugeriu que era hora de partirem.

“Vocês não devem ser muito críticos com meu lar, sabem,” disse Needham, rindo, enquanto desciam juntos as escadas. “Confesso que não sou uma pessoa organizada. Vivi a vida de solteiro por muito tempo. Mas vocês entendem um pouco sobre isso, certo?”

Ele os acompanhou até a calçada e, após algumas observações dispersas sobre o clima, os visitantes seguiram em direção à casa de Norton. A lua brilhava intensamente e, após a forte chuva e vento, o ar cheirava fresco e úmido. Meldrum inalou o ar com evidente prazer.

“Agora que vi seu amigo de perto,” disse ele, “devo confessar que não me sinto tão inclinado a favor dele. O estado daquele quarto era uma desgraça, até mesmo para um solteiro, e não há desculpa para alguém fechar tanto o ambiente e impedir a entrada de ar fresco. Mas, embora ele tenha uma preferência um tanto desagradável por macacos, não acho que ele mereça o título que você lhe deu.”

“Talvez não,” disse Norton, que parecia estar de bom humor agora que estava no ar livre novamente. “Quanto ao clima abafado da casa dele, ele já me explicou dizendo que, desde que estive na África, precisou manter a temperatura alta. Acho que ele disse que tem reumatismo. Mas eu não gosto dele.”

Houve um silêncio por alguns minutos, e então Norton explodiu:

“E claro que ele dá atenção à Elsie.”

“Ah!” disse Meldrum significativamente. “Talvez o ciúme de amante tenha algo a ver com isso.”

“Encontramos ele um dia na Church Street,” disse Norton, “e, claro, tive que apresentá-lo. Ele foi muito agradável, mas me pareceu que ele estava mais interessado em me prejudicar do que em realmente se aproximar dela. Outros caras prestam atenção nela, claro, porque a admiram. Mas no caso dele, estou convencido de que não foi assim. Depois que o deixamos, Elsie disse: ‘Que homem bonito!’ E então acrescentou: ‘Não, ele é horrível!’”

“Bem,” disse Meldrum com entusiasmo, “aparentemente você não precisa temer que ela se apaixone por ele, seja qual for o caso dele. Realmente acho que é uma daquelas situações de ‘Não gosto de ti, Dr. Fell’.”, e Meldrum riu. “Mas não acho que você tenha motivos sólidos para brigar com ele. O mundo é grande o suficiente para comportar os dois.”

Nos dias que se seguiram, movido por uma curiosidade que não conseguia entender totalmente, Meldrum frequentemente fazia suas caminhadas noturnas passando pela casa de Needham na North Avenue. Ele nunca o via. Uma vez, ouviu o estranho tilintar do piano, mas geralmente era a figura do pequeno macaco, com seu casaco vermelho, sentada imóvel na janela da frente, olhando para a rua. Para Meldrum, era estranho que a criatura ficasse tão quieta. Ele nunca a via se mover ou mudar de posição. O olhar do macaco parecia fixo naquele ponto da estrada onde Meldrum imaginava que o dono apareceria primeiro ao voltar da cidade.

“Eu não sabia que eles eram criaturas tão dedicadas,” pensou Meldrum. “Que tipo estranho de animal para se ter! E que vida esquisita, de qualquer forma, viver sozinho naquela casa. Ele aparentemente nem contrata ninguém para limpar. Há pessoas realmente estranhas neste mundo!”

Com essa reflexão filosófica, Meldrum seguiu em direção ao parque.

Os exames finais ocuparam Meldrum nos dias seguintes, e os amigos não se encontraram por quase duas semanas. Quando se viram novamente, foi por causa de Needham, após uma festa na casa da família Miner. Os Miners eram vizinhos da namorada de Norton e moravam um pouco mais longe, além do Ethan Allen Park.

Foi assim que, depois de levar sua jovem até em casa, Norton se encontrou, já bem depois da meia-noite, a cerca de dois quilômetros de seu apartamento, com o parque se estendendo quase diretamente entre ele e seu destino. Ele decidiu cortar caminho pelo parque, algo que fazia com frequência.

A noite estava fresca e nublada, com lampejos de luz da lua que, ao invés de iluminar, acentuavam a escuridão das sombras. Se Norton não estivesse completamente familiarizado com a geografia do local, poderia ter dificuldade em se orientar. Mas ele avançava com confiança, reconhecendo pontos de referência familiares. Ele contornou a base da colina onde



fica a torre, e estava prestes a entrar em um denso bosque que levava ao portão principal quando olhou para trás. E foi então que viu uma visão perturbadora.

A lua surgira novamente, e sua luz pálida revelou a figura gigantesca de Needham, agachado no topo de uma grande rocha, como se estivesse prestes a saltar. Ele estava a uns cinquenta metros de distância de Norton. Mesmo enquanto Norton olhava, Needham saltou de uma altura de cerca de três metros e desapareceu. Norton ficou parado, esperando, mas não ouviu mais nada. Ele seguiu em frente, intrigado com o que Needham poderia estar fazendo no parque àquela hora — a menos que ele também estivesse cortando caminho. Mas, ainda assim, Norton não conseguia evitar um certo desconforto.

Entrando no bosque, ele acelerou o passo. Agora estava muito escuro, com a lua oculta novamente, e a escuridão, junto ao sussurro das árvores, fez sua pele se arrepiar. Várias vezes ele olhou para trás, mas não viu nada. Então, o estalo de galhos quebrando, agora muito mais perto, fez Norton parar de repente e, virando-se, ele gritou:

“Olá, Needham! É você?”

Não houve resposta, e Norton ficou com os ouvidos e olhos atentos, seu coração disparando de medo. E foi então que a coisa horrível aconteceu.

Ele estava quase diretamente sob um grande carvalho retorcido, e, ao apoiar a mão no tronco para se equilibrar por um momento, olhou para cima e seu cabelo se arrepiou ao ver um par de olhos amarelos luminosos olhando para ele.

Antes que ele pudesse reagir, uma figura pareceu se desprender das sombras, e grandes mãos agarraram sua garganta, enquanto uma voz rouca dizia:

“Aha! Você iria me trair, não é?”

#### IV

Em seu terror, Norton fez o que talvez tenha sido a melhor coisa a se fazer naquela circunstância: caiu no chão. Essa ação pareceu desestabilizar a figura na árvore (que parecia estar suspensa pelos membros inferiores), fazendo-a relaxar sua posição e erguer os braços por um instante. E foi nesse instante que Norton se recuperou e disparou, correndo como nunca havia corrido antes, escorregando, tropeçando, colidindo, mas sem parar e sem olhar para trás.

Como ele conseguiu encontrar o caminho de volta para a rua era um mistério para ele, mas, em certo momento, percebeu que estava novamente na North Avenue, sob a luz de um poste, e finalmente pôde respirar aliviado. Não havia sinal de Needham, embora Norton tivesse ouvido seus passos pesados durante a perseguição.

Tudo estava quieto, e não havia uma alma à vista. O medo tomou conta de Norton novamente, e ele correu apressadamente, só parando quando chegou em seu quarto e trancou a porta. Mas ele teve pouca tranquilidade para dormir durante o restante da noite.

Na noite seguinte, Norton correu até o apartamento de Meldrum e contou toda a história para o amigo, que o ouviu atentamente.

“Viu?” disse ele, agitado. “Eu estava certo sobre ele, afinal. Ele é um retrocesso — ele veio para cima de mim pelas árvores. Seus instintos o levaram até lá. E ainda ficou falando sobre eu ‘denunciá-lo’! Ele sabe que eu sei o que ele é...”

“Provavelmente ele só quis pregar uma peça em você,” disse Meldrum, animado. “Quis te dar um susto e conseguiu. Você o chamou, e ele veio — embora não da forma que você esperava, certo?”

“Bem, não sou uma pessoa tão nervosa assim,” disse Norton. “Admito que, à luz do dia, não parece tão grave. Mas, no momento, não parecia uma brincadeira. Estou convencido de que ele queria me fazer mal.”

“Não acho que você está justificado em acreditar nisso, Harry,” disse Meldrum, com firmeza. “O homem está tentando ser seu amigo, e você continua evitando-o. E quanto a ‘denunciá-lo’, isso é bobagem, e você sabe disso. O que você tem para denunciar? Apenas que você não gosta dele e tem ideias estranhas sobre ele? Isso não faz sentido. Seria melhor você esquecer essas fantasias e vir comigo ver o novo circo que acabou de chegar na cidade. Notei nos cartazes que eles têm alguns babuínos e fiquei curioso desde que ouvi as histórias do Needham. Vamos lá! Você precisa distrair a cabeça. E, se fosse você, não mencionaria o ocorrido na próxima vez que encontrasse Needham, a menos que ele traga o assunto...”

O “Maior Espetáculo da Terra”, da Tasker, havia montado sua tenda em um terreno um pouco afastado da cidade, em direção a Winooski, e, após uma caminhada animada, os amigos se encontraram dentro do recinto, onde as primeiras pessoas começavam a se reunir. Havia os habituais jogos de azar, tiro ao coco, carrosséis, barracas de doces e diversos espetáculos paralelos, todos em torno da grande tenda onde aconteceria o show principal mais tarde naquela noite. Logo encontraram a área onde estavam os babuínos, que, ao serem vistos, não pareciam nada semelhantes às criaturas monstruosas retratadas nas coloridas ilustrações do lado de fora da tenda.

Meldrum e Norton observavam os animais em silêncio quando, por acaso, Norton olhou na direção da entrada da tenda e viu a figura alta de Needham pagando sua entrada. O coração de Norton acelerou com a lembrança da experiência da noite anterior, mas Needham

sorriu e acenou para eles como se nada de incomum tivesse acontecido. Norton voltou-se novamente para a jaula e notou que não era o único interessado na vinda do recém-chegado.

Havia três babuínos na jaula, dois aparentemente ainda jovens e um mais velho, de aspecto grisalho, que se sentava sozinho, observando os passantes. Os dois mais novos demonstravam grande respeito pelo mais velho, que, embora estivesse mais fraco, ainda era considerado uma força a ser respeitada. O babuíno velho se levantou e começou a encarar atentamente a figura que se aproximava.

Por alguns momentos, ele ficou assim, até que, agarrando as barras da jaula com suas mãos, sacudiu a estrutura com uma força tremenda, ao mesmo tempo emitindo um som peculiar. Ao seu grito, os outros dois correram para frente, e se viu o extraordinário espetáculo de todos os três animais olhando fixamente para Needham enquanto ele se aproximava.

Não havia muitas pessoas na tenda naquele momento, devido ao horário, mas as poucas que estavam lá se voltaram para a jaula. Needham riu e apertou a mão de Meldrum, ao mesmo tempo acenando de maneira brincalhona para o babuíno velho. Num piscar de olhos, um longo braço peludo se estendeu em sua direção, mas a distância era grande demais para o animal. Mais uma vez, ele bateu com força nas barras.

“Ei, Kruger, o que há agora?” gritou um atendente, se aproximando. “Pare com isso! Quer derrubar o lugar?”

O atendente golpeou as mãos do animal com uma vara, fazendo-o mover-se de um lado para o outro. Mas o babuíno não se afastou e continuou encarando Needham.

“Não provoque os animais, por favor,” disse o homem em um tom irritado.

“Está tudo bem, meu amigo,” respondeu Needham com simpatia. “Ele queria apertar minha mão, mas eu recusei, agradecendo educadamente.”

“Não faça nada para incomodá-lo, por favor,” disse o homem em tom ríspido, afastando-se. “Deus sabe o que pode acontecer se ele escapar. Já aconteceu uma vez, e tivemos uma confusão infernal. Ele quase matou um homem.”

“Ah, é mesmo?” disse Needham, interessado. “Ele é bem forte, imagino?”

“Pode apostar a sua vida que sim!” o homem gritou por sobre o ombro. “Não corremos riscos com ele.”

“Por Júpiter!” exclamou Needham, observando o babuíno. “Ele se parece bastante com o velho companheiro da luta que contei a vocês, agora que o olho mais de perto.”

Os três se afastaram da jaula, seguindo a sugestão de Meldrum, mas, ao olhar para trás de vez em quando, Norton notou, com certo desconforto, que o babuíno ainda mantinha sua

posição, seguindo a figura de Needham com olhos atentos. Havia algumas outras gaiolas na tenda contendo macacos menores e outros animais e, após passarem por elas, logo se viram novamente diante dos babuínos.

O lugar estava mais vazio do que antes, e Needham, olhando ao redor para se certificar de que não estava sendo observado, fez um rápido movimento com a mão em forma de cruz e emitiu o peculiar som que Meldrum havia ouvido na noite da visita deles. O efeito foi imediato. Os dois babuínos mais jovens, que estavam sentados perto de seu companheiro mais velho, correram imediatamente para o fundo da gaiola, onde se encolheram, gemendo e exibindo todos os sinais de medo.

Mas o velho babuíno agiu de forma diferente. A tensão, que até aquele momento havia mantido sua postura extremamente rígida, agora se desfez. Ele se agachou no chão da gaiola e começou a balançar a cabeça rapidamente para cima e para baixo, com suas feições distorcidas por algo que, na imaginação de Meldrum, parecia extraordinariamente com um sorriso. Needham também sorriu, e, olhando de um para o outro, Meldrum sentiu um leve arrepio percorrer seu corpo.

“Vamos embora”, disse ele apressadamente. “Já vimos o suficiente dessas criaturas.”

Needham concordou, e eles seguiram em direção à saída.

## V

“Esses bichos são terrivelmente espertos,” disse Needham, enquanto saíam para o ar fresco da noite. “E fortes como o próprio diabo. Eu, pessoalmente, acredito que haja algo naquela ideia antiga dos nativos africanos de que os macacos fingem não entender a fala para evitar serem forçados a trabalhar.” Ele riu com seu riso desagradável, e novamente Meldrum sentiu-se enjoado.

“Você parece ter estudado bastante sobre eles,” disse Meldrum, enquanto caminhavam em direção à tenda principal.

“Já vi muitos deles, de um jeito ou de outro,” respondeu Needham com desdém, “e li um pouco também. Uma coisa curiosa que descobri foi que, quando estão sob o efeito de álcool (e é algo para se ver, acredite!), eles são extremamente receptivos à auto-sugestão. Acredito que se poderia ganhar uma fortuna ensinando truques a eles dessa forma — se as autoridades permitissem. Quanto a roubar, como diz a velha canção, ‘eles pegariam até o leite do seu chá’.”

Na empolgação do extenso e elaborado espetáculo do circo Tasker, Needham e Meldrum logo esqueceram os babuínos, e já era tarde da noite quando os três voltaram para

Burlington. Saindo da Church Street, Norton e Meldrum subiram em direção à Universidade, enquanto Needham seguiu em direção ao lago.

“Melhor deixar de lado seus preconceitos e pensar o melhor dele,” disse Meldrum a Norton ao se despedirem. “Ele é um sujeito extremamente interessante e tem um conhecimento notável.”

Dois dias depois, toda Burlington estava em estado de excitação. Por um descuido, a porta da jaula dos babuínos havia sido deixada destrancada, e o velho babuíno cinzento conseguiu escapar com sucesso. Isso aconteceu à noite, e a luz fraca dificultou a perseguição. Quando foi visto pela última vez, o animal estava correndo em direção ao lago, afastando-se de Winooski.

A busca continuou durante toda a noite, sem resultado, e, no dia seguinte, chegou a notícia de que o animal havia sido avistado em uma árvore perto da entrada do Ethan Allen Park. O parque foi cercado imediatamente, e um círculo de caçadores e curiosos vasculhou os bosques e arbustos, mas aparentemente o animal havia se mudado para outro local.

Avisos foram enviados a toda a região, e nenhum esforço foi poupado para localizar o animal desaparecido, mas dias se passaram sem resultado. Diversas histórias começaram a circular sobre supostas peripécias do babuíno desaparecido, e surgiram inúmeros rumores sobre seu paradeiro — em um momento, foi visto nos trilhos perto do pátio de carga, em outro, acenando de uma torre no parque; e novamente, distante, à beira do lago. Pessoas nervosas evitavam ruas desertas à noite. No entanto, o paradeiro real da criatura permanecia um mistério.

Novas histórias surgiram sobre movimentos furtivos ao redor das casas e ruídos misteriosos nas portas durante as primeiras horas da manhã. Ao ler sobre isso em um dos jornais da noite, a atenção de Meldrum voltou-se novamente para o assunto, e ele se lembrou de seu encontro com Needham no circo. Obedecendo a um impulso repentino, ele seguiu em direção à casa de Needham na North Avenue. Fazia tempo que não passava por lá, mas sentiu uma curiosa vontade de verificar se o pequeno macaco ainda estava sentado olhando pela janela da frente.

Caminhando rapidamente, logo chegou à vista da peculiar casa de madeira com suas árvores e gramados. O sol ainda não havia se posto, e na clara luz da tarde Meldrum pôde ver a pequena figura agachada em seu lugar habitual. Ele parou ao chegar perto da casa e ficou observando por um momento, até que, de repente, ficou petrificado de espanto.

Pois surgiu, de uma vez, acima e além da cabeça do pequeno macaco, o grande rosto cinzento do velho babuíno, com seus longos lábios recuados e suas presas caninas à mostra!

Ele olhou para fora por um instante, parecendo segurar com uma das mãos a cortina de renda que pendia sobre a janela, e então desapareceu tão repentinamente quanto apareceu. Ele esfregou os olhos e continuou encarando estupidamente. O pequeno macaco não deu nenhum sinal.

Pensando que o babuíno poderia ter entrado na casa por uma janela aberta durante a ausência de Needham, Meldrum sentiu que deveria avisar o sul-africano, sem demora, sobre o visitante desagradável. Ele subiu o caminho até a casa e tocou a campainha. Achou que, ao som, ouviu algo se mexer ao longe, mas ninguém atendeu ao chamado. Ele tentou a porta e a encontrou trancada.

Com alguma perplexidade, Meldrum desceu o caminho do jardim até a calçada, pensando exatamente que rumo tomar. Ele olhou novamente para a janela. O pequeno macaco ainda estava olhando fixamente para a rua. Não havia sinal do babuíno.

“Pode ter sido imaginação,” refletiu Meldrum. “Mas parecia incrivelmente real.”

Ele se virou de volta em direção à cidade, pensando se deveria ou não comunicar suas preocupações às autoridades, quando, para seu alívio, viu a alta figura de Needham caminhando em sua direção. Pararam para se cumprimentar, e Meldrum apressou-se em contar ao outro o que havia visto.

“Ah, bobagem!” disse Needham, com o bigode tremendo. “Eles não aparecem ao redor de casas assim — pelo menos não durante o dia. Estava tudo em ordem ao meio-dia e desde então a casa ficou trancada. Não, você deve ter imaginado isso.”

Ele riu levemente, e de forma subconsciente Meldrum teve a impressão de que o homem alto estava mais ansioso em rir da história do que em continuar a discutir o assunto. No entanto, ele se ofereceu para acompanhar Needham até sua casa e ajudar a procurar pela casa.

“Espere um momento, se não se importar,” disse Needham (mais uma vez com pressa nervosa, parecia a Meldrum) “e eu darei uma olhada nas janelas. Se estiver tudo certo, eu te aceno.”

Ele se apressou e, após um curto intervalo, apareceu novamente na frente da casa e acenou com a mão. Meldrum acenou de volta.

“Tudo em ordem?” perguntou.

“Completamente em ordem,” respondeu Needham. “Até mais, velho amigo. Nos vemos depois.”

Um tanto intrigado, Meldrum seguiu em direção à cidade.

Na noite seguinte, o telefone no quarto de Meldrum tocou de repente, e a voz de Norton veio pela linha.

“Needham acabou de ligar,” disse ele, “e me pediu para passar na casa dele esta noite para pegar alguns selos africanos antigos que ele encontrou para mim. Um tempo atrás, perguntei se ele tinha algum e ele prometeu conseguir alguns. Agora, eu gostaria de não ter perguntado.”

Ele riu um tanto nervoso e depois acrescentou:

“Preferia ter dito ‘não’, pois não estou com muita vontade de ir. No entanto, prometi passar por lá por alguns minutos. Gostaria de ir junto, se eu passar aí?”

“Estou ocupado corrigindo provas agora,” disse Meldrum, “e seria fora do seu caminho vir até aqui. Já são mais de oito horas. Posso estar livre por volta das dez e passar para te buscar durante minha caminhada habitual. Que tal?”

Norton concordou, e Meldrum desligou o telefone.

Assim que o fez, uma estranha sensação de pressentimento tomou conta dele, e a visão do babuíno voltou à sua mente. Ele balançou a cabeça, irritado, e voltou ao trabalho.

Mas não conseguia retomar a concentração, e depois de passar quase uma hora tentando em vão resolver alguns problemas de álgebra, fechou seus livros impacientemente e foi procurar seu chapéu e casaco.

Ele ficou irresoluto no corredor por alguns momentos, e então, com uma risada, abriu uma gaveta e pegou um revólver, que guardou no bolso do casaco, depois de verificar que todas as câmaras estavam carregadas. Riu novamente enquanto descia para a rua, mas sentiu um certo alívio ao tocar o aço frio em sua mão.

## VI

A noite estava escura, mas o ar era claro e revigorante. Meldrum caminhava com passos rápidos, afastando-se da casa de Needham, já que estava mais cedo do que o habitual e tinha bastante tempo antes de se encontrar com Norton. No entanto, não conseguia afastar de sua mente uma ansiedade inexplicável. De repente, mudou de direção e decidiu seguir para a North Avenue.

Não demorou muito para chegar à casa, e, ao se aproximar, notou com uma leve surpresa que um dos cômodos do andar de baixo estava iluminado — um cômodo que ele nunca tinha visto aceso antes. Era um quarto nos fundos da casa, com janelas voltadas para uma ampla varanda.

Seguindo um impulso repentino, em vez de ir até a porta da frente, Meldrum caminhou silenciosamente pela varanda e espiou pela persiana entreaberta para dentro do quarto. O que ele viu ali fez seu sangue gelar.

O cômodo tinha cerca de quinze metros quadrados, com papel de parede azul e móveis simples de carvalho. Uma mesa quadrada ocupava o centro, em torno da qual estavam sentadas várias figuras. Needham estava de costas para a janela, e na cadeira à sua esquerda estava Norton, com uma pilha de selos sobre a mesa à sua frente. Diretamente em frente a Needham, sentado de forma desleixada, estava a figura de um babuíno cinza!

Sobre a mesa havia um decantador de uísque, e os três tinham copos. O copo de Norton estava meio vazio, ao lado dos selos, mas Needham e a criatura estavam bebendo, o animal aparentemente imitando os movimentos do homem, levantando o copo até os lábios e depois o baixando, exatamente como Needham fazia, conforme Meldrum pôde observar pelos movimentos do braço direito, que estava visível. Os olhos da criatura estavam fixos no homem do outro lado da mesa, e pelo seu aspecto e pela postura desleixada, Meldrum concluiu que o animal estava em um estado avançado de embriaguez.

Norton parecia hipnotizado, observando fixamente a cena à sua frente. De vez em quando, ele passava a mão de maneira confusa pela testa ou olhava estupidamente para o copo meio vazio diante dele, mas parecia incapaz de falar ou agir.

Com horror e indignação, Meldrum continuou observando. Cada vez que o babuíno esvaziava seu copo, Needham o enchia novamente. Pelo fato de Needham não encher o próprio copo com tanta frequência, Meldrum concluiu que ele não bebia toda vez que fingia fazê-lo, aparentemente enganando a criatura já embriagada.

Como um raio, Meldrum lembrou-se do comentário de Needham sobre o babuíno intoxicado e a autosugestão. Com o coração acelerado, ele agarrou seu revólver e esperou.

De um estado de apatia e lentidão, o macaco começou a mostrar sinais de animação. Sentou-se de maneira mais ereta, seus olhos começaram a brilhar, e ocasionalmente ele virava a cabeça para olhar Norton, que ainda permanecia em um estado de aparente estupor. Cada vez que o fazia, parecia sorrir para Needham com uma sugestividade terrível, acenando com a cabeça como havia feito quando estava na jaula do zoológico.

Temendo algum tipo de desgraça, Meldrum foi rapidamente até a porta da frente, abriu-a com extremo cuidado e conseguiu chegar sem ser notado até a porta do cômodo onde os três estavam. Pela porta entreaberta, agora ele podia ver o rosto de Needham, e suas expressões diabólicas eram terríveis de se contemplar. Ficava claro que ele estava incitando o animal a algo, mas o babuíno aparentemente não entendia o que deveria fazer.



De repente, Needham fez um som estranho com a garganta, ao mesmo tempo estendendo os braços em direção a Norton. Isso deu à criatura a dica de que precisava. Ela se levantou desajeitadamente e, com seus olhos malévolos fixos na figura imóvel de Norton, parecia prestes a saltar em sua garganta.

Com um estrondo, Meldrum chutou a porta e entrou no quarto, apontando o revólver para Needham. O babuíno, distraído pelo barulho da entrada de Meldrum e aparentemente percebendo que a influência de Needham tinha se dissipado, voltou a sentir o efeito dos vapores do uísque e desabou novamente na poltrona, mais desorientado do que nunca. Norton, nesse meio tempo, tinha caído em sua cadeira, com a cabeça inclinada para o teto. Needham, no entanto, ainda tinha controle sobre si, e seu rosto pálido e amarelo, distorcido pela raiva, tentou forçar um sorriso doentio.

“Needham,” disse Meldrum, com firmeza, “não sei que tipo de maldade abominável você está tramando, mas isso tem que parar agora. Se você pode fazer isso, faça logo. Se não, eu atiro — em você ou na criatura, não me importa qual.”

Embora externamente calmo, o coração de Meldrum batia furiosamente, e ele tentava desesperadamente encontrar a melhor maneira de lidar com a situação.

“Ah, Meldrum!” disse Needham com uma voz pastosa, fingindo estar bêbado, embora estivesse perfeitamente sóbrio. “O que é isso? Revolver? Somos todos amigos aqui. Norton bebeu um pouco demais — e o velho babuíno veio se juntar à festa... Eu ia fazer com que ele fizesse alguns truques...”

“Chega,” disse Meldrum, com rispidez. “Você não está mais bêbado do que eu. Abra aquela janela e deixe Norton respirar um pouco de ar. Afrouxe a gravata dele—”

Um repentino som de dentes batendo chamou a atenção de Meldrum, e ele olhou para a lareira, onde o pequeno macaco de estimação de Needham havia pulado de algum canto próximo.

“Ah, Fifi!” disse Needham rapidamente. “Apague as luzes!” O interruptor estava ao alcance da mão do macaquinho, e, num instante, a sala ficou imersa na escuridão.

A escuridão era profunda, já que o corredor também estava sem iluminação. Sem saber o que poderia acontecer e temendo que o babuíno fosse o maior perigo, Meldrum tomou uma decisão rápida e disparou em direção à cadeira onde o animal estava. Um grito horrível rompeu o silêncio, seguido por um barulho selvagem, pontuado às vezes pela voz de Needham, gritando comandos.

Então houve um grande barulho de vidro se quebrando, enquanto a mesa era derrubada, seguido de grunhidos, xingamentos e caos. Trombando cegamente no escuro, Meldrum

tentou em vão localizar o interruptor no corredor, mas finalmente uma tênue luz mostrou-lhe o contorno da porta da frente, e ele correu para a rua.

Várias pessoas haviam se reunido ao ouvirem o disparo, e a ajuda logo chegou. Juntamente com alguns vizinhos e outros, Meldrum entrou novamente na casa, e a luz do corredor foi acesa. A porta do cômodo estava fechada, e a terrível algazarra continuava.

“O babuíno deve ter atacado meus amigos,” foi a explicação apressada de Meldrum, enquanto eles arrombavam a porta e finalmente conseguiam acender as luzes.

Uma cena horrível de mobília quebrada, pedaços de vidro, bebidas e manchas de sangue se revelou. Needham e o babuíno, presos em uma luta mortal, rolavam entre os destroços. Por uma estranha coincidência, a cadeira de Norton permanecia de pé, e ele ainda estava ali, mole e imóvel, alheio a todo o barulho.

Com dificuldade, o babuíno foi dominado e contido. Ainda sangrava abundantemente do ferimento de bala no ombro, mas continuava a morder e arranhar seus captores com fúria. Needham estava coberto de feridas e apresentava uma visão deplorável, com grande parte de suas roupas rasgadas. Além de ter vários cortes, ele tinha sido gravemente ferido pelo animal enfurecido, cuja raiva, por alguma estranha circunstância, havia se voltado contra ele. Ele estava ofegante, exausto demais para falar.

A remoção do animal dispersou a maioria dos curiosos, e algum tipo de ordem foi restaurada. Percebendo que Norton estava aparentemente drogado, mas sem querer, naquele momento, revelar o que tinha visto, Meldrum afirmou que seu amigo havia superado o terrível incidente, e, providenciando um táxi, o levou primeiro para seu próprio apartamento e depois para sua casa, onde Norton ficou prostrado por várias semanas, em choque.

Needham desapareceu quase imediatamente, e os parentes de Norton não consideraram prudente procurá-lo. Ele nunca mais foi visto naquela cidade, e mais tarde soube-se que ele havia retornado à África.

O babuíno viveu por mais alguns anos após sua estranha aventura, mas ao morrer não trouxe qualquer confissão. E tais mistérios como por quanto tempo ele havia sido hóspede do sul-africano, se era ou não o mesmo animal que Needham havia traído para a captura, até que ponto os dois se entendiam, e se o babuíno foi incitado ao assassinato naquela noite terrível, nunca foram resolvidos.

E, de fato, ninguém tinha uma real vontade de que esses mistérios fossem resolvidos.

## O Ninho

Weird Tales não é simplesmente “mais uma nova revista”. É um novo tipo de revista – uma variação sensacional das regras estabelecidas que supostamente governam a publicação de revistas.

Weird Tales, em uma palavra, é única. Em nenhuma outra publicação você encontrará o tipo de histórias que Weird Tales oferece nesta edição – e continuará a oferecer nas próximas edições. Essas histórias são tabus em outros lugares. Não sabemos por quê. As pessoas gostam de ler esse tipo de ficção. Não há como negar isso. E a questão moral do “bom gosto” não é um obstáculo. De qualquer forma, as histórias nesta edição de Weird Tales não ofenderão o seu senso moral, nem as histórias que já reservamos para edições futuras. Algumas delas podem horrorizá-lo; outras, talvez, farão você ficar pasmo com suas imagens excêntricas; mas nenhuma, acreditamos, o deixará pior por tê-las lido.

No entanto, acreditamos que essas histórias farão você esquecer seu entorno – removerão sua mente das questões monótonas do mundo cotidiano – e proporcionarão um entretenimento revigorante. E, afinal, não é esse o propósito fundamental da ficção?

Nossas histórias são diferentes de qualquer uma que você já leu – ou talvez alguma vez venha a ler – em outras revistas. Elas são incomuns, estranhas, incomparáveis. Não temos espaço em Weird Tales para a “história média de revista”. A menos que uma história seja algo extraordinário, não a consideraremos.

Se as cartas que já recebemos, e que ainda estamos recebendo (semanas antes da revista ir para impressão), forem um presságio de sucesso, então Weird Tales está à beira de uma carreira tremendamente próspera. Algumas dessas cartas vêm acompanhadas de assinaturas, outras pedem taxas de publicidade e exemplares; todas preveem grandes coisas para nós e expressam uma antecipação entusiasmada por “algo diferente” na ficção de revista.

Anthony M. Rud, cuja incrível noveleta, “Gosma”, aparece nesta edição, nos escreveu o seguinte:

“Prezado Sr. Baird: Fico feliz em saber que você contempla a Weird Tales! Espero que você leve adiante – e sem concessões. Histórias de horror, de magia, de experiências hiper-naturais, ressoam de forma apetitosa para nove leitores em cada dez. Não há outra revista desse tipo. Narrativas de tipo semelhante, publicadas em formato de livro – por exemplo, ‘The Grim Thirteen’ – invariavelmente são recomendadas de um leitor a outro, com entusiasmo.

“Weird Tales não precisa ser imoral em nenhum grau. De fato, noventa de cada cem geralmente contêm uma moral saudável, pelo menos, derivável. Mesmo estudos de paranoia ou histeria de medo, pura e simples, geralmente são ‘limpos’ do início ao fim. O tipo de narrativa ao estilo de Poe sempre me faz tremer – e então, por uma semana, prefiro evitar lugares escuros. Mas volto avidamente para mais choque!

“Escrevi uma história há muito tempo, nos meus dias de faculdade, que três editores proclamaram como a melhor história de horror que já leram. A história que tenho comigo agora. Ela foi muito rejeitada – e agora, vejo muitas falhas amadoras. Contudo, valorizo a narrativa, pois de todas as milhões de palavras publicadas que escrevi, considero essa ideia e seu desenvolvimento minha obra mais refinada.

“Vou reescrever essa história para você – que até agora se chama ‘The Square of Canvas’ – do começo ao fim, e polir como poliria uma joia. A quantia de dinheiro envolvida não é um estímulo; eu gostaria que ela fosse impressa, mesmo de graça. Meu palpite honesto é que, quando tudo for dito e feito, você gostará dessa narrativa tanto quanto qualquer uma das suas cinco preferidas.

“Por favor, me inscreva como assinante da nova revista. Estou enterrado no coração da floresta, a 36 milhas do mais próximo ponto de venda que vende até mesmo um jornal de domingo, e quero garantir que verei cada edição de Weird Tales.

“É um título fantástico, e receberá todo o apoio que eu puder dar. Aqui está um recorte da minha última aparição em público. Falei sobre a revista que está por vir e que oferece um campo de leitura único. Em Atlanta e Montgomery, onde falo mais tarde neste inverno, vou dar uma força à revista. Tenho mais duas apresentações em Mobile, e mencionarei seu projeto.

“Daqui a um mês ou mais, vou arrumar ‘A Square of Canvas’ e enviá-la para consideração em Weird Tales.”

Recebemos “A Square of Canvas” e a lemos prontamente – e ela aparecerá na próxima edição de Weird Tales. Não perca! É tudo o que o Sr. Rud diz que é, e mais! É uma história aterrorizante, que fará seus cabelos ficarem em pé! Você pode lê-la em vinte minutos, mas aqueles vinte minutos serão eletrizantes!

Sobre “A História do Homem Morto,” que abre esta edição, Willard E. Hawkins nos escreveu:

“.....A ideia para essa história me veio de repente numa noite, quando minha esposa e eu voltávamos do teatro. Esbocei toda a coisa para ela e segui esse esboço sem desvio ao escrever a história depois. Achei que nunca tinha visto o tipo de situação do Dr. Jekyll e Mr.

Hyde desenvolvido do ponto de vista do ente obsessivo, e fiquei fascinado pela tentativa de fazê-lo.”

E achamos que você concordará que o Sr. Hawkins fez um trabalho muito bom.

Presumimos que você leu as histórias nesta nossa primeira edição antes de chegar a esta página, e estamos ansiosos para saber o que você acha delas. Por que não escreve e nos conta? Mencione as histórias que você gostou, aquelas que não gostou e nos diga o que você acha de nossa tentativa de fazer algo novo e diferente no campo das revistas. Ficaremos encantados em ouvir você; e publicaremos suas cartas nesta página – a menos que você determine o contrário.

Se você receber a próxima edição de *Weird Tales* – como esperamos que você faça – lerá algumas histórias estranhas e notáveis. Em outro lugar neste número, já dissemos algo sobre essas histórias, e precisamos apenas adicionar aqui que cada uma é um exemplo marcante de ficção incomum. Seja qual for o efeito que elas possam ter sobre você – se fizerem você estremecer ou se seus nervos vibrarem agradavelmente – podemos prometer enfaticamente que:

Você não ficará entediado!

O Editor

## **Também uma série de fatos e histórias estranhas**

### **Tribos Estranhas de Selvagens Encontradas na África**

Uma das tribos mais estranhas da África é a dos El Molo. Governada por um chefe cego, eles vivem em uma ilha perto da costa leste do Lago Rudolf, na África Oriental, suas habitações sendo cabanas rudimentares feitas de folhas de palmeira. Eles vivem exclusivamente de peixe, que pescam e comem cru, e não bebem nada além da água do lago, que o homem branco considera imprópria para consumo. Diz-se que eles não conseguem viver por mais de uma hora sem água, com os lábios inchando e sangrando se tentarem ficar mais tempo. Eles usam uma língua própria, diferente da das outras tribos africanas.

### **Noivas Africanas Devem Ser Gordinhas**

As tribos selvagens da África não consideram bonita nenhuma garota que não seja anormalmente gorda. Por isso, suas jovens são alimentadas com leite e alimentos que engordam, e não têm permissão para se exercitar. Esse engordar forçado não é apenas uma preparação necessária para o casamento — também é um bom negócio para os pais da garota. Quando uma garota se casa, o noivo paga aos pais por ela, e o valor que ele paga é baseado no grau de gordura da noiva que eles prepararam para ele.

### **Dez Coveiros Para Esta Mulher Mamute**

Quando a Sra. Martha Carmas, de Middle Village, Queensboro, Nova York, morreu de elefantíase, dez homens foram necessários para carregar seu corpo do hospital até a Igreja Lutz para os serviços fúnebres. Ela pesava 710 libras. Um caixão especial de tamanho imenso foi feito para o corpo. A Sra. Carmas tinha apenas trinta e três anos e, até contrair a terrível elefantíase, não era especialmente pesada.

### **Mulher Morre Para Alimentar Gatos**

Em um bairro pobre da cidade de Nova York, morava Mary Bosanti, a “Mulher Gato.” Os vizinhos a chamavam assim por causa de seu amor excessivo por gatos. Todos os gatos daquela parte da cidade pareciam ser atraídos para sua casa. Todos os dias, ela ia ao mercado da esquina e comprava seis litros de leite, que levava de volta para seu quarto. Vinte ou mais gatos sempre a seguiam, e quando ela falava com eles em um tom baixo, pareciam entender o que dizia. Eles obedeciam a cada um de seus comandos. Então, uma manhã, um vizinho ouviu gemidos vindos do quarto da “Mulher Gato” e chamou os outros moradores do prédio.

Eles arrombaram a porta e encontraram a “Mulher Gato” faminta, cercada por uma grande quantidade de gatos e mais de 200 garrafas vazias.

### **Descoberta de Riquezas Vastas na Tumba Egípcia**

Raros tesouros de arte, gemas inestimáveis e os adornos reais de tempos antigos foram descobertos por arqueólogos quando abriram caminho até as câmaras funerárias do Rei Tutancâmon [1358-1350 a.C.] no Vale dos Reis, perto de Luxor, Egito. Descrevendo a descoberta, Lord Carnarvon escreveu a um correspondente de jornal de Chicago:

“Finalmente, um corredor foi desobstruído. Novamente chegamos a uma porta ou parede selada. Perguntávamos se encontraríamos outra escadaria, provavelmente bloqueada, atrás dessa parede, ou se conseguiríamos entrar em uma câmara. Pedi ao Sr. Carter para retirar algumas pedras e dar uma olhada. Ele enfiou parcialmente a cabeça na abertura. Com a ajuda de uma vela, conseguiu discernir vagamente o que havia dentro... ‘Estes são objetos maravilhosos,’ disse ele.

“Eu mesmo fui até a abertura e tive dificuldade em conter minha empolgação. À primeira vista, com a luz inadequada, tudo que se podia ver eram o que pareciam ser barras de ouro. Ao me acostumar um pouco mais com a luz, tornou-se aparente que havia colossais sofás dourados com cabeçotes extraordinários, caixas aqui e caixas ali. Ampliamos a abertura e o Sr. Carter conseguiu entrar — a câmara está afundada dois pés abaixo do corredor inferior — e então, à medida que ele se movia com uma vela, soubemos que havíamos encontrado algo único e sem precedentes.”

Entre os muitos tesouros que encontraram na tumba estavam vestes reais, bordadas com pedras preciosas, o trono de estado do Rei Tutancâmon, retratos do rei e da rainha, incrustados com turquesas, lápis-lazúli e outras gemas, duas estátuas douradas em tamanho natural do rei, com cetro e maça de ouro, e quatro carros ornamentados com pedras preciosas.

### **“Demônio Maligno” Leva Homem a uma Orgia de Crime**

Rejeitado por sua jovem sobrinha, Estanislao Puyat, um filipino, enlouqueceu nas ruas de Manila, depois de jogar a menina de uma janela do andar superior para o chão e quase matá-la. Pegando seu bolo, ele correu pela rua, furo o olho de uma mulher idosa, cortou as mãos de duas outras mulheres, feriu outra, esfaqueou um comerciante chinês e um motorista de carroça, cortou a testa de outra mulher, feriu uma criança e uma jovem filipina e, em seguida, ao chegar à baía, jogou-se na água na tentativa de cometer suicídio. O capitão H. H.

Elarth jogou um laço sobre sua cabeça e o arrastou para a costa. Os filipinos dizem que Puyat estava “de malas”, o que significa que ele estava possuído por um demônio maligno.